

29º COLÓQUIO DA
LUSOFONIA - 2018

BELMONTE



27 - 30 MARÇO



29º COLÓQUIO DA
LUSOFONIA - 2018

BELMONTE



27 - 30 MARÇO



29º COLÓQUIO DA LUSOFONIA
27-30 março 2018 Belmonte, Portugal



Edição AICL, Chrys Chrystello ©2001-2018

I. ÍNDICE GERAL

- 1.1. HISTORIAL
- 1.2. O QUE É A LUSOFONIA
2. TEMAS
3. COMISSÕES
4. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO
5. BIODADOS DOS PATRONOS
6. HOTEL
7. HORÁRIO
8. LISTA DE PARTICIPANTES
9. DISCURSO DE ABERTURA
10. AGRADECIMENTOS E CONCLUSÕES
11. TRABALHOS, BIODADOS, ETC. DOS PARTICIPANTES

1.1. HISTORIAL DA AICL, A SOCIEDADE CIVIL ATUANTE (após 28 colóquios da lusofonia)

Leia o sempre atual **MANIFESTO (2012) CONTRA A CRISE: A LÍNGUA COMO MOTOR ECONÓMICO**

<http://coloquios.lusofonias.net/projetos%20aicl/manifesto2012aicl.pdf>

11.1. O QUE É A LUSOFONIA, nos 20 anos da CPLP, julho 2017

"Não tenho culpa de ter nascido em Portugal e exijo uma pátria que me mereça" (Almada Negreiros)

Escrever é fácil: comece com uma maiúscula e termine com um ponto final. No meio, coloque ideias. (Pablo Neruda)

"Somos um grande povo de heróis adiados, partimos a cara a todos os ausentes...somos incapazes de revolta e agitação..." (Fernando Pessoa, "Obras em Prosa", Círculo dos Leitores, III vol. p. 292)

1.2.1. Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusofalantes, dos Orientes exóticos *"Que o Sol em nascendo vê primeiro"* [Divisa de Timor Português em eras coloniais] que mitos salazarentos criaram aos orientes menos exóticos que a revolução do 25 de abril (1974) esqueceu. Pugno pelos filhos que falam português qualquer que seja o país em que nasceram ou vivem, mas constato que encontrei mais estrangeiros interessados em apoiar iniciativas de preservação da língua portuguesa do que nativos da mesma. Criamos novos mundos e redescobrimos outros, sem jamais identificarmos a mesquinhez desta nossa maneira de ser que nos faz sentir grandes – talvez até maior do que somos, quem sabe? Agora que o grande desafio do século XXI nos confronta maior que um Adamastor, importa afirmar aquilo que imodestamente nunca fizemos, nem mesmo quando o Português era a *língua franca* de todos os comércios do mundo. Precisamos de manter viva a nossa língua e vamos precisar de todos, especialmente daqueles que forem capazes por artes e engenhos de assumir iniciativas arrojadas: que o façam sem ser em busca de louvaminhas ou encómios, sem ser em busca da vã glória e fama fugaz de que se fazem tantas carreiras, sem ser em busca de usura ou lucro. É preciso gente dedicada, mesmo com fama e nome ou simplesmente anónimos como os trabalhadores que quotidianamente constroem o nosso meio ambiente. Não precisamos apenas de iniciativas arrojadas, mas revolucionárias, mesmo que os formatos sejam os tradicionais: simpósios, conferências, seminários, colóquios, ou o de meros boletins informativos (eletrónicos ou impressos), capazes de captar ouvintes e leitores com a língua de origem lusófona que adotamos ou queremos como nossa. Mesmo que sejam os políticos bem-intencionados, mas deles não queremos as vãs e bem-soantes palavras eleitoralistas que um qualquer vento dos votos levará, queremos trabalho e o cumprimento de décadas de promessas. Queremos uma política da língua, à semelhança doutros países, que permita a sua divulgação ampla como meio fundamental de manter a independência política, cultural e linguística. Só assim manteremos acesa esta chama com que comunicamos dos Algarves D'el-rei que já esquecemos, às Índias de Vice-reis que nossas nunca foram, a Timores de quem olvidamos a existência durante cinco séculos, às Goas, Malacas e Macaus de que apenas nos lembramos quando nos queremos sentir orgulhosamente beneficiários dessa herança portuguesa que é a língua. A essência do problema é manter a língua e a cultura vivas, não interessa onde nem como. (in Mitos da Lusofonia Revista Agália 2002)

1.2.2.

Surgiu há anos uma proposta do Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra para a criação de uma Cidadania da Língua Portuguesa (no Mundo) que importa analisar, pois ela contém os germes do sucesso inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras num país como Portugal, marcado por tradicionalismos avessos a mudanças. Para quê, esta cidadania? Para que todos os lusofalantes, independentemente de outros idiomas que outros idiomas que com a língua de Camões comunguem, possam identificar-se como uma

entidade única e universal, importante, capaz de sobreviver a guerras, diásporas e outras tragédias que têm assolado os lusófonos. Quem são, o que fazem, o que pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra mãe. Será que as línguas crioulas ou Pidgin e as indígenas se sobrepõem às outras? Porque o ensino do português é oficial quererá isso implicar que ele vai complementar as línguas nativas? Quando seremos capazes de admitir como lusofalantes que a língua a que chamamos nossa só pode sobreviver se enriquecida por outras? Dura lição esta, para aqueles, que, segundo diz o escriba “deram novos mundos ao mundo”. Se não aceitarmos esta realidade multilingue das comunidades lusófonas, criamos o conceito de ter uma língua viva com o mesmo futuro do esperanto. Estas são as perguntas que aqui se põem e que alguém – que não eu – terá de responder. Estas são questões fundamentais para a sobrevivência da Língua Portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem do país a que chamamos nosso, mesmo que o não seja. (in Lusofonia Agonia 1, Revista ELO on-line 2002-11-15)

1.2.3.

Ximenes Belo, pediu em Bragança um maior investimento dos governos de Portugal e Timor-Leste no ensino da língua portuguesa aos timorenses. Para o Prémio Nobel da Paz, o futuro do português, que os timorenses adotaram como língua oficial, depende dos dois governos, português e timorense, porque “há, naturalmente, vontade de aprender, de conservar, mas por outro lado precisa-se de ajuda e de políticas para a manutenção da língua em Timor-Leste”. “Tem havido apoio, mas é preciso investir mais e sobretudo investir nos timorenses, que haja mais professores de português, que haja mais bibliotecas, que haja, enfim, uma coisa intensa” disse, à margem da sessão de encerramento do IV Colóquio da Lusofonia, em Bragança, onde durante dois dias de debateu sobre a língua portuguesa em Timor-Leste. Para o antigo bispo de Dili “não chega” haver professores portugueses em Timor-Leste: “é preciso formar timorenses, é preciso criar bibliotecas, infraestruturas e, sobretudo, manter alguma rádio, televisão e diários para que se faça entrar a língua espontaneamente na mente das pessoas”. D. Ximenes Belo recordou depois ao auditório que os timorenses continuaram a batizar os filhos com nomes portugueses e a rezar e cantar em português, mesmo durante a proibição, entre 1975 e 1999, mas disse que a ocupação indonésia deixou marcas. “Vocês querem que os timorenses falem a vossa língua, mas os timorenses apanharam bofetadas, foram torturados por falarem a vossa língua”, disse. A disputa também de outras línguas, nomeadamente o inglês, compreende-se, na opinião de D. Ximenes Belo, que recordou que Timor está numa zona com vizinhos como a Austrália, Filipinas, Singapura, Tailândia, Hong-Kong, onde as pessoas falam esta língua. “Mas Timor foi sempre parcela especial com ligação a Portugal e mantendo o português constituiu uma dimensão própria daquela pequena nação”, considerou. Mesmo com o passado histórico de séculos de colonização portuguesa, D. Ximenes considera que o português não é tão fácil assim para os timorenses. “Os timorenses acham mais fácil o indonésio porque não tem conjugações, não é tão complicado como o português, mas é preciso apostar” afirmou. D. Ximenes Belo disse, no entanto, que a sua preocupação é que haja paz, tranquilidade e reconciliação em Timor e que os jovens tenham trabalho. HFT. LUSA. Transcrito de in A propósito do 4º colóquio da lusofonia, Revista Agália 2005)

1.2.4.

Na abertura do 2º Colóquio da Lusofonia, em outubro de 2003 em Bragança, tentei alertar contra os fundamentalistas de várias cores que visam preservar uma visão estática da língua portuguesa que se opõem a quaisquer inovações da língua e às alterações que o novo dicionário da Academia de Ciências veio introduzir. Por outro lado, começam a existir movimentos ativos que podem levar a que o Português na sua variante Brasileira se emancipe. Creio ser apenas uma questão de tempo (dada a ausência duma política da Língua por parte de Portugal) para que o Brasileiro seja declarado língua e nessa altura o Português (europeu) estará condenado pois os 10 milhões de habitantes mais uns tantos milhares na Galiza (variante Galega) não serão suficientes para fazer frente a uma língua autónoma como a Brasileira com cerca de 200 milhões de falantes. Das ex-colónias portuguesas não se poderá contar com muito apoio dado o exíguo número de pessoas (para além das elites políticas dominantes) que domina a língua de Camões. Assim, a verificar-se (e creio ser só uma questão de tempo) a emancipação da variante brasileira a língua portuguesa europeia estará condenada a uma morte lenta associada a uma rápida diminuição e envelhecimento da população de Portugal que aponta para uns meros 7,5 milhões em 2050 contra os atuais 10,3 milhões. O que é preciso é que o povo se entenda, que os portugueses não se armem em detentores únicos da língua ou como temos ouvido como aqueles que falam o Português puro. Os tempos não estão para purezas nem para puritanismos, porque o português que se fala em Portugal varia da Bragança dos Colóquios aos Açores onde vivo atualmente. Todos falam Português e todos eles falam diferente de Norte a Sul, de Leste a Oeste. São lusofalantes todos aqueles que têm o Português como língua seja ela língua-mãe, língua de trabalho ou língua de estudo, vivam eles no Brasil, em Portugal nos PALOP, na Galiza, em Macau ou em qualquer outro lugar. Sejam eles nativos, naturais, nacionais ou não de qualquer um dos países lusófonos. A uniformização linguística, a redução a um mesmo denominador comum é castrante e limitadora. Ela inibe e retrai a natural expansão da língua e do conceito mais lato e abrangente da Lusofonia que professamos. O espaço dos Colóquios Anuais da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendo pois creio que é a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão. Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, às Bermudas e à Índia. O Inglês é língua universal, mas continuou unido com todas as suas variantes. (in Mitos da Lusofonia, Jornal Primeiro de ~~janeiro~~ Janeiro fev 2006)

1.2.5.

Com a chegada em 2007 dos patronos Malaca Casteleiro (Academia de Ciências de Lisboa) e Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) chegou a altura de passarmos a uma fase mais atuante da nossa intervenção, como membros da sociedade civil numa área que o poder político descarta e evita. Apraz-nos dentro da nossa independência e subsídio-

independência, constatar o apoio de alguns politécnicos e universidades, que vem premiar o esforço abnegado e dedicado dum mão cheia de pessoas que acreditaram na vitalidade dum projeto sem paralelo no âmbito da Lusofonia.

Esta noção de Lusofonia abrangente sem distinção de credos, raças, nacionalidades ou outros fatores de distinção, tem-nos permitido congregar esforços e vontades, criando sinergias e desenvolvendo mecanismos em rede, sem paralelo. Falta apenas convencer os PALOP de que não somos nenhuma ameaça nem uma quinta coluna dum novo Império cultural, antes pelo contrário. Devemos aceitar a **Lusofonia e todas as suas diversidades culturais** sem exclusão que com a nossa podem coabitar. (in Diário de Trás-os-Montes novembro 2007)

1.2.6.

Ressalto do historial dos Colóquios da Lusofonia a sua ação na divulgação da açorianidade literária ou de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. *Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças.* Queríamos que todos se irmassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam.

A nossa noção de LUSOFONIA abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade. Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública. Creemos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de **uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua.** Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos. Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e **visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades.** Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa representada por Concha Rousia. Depois, acrescentamos como SÓCIOS HONORÁRIOS E PATRONOS DOM XIMENES BELO EM 2015 E EM 2016 JOSÉ RAMOS-HORTA (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili da Academia de Letras de Brasília. Aguardamos a adesão da Academia Angolana a este projeto. A Academia Angolana ainda não se junta a nós no 28º colóquio como estava previsto

O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar.

É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

Chrys Chrystello preside à AICL-Colóquios da Lusofonia desde 2001

2. TEMAS

TEMA 1 AUTORES LOCAIS E TEMAS

- 1.1. HOMENAGEM A Pedro Álvares Cabral
- 1.2. Autores locais
- 1.3. Naturais de Belmonte que se distinguiram em qualquer ramo do saber
- 1.4. Belmonte e o Brasil
- 1.5. Belmonte e os Judeus
- 1.6. Belmonte: o concelho, sua história, etnografia, geografia, tradições e cultura
- 1.7. Outros temas locais

TEMA 2 LUSOFONIA E LÍNGUA PORTUGUESA (TEMAS PERMANENTES)

- 2.1. Língua Portuguesa no mundo. Lusofonia e diásporas
- 2.2. Língua Portuguesa: Língua de Identidade e Criação.
- 2.3. Língua Portuguesa como língua científica. Vocabulários Científicos
- 2.4. Língua Portuguesa na Comunicação Social e no Ciberespaço

- 2.5. Língua Portuguesa, Ensino e currículos. Corpus da Lusofonia.
- 2.6. Política da Língua
- 2.7. Lusofonia na arte e noutras ciências
- 2.8. Ortografia, Desafios, constrangimentos e projetos sobre a ortografia
- 2.9. Outros temas lusófonos, outras ciências do saber lusófono.

TEMA 3 Açorianidades (TEMAS PERMANENTES)

- 3.1. Arquipélago da Escrita (Açores) - Literatura de matriz açoriana - Autores açorianos
- 3.2. Arquipélago da Escrita (Açores) autor homenageado 2018 ANA PAULA ANDRADE
- 3.3. Açorianos em Macau e em Timor – D. Arquimínio da Costa, D. Manuel Bernardo de Sousa Enes, D. João Paulino de Azevedo e Castro, D. José da Costa, Nunes e D. Paulo José Tavares, (bispos açorianos), Áureo da Costa Nunes de Castro, José Machado Lourenço, Silveira Machado, etc.
- 3.4. Revisitar a Literatura de Autores estrangeiros sobre os Açores, – por exemplo: ·
Ashe, Thomas / Haydn, Joseph (1813): History of the Azores, or Western Islands, London;
Bullar, Joseph / Henry (1841): A winter in the Azores: and a summer at the baths of the Furnas, London;
Henriques, Borges de F. (1867) A trip to the Azores or Western Islands, Boston: Lee and Shepard;
Orrico, Maria" Terra de Lúdia";
Petri, Romana "O Baleeiro dos Montes" e "Regresso à ilha";
Tabucchi, Antonio, "Mulher de Porto Pim";
Twain Mark (1899): The Innocents Abroad, vol. I, New York; London: Harper & Bros Publishers. (Açores, Faial), cap. V/VI; · Updike, John. "Azores", Harper's Magazine, March 1964, pp 11-37

TEMA 4 Tradutologia (TEMAS PERMANENTES)

- 4.1. Tradução de Literatura lusófona
- 4.2. tradução de e para português

3. COMISSÕES

COMISSÃO EXECUTIVA DO 29º COLÓQUIO

PRESIDENTE, Chrys Chrystello, MA, Presidente da Direção da AICL e da Comissão Executiva dos Colóquios

VICE-PRESIDENTE, Helena Chrystello, Vice-Presidente da Direção da AICL, Mestre, Coordenadora de Departamento Escola EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTO DA DIREÇÃO José Soares, Jornalista açor-canadiano

VOGAIS:

Joaquim Costa EMPDS

João Morgado Câmara Municipal de Belmonte

Pedro Paulo Câmara, APRODAZ e

Carolina Cordeiro (coordenadores AICL com Escolas)

SECRETARIADO EXECUTIVO

PRESIDENTE: Helena Chrystello, Mestre, Coordenadora de Departamento, EB 2,3 Maia, S Miguel, Açores

ADJUNTOS:

Rolf Kemmler (Academia das Ciências de Lisboa e UTAD)

José Soares, Jornalista (adjunto da direção da AICL)

VOGAIS:

Eng.º Joaquim Costa, (Câmara Municipal de Belmonte / EMPDS)

Susana Miranda, (Câmara Municipal de Belmonte / EMPDS)

Elisabete Manteigueiro, (Câmara Municipal de Belmonte / EMPDS)

Marco Santos Silva (Câmara Municipal de Belmonte / EMPDS)

Pedro Paulo Câmara, APRODAZ e Carolina Cordeiro (coordenadores AICL com Escolas)

COMISSÃO CIENTÍFICA PERMANENTE DA AICL TRIÉNIO 2017- 2020

1. Professor Doutor João Malaca Casteleiro Academia de Ciências de Lisboa, Portugal
2. Professor Doutor Evanildo Cavalcante Bechara Academia Brasileira de Letras Brasil
3. Professor Doutor Rolf Kemmler, Academia de Ciências de Lisboa, UTAD, Vila Real, Portugal
4. Professora Doutora Maria Helena Ançã, Universidade de Aveiro, Portugal
5. Professor Doutor Luciano B. Pereira, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico Setúbal, Portugal
6. Professor Doutor Manuel Urbano Bettencourt Machado, Universidade os Açores (Jubilado)
7. Doutor Miguel Real, Investigador, Centro de Literaturas e Culturas Europeias e Lusófonas Universidade de Lisboa, Diretor da Revista do CLEPUL
8. Mestre Concha Rousia, MSc (Master in Science), Academia Galega da Língua Portuguesa, Galiza
9. Chrys Chrystello, MA, Academia Galega Da Língua Portuguesa, Presidente da Direção da AICL, Açores
10. Mestre Helena Chrystello, Vice-Presidente da AICL, Coordenadora Dept.º EBI 2,3 Maia, Açores

4. INSTRUÇÕES DE PUBLICAÇÃO

I. INSTRUÇÕES - SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO – I

[NB: Ortografia: dado haver inúmeras ortografias oficiais desde 1911, a AICL converteu e uniformizou, após 2007, todos os escritos posteriores a 1911 para o AO 1990]

1. ■ A sinopse (e os biodados do autor) da comunicação a apresentar tem de ser enviada por correio eletrónico dentro dos prazos fixados na FICHA DE INSCRIÇÃO
2. ■ Não deve (sinopse) exceder 300 palavras e nela deve constar SEMPRE, após o título do trabalho e nome do/a autor/a, o TEMA e SUBTEMAS em que se insere (ver TEMAS)
3. ■ Tem de ser escrita exclusivamente em português.
4. ■ Será incluída na parte inicial do trabalho final a apresentar para publicação nas Atas/Anais.
5. ■ Deve ser acompanhada de notas biográficas (biodados) até 300 palavras (não mais) Não queremos um currículo académico, CV, mas sim uma súmula ou resenha da atividade do autor.
6. Reservamo-nos o direito de amputar (sempre que o entendermos necessário) toda a informação excedendo as 300 palavras.
Muito importante
 - 6.1. Deve enviar o TRABALHO FINAL por correio eletrónico dentro das datas indicadas (VER FICHA DE INSCRIÇÃO), para ser incluído no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.
 - 6.2. O não-envio dos trabalhos finais, dentro das datas estipuladas, permite à Comissão Organizadora excluir o orador e pode implicar a não-publicação do seu trabalho final no CD-DVD de Atas/Anais do Colóquio.
7. ■ **Cada orador dispõe de exatamente 20 minutos** para fazer a apresentação. Visa-se permitir alguns minutos de debate no fim da sessão e o orador será atempadamente avisado pelo Moderador durante a sessão, se dispõe ainda de 10 ou de 5 minutos antes de lhe ser mostrado o sinal de que acabou o tempo.
8. **MODERAÇÃO.** São funções do Moderador: (1) a apresentação dos participantes na sessão; (2) o controlo do tempo das apresentações; (3) a dinamização da discussão dos trabalhos. Concorde-se ou não, o Presidente da Mesa (Moderador) é soberano na condução dos trabalhos e no rigoroso respeito pela duração das sessões, cumprimento esse que sempre foi apanágio dos colóquios ao contrário do que acontece na maior parte de eventos.
9. O Moderador deve focar a sua atuação para que as questões postas no período de debate sejam tão breves quanto possível, a fim de haver tempo para um efetivo debate e evitar que as perguntas do público presencial se transformem em apresentações.
10. **COMITÉ CIENTÍFICO:**
 - 10.1. *Escreva de modo a persuadir OS MEMBROS DO COMITÉ de que as suas ideias merecem aprovação. Simultaneamente deve convencer um perito com cultura científica que não seja necessariamente um especialista na área de candidatura.*
 - 10.2. *O objetivo da sua candidatura é convencer os avaliadores de que as ideias propostas são suficientemente importantes e relevantes para que sejam apresentadas.*
 - 10.3. *Pode, se for o caso, salientar a relevância do plano de trabalho proposto face a interesses nacionais e ou internacionais específicos.*
11. **Critérios formais: qualidade, cientificidade, rigor, originalidade e estado da arte**
 - 11.1. *O estado da arte corresponde à situação atual, na perspetiva científica, na área de investigação em que o candidato pretende desenvolver o seu trabalho.*

- 11.2. Esta informação pretende situar o impacto científico que o trabalho proposto pelo candidato poderá vir a ter e a originalidade do seu contributo
12. **Critérios informais** de apreciação pelo comité científico:
- 12.1. tratamento de tema e subtema interessante e atraente para uma audiência genérica e para os sócios da AICL em geral
 - 12.2. Ter cabimento dentro dos temas e subtemas propostos para cada colóquio...
 - 12.3. Ter interesse e estar conforme aos principais objetivos dos colóquios
 - 12.4. Prenunciar mais-valias para uma audiência genérica e latitude até 2 ou 3 temas especializados

II. INSTRUÇÕES - SINOPSES E TRABALHOS FINAIS PARA PUBLICAÇÃO 2

1. Formato: Microsoft Word 2007-2016
2. Tipo de letra (Font): TIMES NEW ROMAN 12 (espaçamento 1,5)
- 3.1. Número de páginas do trabalho a ler: 5 páginas (A4 Times New Roman 12 espaçamento 1,5) para não exceder os 20 minutos.**
- 3.2. Trabalho final não pode exceder 15 páginas, em média 12 páginas A4 Times New Roman 12 espaço 1,5) incl. notas e gráficos.**
4. Título: negrito.
5. Autor(es): incluir nome que quer ver utilizado.
6. Instituição Ensino / ou Trabalho: sem espaçamento entre o nome do autor e o da instituição.
- 7 Subtítulos: negrito. Use algarismos árabes com decimais.
8. Outras divisões: algarismos árabes com decimais.
9. Citações, notas (incl. rodapé) e referências: **em itálico**, autor, data de publicação, vírgula e número(s) de página(s): i.e. como Sager afirma (1998:70-71) tamanho 8 (espaçamento 1).
10. Referências Bibliográficas - sempre no final do artigo.
 - 10.1. Livro: *Melby, Alan K. (1995) The Possibility of Language, Amsterdam: John Benjamin's.*
 - 10.2. Artigo sobre livros: *Bessé, Bruno. (1997) 'Terminology.' In Sue Ellen Wright and Gerhard Budin (eds.) Handbook of Terminology: John Benjamin's Publishing Company.*
 - 10.3. Artigos de jornal/revista: *Corbeil, Jean-Claude (1991) "Terminologie et banques de données d'information scientifique et technique" in Meta vol. 36-1, 128-134.*
 - 10.4. Internet: *Pym, A (1999) 'Training Translators and European Unification: A Model of the Market' in 'Translation Theory and practice.'* Disponível em <http://europa.eu.int/comm/translation/theory/gambier.htm> em ___/___/___
11. **NOTAS:** SEMPRE RODAPÉ.
12. **GRÁFICOS E TABELAS:** numeradas consecutivamente. Deve ser feita menção ao seu título e número no texto.

NORMAS COMPLETAS Em <http://coloquios.lusofonias.net/XXIX/INSTR%20PUBL.pdf>

5. BIODADOS DOS PATRONOS DA AICL~ consultar https://blog.lusofonias.net/?page_id=58597

6. HOTEL BELMONTE SINAI

[local do colóquio](#)



Largo S. Sebastião 6250-023 Belmonte

geral@belmontesinaihotel.com
www.belmontesinaihotel.com

ver quartos em <http://belmontesinaihotel.com/galeria/>

TODAS AS MARCAÇÕES DEVEM SER FEITAS APENAS PARA AICL@LUSOFONIAS .NET

» **Quarto single: 35,00€ quarto noite -** » **Quarto duplo: 50,00€ quarto noite -** » Pequeno-almoço buffet incluído

» **Refeições: 13.00€ pessoa** (MENUS POSSÍVEIS E SUGERIDOS) [consultar marcações de almoços e jantares aqui](#)

serviço de buffet com bebidas incluídas (águas e sumos em jarra e vinho nossa sugestão). **Bebidas de cápsula e digestivos não estão incluídos.**

ACOMODAÇÃO EM DETALHE:

- 2 Suítes Familiares, 1 Quarto adaptado para pessoas com mobilidade condicionada, 20 Quartos “twin”, 7 Quartos com cama de casal
- Ar Condicionado, Fechadura Eletrónica de Segurança, Mesa de Trabalho com Telefone
- Quartos duplos, possibilidade de uma cama extra

Localizado em Belmonte, no seio de uma das mais emblemáticas comunidades judaicas da Península Ibérica, o Belmonte Sinai vem complementar a oferta turística direcionada para o turismo religioso judaico em Portugal. Além da proximidade com inúmeros atrativos turísticos da aldeia histórica, o Belmonte Sinai assume-se como o primeiro hotel e restaurante kosher do país, certificado de acordo com a lei judaica. Além do espaço gastronómico, a unidade dispõe de 24 quartos standard, 2 suítes e 1 quarto adaptado para pessoas com mobilidade reduzida. Todos os quartos estão equipados com ar condicionado, fechadura eletrónica de segurança, televisão com canais por cabo, mesa de trabalho com telefone, internet grátis e casa de banho equipada com chuveiro e secador de cabelo. Todos os quartos têm a possibilidade de colocação de cama extra.



7. HORÁRIO final [consultar](#)

ENTRADA LIVRE E GRATUITA PARA O PÚBLICO Todas as sessões 20 minutos por orador

Sessão de abertura Museu Judaico **RUA DA PORTELA Nº 4 GPS 40° 21' 30.915" N 7° 21' 00.8"**

Restantes Sessões **AUDITÓRIO MUNICIPAL DE BELMONTE Rua Pedro Álvares Cabral 1, 6250-085 GPS 40° 20' 38" N 7° 21' 38" W GPS: 40.358451, -7.351390**

8. LISTA DE PARTICIPANTES

Nº	Nome	INSTITUIÇÃO	TEMA E TÍTULO
1.	Adriano Moreira	ACL	TEMA 2.1. A LUSOFONIA E O MUNDO DE RUTURAS
2.	Afonso Teixeira Filho	USP BRASIL	TEMA 4.2. CRITÉRIOS PARA A TRADUÇÃO DO INTRADUZÍVEL
3.	Alexandre Banhos	FUND. MEENDINHO GALIZA	TEMA 2.9 O AFONSO HENRIQUES DE JOSÉ MATTOSO
4.	Alexandre Luís	UBI	TEMA 2.9 A INTEGRAÇÃO DO BRASIL NO IMPÉRIO: O PERÍODO MANUELINO,
5.	Alfredo Azinheira	BANDA “AR D’GRAÇA”	RECITAL
6.	Ana Paula Andrade	CONSERVATÓRIO REGIONAL PONTA DELGADA AÇORES	TEMA 2.7. APRESENTA O CD DE POETAS AÇORIANOS MUSICADOS
7.	António Callixto	EX-TRIBUNAL DE CONTAS EU LUXEMBURGO	PRESENCIAL
8.	Carina Pina (Morgado)	ED. KREAMUS	PRESENCIAL
9.	Carla Luís	UBI	TEMA 2.9 RETRATOS DOS JUDEUS NA OBRA ENSAÍSTICA E FICCIONAL DE MIGUEL REAL
10.	Carolina Constância	AÇORES	RECITAIS
11.	Carlos Gordo		Presencial
12.	Chrys Chrystello	AICL, MEEA, NAATI (AUSTRALIA)	Tema 2.1. Da ALFE 1996-1998 aos Colóquios da Lusofonia TEMA 3. APRESENTA BGA Bibliografia Geral da Açorianidade
13.	Deana Barroqueiro	ESCRITORA	TEMA 2.9. APRESENTA LIVRO 1640 CONVIDADA C.M. BELMONTE

14.	Evanildo C Bechara	ABL BRASIL	TEMA 2.3. ANTÔNIO DE MORAIS SILVA – O PRIMEIRO MODERNO LEXICÓGRAFO DA LÍNGUA PORTUGUESA
15.	Fátima Madruga	MÉDICA HOSPITAL OVAR	PRESENCIAL
16.	Francisco C Martins	A L BRASÍLIA; UNIV. BRASÍLIA BRASIL	TEMA 4.2. ANTIBABEL E BABEL NO FALAR PORTUGUÊS
17.	Francisco Madruga	CALENDÁRIO DE LETRAS	PRESENCIAL
18.	Henrique Constância	ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA	RECITAIS
19.	João Guilherme Costa	PROF. UNIV E INVESTIGADOR	TEMA 2.9: "A LUSOFONIA, A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E O CANCRO" CONVIDADO C.M. BELMONTE
20.	João Morgado	ESCRITOR, CHEFE DE GABINETE C. M. BELMONTE	TEMA 2.2. APRESENTA LIVRO "O CÉU DO MAR "
21.	João Paulo Constância	ICPD AÇORES	TEMA 3.1 BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE
22.	José Bárbara Branco	MÉDICO	TEMA 2.1 APRESENTA LIVRO FERNANDO SYLVAN, (POETA TIMORENSE) UMA BIOGRAFIA ED. CROCODILO AZUL
23.	José Carlos Gentili	A L BRASÍLIA BRASIL	TEMA 1.1. O CRIPTOJUDEU PEDRO ÁLVARES CABRAL NASCEU EM BELMONTE?
24.	José Paz	AGLP, GALIZA	TEMA 2.7. GALIZA, PÁTRIA ESPIRITUAL DE JOSÉ AFONSO
25.	José Soares	JORNALISTA AÇOR-CANADIANO	ORG
26.	Laura Gonçalves	CINEASTA	TEMA 2.7. A EXPRESSÃO DA ANIMAÇÃO NO CINEMA DOCUMENTÁRIO. CONVIDADO C.M. BELMONTE
27.	Lotus De Jade Tchum (Nhu Lien Tchum 鍾玉蓮)	PINTORA DE TIMOR Susana Falcão	TEMA 2.2. EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS
28.	Luciano Pereira	ESE, IPSETÚBAL	TEMA 2.2. AS MOURAS ENCANTADAS NO IMAGINÁRIO GALAICO-PORTUGUÊS
29.	Lucília-José Justino	ESC. SUP. COM. SOCIAL IPL	PRESENCIAL
30.	Margarete Silva	TRADUTORA FREELANCE	TEMA 2.2. A FEMINILIDADE/FEMINILITUDE LUSÓFONA
31.	Margarida Martins	FUND. MEENDINHO, GALIZA	PRESENCIAL
32.	Maria Da Paixão Costa	EMBAIXADORA RDTL LISBOA	CONVIDADO C.M. BELMONTE
33.	Maria De Lourdes Crispim	CLUNL-FCSH	TEMA 2.2. DOCUMENTAÇÃO ANTIGA PARA O NÚCLEO DA LUSOFONIA, MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS DE BELMONTE
34.	Maria Francisca Xavier	CLUNL-FCSH	TEMA 2.2. DOCUMENTAÇÃO ANTIGA PARA O NÚCLEO DA LUSOFONIA, MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS
35.	Maria João Cantinho	ESCRITORA, REVISTA CALIBAN	TEMA 2.1. AS RELAÇÕES ENTRE PORTUGAL, BRASIL E ÁFRICA,
36.	Marilene Gentil	BRASIL	PRESENCIAL
37.	Marlit Bechara	BRASIL	PRESENCIAL
38.	Nizangela Lima Souza	INSTITUTO OLHAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO	TEMA 2.1. OLHAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO CONVIDADA C.M. BELMONTE
39.	Norberto Ávila	DRAMATURGO AÇORIANO	PRESENCIAL
40.	Pedro Paulo Câmara	ESCRITOR, AÇORES	ORG
41.	Piki Pereira	CANTORA DE TIMOR	TEMA 2.2. RECITAL DE MÚSICA TIMORENSE
42.	Raul Gaião	INVESTIGADOR	TEMA 2.2 O FALAR FRONTEIRIÇO DA SERRA DAS MESAS
43.	Rolf Kemmler	ACL, UTAD	TEMA 3.4. LYMAN HORACE WEEKS: AMONG THE AZORES
44.	Ronaldo P Rocha	ALB BRASÍLIA BRASIL	TEMA 1.1. PORTUGAL VENTUROSO

45.	Susana Margarido	DRSS, ESCRITORA, SOCIÓLOGA AÇORES	TEMA 2.1. APRESENTA O LIVRO INFANTOJUVENIL O MUNDO PERDIDO DE TIMOR-LESTE
-----	------------------	-----------------------------------	---

9. DISCURSO DE ABERTURA

Antes de mais os nossos reconhecidos e calorosos agradecimentos ao Presidente da autarquia, Dr. **António Pinto Dias Rocha** e ao Eng^o **Joaquim Feliciano da Costa** Presidente da Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento de Belmonte, que em 2015 apoiaram a nossa vinda no 27^o colóquio em 2017, e celebraram um convénio connosco estabelecendo Belmonte como capital da Lusofonia até 2021, e apoiam a criação de um módulo do Museu da Lusofonia no seio do Museu dos Descobrimentos. Agradecemos ainda aos nossos convidados de honra

1. **Ana Paula Andrade, Autora homenageada 2018, Conservatório Regional de Ponta Delgada**
2. **Professor Adriano Moreira, Academia Ciências de Lisboa, Convidado CMB**
3. **Embaixadora da RD de Timor-Leste Maria da Paixão Costa**
4. **Dr José Bárbara Branco, médico (em Timor 1965-67), Convidado CMB**
5. **Deana Barroqueiro, escritora, Convidada CMB**
6. **M^a João Cantinho, escritora, editora Revista Caliban, Convidado CMB**
7. **João Guilherme Costa, Investigador, Convidado CMB**
8. **Laura Gonçalves, cineasta, Convidada CMB**
9. **Nilzangela Lima de Souza, Convidada CMB**
10. **Susana Teles Margarido, socióloga e escritora, Convidado CMB**
11. **Lotus de Jade Tchum, pintora de Timor, Convidado CMB**
12. **Alfredo Azinheira e Banda "Ar D'Graça", Convidados CMB**
13. **Piki Pereira acompanhada por Mintó Deus, música de Timor Convidada CMB**

Agradecemos ao pessoal de apoio Susana Miranda, Elisabete Manteigueiro, ao técnico Marco Santos Silva, ao condutor Morais, restantes convidados, associados, Academia Sénior e Escola de Música de Belmonte, grupo Coro Animato, bem como aos nossos parceiros institucionais como o Governo dos Açores (Direção Regional de Turismo), o tornarem possível este encontro e a nossa vinda.

Os Colóquios da Lusofonia iniciados em 2001, pugnam por concretizar utopias num esforço coletivo. Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua. Partindo dela construímos pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

No final do século passado quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo. Terei oportunidade de aqui mostrar documentos de arquivo que ilustram o nascer deste sonho que são os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia, das mais abrangentes possíveis, e que visa incluir todos os que trabalham com a Língua.

Depois de José Augusto Seabra, nosso primeiro patrono, Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) tornaram-se patronos em 2007, e a eles publicamente agradeço pelo incentivo e projeção dados aos colóquios.

Em 2011 admitimos como Patrona a Academia Galega da Língua Portuguesa (representada por Concha Rousia) e em 2015 e 2016, acrescentamos os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996, como Patronos e Sócios Honorários: Dom Ximenes Belo e José Ramos Horta, a que se juntaram Vera Duarte representando a Academia Cabo-Verdiana de Letras e José Carlos Gentili representando a Academia de Letras de Brasília. A Academia Angolana comprometeu-se a tornar-se nossa associada.

Idealizamos o espaço dos Colóquios da Lusofonia como palco privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos. É esta a Lusofonia que defendemos. Nos Açores, agregamos académicos, estudiosos, artistas plásticos e escritores em torno da divulgação da identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições não só nas comunidades lusofalantes, mas em países como a Eslovénia, Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Itália, e ali fizemos traduções de autores açorianos. Somos uma tertúlia reforçando a açorianidade e vincando bem a insularidade

Em 2017 trouxemos a Belmonte uma vintena de autores açorianos. Em 2018 iremos visitar Timor que tantos portugueses apoiaram na sua luta pela independência foi a minha primeira pátria de adoção e continua a representar mais de um terço da minha vida. Mais especificamente lembramos Bobonaro, na montanha, junto à fronteira indonésia. Ali fui colocado em set^o 1973. O Dr Ramos Horta envolvido na campanha para as próximas eleições teve de adiar a sua vinda a Belmonte, mas temos a honra de convidar Lotus de Jade Tchum, pintora de Bobonaro, e mulher do meu ex-comandante do Esquadrão de Cavalaria 5 de Bobonaro (o então major Falcão, hoje coronel) a expor algumas aquarelas ao som de

poemas meus sobre Timor. Igualmente trazemos o Dr José Bárbara Branco, reputado médico ortopedista que esteve em Bobonaro antes de mim e nos vai apresentar um livro sobre Fernando Sylvan, um dos maiores poetas timorenses, teremos a cantora timorense Piki Pereira (uma das poucas vozes femininas durante os 24 anos de ocupação indonésia) acompanhada de Mintó Deus, e Alfredo Azinheira, um músico da década de 1960 nos Chinchilas, vencedor do prémio da Canção com os Nevada em 1989 e que em Timor parte fez parte da banda Os Académicos, agora como Banda Ar D'Graça.

Mas a homenagem maior em 2018 vai para a maestrina, compositora e pianista ANA PAULA ANDRADE, autora homenageada pelos Colóquios da Lusofonia. Na Memória contra o esquecimento, iremos lembrar a relevante e extensa obra do dramaturgo açoriano Norberto Ávila com um curto excerto da sua obra *Os deserdados da pátria*.

A bela Belmonte, que recebeu foral de Dom Sancho I em 1199, e viu nascer em 1467 Pedro Álvares Cabral, é orgulhosa legatária da herança sefardita que permeia o sangue de muitos portugueses. Os criptojudeus mantiveram aqui uma comunidade após o séc. XII apenas descoberta em 1917 e mais tarde oficializada na década de 1970 cuja sinagoga foi inaugurada em 1996.

Iremos revisitar o Museu dos Descobrimentos onde projetamos ter uma secção dedicada ao período do nascimento da língua até 1500 e à Carta de Pero Vaz de Caminha. Iremos ao renovado Museu Judaico e à casa da Roda em Caria, toda em pedra, datada de 1784 e que foi recuperada há menos de uma década. Há um conjunto significativo de estudos sobre a existência destas casas e dos esforços do combate ao infanticídio e ao abandono infantil, desenvolvidos por Pina Manique no final do séc. XVIII. Em Caria há ainda cruciformes nos portados das casas, assinalando a presença de judeus. Notável é a Casa da Torre, paço episcopal dos bispos da Guarda construído com base no antigo castelo de Caria

Além das sessões tradicionais teremos muitas outras de música, pintura, teatro, apresentações de livros, um lote privilegiado de convidados de honra e uma delegação de membros da Academia de Letras de Brasília.

Depois deste regresso a Belmonte iremos voltar até 2021, tal como sempre fiz desde que em 1968 ou 1969 descobri as maravilhosas ruínas da Torre de Centum Cellas que considero como o mais belo monumento lítico da herança da colonização romana de Portugal. É este o menu do 29º colóquio. Bom apetite.

10. Agradecimentos e conclusões

CONCLUSÕES E AGRADECIMENTOS 29º COLÓQUIO

AGRADECIMENTOS

Agradecemos penhoradamente a extrema hospitalidade e disponibilidade do Hotel Belmonte Sinai nas pessoas dos seus donos, gerente Ricardo e todo o pessoal sem exceção (da cozinha, ao bar, recepção e serviço de quartos)

Agradecemos aos nossos patrocinadores CÂMARA MUNICIPAL DE BELMONTE e seu Presidente Dr António Rocha, seu assessor João Morgado, EMPDS (Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social de Belmonte) seu Presidente Eng.º Joaquim Feliciano da Costa, Susana Miranda, Elisabete Manteigueiro, Marco Santos Silva e o condutor Morais

Agradecemos a todos os associados, convidados e demais público em geral que garantiram o bom funcionamento das sessões, e um agradecimento muito especial aos sócios PEDRO PAULO CÂMARA, coadjuvado por ROLF KEMMLER, JOSÉ SOARES E LUCIANO PEREIRA que supriram numa emergência a ausência por doença da Helena Chrystello.

Agradecemos muito encarecidamente aos CONVIDADOS DE HONRA da CMB e EMPDS

CONCLUSÕES

1. A EMPDS e CMB convidaram

- 1.1. a pintora LOTUS DE JADE TCHUM para futuramente se deslocar e pintar Belmonte
- 1.2. o vocalista Alfredo Azinheira e a Banda Ar D'Graça para futuramente atuarem em Belmonte
- 1.3. a compositora Ana Paula Andrade para prepara em conjunto com a Escola de Música de Belmonte o lançamento de um CD com música do Cancioneiro local a apresentar no 31º colóquio em abril 2019
2. a EMPDS vai diligenciar para musealizar e converterem conteúdo digital o primeiro módulo do Museu da Lusofonia proposto para ser incluído no Museu dos Descobrimentos já no 31º colóquio abril 2019 (Dos primeiros documentos em galaico-português à Carta de Pero Vaz de Caminha)
3. o ICPD (Instituto Cultural de Ponta Delgada) através do seu Vice-Presidente (João Paulo Constância) vai assinar um protocolo com a AICL para a colaboração ativa em vários projetos dos Colóquios
4. a AICL irá apoiar, a seu tempo, a publicação em livro do projeto de estudo crítico de obras de autores anglófonos sobre os Açores (finais do séc. XIX)
5. a AICL vai lançar, em moldes ainda por determinar, o segundo volume de Dom Ximenes Belo missionários Açorianos em Timor
6. a AICL vai convidar a MiratecArts para colaborar numa sessão especial do 30º colóquio na Madalena do Pico em outubro 2018

11. TRABALHOS FINAIS, BIODADOS ORADORES CONVIDADOS, PRESENCIAIS E OUTROS ASSOCIADOS NAS PÁGINAS SEGUINTE

1. ADRIANO MOREIRA, PRESIDENTE DO INSTITUTO DE ALTOS ESTUDOS, ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, PROFESSOR EMÉRITO, UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA CONVIDADO CMB



10º colóquio Bragança 2008



11º colóquio Lagoa 2009

ADRIANO JOSÉ ALVES MOREIRA¹ -

¹ O advogado e a política

Inicia a sua carreira como jurista no Arquivo Geral do Registo Criminal e Policial, em 1944. Posteriormente, em 1947, é admitido no departamento jurídico da sucursal em Portugal da General Electric.

Ao mesmo tempo que integra esta multinacional, realizou o estágio de advocacia, junto de Teófilo Carvalho dos Santos.

Advogado geral de todas as empresas da General Electric, chegaria a vice-presidente do Conselho de Administração do grupo, onde pontificava Bacelar Bebiano, ex-ministro.

Enquanto jovem, começa por ser simpatizante da Oposição Democrática, assinando inclusive uma lista do Movimento de Unidade Democrática (MUD), em 1945.

Em 1948, acompanha Teófilo Carvalho dos Santos no patrocínio da família do general José Marques Godinho, no processo interposto contra o Ministro da Guerra, Fernando dos Santos Costa, por homicídio voluntário.

Por causa desse patrocínio, acaba preso no Aljube, onde é companheiro de cela de Mário Soares, que ali se encontrava preso também por motivos políticos.

Contudo, o passar dos anos e o estudo das teses lusotropicalistas levam-no a aproximar-se do regime do Estado Novo; mesmo mantendo relações de amizade com antissalazaristas históricos, como Fernando de Abranches Ferrão e Acácio de Gouveia, além do já referido Carvalho dos Santos.

O professor

Concorreu a professor na Escola Superior Colonial, atual ISCSP, aonde viria a ascender a diretor.

Contribuindo largamente para a reforma do ISCSP, iniciou neste instituto o estudo de ciências como a sociologia, a ciência política, as relações internacionais e ciências associadas a estas, como a Estratégia e a Geopolítica — dando, assim, continuação ao projeto da Sociedade de Geografia de Lisboa, para a construção de uma instituição formadora dos quadros administrativos coloniais.

O político do Estado Novo

Salazar chamou-o para Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, em 1959, e para Ministro do Ultramar, em 1961, cargo em que se manteve até 1963.

Foi, juntamente com Manuel Sarmento Rodrigues, um dos responsáveis diretos pela introdução institucional, nos anos 1950, do luso-tropicalismo de Gilberto Freyre no ideário do Estado Novo e nos meios universitários portugueses.

Na sua ação como governante — coincidindo com a eclosão da Guerra Colonial em Angola — viria estabelecer uma política reformista, que teve como principal marca a abolição do Estatuto do Indigenato (que impedia a quase totalidade dos habitantes das colónias de adquirir a nacionalidade portuguesa) permitindo a esses indígenas aceder à cidadania portuguesa, usufruindo do direito a fixarem-se e circularem em todas as parcelas do território nacional e também do acesso à educação.

Levou também a cabo a adoção de um Código de Trabalho Rural; criou escolas do Magistério Primário; fundou o ensino superior nas colónias, ao fazer arrancar os Estudos Gerais Universitários, em Angola e Moçambique.

Salazar manifestou-lhe posteriormente que não podia concordar com várias das suas políticas, afirmando-lhe que mudaria de ministro se não as alterasse.

Segundo conta o próprio, Salazar então comunicou-lhe que «Vossa Excelência acaba de mudar de ministro».

Entrevistado pela RTP2 em 2014, afirmaria que "Salazar já estava ultrapassado no seu tempo".

Apesar da intenção reformista, a sua ação e a sua defesa da tese lusotropicalista não são isentas de controvérsia; até porque o seu ministério coincidiu com a eclosão da guerra. Por isso, afirma o historiador brasileiro João Alberto da Costa Pinto, foi nesse período que se deu a organização, a partir de 1961, da resistência armada das tropas portuguesas contra os primeiros levantes nacionalistas das colónias e a instituição em Angola das práticas repressivas da PIDE, alegação que Adriano Moreira recusa na sua autobiografia.

O Campo de Trabalho de Chão Bom

Através da Portaria n.º 18539, de 17 de junho de 1961, assinada pelo Ministro do Ultramar Adriano Moreira ao abrigo dos artigos 4.º e 5.º do Decreto n.º 43600, de 14 de abril de 1961, foi criado, em Chão Bom (Ilha de Santiago, Cabo Verde), um campo de trabalho. O Decreto n.º 43600, de 14 de abril de 1961, assinado pelo Ministro do Ultramar Vasco Lopes Alves, deu execução ao Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954:

Autorizando a construção na ilha de Santo Antão (Cabo Verde) de um estabelecimento destinado ao cumprimento das medidas de tutela previstas no artigo 3.º do Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954 (artigo 1.º).

O corpo do artigo 3.º do Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954, estabelece o seguinte: «As penas maiores e as medidas de segurança serão cumpridas nos estabelecimentos especialmente construídos para tal efeito, em conformidade com o disposto no Decreto Lei n.º 26643.»

Prevendo que «em cada província, e conforme as necessidades, poderão ser instituídos estabelecimentos provisórios para os fins do capítulo II do Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954 (artigo 4.º);

O capítulo II do Decreto Lei n.º 39997, de 29 de dezembro de 1954, tem como título «Dos indígenas» e estabelece no seu primeiro artigo (8.º) o seguinte: «Os estabelecimentos prisionais privativos dos indígenas destinam-se à detenção e ao cumprimento da pena de trabalhos públicos ou de trabalho correccional.»

Determinando que compete ao Ministro do Ultramar regulamentar, por portaria, os estabelecimentos nele previstos (artigo 5.º).

Estranhamente, a portaria não refere onde se situa a localidade de Chão Bom. O Campo de Trabalho de Chão Bom foi colocado a funcionar onde anteriormente tinha funcionado o Campo do Tarrafal. Além do campo de trabalho de Chão Bom, na ilha de Santiago, em Cabo Verde, criou igualmente o campo de trabalho de Missombo, através da Portaria n.º 18702, de 24 de agosto de 1961.

O político após a Revolução do 25 de abril

Após o 25 de abril, Adriano Moreira aderiu ao Partido do Centro Democrático Social, sendo seu deputado à Assembleia da República.

Foi igualmente presidente deste partido de 1985 a 1988 e, interinamente, de 1991 a 1992. Foi deputado à Assembleia da República até 1995, quando renunciou ao mandato. Desde então, recebe uma subvenção vitalícia mensal do Estado, destinada a ex-titulares de cargos políticos, no valor de 2 685,53 euros (com redução parcial por imposição legal). Em 2015, foi indicado pelo CDS-PP para o Conselho de Estado.

Família

Casou em Sintra, São Martinho, a 30 de agosto de 1968, com Isabel Mónica Maia de Lima Mayer (Lisboa, Mercês, 2 de agosto de 1945), filha de Bernardo de Lima Mayer (Sintra, São Martinho, 16 de junho de 1918 - ?) e de sua mulher Maria Isabel de Carvalho Maia (Lisboa, Mercês, 2 de fevereiro de 1923), cujo avô paterno tinha ascendência Judaica Asquenaze e Sefardita e cuja avó paterna era de origem irlandesa e prima-tia em segundo grau de Fernando Ulrich.

O casal teve seis filhos e filhas, uma das quais é a deputada à Assembleia da República Isabel Moreira, eleita pelo Partido Socialista.

Legado teórico-metodológico

Segundo Marcos Farias Ferreira (Cristãos & Pimenta, A via média na Teoria das Relações Internacionais de Adriano Moreira, Almedina, Coimbra, 2007), a obra de Adriano Moreira seria tributária de uma escola racionalista apoiada em vultos como Grotius, Vitória e Suárez, e teria construído uma via intermédia relativamente às diferentes correntes idealistas e realistas no estudo académico de Relações Internacionais (RI), a par de Raymond Aron e dos autores da escola inglesa de RI como Martin Wight, Hedley Bull e Herbert Butterfield, assente na tensão normativa entre sociedade e comunidade internacional.

Cargos políticos

Membro da delegação Portuguesa na ONU (1957-1959) - independente

Subsecretário de Estado da Administração Ultramarina (1960-1961) - independente

Ministro do Ultramar (1961-1963) - independente

Presidente do CDS (1986-1988 e, interinamente, 1991-1992)

Deputado da Assembleia da República (1979-1991) - CDS-PP

Vice-presidente da Assembleia da República (1991-1995) - CDS-PP

Eleito para o Conselho de Estado em 18 de dezembro de 2015

Curador Honorário da Fundação Oriente.

Atual Curador da Universidade Cândido Mendes.

Presidente honorário da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Preside e fundou a Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Preside internacionalmente ao Centro Europeu de Informação e Documentação (CEDI).

Preside ao Conselho de Fundadores do Instituto D. João de Castro.

Preside à assembleia-geral da Associação Portuguesa de Ciência Política,

Preside ao Conselho Nacional de Avaliação do Ensino Superior (desde 1998).

Foi cofundador do Movimento da União das Comunidades de Língua Portuguesa e presidiu aos seus dois primeiros congressos em Lisboa e Lourenço Marques.

Sócio e membro do Conselho Supremo de Sociedade Histórica da Independência de Portugal

Sócio Honorário do Movimento Internacional Lusófono (MIL).

Prémio Personalidade Lusófona 2012, concedido pelo Movimento Internacional Lusófono (MIL).

Membro do Instituto de Estudos Políticos de Vaduz, do Movimento Paneuropa de Coudenhove-Kalergi, do Conselho da Fundação Luís Molina da Universidade de Évora,

Diretor do Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação Científica do Ultramar;

Membro do Concílio de Honra da Matriz Portuguesa - MPADC - Associação para o Desenvolvimento da Cultura e do Conhecimento.

Prémios e distinções

Distinguido com o Prémio Abílio Lopes do Rego, da Academia das Ciências de Lisboa, pelo seu estudo O Problema Prisional do Ultramar, em 1953.

Condecorações

-  Comendador da Ordem Militar de Cristo de Portugal (5 de setembro de 1957)
-  Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique de Portugal (3 de janeiro de 1961)
-  Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo de Portugal (19 de dezembro de 1962)
-  Medalha de Ouro de Serviços Distintos da Marinha de Portugal
-  Medalha de Mérito Aeronáutico de Portugal
-  Medalha de 1.ª Classe da Defesa Nacional de Portugal
-  Medalha de 1.ª Classe de D. Afonso Henriques do Exército de Portugal
-  Royal Victorian Order da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte
-  Grã-Cruz da Ordem de Isabel a Católica de Espanha (18 de julho de 1961)[22]
-  Grã-Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul do Brasil
-  Grã-Cruz da Ordem de São Silvestre Magno do Vaticano ou da Santa Sé
-  Cavaleiro Grã-Cruz da Ordem de África da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte
-  Comendador da Ordem de Ouissam Alaoui de Marrocos (6 de fevereiro de 1992)
-  Grã-Cruz da Ordem Militar de Sant'Iago da Espada de Portugal (10 de junho de 1992)
-  Medalha de Mérito Cultural de Portugal (9 de fevereiro de 2004)
-  Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique de Portugal (9 de outubro de 2017)

Principais obras

- Direito Corporativo (Lisboa, 1950)
- Política Ultramarina (Lisboa, 1956)
- Ideologias Políticas (Lisboa, 1964)
- O Tempo dos Outros (Lisboa, 1968)
- Política Internacional (Porto, 1970)

ComC • GCC • MOSD • GCSE • GOIH • GCIH. Nasceu em Grijó de Vele Benfeito, Macedo de Cavaleiros, filho do polícia António José Moreira (31/7/1898 – 13/10/1991) e de sua mulher Leopoldina do Céu Alves (3/12/1905 – 17/3/1987), licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, em 1944, possuindo o doutoramento na mesma área pela Faculdade de Direito da Universidade Complutense de Madrid, é advogado, professor universitário de ciência política e relações internacionais e político português.

Estadista e notável estudioso de assuntos de política internacional, destacou-se pelo seu percurso académico e pela sua ação na qualidade de Ministro do Ultramar, durante o Estado Novo, ao pôr em prática as teses do lusotropicalismo e ao fazer aplicar uma série de reformas.

Foi sob o seu Ministério que foi abolido o Estatuto do Indigenato, que foi aprovado o Código de Trabalho Rural (considerado pela OIT como um dos mais avançados à época) e abolido o regime de contratação. Foi Presidente do Centro Democrático Social (1986-1988 e, interinamente, 1991-1992)..Destacou-se como Professor - área de Relações Internacionais - no Instituto Superior Naval de Guerra, Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Universidade Aberta, Universidade Internacional, Universidade Católica Portuguesa e é Professor Emérito da Universidade Técnica de Lisboa. É ainda Professor Honorário da Universidade de Santa Maria.

Doutor honoris causa pela Universidade de Aveiro, Universidade Aberta, Universidade da Beira Interior, Universidade dos Açores, Universidade Federal do Amazonas, Universidade de Brasília, Universidade de São Paulo, Universidade do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal de Pernambuco.

Membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia Pernambucana de Letras, da Academia Internacional de Direito e Economia de São Paulo, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa, da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia de Marinha, da Real Academia de Ciências Morales y Políticas e da Academia Portuguesa da História.

Tema 2.1. A Lusofonia e o mundo de ruturas, ADRIANO MOREIRA, Presidente do Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências de Lisboa, Professor Emérito da Universidade Técnica de Lisboa

O historiador Roger Crowley, que escreveu um livro brilhante e sério sobre o tema – *How Portugal Seized the Indian Ocean and Forged the First Global Empire* (2015), recentemente traduzido para português, depois de uma rigorosíssima investigação sobre o processo com que inscreveram o seu lugar na história mundial, homens como o Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Afonso de Albuquerque, escreveu o seguinte: “...os portugueses iniciaram infindáveis interações mundiais, tanto benignas como malignas. Trouxeram armas de fogo para o Japão e astrolábios e feijão-verde para a China, escravos africanos para as Américas, chá para Inglaterra, pimenta para o Mundo Novo, seda chinesa e medicamentos indianos para todo o continente europeu e um elefante para o Papa. Pela primeira vez, os povos de lados opostos do planeta puderam ver-se, tornando-se alvo de descrições e espanto”.

Esta referência, repetida por vários analistas, não é ao globalismo de hoje que se refere, consequência da flexibilidade da semântica. Em relação a este primeiro sentido, que o Sunday Times anunciou como sendo “o relato empolgante da ascensão de tal Portugal a Império Mundial”, termina, com humor e ao mesmo tempo resignado, escrevendo: “Hoje, em Belém, perto do túmulo de Vasco da Gama, da estátua do impaciente Albuquerque e da costa da qual os portugueses zarparam, há uma pastelaria e café venerável, a antiga Confeitaria de Belém. É talvez um altar em homenagem à influência mais benigna de Portugal na aventura global. As multidões acorrem aí para provar a sua especialidade, os *pastéis de Belém*, tartes de nata cozidas até estarem douradas. Comem-se salpicadas de canela, acompanhadas de café escuro como pez. Canela, açúcar, café: os sabores do mundo que ali chegaram em veleiros”. Ainda não tinham felizmente construído o novo Museu dos Coches, porque então a prosa nos traria mais profunda melancolia. Talvez o globalismo tenha tido a sua primeira grande mudança de sentido quando os historiadores autonomizaram o Período Histórico que chamam – *A Europa Dominadora*.

A Europa em Formação (Lisboa, 1974)

Saneamento Nacional (Lisboa, 1976)

O Drama de Timor (Lisboa, 1977)

Legado Político do Ocidente - Colaboração - (São Paulo, 1978)

Ciência Política (Lisboa, 1979)

Direito Internacional Público (Lisboa, 1983)

Teoria das Relações Internacionais (Coimbra, 1996)

Referências

Caminhos da Memória

Caminhos da Memória

Caminhos da Memória

Biblioteca Adriano Moreira

Costa Pinto João Alberto da, “Gilberto Freyre e o Lusotropicalismo como ideologia do Colonialismo português (1951–1974), Revista UFG / junho 2009 / Ano XI nº 6 [1]

Espuma do Tempo. Memórias do Tempo de Vésperas, Almedina Ed. 2009.

De facto, desde o fim do Século XIX até ao começo do século XX, o globo apareceu como o que foi chamado “universo europeu”. Sendo o mais pequeno dos continentes, todavia, o poderio económico alcançado, a superioridade da ciência e da industrialização, em todos os setores, enquanto os EUA cresciam independentes, até alargarem tal superioridade ao Ocidente, conseguiam o que os franceses chamariam “la manmise sur le monde”, assumindo a superioridade sobre as restantes etnias, culturas, religiões, levando um dos então principais atores políticos, que foi Lord Asquith, a afirmar, no discurso que dirigiu à primeira reunião da Conferência Imperial de Londres, de 1911, o seguinte: “No Reino Unido, e em cada uma das grandes comunidades que representais, somos cada um e queremos manter-nos todos continuar como os senhores em nossa casa. Esta vontade é aqui e em todos os domínios o fundamento da nossa política”.

Pelos inícios do século vinte (1905), no seu famoso livro “*Sur la Pierre Blanche*”, Anatole Francis parece o crítico desse globalismo colonial ao proclamar-se contra o que chamou “La folie colonial”, depois de enumerar as perdas de vidas e cabedais franceses no Congo, na Cochinchina, na Índia, em Tonquim, na Guiana, em Madagáscar: afirma que “a ironia destes resultados é bastante cruel, e não se concebe como pode formar-se, para nosso prejuízo, este império dez ou onze vezes maior que a própria França. Será que a loucura colonial não terá fim?”. No entanto, enquanto os tempos silenciosamente faziam ruir esta espécie de globalismo, os EUA, sem usar o nome, formavam o seu Império, a nova parcela, crescente em poder, do ocidente. Os EUA primeiro limpavam o território, que seria o território nacional, dos primitivos povos senhores, depois defenderam e praticaram que o seu conceito estratégico era o “interesse permanente e variável”, o “destino manifesto” que os levou do Atlântico ao Pacífico, e o “Big Stick” destinado a manter uma ordem aceitável no resto do continente.

Foi este período do globalismo em que a Europa se considerou “a luz do mundo”, e os EUA a “Casa no Alto da Colina”, exemplo e poder ordenador da hierarquia das potências. Este período do colonialismo mundial, com domínio dos ocidentais sobre o que chamaram “terceiro mundo”, tem conflitos internos que levaram a identifica-la como sendo de “Europa Sangrenta”, com as duas guerras mundiais (1914-1918 e 1939-1945) separadas por um pequeno período que pareceu ser a “belle époque”, que, sobretudo depois dos anos trinta, viu crescer o totalitarismo e o enfraquecimento das democracias, a brutalidade do nazismo e a expansão do sovetismo. A “alegria coberta de lágrimas” que foi a paz de 1945, e a espera da morte lenta do poderoso Ocidente que foi a chamada “guerra fria”, para além da ONU muito penalizada pela Ordem dos Pactos Militares, com a ordem mundial perturbada pela revisão de toda a estrutura normativa deste globalismo, levou a que findasse fazendo lembrar Anatole France, ouvindo todas as áreas culturais do mundo a falarem pela primeira vez livremente na ONU, e definitivamente originando um novo globalismo de que sabemos alguns efeitos, mas pouco da sua estrutura.

Em primeiro lugar a questão de saber - quem governa o mundo? Em segundo lugar reconhecer que a escala hierárquica das potências, que tinha como critério orientador mais importante o *poder militar*, encontra-se afrontada pela capacidade de o *fraco* vencer o *forte*, com o primeiro exemplo no derrube das Torres Gémeas, e consequência, até hoje incontrolável, que é o *terrorismo*. Depois, a *tradição*, em face da ignorância da estrutura do globalismo atual, a levar a *memória* a esquecer a *legalidade* dos principais tratados e instituições destinadas a impedir confrontos europeus como na guerra de 1914-1918.

Quando foi criada a Sociedade das Nações, desapareceram os Impérios Alemão, Austro-Húngaro, Russo, Turco, a favor do princípio Nação-Estado, e hoje a Alemanha, destacando-se na União Europeia, continua na dúvida, assente na memória, sobre se pretende uma Alemanha europeia, ou uma Europa alemã; a Rússia, com Putin, lembra-se de que na Rússia foi proclamado, pela Igreja Ortodoxa, que a Primeira Roma caiu, a segunda Roma caiu, mas a terceira Roma (ortodoxa) não cairá, e proclama e executa que a sua fronteira de interesses é superior à jurídica; a China mostra a Bandeira e pretende recuperar o Mar que deixou há séculos de navegar; o ilustre Fukuyama averiguou o papel das religiões no atual globalismo, a ONU chamou por cinco vezes o Bispo de Roma (Papa) para o ouvir na Assembleia Geral, onde doutrinaram Paulo VI, João Paulo II por duas vezes, o Papa Emérito, e agora o enviado de Deus que é o Papa Francisco. Mas a hierarquia das potências, entre o Liechtenstein e os EUA, mantém o nome da soberania, mas multiplica as diferenças de conteúdos – porque para além do poder militar é necessário o poder financeiro, o poder económico, o poder científico e técnico. As uniões de Estados, para equilibrarem as diferenças, fazem variar os conceitos de fronteira sagrada, de patriotismo e nacionalismo, assim como o avanço técnico agride as intimidades das pessoas, e segredo das instituições mesmo estaduais.

Mas, sobretudo, quando se pretende saber quem governa o mundo, verificamos que o *poder real* é frequentemente oculto, não coberto pela legalidade, sendo apenas um voto a ideia de que a ONU seria presidida por dois princípios não escritos, o “mundo único”, isto é, sem guerras, e a “terra casa comum dos homens”, isto é, governada e não esgotada em termos de colocar em perigo a sobrevivência das espécies, incluindo a humana. Por isso a questão multissecular de decidir se a autoridade do poder deve ser retida pelos humanos que ganharam a qualidade de cidadãos (democracia), a qual parece ameaçada pelos poderes ocultos ou não legitimados. Daqui resulta, em face do turbilhão das migrações, da guerra em toda a parte, incluindo os 300 ou 400 mil crianças que combatem do Cabo ao Cairo, a questão de saber se devemos encontrar uma nova forma de governar, ou se o Estado necessita de ser reinventado.

Por enquanto evidenciaram-se as ruturas do mundo, com o antigo terceiro mundo – mundo a declarar que considera os ocidentais os maiores agressores dos tempos modernos, a segurança, a livre circulação, os deveres humanitários a colocar os ocidentais na difícil angustia em face do terrorismo, com o Médio Oriente em turbilhão, com o futuro da União Europeia na dúvida, abalada a confiança que o Abade Correia da Serra colocou no norte do continente americano quando regido pelo Manual de Jefferson, e no Sul pelo breve Reino de Portugal, Brasil e Algarves, com o “Credo do mercado” a substituir o “Credo dos valores” que sonhou com o “mundo único” e a “terra casa comum dos homens”. E também a difícil relação entre a técnica e as ciências, sobretudo na área do armamento, com o seu uso. Lembremos que a descoberta do uso da energia atômica, para fins guerreiros, levou o condutor da investigação a declarar que tal poder nunca fosse usado. Isso não impediu que Truman, talvez para evitar que Estaline avançasse sobre a Ásia em vista de ter declarado guerra ao Japão, ordenasse o lançamento da Bomba Atômica sobre Hiroxima e Nagasaki, em 6 e 9 de agosto de 1945, fixando em 598.000 os mortos no Japão, incluindo os bombardeamentos anteriores, Hiroxima contribuindo com 140.000 vítimas e Nagasaki com 74.000, tudo acrescentado com os 120.000 que depois morreram por causa dos efeitos.

Sabemos que o avanço da ciência não impede que os pobres morram mais cedo, que os despojados de recursos alarguem a dimensão enquanto que os mais ricos diminuem em percentagem, que já Getúlio Vargas (1947) disse que “em matéria de petróleo, tudo o que a nossa imaginação possa sugerir é pouco em face do que possa acontecer”, e que o Embaixador Moniz de Aragão (1939) escreveu que “o petróleo opera prodígios, tem ditado a política internacional das grandes potências, assentou e derrubou governos, abalou uma dinastia, criou fortunas fabulosas e conta entre os seus servidores estadistas dos mais notáveis”: mas nesta data e fase do globalismo do nosso tempo, é o poder atômico que requer capacidade de finalmente entender tal globalismo e impedir os usos e efeitos malignos.

Desde o fim da II Guerra Mundial, as potências procuram obstar à multiplicação da posse da Bomba, ainda mais terrível depois da Bomba de Hidrogénio. Os EUA, não apenas para assim manterem a superioridade na hierarquia militar, sabendo, por experiência, que quem tem a bomba não resiste a usá-la, procuraram tratados limitadores, e segredo do saber. Esqueceram que a ciência e o saber fazer dificilmente perdem a capacidade de se exibirem, e nesta data, para além dos conflitos militares em curso, a ameaça da Bomba é esdrúxula. O número de países que a possuem ou podem possuir é crescente, (EUA, França, Israel, Irão, África do Sul, União Indiana, China) mas destaca-se a Coreia do Norte, governada por um imprevisível, e os EUA hoje governado por um por enquanto indecifrável.

Sabemos, pela história, que os grandes conflitos começaram frequentemente por motivos fúteis, como aconteceu com a Primeira Guerra Mundial: o que tenho por evidente, neste globalismo em que vivemos, é que, pela primeira vez na história da Humanidade, o homem tem o poder de destruir a terra. Doutrinas, teorias, ideologias, códigos religiosos e morais, não detêm a loucura que eventualmente afeta os detentores do poder. Por isso, assumindo todo o pessimismo que nos possa ser atribuído, concordemos que é o mais urgente problema que temos de enfrentar. Contrariar, pela doutrinação dos inspiradores, que “o mundo único” e a “terra casa comum dos homens” são os princípios que uma reorganização deve ter por premissas orientadoras, mas não possuímos as vozes inspiradoras que, em tantas crises do passado, conseguiram encontrar e abrir caminhos. Espero não ferir nenhuma sensibilidade se disser que, neste ano da graça de 2017, a voz que mais requer ouvido e confiança, é a de Francisco, Bispo de Roma, e por isso Papa da Igreja Católica, que a ONU quer escutar.

É em face a este mundo de ruturas que se coloca a questão da inserção dos Países Lusófonos no Mundo Pós-Occidental. O enunciado do tema dá por concluída a decadência outonal dos ocidentais. Há fundamento para esta inquietação, e completa incapacidade de prognosticar sobre o futuro. Tentarei, no entanto, conseguir seriar alguns pontos críticos:

- 1) Em primeiro lugar recordar que foram os EUA que, no fim da guerra de 1914-1918, ao ser criada a Sociedade das Nações, que no estatuto desta consagram o modelo do Estado-Nação, que terminou com os Impérios Alemão, Austro-Húngaro, Russo, Turco, embora não assinassem o Pacto e continuassem a construir o que analistas chamaram o Império Americano;
- 2) A guerra de 1939-1945, levou ao fim do Império Euromundista, partilhado pelas soberanias da frente europeia atlântica, isto é, Holanda, Bélgica, Reino Unido, França, Portugal;
- 3) A ordem da ONU foi limitada pela Ordem dos Pactos Militares – NATO e VARSÓVIA – enquanto, na ONU, pela primeira vez na história da Humanidade, todas as áreas culturais falavam em liberdade, dos seus valores e sonhos de futuro;
- 4) As parcelas do Império Euromundista foram eliminando os poderes coloniais de que dependiam, em todas com conflitos militares, em que se incluiu a chamada guerra colonial portuguesa. É nesta situação que temos de tentar ajudar a encontrar resposta para o tema que nos é proposto. Também enumerar algumas das circunstâncias que estão a desafiar-nos.
 - a) Em primeiro lugar tomar boa nota de que, entre as parcelas do Império Euromundista, a situação portuguesa tem características específicas: falhou a Iniciativa Francesa de uma articulação Euro-africana, com uma cooperação que desapareceu sem certidão de morte; falhou o projeto da União Francesa, ambição do General De Gaulle, que se assumiu desconsiderado pelo voto negativo da Guiné; falhou o projeto inglês de manter unido o Império da Índia, que originou três países; a guerra da Argélia ainda tem sequelas visíveis. Portugal foi o único Estado que conseguiu, com o apoio decisivo do Brasil, organizar a CPLP e o Instituto Internacional da Língua Portuguesa;

b) A explicação teórica mais invocada foi o *lusotropicalismo*, devido sobretudo a *Gilberto Freyre*, com o seu Instituto do Recife. Todavia, os períodos de organização democrática da Europa Ocidental agudizam críticas baseadas em afirmado comprometimento de Gilberto com a política portuguesa do Chamado Estado Novo, que no Brasil foram acompanhados no sentido de o acusarem de amenizar, sem critério científico, o colonialismo do passado brasileiro. Todavia, o seu grande crítico Fernando Cardoso, quando Presidente do Brasil, declarou o ano de 2000 como Ano Gilberto Freyre; o ilustre Darcy Ribeiro, marxista ativo e perseguido, também, portanto crítico de Gilberto, deixou escrito o seguinte: assim como a Itália seria outra sem Dante, a Espanha seria outra sem Cervantes, Portugal seria outro sem Camões, o Brasil seria outro sem Gilberto. A *maneira portuguesa de estar no mundo*, que tem de ser recebida sem benefícios de inventário, está certamente entre as causas deste resultado único no desagregar do Império Euromundista, e precisa de ser averiguado com rigor, mas sem rejeição.

c) Isso não impede que avultem neste problema os embaraços que sobretudo resultam da desordem mundial em progresso na ONU, de facto adormecida durante o meio século da Ordem dos Pactos Militares, mais dificuldades específicas dos países em que se dividiu o Terceiro Mundo libertado. Entre tais dificuldades, aponto as seguintes:

1) Enquanto que o Ocidente, responsável pela Carta da ONU, aderiu a um conceito geral de Estados-Democráticos, a heranças de antigas colónias foi a de governo Extrativo, com fronteiras desenhadas em geral por acordo ou desacordo dos colonizadores, invocando não o valor Estado-Nação, mas sim o valor que se traduziu no grito – deixem passar o meu povo. Infelizmente o modelo Estado-Extrativo é o que mais se destaca, designadamente no turbilhão do que os especialistas chamaram – *guerra em toda a parte*.

2) O enfraquecimento da solidariedade Atlântica, com a política errática da Presidência Americana, e, no que nos respeita, a inquieta situação do Brasil, fez com que as famosas previsões do Abade Correia da Serra, ao escrever ao seu amigo Jefferson, considerando que os EUA seriam os orientadores do Norte do Continente, e o Brasil a referência do Sul, estejam em suspenso;

3) A União Europeia, sem conceito estratégico está enfraquecida pela relação enfraquecida dos eleitorados com a governança, atingida pela crise económica e financeira, de facto dividida entre uma Europa Pobre (Chipre, Grécia, Itália, Espanha, Portugal), que é praticamente o antigo Império Romano, e a Europa rica do Norte em relação a esse sul pobre; acresce o Brexit do Reino Unido e o facto de, pela primeira vez na história da Humanidade, estar nas mãos de governantes inquietantes, o poder de destruir a própria terra, bastando pensar na organização da Coreia do Norte, e na fragilização da solidariedade atlântica. Por tudo, a questão do lusotropicalismo, é sobretudo a de aceitar que cada membro dessa União tem de responder às suas exigências específicas, mas sem perder a voz portuguesa de todos, acreditando que o *poder da voz* é capaz de vencer a *voz dos poderes*. Repetirei: ouvindo, com a ONU atenta, a voz do Bispo de Roma, que foram buscar ao fim do mundo.

Belmonte 30/03/2018

ADRIANO MOREIRA FOI CONVIDADO DE HONRA DO 10º COLÓQUIO (BRAGANÇA 2008) FRUTO DO QUAL ACABARIA POR DOAR O SEU ESPÓLIO À CÂMARA LOCAL QUE CRIOU A BIBLIOTECA MUNICIPAL ADRIANO MOREIRA E FOI CONVIDADO DA CÂMARA MUNICIPAL DA LAGOA NO 11º COLÓQUIO EM 2009. DESLOCA-SE AO 29º COLÓQUIO COMO CONVIDADO DE HONRA DA CÂMARA DE BELMONTE

2. AFONSO TEIXEIRA FILHO, USP, BRASIL, AICL



AFONSO TEIXEIRA FILHO, brasileiro, casado, 54 anos. Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo.

Pesquisador da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo e pós-doutorando em Teoria da Tradução pelo Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Defendeu Tese de doutoramento sobre a obra *Finnegans Wake* de James Joyce. É tradutor profissional, tendo exercido até há pouco, pesquisa sobre as traduções para o português do poema de John Milton, *Paraíso perdido*, na Katholieke Universiteit de Leuven (Lovaina), Bélgica. Paralelamente, realiza pesquisa em Filologia Românica, sobre o romance ibérico.

TEMA 4.2. CRITÉRIOS PARA A TRADUÇÃO DO INTRADUZÍVEL AFONSO TEIXEIRA FILHO USP BRASIL UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

O último romance de James Joyce, *Finnegans Wake*, foi escrito em uma linguagem quase indecifrável calcada no inglês. Nele, misturam-se 63 línguas, criando termos híbridos, trocadilhos e outros jogos verbais entre línguas de subgrupos diferentes. O autor fez uso de processos naturais de formação de palavras em inglês, como a aglutinação.

A maioria das traduções para as línguas românicas buscou traduzir os termos joyceanos seguindo os mesmos processos de criação verbal utilizados pelo autor. No entanto, a aglutinação não é um processo comum às línguas românicas. É ele que ocorre em abundância nas traduções para as línguas românicas. Joyce utilizou esse mesmo processo ao traduzir para o francês o capítulo VIII do romance. Percebeu, porém, que isso não funcionava. Posteriormente, ao traduzir a mesma passagem para o italiano, optou por uma técnica diferente, atenta aos sons do italiano e seus processos de formação de palavras. O resultado foi um texto que preservava a musicalidade do original e a fluência do italiano. Em nossa tradução do primeiro capítulo da obra, utilizamos um critério semelhante ao da tradução feita por Joyce para o italiano. Mas se tratava de um texto em português. Onde, no original, houvesse hibridismos de línguas germânicas, na tradução haveria hibridismos de línguas latinas. Para isso, valemo-nos das línguas itálicas, do catalão, do occitano, do mirandês, do romeno, de regionalismos galegos, etc. Quando utilizamos línguas de subfamílias distantes, buscamos sempre termos que tivessem certa proximidade fonética com o português.

1. A obra e seu autor

James Joyce (1882-1941) foi um escritor irlandês vinculado aos movimentos de vanguarda. Autor de um livro de contos, *Dubliners*, crônicas de jornal, crítica literária, alguns livros de poesia, uma peça de teatro, *Exiles*, e dois romances: *Ulysses* e *Finnegans Wake*. *Ulysses* é um romance que apresenta diversas novidades: inova na forma, na maneira de narrar, na linguagem e na forma de tratar o tempo. Demandou muito esforço do autor e tomou-lhe anos de trabalho. A obra baseia-se na *Odisseia* de Homero, mas concentra toda a ação num único dia e numa única cidade, a Dublin de 1904.

Finnegans Wake, por sua vez é uma obra ainda mais densa e penso que já não possa ser considerada um romance. A ação é também concentrada em algumas poucas horas e passa-se num único, uma taverna localizada em Chapelizod, num arrabalde de Dublin. Nessa narrativa, espaço e tempo perdem o sentido. São diversos planos narrativos, que fazem com que a ação se passe no plano da vigília, no plano do sonho e em sonhos dentro de sonhos. A obra é tão enigmática e tão difícil de acompanhar que o melhor é desligar-se da narrativa e concentrar-se nos episódios. Mas a dificuldade da obra não se resume a isso. Temos o problema da linguagem. É quase um idioleto. O inglês é apenas a língua estrutural, sobre a qual são tecidos os trocadilhos e outros jogos verbais envolvendo palavras ou pedaços de palavras de mais de 60 línguas. Basta olhar para umas poucas linhas para entendermos a complexidade linguística da obra:

Sir Tristram, violer d'amores, fr'over the short sea, had passencore rearrived from North Armorica on this side the scraggy isthmus of Europe Minor to wielderfight his penisolate war: nor had topsawyer's rocks by the stream Oconee exaggerated themselfe to Laurens County's gorgios while they went doublin their mumper all the time... (JOYCE, p. 3)

Em vermelho, encontram-se palavras que não pertencem ao léxico inglês. “Violos d’amores”, por exemplo, não se trata apenas de um tocador de viola d’amore, mas de um violador; passencore é a deformação de uma expressão francesa, “pas encore”; “wielderfight” é um trocadilho do termo alemão “wiederfechten” (tornar a lutar) com duas formas do verbo lutar em inglês: “yield” e “fight”; “mumper”, além do sentido próprio (mendigo), é também um trocadilho com o termo “number” (número). Além disso, encontramos acidentes geográficos que não existem, como “North Armorica” e “Europe Minor”, o primeiro deles denotando o norte da França e o segundo a Irlanda.

Em suma, *Finnegans Wake* não é uma obra para ser lida, mas traduzida. Cada pedaço precisa ser decifrado, provado e interpretado. É comum que uma obra literária se baseie em outra obra literária, como é o caso de *Ulysses*. No entanto, *Finnegans Wake* baseia-se em uma obra de filosofia, *La Scienza Nuova* de Giambattista Vico, filósofo barroco italiano. Vico considerava-se o anti-Cartesio, ou seja, um adversário de Descartes. Não acreditava que a nova ciência fosse a Física e sim a História. Para ele, o homem não podia conhecer a natureza, a *physis*, por ser ela uma criação de Deus. Ao homem, só era dado conhecer o que ele próprio criava, a História.

A história humana, segundo Vico, era um ciclo contínuo de três fases e um intervalo: a era divina, a era heroica e a era humana, seguida de uma grande catástrofe que ele denominou “ricorso”, termo que pode ser traduzido por recorrência, visto que dá origem a um novo ciclo; ou por recurso, visto que o termo tem um sentido jurídico. O “ricorso” marca o fim da era humana e desaparecimento da civilização, e coloca o homem em um novo ciclo que recomeça pela era divina, terminando em uma nova era humana, seguida por outra catástrofe e, assim, seguidamente. Cada novo ciclo, no entanto, difere do anterior, assumindo, graficamente, a forma de uma espiral.

Esses ciclos sucessivos não podem terminar, pois o homem vai sempre procrastinando seu encontro com o dia do juízo, dia em que todos nós temos de responder por nossos pecados. Cada “ricorso” seria como uma apelação, um “recurso” jurídico, para o adiamento de uma sentença definitiva.

Joyce apegou-se à estrutura das eras de Vico e divide o *Finnegans Wake* em quatro partes, correspondentes aos três ciclos completos das eras da História, seguidos de um “ricorso” que tem início no último capítulo da obra e fim no primeiro capítulo dela, dando ao livro uma estrutura cíclica, fazendo com que o leitor reinicie uma leitura que nunca terá fim.

O que dissemos até agora sobre essa obra é muito pouco. Há nela diversas citações literárias e musicais. Há nela muitas obras que serviram de base para a estruturação do livro, ainda que a principal seja a *Cienza Nuova*. E há nela tantos símbolos, tantos significados ocultos, tantas alusões que não caberia aqui tratar de cada um deles. E diante de uma escritura tão complexa como essa, como se comportaria um tradutor?

2. As traduções de *Finnegans Wake*

Uma obra da complexidade de *Finnegans Wake* demandaria mais tempo em traduzir do que em compor. Cada linha da obra apresenta dificuldades e muitas delas não podem ser traduzidas com precisão para algumas línguas. Nesta sequência, por exemplo – “but I parse him Persse O'Reilly” (JOYCE, p. 44) –, Joyce transforma um inseto, *Forficula auricularia* (tesourinha ou bicha-tesoura), cujo nome em francês é “perce-oreille”, em um nome próprio com características irlandesas, Persse O'Reilly. Além disso, há, nesse pequeno trecho, um trocadilho entre “parse” e Persse; uma menção a dois revolucionários irlandeses que participaram do levante da Páscoa, em 1916: John O'Reilly e Patrick Pearse. Se o tradutor precisar modificar o nome dessa personagem, terá de tomar o cuidado de preservar aqui a alusão ao inseto, visto que a personagem principal do livro é um sujeito chamado Earwicker, nome próprio que lembra o termo “earwick”, que é como chamam o inseto em inglês.

No entanto, antes de buscar uma solução para as metáforas e jogos de palavras e suas alusões, será preciso entender o sentido correto da passagem. E isso ninguém sabe. Há muitas interpretações. Onde alguns enxergam algo, outros nada veem, ou enxergam muito mais ou veem o que não existe. Com as palavras ocorre o mesmo.

O nome de Sir Tristram, por exemplo, pode ser interpretado de três maneiras: como Sire Amory Tristram, primeiro conde de Howth, topônimo mencionado na linha anterior; como Tristão, da lenda de *Tristão e Isolda*; e como a personagem da obra de Sterne, Tristram Shandy. No entanto, em uma carta à Harriet Weaver (15.11.1926), Joyce diz tratar-se dos dois primeiros e não menciona o terceiro. Portanto, interpretar Sir Tristram como Tristram Shandy seria enxergar além do que enxergou o autor. O problema é que é impossível saber até onde foi seu pensamento. Tudo que ele deixou explicado se refere à primeira página do livro.

O psicólogo Jacques Lacan afirmava que *Finnegans Wake* não podia ser traduzido pois era uma obra que não fazia sentido algum. Segundo ele, *Finnegans Wake* era obra de um esquizofrênico e, aquilo que um esquizofrênico diz não produz sentido.

Seja como for, *Finnegans Wake*, fizesse sentido ou não, foi traduzido, e as traduções procuraram dar sentido à obra. A única delas a concordar com Lacan, a tradução polonesa, procurou fazer uma tradução sem se ocupar muito com o sentido.²

A primeira tradução completa da obra foi feita para o francês por Philippe Lavergne, em 1982. Em 1993, foram publicadas as traduções completas para o alemão (Dieter Stündel) e para o japonês (Naoki Yanase). Em 2002, Bindervoet e Henkes traduziram a obra para o neerlandês e Kim, para o coreano; no ano seguinte, Donaldo Schüler completou a tradução do livro.

Mais recentemente, surgiram duas traduções: uma para o chinês e outra para o polonês. Luigi Schenoni está terminando sua tradução para o italiano e um grupo de tradutores brasileiros está preparando mais uma tradução para o português. Além dessas, há uma tradução completa para francês feita por Halphé Michel, talvez a melhor tradução da obra feita até hoje, mas que não se publicou em livro. Existe apenas na internet.

Fragmentos da obra existem em diversos tamanhos e em diversas línguas. Neste ensaio, trataremos de alguns fragmentos publicados no Brasil na década de 1960 por Augusto e Haroldo de Campos, da tradução francesa de Philippe Lavergne e da tradução brasileira de Donaldo Schüler. trataremos, também, de nossa própria tradução, apresentada em nossa tese de Doutorado na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Nela, dissemos:

O filósofo Giambattista Vico, explica a evolução da linguagem humana de maneira filogenética, ou evolutiva, e ontogênese produto da história individual. Na primeira idade do mundo, Divina, predominava a linguagem mimética, gestual, própria também da criança; na segunda, Heróica, a linguagem analógica, expressa por meio da poesia, própria do jovem. A última, Humana, é a idade da expressão racional, representada pela prosa e estrita ao indivíduo maduro. A linguagem prosaica, por ser racional, é a mais fácil de ser traduzida; a linguagem poética é a mais difícil, porque não se detém no âmbito da razão; e a linguagem mimética não precisa ser traduzida: é a primeira expressão do homem, do que viveu antes da torre de Babel, do homem da língua pura de Benjamin, a Ursprache. (TEIXEIRA FILHO, 2008, p. 83)

Seguindo essa orientação, elaboramos uma tradução poética, aplicando ao texto um português arcaico, permeado por palavras estrangeiras cuja sonoridade não destoasse da sonoridade própria do português e da poesia do texto.

O que faltou à tradução brasileira de Donaldo Schüler foi justamente a musicalidade e a sonoridade. Preocupou-se o tradutor, acima de tudo, com a semântica, recorrendo aos glossários exegéticos elaborados pelos comentadores da obra. Contudo, ao interpretar a obra, fê-lo de maneira pessoal, substituindo, por vezes, as referências que o autor fazia a determinadas obras literárias por preferências do próprio tradutor.

² *Finneganów Tren* (2012). Tradução polonesa de Krzysztof Bartnicki.

Quando Joyce escreve, no início do livro, “past Eve and Adam’s”, referindo-se à capela de Adão e Eva, localizada na ribeira do rio Liffey, o tradutor francês, Philippe Lavergne, lançará mão de uma paráfrase: “pass’Evant notre Adame”. Ocorre, ali, uma transposição do rio Liffey para o rio Senna e da capela de Adão e Eva para a catedral de Nossa Senhora de Paris. Schüler, nessa passagem, não traduziu Joyce, traduziu Lavergne: “Nossenhora d’Ohmem’s”. Dessa forma, referindo-se à igreja de Nossa Senhora do Ó, próxima ao rio Tietê, em São Paulo. O trabalho de tradução mais comentado e elogiado no Brasil foi um livro intitulado *Panorama do Finnegans Wake*, no qual os fundadores da escola poética do Concretismo Brasileiro, os irmãos Augusto e Haroldo de Campos, traduzem alguns fragmentos do livro de James Joyce. O início do texto

riverrun, past Eve and Adam’s, from swerve of shore to bend of bay, brings us by a commodious vicus of recirculation back to Howth Castle and Environs. Sir Tristram, violer d’amores, fr’over the short sea, had passen- core rearrived from North Armorica on this side the scraggy isthmus of Europe Minor to wielderfight his penisolate war: nor had topsawyer’s rocks by the stream Oconee exaggerated themselfe to Laurens County’s gorgios while they went doublin their mumper all the time: nor avoice from afire bellowsed mishe mishe to tauftauf thuartpeatrack: not yet, though venissoon after, had a kidscad buttended a bland old isaac: not yet, though all’s fair in vanessy, were sosie sesthers worth with twone nathandjoe. Rot a peck of pa’s malt had Jhem or Shen brewed by arclight and rory end to the regginbrow was to be seen ringsome on the aqua face. (JOYCE, p. 3)

foi traduzido desta forma:

riocorrente, depois de Eva e Adão, do desvio da praia à dobra da baía, devolve-nos por um commodius vicus de recirculação devolta a Howth Castle Ecercanias.

Sir Tristão, violista d’amores, através o mar breve, não tinha ainda revoltado de Norte Armórica a este lado do áspero istmo da Europa Menor para loucomover sua guerra penisolada: nem tinham os calhões do altom sawyerrador pelo rio Oconee sexagerado aos gorgetos de Laurens County enquanto eles iam dublando os bebêbados todo o tempo: nem avoz de umachama bramurgira mishe mishe a um tautauf tuêspatruístico: nem ainda, embora logo mais veniesse, tinha um novelho esaürido um velho e alquebrando isaac: nem ainda, embora com o unídno nathanjoe. Nem um galão de papamalte haviam Jhem ou Shen recevado à arcaluz e auroras antes o barcoíris fôra visto circularco sobre a aquaface. (CAMPOS, 1971, p. 35)

O grande mérito dessa tradução foi despertar o interesse do leitor brasileiro pela obra de James Joyce. Foi uma das traduções pioneiras no mundo³ e, juntamente com a tradução de *Ulysses*, por Antonio Houaiss, dá início a um período em que a tradução se firma como obra de autoria no Brasil. O termo que abre o fragmento é “riocorrente”, quase um decalque de *riverrun*. Mas vai além disso: “riocorrente” contém o termo da filosofia de Vico *ricorso*, quase sempre traduzido como “recorrência”. Não entendemos, porém, o sentido de se juntar palavras para formar “devolta”, “avoz” e “umachama”, visto que não faria diferença alguma se essas palavras estivessem separadas. Por outro lado, a exegese do texto baseou-se no trabalho pioneiro de Campbell e Robinson, *A Skeleton Key to Finnegans Wake*,⁴ mas inúmeros outros trabalhos de análise, interpretação e elucidação da obra de Joyce vieram à luz posteriormente, revelando outros sentidos que aqueles pioneiros não viram nem tinham como ver.

Embora Joyce, a pedido de Harriet Weaver, tenha explicado algumas palavras do texto, o trabalho dos exegetas procurou elucidar palavra por palavra do texto, dando a elas sentidos que muitas vezes não tinham. Por exemplo, a própria palavra que abre o texto, *riverrun*, poderia ter diversos sentidos:

Erinnerung: (alemão) lembrança; **river Rhone;** **river Rhine;** **riverain;** **reverie;** **reverend;** **riverranno** ou **riveran:** (italiano) tornar a vir; **riverain:** (francês) habitante; **reverons:** (francês) sonhemos; **rief heran:** (alemão) chamou alguém; **Ragnarok:** (norueguês antigo) crepúsculo dos deuses; **liv amhran:** (irlandês) rio Liffey + “cantar”; **Rivalin:** pai de Tristão; **ribhéar a rúin:** (irlandês), “meu querido rio”.

No entanto, não se pode admitir todos esses sentidos de uma só vez. O que sabemos é que o *riverrun* é o rio Liffey, representando, nesse trecho do livro, o ciclo da vida, a sucessão das eras. Mas, afinal, de que trata esse texto misterioso?

3. O sentido das primeiras linhas de *Finnegans Wake*

O texto apresentado acima, extraído da p. 3 de *Finnegans Wake*, começa com letra minúscula. Ele está ligado à última sentença do livro, a qual termina sem um ponto final. É preciso ler o começo do livro como uma continuação do final.

The keys to. Given! A way a last a loved a long the riverrun, past Eve and Adam’s, from swerve of shore to bend of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to Howth Castle and Environs. (Joyce, pp. 628, 3)

Essa ligação, que torna a obra circular, representando os ciclos das eras, representa a transformação da chuva em um caudal que forma o rio que entra na cidade de Dublin. Ao entrar, o rio passa perto da capela franciscana de Adão e Eva (cuja inversão, *Eve and Adam’s* representa o início da vida, proporcionado pelo parto) e vai desaguar na baía de Dublin, dando forma a ela ao fazer um movimento circular. Bordeia a baía um promontório, em cujo alto localiza-se a fortaleza de Howth. Depois, a água do rio, misturada ao mar, se transformará novamente em chuva, para cair na cabeceira do rio.

O trecho seguinte,

Sir Tristram, violer d’amores, fr’over the short sea, had passencore rearrived from North Armorica on this side the scraggy isthmus of Europe Minor to wielderfight his penisolate war: nor had topsawyer’s rocks by the stream Oconee exaggerated themselfe to Laurens County’s gorgios while they went doublin their mumper all the time: nor

³ Publicada pela primeira vez em 1962.

⁴ Publicada pela primeira vez em 1944.

avoice from afire bellowsed mishe mishe to tauftauf thuartpeatrick: not yet, though venissoon after, had a kidscad buttended a bland old isaac: not yet, though all's fair in vanessy, were sosie sesthers wroth with twone nathandjoe. Rot a peck of pa's malt had Jhem or Shen brewed by arclight and rory end to the regginbrow was to be seen ringsome on the aqua face, (JOYCE, p. 3)

se refere a Sir Amory Tristram, primeiro conde de Howth, que, mais tarde, mudou-se para a Bretanha (North Armorica) e passou a ser conhecido como São Lourenço (Laurens County).

Há, aqui, também, uma referência à lenda de Tristão e Isolda. Tristão tocava a viola damore, e violou o leite do tio, ao deitar-se com a esposa dele, Isolda. Mas é Sir Amory Tristram quem atravessa o pequeno istmo da Irlanda (Europe Minor) para travar uma guerra na península (por Isolda = penisolate; só por amor + *penis isolated*). O que se lê, na sequência é a emigração dos irlandeses para a América do Norte (North Armorica), terra de Tom Sawyer e dos lenhadores, estabelecendo-se no condado de Laurens, atravessado pelo rio Oconee. Ali, eles se revelam pelo sotaque característico que têm (dublin; referência também a Dublin), lembrando da conversão de Santa Brígida, uma mulher pagã, que, ao ser convertida ao cristianismo por São Patrício (como São Pedro: thuartpeatrick, “tu és Pedro”) teria dito, ao ver a verdadeira luz da religião católica: “eu sou, eu sou” (em irlandês, *mishe, mishe*).

Mas os irlandeses são, também, conhecidos pelas suas bebedeiras, pelo amor à cerveja e ao uísque, palavra que, em gaélico, significa, simplesmente, água. É a água da vida, que dá origem ao mundo. Por isso, encontramos nessa passagem, várias menções a bebida: old isaac (Old Parr), bland (blend), brewed (fermentação da cerveja). Há, também, algumas menções à Bíblia: isaac, venisson (a caça que Esaú trazia para o pai, Isaaque), sosie sesthers (Susana, Ester), roth (Rute), etc. E, por fim, o “ringsome on the squaface”, uma alusão ao rio Reno, da ópera de Wagner, *O anel do Nibelungo*. O ópera de Wagner serviu para estruturar o romance, pois também é uma obra dividida em quatro partes e que trata do ciclo da vida.

Wagner utiliza, em suas óperas, a partir de *Tristão e Isolda*, de uma técnica que ficou conhecida como *leitmotif*, motivo recorrente (*ricorso*). Em *Finnegans Wake*, o principal *leitmotif* é a personagem Humphrey Chimpden Earwick, cujas iniciais, H.C.E., aparecem ao longo de todo o livro, em diversas formas, como, por exemplo, em Howth Castle and Environs (p. 3, linha 3). Para traduzir a obra, o tradutor não pode negligenciar esses acrônimos, pois seria deixar de lado um símbolo que serve, também, de marcas de passagem na obra.

4. Critérios de tradução

James Joyce, juntamente com outros escritores, propôs-se a traduzir uma passagem do *Finnegans Wake* (até então sem título, conhecido apenas como *Work in Progress*). Várias mãos trabalharam na tradução: Samuel Becket, Eugène Jolas, Paul Léon, Alfred Perron, Ivan Goll, Adrienne Mournier e Philippe Soupault. O resultado não entusiasmou muito Joyce, pois as palavras estrangeiras presentes no original e que, portanto, não precisavam ser traduzidas (quando muito, pouco modificadas), deixavam o texto um pouco duro, sem a fluência do original.

Posteriormente, numa tentativa de traduzir a mesma passagem para o italiano, com a colaboração de Ettore Settani e Nino Franck, o resultado foi diferente. Reproduzimos, a seguir, para ilustrar o método de Joyce, parte de um estudo que desenvolvemos algures.⁵

Ask Lictor Hackett or Lector Reade of Garda Growley or the Boy with the Billyclub. How elster is he a called at all? Qu'appelle? Huges Caput Earlyfouler.

Chiedi a Manganelli, o al Randelloni, o al Mazzaferrata, o al Fracco la Frombola. Che

saarebbe il suo superanome? Hugo Capeto l'Eccellatore.

Demande à Lictor Hackett ou à Lector Noiret ou à Gardar de Norval ou au Boy dit Browning. Comment le prénomme-t-on encore? Hughes Caput Earlyfowler.

Percebemos nessa passagem que a tradução francesa se mantém mais atrelada ao sistema do original, diferentemente da italiana que procura até mesmo modificar os nomes próprios para que tenham sonoridade italiana. Alguns topônimos são eliminados dos trocadilhos: “*elster*” que faz trocadilho com Ulster (a região nordeste da ilha); e outros acrescentados: como Saara em *saarebbe*. As palavras que, no original, estavam em francês (*qu' appelle*)⁶ viraram trocadilho em italiano (*superanome*), mostrando que um recurso criativo (a utilização de termos e expressões estrangeiros) podia ser substituído por outro (trocadilho). Há também uma série de alusões sexuais deformadas em nomes de personagens de comédia popular.

- And letting on hoon var daft about the warbly sangs from over holmen: High hellskirt saw ladies hensmoker lilyhung pigger: and soay and soan and so firth and so forth in a tone sonora and Oom Bothar below like Bheri-Bheri in his sandy cloak, so umvolosy, as deaf as a yawn, the stult!

—Et de faire comme si Hon adourait follement les chansons gozillantes d'au delà de l'armor: —Ya elle square sot ladys insmoking lill et un piqué” et soaytera et soantera et Yangtsé de sweet, dans un —tone sonorall, pendant que Oom Bothar reste en bas dans son manteau de sable tout embirassé et sourd comme un pô, le stupe!

—Facendo finta di sposimare pei cantilanti d'oltramore: lo l'Oscar solletico, smoccogli li un picchetto; e così e colà più ne hai più ne mettì con toce sonora, e zio Zibeppe in cappa di sabbia, sì umvoloso e sodomurto, el belb'!

⁵ TEIXEIRA FILHO, 2008, pp. 100-102.

⁶ Pode ser também o plural italiano de capela: *cappelle*; e um nome de rio —Qu'Appellell (Saskatchewan, Canadá).

Nesse caso, a tradução francesa faz uso, como acontece com o original, de expressões e palavras estrangeiras (no exemplo, inglesas). Na tradução italiana, o rio Lang-Tsé vira “zio Zibeppe”, comprovando que o autor dava maior atenção ao aspecto fônico no caso dessa tradução.

Os pormenores da tradução de —Anna Livia Plurabelle para o italiano aparecem no ensaio de Jacqueline Risset, —Joyce pour Joycell, publicado na revista *Tel Quel* v. 55 (1973). É ela quem demonstra os recursos utilizados nessa tradução. Na conclusão de seu estudo, ela explica de onde Joyce tirou essas idéias: Ao tratar a língua como um grande dialeto, ele não distinguia mais uma da outra. Foi o mesmo processo empregado por Dante na *Commedia*. O próprio Joyce o disse:

Que pai Dante me perdoe, mas eu parti desta técnica de deformação para atingir uma harmonia que vence nossa inteligência, como a música. Você já parou junto a um rio que corre? Seria capaz de dar valores musicais e notas exatas a esse fluxo que lhe enche os ouvidos e o adormece de felicidade? (NESTROVSKI (Org.), 1992, p. 420)⁷

Da mesma forma que Dante usou os dialetos para criar uma língua maior, Joyce usou as línguas para criar uma linguagem maior, ou, uma língua verdadeira, como disse Walter Benjamin: —o que dá conteúdo a seu trabalho [do tradutor] é o grande motivo da integração de várias línguas para formar uma língua verdadeirall (NESTROVSKI (Org.), 1992, p. 420). A língua verdadeira é aquela que se situa entre a da obra e a do tradutor. É a língua de um autor intermediário, o qual, no caso de Joyce, era Dante. A tradução italiana de que Joyce participou é a única que conhecemos que se preocupa com a invenção de uma linguagem própria, e acabou sendo o método escolhido por nós para a tradução do primeiro capítulo do livro, como se verá.⁸ Não será possível seguir à risca o método empregado por Joyce na versão italiana, pois o critério adotado para se traduzir um fragmento pode não ser suficiente para se traduzir a obra por inteiro. Para manter as modificações feitas ao texto pela tradução italiana seria preciso reformular o livro todo: renomear as personagens, modificar cenários, situações, enfim reestruturar toda a obra, deslocando a ação de Dublin para algum lugar na Itália.⁹ O método de Joyce foi o que utilizamos para elaborar a nossa tradução, como já dissemos. Em seguida, reproduzimos um trecho da primeira página do livro, já mostrado anteriormente, e como o traduzimos.¹⁰

*riverrun, past Eve and Adam's, from swerve of shore to bend
of bay, brings us by a commodius vicus of recirculation back to
Howth Castle and Environs.*

*Sir Tristram, violer d'amores, fr'over the short sea, had passen-
core rearrived from North Armorica on this side the scraggy
isthmus of Europe Minor to wielderfight his penisolate war: nor
had topsawyer's rocks by the stream Oconee exaggerated themselves
to Laurens County's gorgios while they went doublin their mumper
all the time: nor avoice from afire bellowsed mishe mishe to
tauftauf thuartpeatrack: not yet, though venissoon after, had a
kidskad buttended a bland old isaac: not yet, though all's fair in
vanessy, were sosie sesthers wroth with twone nathandjoe. Rot a
peck of pa's malt had Jhem or Shen brewed by arclight and rory
end to the regginbrow was to be seen ringsome on the aquaface, (JOYCE, p. 3)¹¹*

*fluminente, eventando o riucurso adante, do desrumo da fraga
até à orla da angra, reavida por um vicomodado recirculoso, devoluta
se para a colina de Howth, o Castelo e o Entorno.
Seo Tristão, violamor, de marilanda alenavara, inda se não
havia arrevultado a passo ancora da Armórica do Norte, no magristmo
da Eiropa Menor, aonde isolou-se forâneo ao quersoneso afuleimar-se
em penoso prélio: nem tão sóia as fragas d'alta serra despenhar pelo regato Oconina
amealhandando-se ao gargalho do concelho laurenciano ao passo que duplicavam a
gorjeta abeternamente: nem a chamejada voz a taufolegar mexe mexe a*

⁷ A citação é de uma conversa de Joyce com Ettore Settani publicada num opúsculo dele chamado *James Joyce* (Veneza, 1955).

⁸ Há uma tradução inédita (*introduction*) para o francês, por Halphé Michel, que se utiliza de uma linguagem própria, inventada para ela (linguagem —qu' ouacll). Ver <http://arvemchelp.france.com/>.

⁹ Foi o que fez Donald Schüler ao deslocar muitos topônimos e referenciais para o Brasil. Por exemplo, ao fazer com que o rio Liffey atravessasse a Freguesia do Ô e passasse pela Bahia antes de suas águas atingirem o promontório de Howth em Dublin; ou substituindo, por exemplo, Sterne e Swift por Machado de Assis e Eça de Queirós, respectivamente (ver JOYCE, 2004, p. 92). Joyce, por sua vez, dizia que o rio Liffey desaguava no Grande Canale de Trieste.

¹⁰ No Apêndice, encontra-se um glossário das palavras utilizadas por Joyce no original, e por nós em nossa tradução.

¹¹ Todas as edições do *Finnegans Wake* têm a mesma quebra de linha.

*crendospadre espetrufara inda não, embora evanesceu assim que o embuste não
baldou discordeirar um velho isaque, suave cego: inda não, embora esteleja sinfeira
a vanidade, as rútilas sestrelas lirigavam com o janota doizum. Depois de levedar
um barril do velho malte do pai, Joanim ou Jocem fermentaram-no no arquilume e
no cabo rórido para que o regialto aparecesse anelhures no renho d'áqua.*

Procuramos seguir a ideia de Vico, dando às passagens que indicavam a primeira das eras, a Era Divina, um caráter poético e primitivo. Para isso, usamos um português arcaizante e demos ao texto uma certa melodia com o uso de assonâncias, aliterações e ritmo. E o ritmo é o próprio ritmo da língua portuguesa.

Substituímos as palavras híbridas de Joyce que foram cunhadas em línguas germânicas, por palavras forjadas em línguas latinas. Enfim, seguimos um critério bastante semelhante, como já dissemos, ao da tradução feita por Joyce para o italiano, mostrada acima.

Mas o uso de termos antigos e a ideia de dar ao texto um aspecto arcaizante teve também relação com a babelização do discurso. A linguagem de *Finnegans Wake* procura remontar à Babel da queda, época em que as línguas começaram a separar-se, mas ainda tinham laços de união. É o início da separação das línguas. É como se Joyce as procurasse juntar de novo.

O estudo filogenético das línguas revela que quanto mais recuamos ao passado das línguas mais as encontramos parecidas. Nesse sentido, Vico tinha razão. E, parece, que foi correta nossa decisão de escrever em um português um tanto antiquado.

5. Glossário

riverrun: irl. *amhran* [pron. /avran/], canto [subst.]: palavra que aparece na introdução às epopéias; fluminente: quatro elementos (lat. *flumen*, rio [água]; al. *luft*, ar; -ente, terminação de continente [terra]; lume, [fogo]), com função subst., participio presente; rio Liffey, Dublin; corredeira; *river:* rivus, rius, rhéo, *rei (lat., lat. vlg., gr., indo-eur.); ing., do lat. vlg. *riparia*, *ripa*, margem; *overrun*, transbordar; alemão *Erinnerung*, lembrança; LM Carta: a palavra *Reverend* inicia algumas cartas; em 628.15-16, há o termo **thousandsthee**, interpretado como “*thou sendest thee*”, representando o fim de uma carta;

Eve and Adam's (*Gênesis*, gênese humana com a mulher precedendo o homem): igreja franciscana localizada à margem do rio Liffey; eventando-se: Eva + passando; Eva: do heb. vida (*hava*), véspera; Adão (poeticamente transformado em nome próprio pela tradição): do heb. homem; *adamah*, terra; *man* – do gótico, *mannan*, corresp. sânscrito *manu*; rio curso: it. *ricorso*, recurso, curso do rio; adante: adiante + Adão; desrumo: alusão à sinuosidade do rio e ao efeito da bebida forte; Dante; *bay:* do lat. tardio, *baía* (também significa louro); do vb. *badare*, estar atento;

Reavida: heb. *hava*, vida, reaver, vida (eco do termo em duas línguas); Commodus: Imperador romano; *commode*, urinol (sin. *jordan*, ref. a Giordano [Bruno]); círculo vicioso, [Giambattista] Vico (circularidade da História); Vico Road, via que sai de Howth para o centro de Dublin; devoluta-se: voluta, ornamento em formato espiral; devolve; vb. luta; HCE (iniciais do nome de Humphrey Chimpden Earwicker, um dos protagonistas do livro): **Howth Castle and Environs**; Howth (pron. /hoit/), din. *hoved*, cabeça: promontório situado na entrada da baía de Dublin, ao norte; entorno: entornar, esvaziar o copo; Castelo: do latim *castelum*, dim. de *castrum*; há também o subst. castro (castelo);

Sir Amory Tristram, Primeiro Duque de Howth, nascido na Armórica: São Lourenço; Tristão da lenda medieval do ciclo arturiano: foi à Irlanda, a pedido de seu tio, o Rei Marcos da Cornualha, para buscar Isolda, princesa da Irlanda, com quem o rei iria se casar; fr. *violer*, estuprar; viola d'amore: port. d'amores; **short Sea**: mar da Irlanda, mar encapelado; *short C* (mús. dó diminuto); aonde fora: forâneo, estrangeiro; fr. *pas encore*, ainda não; ancorou; arrevultara: réu + volta + revolta + vulto; it. *ricorso* (ref. à *Scienza nuova* de Vico);

América (Armórica) do Norte; gír. *scrag*, enforcar-se (ficar sem dinheiro); gr. *isthmus*, pescoço; istmo de Sutton (que liga Howth ao continente); Ásia Menor; neer. *wiel*, roda; al. *wiederfechten*, tornar a lutar; *pen + penis*; *Peninsular War* (primeiro reconto entre Napoleão e Wellington); *isolate + Isolda*; magristmo: magro + istmo;

Top sawyer: serrador (de topo de árvore), Tom Sawyer; Topsawyer's Rock: rochedo situado às margens do rio Oconee, na Georgia (EUA); tão **soiaséia** (Tom Sawyer): soía (vb. soer, repetir); oconina: substância encontrada na cicuta, Oconee; gír. *rocks*, dinheiro; lat. *exaggerare*, empilhar; *themselves*; Dublin, Laurens County, Georgia, Estados Unidos (concelho fundado no séc. XIX por Jonathan Sawyer, o qual Joyce pensava chamar-se Peter; a localidade teve início no local em que a esposa de Sawyer dera à luz; “*Doubling all the time*” pode ser uma ref. ao fato de que a população da cidade dobrava constantemente); Lawrence O'Toole: Bispo de Dublin na época da conquista anglo-normanda;

Gorgios: gentios, aqueles que não são ciganos; desfiladeiro, garganta: ref. na trad. por passo e gorjeta (gratificação para que alguém compre uma bebida, ou molhe a garganta); fr. *gorge*, garganta; **mumper**: *number*, gír. mendigo; *mom* (mamãe) + fr. *père*; abeternamente: heb. *ab*, pai + *em'* mãe;

Chamejada: chama (subst. + vb.), chama do cristianismo, acesa por São Patrício desafiando as ordens reais [fogo]; *bellow*, subst. fole [AR], vb. falar alto; folegar: fôlego (afogar, batizar: gr. *baptimós*, imersão [ÁGUA]) + chamar; **mishe mishe**: irl. —eu sou, eu sou (Santa Brígida teria dito isso quando foi convertida do paganismo para o cristianismo); Êxodo III, 4: —Mas o Senhor vendo-o vir a examinar o que via, chamou-o do meio da sarça [FOGO], e lhe disse: Moisés, Moisés. Ele lhe respondeu: Aqui estou.

Al. *taufen*, imergir [ÁGUA], batizar; **thuartpeatrick**: Mateus XVI, 18: thou art Peter... (tu és Pedro, e sobre esta pedra [TERRA] edificarei a minha igreja): o trocadilho existe no texto remanescente em grego; Joyce usava essa passagem bíblica como justificativa para o excesso de trocadilhos de FW; *peat rick*, pilha de turfa (Irlanda) [TERRA]; *prick*, pênis; São

Patrício; venissoon: *venison*, subst. caça (ref. ao estratagema de Jacó para receber a bênção do pai cego, Isaque); *very soon*; Vanessa (Jonathan Swift: Cadenus and Vanessa; Vanessa e Stella eram as jovens amantes de Swift; Swift foi reitor da catedral de São Patrício.); evanesceu: evanescer + Eva + Vanessa;

Kid, cabrito (ref. cordeiro); *kidskin* (ref. Jacó); *scad*, estratagema; **buttended... isaac**: Isaac Butt (fundador da Home Rule Association; Parnell se juntará a ela e futuramente tomará o lugar de Butt); *cadet*, primogênito (ref. Isaac Butt); **bland** (ref. bebida): *blind* (ref. Isaac Butt e Isaque); Shakespeare, *Macbeth* I.1.11: Fair is foul, and foul is fair; Thackery, *Vanity Fair* (referida no livro de John Bunyan, *Pilgrim Progress*);

Vanessy e sosie sesthers: Swift: Stella e Vanessa: ambas chamavam-se Esther (Johnson e Vanhomrigh, respetivamente); fr. *sosie*, sócia (ref. *Amphitryon* de Molière; Plauto); **sosie sesthers**: Susan, Ester e Rute (mulheres bíblicas que se envolveram com homens mais velhos, como Stella e Vanessa); *two-in-one*; **nathandjoe**: Jonathan invertido: Vanessa fazia um jogo de palavras, no qual fazia o nome de Jonathan Swift derivar de Joseph (José: Gênesis) e Nathan (Natã: 2 Samuel); ligavam: litigavam (Susana significa, etimologicamente, lírio);

Canção “O, Willie brew'd a peck o' malt; Jameson whiskey”; Jafé, Sem e Cam: Shem e Shaun (filhos de HCE, personagem central de FW); cervejaria Guinness; fr. *arc-enciel*; arca de Noé; lat. *roridus*, orvalho; anglo-irl. bloody end to the lie: sem mentiras; Rory O'Connor: último rei da Irlanda na época da conquista de Henrique II;

Al. *Regenbogen*, arco-íris (ref. Noé: a primeira aliança de Deus com seu povo é simbolizada pelo arco-íris, significando o fim do dilúvio; ponte do Valala da mitol. nórdica); **regginbrow**: *brew*. fermentar; **seen**: *seven* (sete cores do arco-íris); anelhores: anel + alhores; ringsome: ref. *Der Ring des Nibelungen* (tetralogia de Wagner); acróstico: ROTA (lat. roda; formado pela primeira letra das quatro últimas palavras); RODA (acróstico formado pela primeira e última letra das duas últimas palavras); Gênesis I, 2: And the Spirit of God moved upon the face of the waters [E o Espírito de Deus era elevado por cima das águas]; **ringsome**: *Das Rheingold*. lat. *aqua*;

1. Referências bibliográficas

CAMPBELL, J.; ROBINSON, H. N. *A Skeleton Key to Finnegans Wake*. Unlocking James Joyce's Masterwork. Novato: New World Library, 2005.

CAMPOS, A.; CAMPOS, H. *Panorama do Finnegans Wake*. São Paulo: , 1971.

JOYCE, J. *Finnegans Wake*. New York: Viking Penguin, 1976.

_____. *Finnegans Wake*. Traduit de l'anglais, présenté et adapté par Philippe Lavergne. Paris: Gallimard, 1982.

_____. *Finnegans Wake / Finnicus Revém*. Livro I, Capítulo I. Introdução, versão, notas: Donaldo Schüler. 2ª edição. Cotia: Ateliê, 2004.

_____. *Finneganów tren*. Przekład Krzysztof Bartnicki. Kraków: Korporacja Halard, 2012.

O'NEILL, P. *Impossible Joyce*. Finnegans Wake. Toronto: University of Toronto Press, 2013.

RISSET, J. Joyce por Joyce. In NESTROVSKI, A. (Org.) *riverrun – Ensaios sobre James Joyce*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

TEIXEIRA FILHO, A. *A noite e as vidas de Renatos Avelar*. Considerações sobre a tradução do primeiro capítulo de *Finnegans Wake* de James Joyce. Tese de doutoramento apresentada na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU NO 18º COLÓQUIO GALIZA 2012, 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS 2014, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015, 27º BELMONTE 2017

3. ALEXANDRE BANHOS, FUNDAÇÃO MEENDINHO E AICL



BRAGANÇA 2010



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



Graciosa 2015

Alexandre Banhos Campo nasceu na cidade da Crunha no ano 54, é licenciado em Ciências Políticas e em Sociologia (especialidade de Demografia e População) pela Universidade Complutense de Madrid.

É membro da AGAL, da que foi Presidente, e com anterioridade ocupara já postos no seu Conselho diretivo. Pertence a diversas organizações da Galiza e da Faixa-Leste da Galiza que são de referência, merecendo destaque especial a Associação Pró-Academia Galega. Foi pessoa envolvida no impulsionamento da constituição da Academia Galega de Língua Portuguesa. É também membro do coletivo Fórum Carvalho Calero, cujo objetivo é pensar e trabalhar sobre assuntos concretos de interesse público e social, e acompanhar a correspondente proposta.

É o Presidente da Fundação Meendinho (declarada de interesse galego. Está ligado ao mundo editor, responsabilizando-se por diversas publicações, como diretor editorial.

É master em Gestom da Formação de Qualidade pela UNED, e especialista em Gestom Económico-financeiro pela USC. Nos anos 2000 a 2005 fez parte da Comissão Geral de Formação Continuada para os Empregados Públicos em todas as administrações e áreas do estado espanhol e da Permanente de dita Comissão, bem como dos órgãos diretivos neste campo da Federação Espanhola de Municípios e Províncias (FEMP).

É membro do Comité Latino-americano de Administração para o Desenvolvimento (CLAD), tendo participado em vários dos seus congressos, e de outros eventos e organismos.

Nos últimos anos tem centrado o seu campo de pesquisa, em pensar o futuro da Galiza desde um hipotético projeto de estatalidade, que bem se pode resumir nos seus contributos ao projeto coletivo ANDA GZ.

Tem publicado sobre direito político e constitucional e sobre a organização dos espaços territoriais desde o ponto de vista da eficácia administrativa e social. Além disso, trabalha nos problemas económicos no quadro da crise sistémica, e a construção des/construção do euro, e Europa.

Tema 2.9. Afonso Henriques, de José Matoso¹². Um espelho da historiografia portuguesa medieval e uma amostra do enquadramento ideológico historiográfico do autor. Alexandre Banhos Campo, Fundação Meendinho,

José Mattoso está conceituado como um dos mais grandes historiadores medievalistas portugueses; os seus trabalhos, sobre todo aqueles que se centram em pesquisa muito determinada e bem estabelecida no espaço e no tempo, som de incomparável qualidade, porém quando os seus trabalhos são gerados no quadro do historicismo, no sentido que lhe atribui Raymon Aron a esse conceito, a história, a construção historiográfica de José Matoso, é dependente do modelo historiográfico castelhano, e mais que achegar dados, insere os dados no seu construto ideológico de Portugal. A sua obra Afonso Henriques é a última da sua produção e viu a luz no quadro dos 900 anos do primeiro rei do reino, não sendo a única sobre a matéria, o que nos permite fazer algumas comparações.

- *Afonso Henriques como motor gerador da nacionalidade portuguesa. Quais os alicerces da nacionalidade na obra.*
- *Esses alicerces a luz de outros textos de José Mattoso, ou desvendando a construção ideológica que se faz.*
- *O seu Afonso Henriques e alguns outros Afonsos Henriques*

José Mattoso é historiador de grande rigor científico, no manuseamento dos dados, e no jeito de levá-los à tona. É provavelmente o mais competente e rigoroso dos historiadores medievalistas portugueses, e os seus trabalhos e análises quando entram no pormenor dos feitos, são de qualidade mais que sobranceira, uma referência. Portugal é um estado, um povo, pode-se dizer inexistente antes que cingira sua coroa D. Afonso Henriques, o beato Afonso Henriques, já que como tal foi proclamado pela Igreja de Roma, dir-se-á ainda mais, Portugal para não poucos dos seus historiadores nasce na pequena batalha de São Mamede de 24 de julho de 1128, numa espécie de facto milagroso, que “*libertou o país*”. -José Mattoso disse; todavia logo apresenta o nascimento do reino como um processo acumulativo de factos e acasos, mas não é imune ao fascínio de São Mamede.

-Um problema que tem a historiografia portuguesa?

Tem, há um problema muito particular. Pode-se dizer que até o nascimento *milagroso* de Portugal **reino**, a partir do ato seminal gerador da batalha de São Mamede, até daquela eram

¹² <https://www.wook.pt/livro/d-afonso-henriques-jose-mattoso/196811>.

Sinopse do [livro](#), que figura na sua contracapa:

Personagem oculta por inúmeras e sucessivas camadas de interpretações ideológicas, quer eruditas quer populares, a figura verídica do nosso primeiro Rei só muito hipoteticamente se pode reconstituir nas suas dimensões históricas. O mito sobrepõe-se, teimosamente, à história. Mas pode-se tentar descobrir como nasceram as narrativas tecidas em torno da sua personalidade, examinar o sentido que tinham quando apareceram e reconstituir os sucessos de que Afonso Henriques foi protagonista. Se não é possível traçar-lhe o retrato preciso, pode-se, ao menos, estudar as suas orientações políticas e administrativas, conhecer os seus principais auxiliares e justificar o êxito da sua obra. Apesar de assim desaparecer o herói sobrenatural, toma inegável relevo o seu talento político e militar e, por conseguinte, o seu direito a ser de facto considerado o rei fundador de Portugal.

os seus habitantes galegos, só galegos, a definição de português não era incompatível com a pertença geral a condição de galegos, como galegos conquistam Lisboa – Como exprime Saramago no seu romance *O Cerco de Lisboa*, como se exprime em muita documentação antiga do reino de Portugal até à entrada do século XV. E que era a nossa língua, pois o galego. E que gerou o nascimento do ato seminal do reino de Portugal? Um conflito entre galegos, um conflito por quem era a cabeça da Galiza, quem o fora sempre, Braga¹³, ou a recém-chegada Compostela e a sua praga do Compostelanismo¹⁴ e as suas conceções.

Mas os galegos da Galiza (sob Castela/espanha), os que continuaram a usufruírem o nome, não são Portugal¹⁵, nem nunca o foram, salvo a sua faixa mais inferior, que sim formou parte do Condado Portucalense durante toda a sua existência¹⁶, e isso sim que é um problema para a historiografia portuguesa...a que se tenta responder com um construto ideológico, e esse construto rebota contra os dados e resulta um verdadeiro espanto, quando o historiador achega os dados bem honradamente, como no presente caso. José Mattoso na obra *D. Afonso Henriques*, examina toda a documentação existente com rigor e de jeito bem honrado, o que vai fazer ressaltar as contradições que se querem descobrir, e que leva a dizer mais duma vez que ele não entende, não tem os dados explicativos, de que se produzirem certas coisas..., pois os dados não se vão corresponder nunca a um conflito entre os portugueses e a sua identidade com a dos galegos diferentes¹⁷, preconceito ideológico, que forma parte da conceção do que é a identidade nacional portuguesa desde a sua raiz e origem.

-1. - A historiografia castelhanista, ou espa(ñ)olista, paira sobre a obra de Matoso.

A poderosa historiografia castelhana e castelhanista, mais que de Castela, determinou a centralidade de Castela, transmutada em *España* (Castela/espanha), e essa realidade perde para os historiadores a sua condição de categoria histórica, pois projeta-se Castela como realidade que cai mais alá do tempo histórico, já que como *españa* converte-se, em realidade permanente e a-histórica nessa ideologia historiográfica. E logicamente essa historiografia marca os outros reinos ibéricos, em função de qual é o projeto historiográfico nacional Castelhana.

José Mattoso, constrói um Portugal, reino nascente, que na sua interação, no quadro peninsular, se insere no quadro ideológico da historiografia Castelanista. E insere-se porque Castela¹⁸ que em realidade não existia como tal reino, já que até 1157¹⁹ não aparece esse reino com continuidade histórica, e isso é, após nascer o reino de Portugal; mas no texto de

¹³E por isso segue sendo a Sé primaz de Portugal

¹⁴Vontade política (e além) de desde a Galiza marcar a ação política na Hespânia, e conceber a Galiza como ator político principal no palco espanha, A Igreja de Compostela funcionou sempre nessa linha, a começar pela sua figura marcante Diogo Gelmirez. (Tiago ser padroeiro da espanha - Castela/espanha -). O Sant que deveríamos ter como padroeiro portugueses e galegos é São Martinho de Dume, cuja festa é o 17 de março). Para o Compostelanismo Portugal não é espanha. E por tanto pouco ou nada lhe diz. Não pouco nacionalismo galego, é neocompostelanista, é ex. disso a historiografia nacionalista dum Anselmo López Carrera. O invento do sártego de São Tiago foi determinante para devir no arredamento da Galiza da Faixa Atlântica, e para que o reino de Portugal viera a nascer. Itália não se unificou no renascimento por terem ROMA lá, e nós arredamo-nos do resto do espaço da faixa ocidental por termos Compostela cá. Eu acho que a capital da Comunidade Autónoma da Galiza tinha que estar em Lugo, para alonga-la de essa mala influência telúrica compostelã, equilibrar o território, e por ser Lugo a cabeça histórica da Galiza ártabra, o seu convento norte.

¹⁵E hoje em realidade -a Galiza sob Castela/espanha-, é/somos periferia de Castela, com tudo o que isso significa, e é bem mau para Portugal. (Acho que a Galiza sob Castela pode ser mais uma alavanca para Castela acabar deglutindo Portugal...por isso não me parecem mal as prevenções portuguesas frente aos galegos que continuaram usufruindo o nome, mas que não agem no certo como tais). Isso é o nosso comportamento coletivo, que corresponde de facto a essa condição de periferia de Castela, o chamado nacionalismo galego, e na sua maior parte um jeito heterodoxo (Salvador Mourello) de se ser espanhol (da Castela/espanha), que parece grande cousa, porque Castela nem heterodoxias suporta.

¹⁶Mattoso isso esquece, pois para ele a fronteira no Minho e como um mandato do céu.

¹⁷Os avanços na genética, os mapas genómicos, a análise de modificações genéticas produzidas em populações a respeito de outras, por exemplo a variante do cancro de mama comum etc., todo isto vem-nos descobrir que a faixa ocidental peninsular até o Tejo, geneticamente é uma unidade contrastiva com o resto da península e do mundo.,

¹⁸Uma pequena olhada na origem do termo Castela na península. A primeira vez que em documentos peninsulares aparece o termo Castela, ele vai-se referir a realidades do ocidente peninsular, pois vai aparecer na Chronica de Idácio o bispo de Chaves (Aqua Flaviae) (388-470), e figura chave para sabermos do nascimento do *Regnum da Gallaecia* ou dos Suevos, com cabeça em Braga. Na Chronica ao falar da resistência a invasão germana se aponta: "*Spani per civitates e Castella residui a plagis barbarorum per provincias dominatum se subiciunt servituti*" (os hispanos das cidades e Castela que sobreviveram aos desastres se submeteram a servudume dos bárbaros que dominavam as províncias). Há que entender Castela, não tanto como castelos, que não havia tais, se não como lugares fortificados ou de jeito natural a castelados, e dizer antigos castros. A resistência aos muçulmanos e sua dominação na parte leste do reino da Galiza-Leão, nas atuais províncias de Biscaia, Alava, Rioja, fazia-se igual que na crónica Idaciana desde as Castelas, nesse território abundante. Posteriormente essa abundância de Castelas mais naturais que verdadeiros Castelos, deu lugar ao nome do território, que curiosamente esse território originário do termo Castela hoje não o possui nem o usa. O dialeto Castelhana, supõe uma rutura nas falas peninsulares, pois rompe o continuum que iva do galaico ao aragonês. O Dialeto castelhana foi o resultado do romance passado pelos falares dos vascos e o limitado do seu repertório vocálico. Nas primeiras referências a termos castelhanos aparecidos em textos de mosteiros, não é raro aparecerem lá ao lado as traduções ao euscara o que nos fala do bilinguismo dos seus autores, só sob o domínio do vasco é de Castella passou ai.

http://www.cervantes.es/imagenes/file/biblioteca/situacion_espanol/lenqua_%20vasca_vs_espanola.pdf

¹⁹No ano 867 (sob Afonso III), nasce o Condado de Castela, no espaço Biscaíno, Alavés. Esse condado frente ao modelo do condado de Portugal durante a sua existência, não mantém a continuidade histórica. No ano de 1065 aparece pela primeira vez o reino de Castela. Primeiro rei Sancho I (1065-1072) a historiografia castelhanista designa-o como Sancho II, Pois Fernando I o Magno da Galiza-Leão, a sua morte reparte o reino entre os seus filhos, Garcia (Galiza) Afonso (Leão (VI)), Sancho (Castela). Em menos de dous anos Afonso, acabou com a vida de Sancho, de aí a limitação temporal da existência de essa primeira vez como reino. No ano 1057 a morte de Afonso VII, volve se repartir o reino, e Sancho II recebe Castela (1057-1058) A historiografia castelhanista chama-lhe Sancho III. No ano 1058, temos Afonso I (1158-1214), a historiografia castelhanista designa-o como Afonso VIII. No ano 1217 Fernando I, a historiografia castelhanista designa-o como Fernando III. Em 1232 (a intervenção de Compostela perante o papado faz que não serva o testamento de Afonso VIII da Galiza/Leão (IX na historiografia castelhanista); e os seus reinos passem a estar sob Castela.

Matoso, Castela, está sempre presente como realidade determinante peninsular, e está porque a sua Castela é a que é projetada pela historiografia castelhanista.

Só a título de exemplo, ainda que a referência é constante, e paira por cima do que ele redige.

“Nasce Afonso Henriques 1109, num momento muito agitado dos poderes em presença Leão e Castela”. Sempre isso vai ser assim, os poderes são Leão e Castela. Iremos ter muitas referências à Galiza. Porém a sua Galiza não são poderes, e um contraste de ruindades.

Mattoso, chega a designar Toledo, o reino de Toledo que como tal foi incorporado por Afonso VI²⁰ seu conquistador - como *a estremadura de Castela* - o qual é **toda uma declaração de princípios. Para ele Afonso VI, de ser algo, é castelhano.**

Quando Gelmirez vai coroar rei da Galiza a Afonso VII (Reimundes) em 1111 com seis anos, esquece Mattoso que também foi coroado no mesmo momento rei de Toledo, o qual amossa bem às claras, qual era a visão peninsular do Compostelanismo²¹ no seu projeto de ser o primaz, e o ridículo de essa estremadura, projetando no centro peninsular um arremedo da realidade galaico-leonesa²².

Pode que haja portugueses, e lusófonos em geral, que percebam em mim galego, como um tentar vingar-me de algo que nalguma medida pode ter-me ofendido, ante isso e mais uma vez reitero:

Como galego sustenho que a cousa mais maravilhosa, que nos podia ter passado aos galegos e galegas, foi o nascimento de Portugal, é quem na Galiza não for orgulhoso de Portugal e a sua história não é merecente de consideração, e quem não sente Portugal como a pátria livre que não temos, poder-se-á afirmar todo o galego que se quiser, mas não chegará além dum *español* (castelhano/espanhol) bocado heterodoxo²³.

O primeiro problema que os galegos achamos com Portugal e os portugueses, é o facto dos portugueses, muito parecerem-se connosco.

E nós galegos, afeitos a sermos submetidos pelos castelhanos, nesse grande povo que é Portugal, aguardávamos, que viríamos achar uma outra variante do castelhano modo, e vão dar no bom e no mau com uns bem semelhantes e apurados, dos seus melhores, e nalgum raro caso, piores extremos²⁴.

Também os galegos somos um problema para os portugueses. Não respondemos ao modelo que dos espanhóis se tem em Portugal, parecemo-nos demais a eles, mas sendo muito menos polidos.... Brutos galegos, burros galegos; como poderia se exprimir um Zé português qualquer, e além disso falamos bem mal a nossa língua portuguesa, atrapalhada pela miscigenação de estarmos submetidos à imposição castelhana, que nos erode e nos mata num banimento implacável como povo.

Como poderia dizer o Abade de Jazente, Paulino António Cabral, no seu soneto intitulado Felicidade Geral:

Portugal, que era rústico algum dia (galego)

Incivil trapalhão, mal-amanhado.

*Está (graças a França) tão mudado,
que o mesmo já não é que ser soia²⁵*

Mas os galegos seguimos a ser os trapalhões mal-amanhados, e não por acaso, galego segue a ser alcume que se jogam sobre sim os portugueses - uns sobre os outros - quando não apresentam a polidez estendida desde a Corte por todo lado.

-2. - José Mattoso: O quadro de partida do nascimento de Portugal de Afonso Henriques

²⁰Afonso VI nascera em Caldas de Reis, (perto de Ponte Vedra, onde fora criado, a sua língua foi sempre foi a nossa, que era a da corte na altura. Em crónica do bispo de Toledo, pouco depois, fala-se da dor pela morte do seu único filho (nascido da sua relação com a muçulmana que fora mulher do rei de Córdova): *Ay meu filho! Alegria do meu coração et lumedos meus olhos, solaz da minha velheçe! Ay espelho em que me soya veer, et comque tomava muy grand prazer! Ay meu herdeyro mor! Cavaleyros, hu me loleixastes? Dade-me meu filho Condes!*

²¹Rex e Regina, Urraca, Afonso Reimunde e a Monarquia Galega. Xosé António López Teixeira. Editorial Toxos-Soutos

²²Uma vez que tiremos os óculos que a historiografia castelhana dominante colocou no olhar sobre a península, e em cujo quadro se insere a historiografia portuguesa, ela autónoma e suficiente, mas sem questionar o quadro peninsular, percebermos imos, bem desseguida, o construto artificial criado para explicar o nascimento de Portugal, que nesse contexto acaba por ser percebido como milagre. (Milagre é algo que não poder ser explicado por sim próprio)

²³Sei que isso é um bocado esquisito para um português qualquer, como não se farta de nós dizer Fernando Venâncio nos fóruns interneticos da Galiza, pois sente como o seu Portugal a nação europeia mais velha e mais estavelmente formada, fosse questionada e se andasse a lhe tirar a terra de sob os pés, mas a cousa não é assim, se não tudo o contrário.

²⁴Nas classes altas e abastadas portuguesas, há vigorante um fascínio por espanha, por castela/espanha, que agacha, neste momento a falta de um **projeto nacional de futuro para o país**, e que infelizmente não me faz feliz. Como diz a minha nora, catalã de nação, a morar no Porto. É incrível o felizes que se sentem os portugueses de se exprimirem em castelhano, até quando tu afirmas que queres falar português, parece cousa de doidos, e diz-me ela, eu passo-me ao inglês.

²⁵<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6341.pdf>

A Construção da nação:

“Afonso Henriques, personagem carregada tão de sentido” ... “Afonso Henriques...Miticamente apresentado como o fundador da nação. O facto de ter sido o criador do estado (não no sentido moderno, mas no sentido de organismo político que permite, a partir de 1143 falar de Portugal como um país independente) imprime-lhe um sentido que transcende a sua personalidade individual”

“Como se sabe mesmo nas formulações mais simples, a ideia de nação surge de alguma maneira investida de valor eterno, por tanto sagrado”²⁶.

“De facto a memória coletiva da nação foi-se constituindo muito mais através desses processos (mitos) que através de conhecimento de verdadeiros factos históricos”²⁷.

Temos um facto na sua apresentação, **Portugal (nação) é por cima de qualquer coisa, a construção dum homem Afonso Henriques**. O quadro do nascimento do reino de Portugal, é a sociedade Feudal, que Mattoso descreve muito bem, mas que logo na sua paixão de continuo vai esquecer, ao inçar com perspetiva nacional moderna o que naquela altura não o era. Na Sociedade feudal da altura, o reino, não representa nunca uma nação nem nada parecido, é uma propriedade do rei onde este exerce o seu domínio, e como tal é reconhecido, que pode dividir, partir, emprestar, dar, transmitir, como qualquer outra propriedade. O tipo de laços que unem os súbditos com o rei, são dos mais diversos, assim como o rei pode estar submetido também a outros poderes que ache por cima. Afonso Henriques já reconhecido como tal na sua plena autonomia pela cúria imperial – a corte de Afonso VII –, ainda que sem usar o nome de rei, mas exercendo como tal, presta vassalagem a Afonso VII imperador em Tui em 1137, é dizer aceita feudalmente a Afonso VII como imperador, sem que isso suponha nenhum desmérito ou minoração da condição de reino de Portugal, e do que ele está construindo.

O reino de Afonso Henriques não tem repartição das finanças (como diz Mattoso) nem cobra impostos, nem impõe normas, em muito baixo grau, como fazem os reinos medievais que na altura há por todo lado na Europa. Ser **rei** é muita coisa e a vez e muito pouca coisa, pois muitos senhores podem ter tanto poder como o rei e dispor da sua plena autonomia. De facto, a ideia duma cabeça lugar da corte permanente do reino ainda não existe, pois realmente o lugar central do reino, ele está lá onde o rei andar, seja, nos seus paços e nas suas herdades e com súbditos que lhe dão serviços por serem seus servos. Ou nos paços e herdades de aqueles senhores que feudalmente são seus vassalos. É a liderança guerreira, e o negócio²⁸ da guerra, o elemento chave para a liderança real. E Afonso Henriques nisso teve sucesso, sucesso que foi acompanhado e abençoado sempre por quem fornecia os reconhecimentos e a aparelhagem ideológica da época, e igreja e no caso de Portugal a sua cabeça, Braga.

O primeiro e mais longo dos capítulos da obra, chama-se “A juventude dum predestinado”. Logo de se passar nos bicos dos pés, sobre a polémica levantada na derradeira década do século XX sobre o verdadeiro lugar berço de Afonso Henriques, que Mattoso não encerra categoricamente, como sim faz Barroso da Fonte na sua bem documentada e muito apaixonada obra, *D. Afonso Henriques 900 anos*²⁹, na que afirma a inquestionável realidade de Guimarães como localidade berço do Pai fundador da Pátria. Afonso Henriques nasce, em 1109, ainda que das fontes se poderia inferir que isso houvesse tido lugar no 1110 ou 1111, Porém isso a Mattoso supõe, e assim o afirma, que Afonso Henriques na batalha chave de São Mamede andasse na casa dos 15 ou 16 anos, demasiado novo para ter liderança de tanta transcendência nessa batalha, que vai estar na origem do reino.

²⁶Introdução página 19, primeiro parágrafo

²⁷Introdução página 20, primeiro parágrafo

²⁸A guerra foi desde os inícios o principal dos negócios económicos, o jeito mais rápido de acumular capital. E frente a isso, a esse negócio, nasceu a legitimidade da defesa. Os espartanos treinavam aos futuros soldados no roubo, como um jeito de fazer deles bons e habilidosos soldados. Quem vai convencer aos vencedores de que a guerra não compensa, exprimiu Albert Einstein, -esse é o cerne do problema da paz

²⁹<http://saladevisitasdominho.blogspot.com.es/2011/09/barroso-da-fonte-edita-monumental-obra.html>

Afonso Henriques era filho de Henrique de Borgonha e de Teresa, filha bastarda do rei da Galiza³⁰, Leão, Castela e Toledo, Afonso VI³¹, e originária por parte de mãe e pai no Berzo³². Henrique de Borgonha estava submetido a Raimundo de Borgonha, que fora casado com a filha **legítima e herdeira de Afonso VI**³³, e a quem estava destinado o reino da Galiza. Henrique de Borgonha tinha as responsabilidades da Galiza na sua estrema sul, no que era o antigo condado portugalense, constituído no Porto no 868, e suprimido pelo rei Garcia³⁴ após a batalha do Pedroso em 1070. **E nunca mais restabelecido como tal.**

Mattoso aceita no seu livro que o Condado não existia em polo menos três citações³⁵. Isso era óbvio, mas como isso põe uma questão historiográfica de altura, pois para a história se diria que Portugal e a consolidação de uma realidade preexistente, a do condado portugalense transformado por maturação social em reino. O resultado é que para o próprio Mattoso a realidade do Condado está sempre presente em todo o que vai escrevendo. Se Afonso Henriques nem uma só vez na vida usou o título de Conde de Portucale, mão foi por não sê-lo e sim por estimar em muito a sua dignidade e não querer com o título de Conde rebaixá-la. Tampouco foi conde de Portucale, Henrique de Borgonha o pai do nosso primeiro rei. Morto Raimundo de Borgonha (1107) - da sua mesma nationis - e a quem estava submetido, Henrique de Borgonha não fica *tranquilo nos seus (presumidos) domínios*, e no seu paço de Guimarães com a sua esposa dona Teresa, se não que se traslada a corte de Afonso VI em Toledo. No ano de 1108 é expulsado da corte pelo rei irado contra ele. Segundo Mattoso é provável que uma vez expulso, se traslade a Borgonha³⁶

Em 1109 morre Afonso VI, e pouco depois aparece por Guimarães e na altura parece que vai enfrentar revoltas na estrema sul do reino. Em Coimbra a volta faz uma doação ao mosteiro de Lorvão³⁷. Ele desloca-se a corte de Urraca a quem o seu pai no último momento impõe um matrimónio com o doido rei de Aragão, Afonso o Batalhador. Em 1110 está com a rainha em Aragão. Henrique vai estar quase que permanentemente com Afonso de Aragão ou ao lado da rainha Urraca, e nos enfrentamentos que vão descolar entre esta e o doido rei da Aragão, seu marido, (não reconhecido pelo Papa), Henrique vai lutar primeiro ao lado do rei de Aragão e depois pela rainha em diversos lugares, incluído o cerco e batalha ao rei de Aragão em Carrion. Isso vai ser pagado pela rainha Urraca fazendo-lhe entrega das vilas de Astorga e Samora. Que sentido teria essa entrega de essas vilas de importância não muito grande, além de ter sido Astorga cabeça de convento na Galiza romana, a quem se supõe, por Mattoso (e muitos outros) que era cabeça/conde do poderoso Condado de Portugal. Estando em Astorga em maio de 1112 Henrique de Borgonha falece. Deixa viúva a Teresa que ainda não chegou aos trinta anos e um filho que na melhor das hipóteses tinha 3 anos.

O nosso futuro primeiro rei, vai ser educado por um aio (Egas Moniz) e sob o cuidado e supervisão de **Paio Mendes, bispo de Braga, com quem vai estar sempre, até durante o desterro do bispo**. O papel do bispo, José Mattoso, reconhece-o, mas não o eleva, pois isso vai contra a “construção social da nação - pelos poderosos homens de Portugal”, pondo por cima o Aio. Mas aí tem um problema a historiografia e o historiador, Egas Moniz tem poses em muitos lados, mas parece do apuramento dos dados ser ele do norte do Rio Minho, de Toronho. Como isso faz problemas ao seu construto, como veremos passa nos bicos dos pés, e a cousa fica em que não está clara a origem do aio.

³⁰Para ele ficara o reino de Leão, ao seu irmão Sancho Castela (foi o primeiro rei que houve em Castela), a Garcia Galiza e as suas duas irmãs as praças de Samora e Toro. Mediante assassinatos e a trapaçarias apoderou-se dos reinos dos irmãos.

³¹Afonso VI foi um rei que não só passou a história por ser o conquistador de Toledo, senão pela sua complicada vida familiar. Afonso tem cinco matrimónios, vários concubinatos estáveis e relações com várias mulheres, do que ao final só vão resultar filhas sobreviventes. Um dos matrimónios de Afonso VI, o segundo e de mais duração (até o seu falecimento em 1093, foi com Constança de Borgonha (do que sobreviveu a filha Urraca); este matrimónio levava-o a ter certa estabilidade de relações com Borgonha, e que para a corte viessem desde Borgonha vários cavaleiros, tais como os nobres borguinhões Raimundo e Henrique. No ano 1090, o Rei Afonso casou a sua filha e herdeira Urraca, com Raimundo de Borgonha, matrimónio ao que se garante o reino da Galiza à sua morte. Raimundo muito faz por agradar ao Rei, fortalece a cidade estratégica, por estar na fronteira sul, de Ávila, e dirige contínuas guerras contra o domínio muçulmano, especialmente no sul da Galiza. Outro nobre borguinhão que veu à corte, vai ser Henrique, e a quem o rei casa no ano 1095 com uma outra filha sua, Teresa, uma mocinha duns 9 ou 10 anos, resultado dumas suas relações com uma moça de nome Ximena Nunes, e de quem não se conhece título nenhum. Do matrimónio-concubinato com a viúva do rei de Córdova (a muçulmana Zaida –ainda que a historiografia a cristianizou como Isabel) teve com ela duas filhas e o seu único filho. A relação nasceu sendo ela a esposa do rei de Córdova, viúva que passou a ser a sua concubina mais estável, e logo viúvo, acabaram casando. O filho que com ela foi, Sancho a quem muito amava. Este filho era o seu olho e a quem queria de herdeiro de Castela, e de Toledo, porém morreu na batalha de Uclés (o ano 1108, tinha o filho 17 ou 18 anos) e isso dá-nos para conhecermos na crónica De Rerum Hispaniae do bispo de Toledo (cidade que Afonso conquistara), o pranto do rei pelo seu filho (*Ay meu filho! Ay meu filho, alegria do meu coração e lume de meus olhos, solaz de miã velhece! Ay meu espelho em que me soia veer e com que tomava grande prazer! Ay meu herdeiro mor. Cavaleiros u me lo leixaste? Dade-me o meu fillo, Condes!* – o qual aparece inserido no texto latino na nossa língua portuguesa (ainda que aquela se chamasse galego), o que nos vem a falar de qual era a língua palaciana, a língua dos reis, do poder e da corte.

³²Ao Berzo zona da Galiza, Mattoso situa-o em Leão/Castela. O nome na nossa língua é Berzo, chamado hoje em castelhano de Bierzo, procede dum Bergidum latino, e no baixo latim aparecia como Berzio. Mattoso na toponímia da Galiza sob Castela, segue as diretrizes madrilenas vigerantes do franquismo.

³³Como explica Mattoso, na península e nessa altura era comum chamar a todos os filhos do rei independentemente das suas responsabilidades, **de reis**, e coloca vários exemplos.

³⁴Garcia esse rei que por querer como centro do reino a Braga, foi vendido por Compostela a Afonso VI de Leão, para realizar com o irmão um crime)

³⁵Barroso da Fonte sobre o seu livro *Afonso Henriques 900 anos*, falando comigo sobre a sua obra, comentava-me: O que mais me espantou foi descobrir ao pesquisar a documentação da altura que o Condado de Portugal não vai mais existir uma vez foi suprimido, e em realidade o reino não se vai ajustar aos limites históricos do Condado ainda que si houve bem de intentos de recuperar territórios que foram no seu dia do Condado, e que acabaram ficando na atual Galiza e Samora. (Montalegre novembro de 2011)

³⁶Isso faz difícil que o nascimento de Afonso Henriques seja no 1109 e não no 1110 ou 1111 como se discute por outros historiadores, ainda que Mattoso afirma que em outubro de 1109, já está em Coimbra. Mas como vai coincidir a sua volta e o nascimento.

³⁷Fora fundado no ano 924 e na altura a ata fundacional diz, *In finibus Gallaecia* (por lá andava a estrema do reino)

-3. - A Luta Portugal - Galiza

Eis o que diz Mattoso, e que vai ser fonte constante de problemas e contradições com seu esforço sistemático por apurar bem os dados, que partem da seguinte **declaração que é para ele tautológica**:

Há um enfrentamento entre duas realidades distintas que são Portugal e Galiza: *“Parece claro que se verifica um processo de evolução rápida a partir dum estadio caracterizado por uma certa indefinição inicial, mas que de presa se transforma como consequência da evidente oposição de interesses entre portugueses e galegos”³⁸*

O conflito Compostela Braga, pela condição de primaz da Galiza, pelo controle das dioceses Lusitanas, conflito bem duro de Gelmirez – Paio Mendes, para Mattoso representa um conflito entre portugueses e galegos.

E aí aparece um problema não menor e que em várias ocasiões põe Mattoso de relevo, que é que na documentação da altura o termo galego é conflituoso pois tanto o usam os do norte do Minho como os de Portugal. Mattoso para resolver o problema recorre a um artifício, “Os galegos vinham do além-Minho³⁹ da Galiza” e aos outros quando necessário de acordo a documentação chama de galaicos, e ao território de Gallaecia, para afirmar assim um contraste, **mas nunca de galegos**, indivíduos diferentes e com os que era impossível o entendimento.

Mattoso no seu trabalho honrado fornece múltiplos dados do enfrentamento de Braga com Compostela, mas sempre tirando isso do centro do problema, pois Mattoso, assume duas cousas: Portugal constitui-se numas fronteiras que são as que separam galegos e portugueses, o Minho, e essas fronteiras para ele têm um caráter mágico que determinam de forma inapelável a condição dos que estão ao um lado e ao outro desse limes. Quando Afonso Henriques tinha atividade ao norte do Minho, que teve bastante, e Mattoso fornece os dados, como líder e como Rei, tanto fazendo doações a mosteiros como reclamando o submetimento a ele dos senhores de Toronho e a Límia (e não só) territórios que foram do condado portugalense desde a primeira hora; -porém esse dado não aparece nem se cita, pois supõe discutir fronteiras que para Mattoso estão inscritas em pedra por Deus mesmo -, e todo se volve num conflito feudal, e não no que realmente aparece, e vai ser *leit motiv* do reino constituído⁴⁰, para que as suas fronteiras pelo norte sejam as do velho condado de Portucale. Ele nesse tema fala como um Sánchez Alborno⁴¹.

Tampouco aparece nunca⁴², que Braga, pouco a pouco e além da diocese de Compostela e alguma outra cousa, acabou não sendo só primaz de Portugal, por ser a cabeça da Galiza, se não que continuou sendo a cabeça religiosa da maioria das instituições religiosas da Galiza, do território da Galiza romana incluído Leão, e que isso se manteve assim até que após a batalha de Toro (1476) de Castela frente as tropas portuguesas de Afonso V, a Galiza é submetidas pelos reis chamados católicos a sangue e lume em longa guerra terrorista, ela bem longa desde 1476 ate 1489, e é daquela quando a Braga se lhe retira todo domínio sobre assuntos religiosos na Galiza que não constituiu Portugal, e passa a depender a Galiza de Castela, de onde vão vir os cargos religiosos que exerceram nela os seguintes 450 anos.

-4. - A Batalha de São Mamede, a isca da nacionalidade

Na Batalha de São Mamede, se enfrentam os interesses **galegos e portugueses**. segundo Mattoso, Ele apresenta-nos os contendentes, por um lado, o galego, e o lado dos interesses galegos dirigido por Fernão Peres de Trava e dona Teresa, sua mulher, e mãe da Afonso Henriques e por outro o nosso infante com o bispo de Braga e homens que o apoiam. Logo faz um relatório mais em pormenor dos contendentes: **“As tropas de Fernão Pérez e dona Teresa, vindos sem dúvida nenhuma de Coimbra e Viseu”⁴³** Mais adiante acrescenta Porto. Em realidade quem se enfrentam são os interesses de Gelmirez – Compostela e Paio Mendes – Braga. Porque os contendentes que vão representar, segundo Mattoso, o partido galego

³⁸No último parágrafo do apartado *“alterações do cenário político”*

³⁹Afonso Henriques um predestinado pág. 47

⁴⁰Gostaria de escutar a Mattoso as razões de porque a monarquia Portuguesa vai reclamar como parte legítima do reino à Galiza toda a+e 1476. Afonso V, foi o derradeiro rei de Portugal a ser proclamado rei da Galiza norte do Minho tão bem.

⁴¹http://www.abc.es/cultura/abci-sanchez-alborno-y-espana-como-enigma-201609180148_noticia.html, https://es.wikipedia.org/wiki/Nicol%C3%A1s_S%C3%A1nchez-Alborno

⁴² Nele e noutros historiadores portugueses, e como é óbvio também nã, nos historiados galegos e de Castela/espanha. Porém o bem honrado Mattoso no manuseamento dos dados, lembra-nos como o arcebispo de Braga João Peculiar começa a dar os passos para recuperar o controle religioso no território da Galiza a norte do Minho, e isso com sucesso.

⁴³Isto é o que chamo honradez histórica de Mattoso, explica que os galegos são os do norte do Minho, fala-nos de enfrentamento galego português e resulta que sem dúvida as tropas “galegas” vieram do sul do Douro ou do Douro, e nas tropas portuguesas de D. Afonso Henriques e do Bispo estão alguns que Mattoso acabará identificando como galegos do norte do Minho. Primeiro parágrafo do apartado São Mamede

vem do Douro e da Beira? Por Gelmirez controlar essas dioceses, e Fernão Pérez de Trava, homem de Gelmirez ser o senhor de Coimbra. Compostela não aceitando a Braga acima dela, tal como lhe correspondia na sua condição de primaz, coloca a isca para Portucale se libertar do Compostelanismo, é dizer do projeto peninsular de Compostela. De aí que no estudo em pormenor dos contendentes, figurem galegos do norte do Minho entre os que lutam ao lado de Afonso Henriques e são os contendentes de Gelmirez de dona Teresa do sul, e dizer, no quadro geográfico de Mattoso, bem portugueses.

Os *Anais*, escritos na distância temporal em Santa Cruz de Coimbra, apresentam São Mamede como o nascimento do reino, Mattoso cita-os. Também cita Herculano para quem aquilo foi uma revolução de rejeitamento de estrangeiros no reino etc. etc. Mattoso, traz todo isso à tona para ressaltar ainda mais o que ali se produziu, ainda que os dados que honradamente vai fornecendo, mostrem o que isso de verdade é, a construção do mito originário sempre ele tão útil ao projeto nacional português posterior.

Quem vão ser os beneficiários do sucesso de Afonso Henriques, e a quem o nosso príncipe vai honrar e acrescentar poder e riquezas, na medida em que a sua liderança se consolida. Esperar-se-ia que os homens que o ajudaram -de essa formação social diferente que tinha de ser o Portugal do Minho -, porém o resultado e que não há muitos dados nesse sentido, como aponta Mattoso.

O que sim temos no apartado *Os primeiros Passos de Um Jovem Príncipe e seguintes*, e cartas, e forais, e reconhecimentos a Sé de Braga, e o apoio constante a Braga para que posa tomar sob seu controlo as dioceses galegas de Portugal, como Porto e as dioceses lusitanas que dependiam de Mérida (ainda sob domínio muçulmano), mas de Mérida a sua cabeça fora transferida a Compostela, as Viseu, Lamego, Coimbra etc. Afonso Henriques vai lutar decisivamente para que essas dioceses passem de Compostela a Braga, e nesse sentido, o facto de antes terem sido transferidas a Compostela, vai ser um fator dinamizador de unificação do território do reino.

E que vai passar com os derrotados em São Mamede? Ao princípio aparece o dito costumeiro do Fernão Peres de Trava, fugindo para a Galiza (norte do Minho) com dona Teresa...é dizer os galegos estrangeiros fugiam-se para a sua terra. Mas Mattoso é um pesquisador excelente e rebusca nos dados, e pronto nos vamos achar com que Fernão Pérez de Trava aparece nas suas posses em Portugal, que as administra e até que vai participar de atividades na corte de Afonso Henriques em Coimbra...como ele diz produziu-se a reconciliação com ele e com a mãe, ainda que não se falou muito disso, os dados falam. E segue com essas achegas de dados, que vão pondo em questão o construto historiográfico, da libertação duns portugueses dos barulhentos galegos.

Afonso Henriques após São Mamede tem ao seu serviço e no cargo mais importante de mordomo-mor, um galego de além-Minho. E quando rei já proclamado dos sete mordomos mores que teve, quatro foram galegos de além-Minho, e além deles um quinto breve Álvaro Peres irmão do galego ruim da historiografia, Fernão Peres, esse que fora derrotado em São Mamede.

Eis o que diz Mattoso no apartado Fidalgos Galegos do capítulo de Relações com Leão (pág. 96-97). Começa dizendo: *A julgar pelos – Anais - (redigidos em Santa Cruz de Coimbra sessenta anos depois). Alguns indignos e estrangeiros pretendiam apossar-se do reino de Portugal com o consentimento da sua mãe⁴⁴, Porém ele, como Herculano afirma que isso não era mais que um libelo político... Com efeito se o redator pretendesse, qualificação negativa designar todos os galegos, teria de envolver nisto uma grande quantidade de nobres do além-Minho, que se fixavam em Portugal e ocupavam postos de grande poder no reino.... Além disso como os documentos em muitos casos chama também de galegos aos de aquém-Minho...*

Exemplifiquemos no reino o cargo mais importante era o de Mordomo-mor. Dos sete que teve Afonso Henriques durante o seu reinado, quatro eram galegos do além-Minho, Fernão Peres Cativo (1146-1155), Pedro Fernandez (1169-1175), Vasco Fernandes (1176-1185), Vasco Sanches de Barbosa (1169-1172) E outro mais, Rodrigo Peres (1140 e 1141)” (que seria o 5 de 7) este por pouco tempo, e que era o irmão de Fernão Peres.

“Se passarmos a outros nobres, governadores de terras e demais, voltamos a achar entre eles galegos de além Minho”.

Do texto de Mattoso, dos ricos dados que vá fornecendo, cresce a insegurança do construto ideológico do nascimento de Portugal, como um processo social de libertação frente aos galegos. É o que eu chamo honradez dos dados e dos fatos que coloca Mattoso, e que ultrapassa o seu marco ideológico do construto nação portuguesa. Chega a afirmar, que a mistura entre a classe nobre do norte do Minho e do sul, era tão grande que as vezes resulta difícil determinar a exata procedência de uns ou de outros, de aí que quando fornece dados, sejam o resultado da sua confirmação e não de pura hipótese, e além disso o facto de que na documentação e *(infelizmente isso é incompreensível para Mattoso, como ele próprio afirma)*, os

⁴⁴Isto e o pão de cada dia da formação nacional da escola portuguesa

moradores de Portugal, se chamam a si próprios em muitos dos documentos como galegos.

Analisa no livro, o role de Afonso Henriques, como guerreiro de sucesso; porque se estabelece em Coimbra, o seu papel de apoio à Igreja, o impulsionamento e criação do Mosteiro da Santa Cruz em Coimbra etc. etc. Na vida de São Teotónio, o primeiro santo português, figura *Afonso...com o andar do tempo e por disposição da munificência divina, veio a tornar-se rei ilustre da Lusitânia e de parte da Galiza*⁴⁵ A Galiza não era uma realidade, já que logo alheia e estrangeira a Portugal, não só isso a cabeça histórica da Galiza, fora crucial para o reino vir nascer.

Quando o Bispo de Braga, Paio Mendes, a pessoa mais poderosa e influente ante o Rei, e quem o guiou desde criança, e a quem ele deu mais reconhecimentos que a nenhum outro cargo ou ordem, falece, passa a ocupar a Sé arcebispal de Braga, João Peculiar, do mosteiro da Santa Cruz de Coimbra, ele, o principal conselheiro do Rei, e sob a sua égide, desaparecido já havia tempo Gelmirez, consolida o controle das dioceses da Lusitânia que já passaram de Compostela a Braga, e consolida-se o controle de grande parte da vida religiosa da Galiza que não formou o reino de Portugal, numa unidade, que volvo a lembrar a historiografia tanto portuguesa como espanhola esquecem, incluída a galega, e do que Mattoso, além de citar esse sucesso de João Peculiar, não vai aprofundar no assunto, além de que esse assunto, como outros, fazem debilitar tanto a tese do nascimento de Portugal como resultado do enfrentamento de portugueses e galegos, que ao fim só fica como explicação o nascimento como um fato milagroso; e claro, se é milagroso, qualquer explicação sobra.

Ao longo da obra, muito bem documentada com todo o que se pode saber sobre o nosso primeiro rei, do reino de Portugal, ecoam todo o tempo conflitos entre Compostela e Braga, pois Compostela não deixa de ter também seus simpatizantes entre portugueses.

Eu recomendo vivamente a todos e todas a leitura de tão interessante livro, e se o fizerem com os óculos que eu tento aqui brevemente fornecer, na minha crítica ao construto historiográfico nacional português, que José Mattoso tão bem representa, descobrirão porque eu como galego posso afirmar que Portugal foi a cousa melhor que a Galiza e aos galegos nos podia ter passado.

5 -Uma nota final, ou como as águas sempre tornam ao rego certo

A Editorial Gradiva e a Fundação Mário Soares, publicaram uns Cadernos democráticos de Formação da cidadania.

O primeiro deles foi encarregado a José Mattoso e chama-se *A Identidade Nacional*. Nele de jeito breve e partindo das raízes medievais nacionais que nasceram no ato seminal de São Mamede trata de caracterizar uma nação determinada pela sua história, pela sua geografia etc. etc., e encerra o livro com o que chama identidade sociológica.

E qual é o resultado do livro divulgador?

Na página 14 temos uma anedota do século XIX do rei de Portugal no seu iate perguntando a uns pescadores da Póvoa de Varzim. Se eles eram portugueses, e a resposta foi bem clara:

Nós meus senhores, não somos, somos da Póvoa de Varzim.

Na página 18 temos que as adesões a se definir como espanhóis, são muito frequentes e dominantes em muitos textos históricos.

Que a restauração do XIX só afetou a uma ínfima minoria. Na página 30 faz a Garcia rei de Portugal e a Galiza... e isso que podemos ter ainda portugueses que se definam como galegos, ou mais bem que os definam desde Lisboa como galegos. Liga Portucale as Astúrias e Leão, ocultando a Galiza e esquecendo que os reis que ele chama de tais se chamavam assim próprios de galegos, e como tais os designavam muçulmanos e Carolíngios.

Na página 82-83, tem uma afirmação rotunda que demole muito do declarado:

"O que cria e sustenta a nacionalidade portuguesa é de facto o estado, por isso o processo de eclosão da consciência nacional e tão lento e a sua expressão popular tão tardia... Não desce a todos os níveis e setores da população portuguesa, se não após o estado se fortalecer centralizar e unificar o território nos séculos XIX e XX"... "Pois ser português começou por ser vassalo do rei de Portugal e não por pertencer a um determinado povo"

Logo apresenta a fraqueza da formação social portuguesa, e vai convertendo em águas de bacalhau todo o seu construto do nascimento -que vimos de olhar no livro comentado - resultado da contradição de portugueses com galegos, se não duma realidade, onde as elites são escassas e pouco formadas e a massa muito distante e alheia ao seu discurso, e como resultado vai-se cair em messianismos e sebastianismos, que falam de fraqueza e decadência.

No capítulo final, coloca o broche e diz na página 98, fazendo suas as palavras de Boaventura de Sousa Santos 1992;

⁴⁵Citado na página 171, antepenúltimo paragrafo

“O excesso mítico da interpretação do fenómeno da identidade nacional, seria um mecanismo de compensação do défice de realidade, resultado da distancia que separa os produtores dessa interpretação de um efetivo contacto com a realidade social”

O excesso mítico de interpretação que ele quer consolidar e abençoar com seu **Afonso Henriques**, recebe de ele próprio um duro corretivo.

Não sei se a fundação Mário Soares com a publicação desse livro considera que esclareceu o assunto aos leitores, ou se os introduziu numa nova nebulosa, onde a falta de saber apresentar a construção social certa, duma realidade nacional, por este excelente medievalista -o que para mim é inquestionável- faz que ao final fiquem só mitos e milagres...

Mas outra coisa também tem o seu perigo...podemos aparecer os galegos...e hoje os que continuamos usufruindo o nome, **somos a periferia de Castela** com tudo o que isso significa para o bom e para o mau, e se a isso somamos o fascínio doido que hoje Castela/ Espanha tem nas elites abastadas da república portuguesa⁴⁶.

É SÓCIO DA AICL. PARTICIPA DESDE 2006 NOS COLÓQUIOS: BRAGANÇA 2006, 2007, 2009, 2010, GALIZA 2012, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017, VILA DO PORTO 2018

4. ALEXANDRE LUÍS, UBI



Seia 2013-2014



Alexandre António da Costa Luís nasceu no Canadá. É licenciado em História (Bom com Distinção, 17 valores) pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde arrecadou os prémios *Curricular Feijó* e *Latim Medieval Gerales Freire*. Obteve os graus de Mestre em História Moderna (Muito Bom, por unanimidade) e de Doutor em História, especialidade de História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa (Aprovado com Distinção e Louvor, por unanimidade), igualmente na UC. É Professor Auxiliar na Universidade da Beira Interior, onde desempenhou as funções de Vice-Presidente da Faculdade de Artes e Letras, de Diretor do Mestrado em Estudos Ibéricos, Membro do Conselho Científico da FAL, do Conselho da Faculdade e de várias Comissões Científicas de cursos (continua a integrar as Comissões Científicas dos Mestrados em Ciência Política e em Estudos de Cultura). É Investigador Integrado do PRAXIS – Centro de Filosofia, Política e Cultura (UBI) e Colaborador do Centro de História da Sociedade e da Cultura (UC) e do LabCom – Comunicação e Artes (UBI). É Académico Correspondente da Classe de História Marítima da Academia de Marinha e Sócio da Sociedade Científica da Universidade Católica Portuguesa. Membro da Comissão Científica da *Revista Egíptia Ciência*, Instituto Politécnico da Guarda, do Conselho Científico da *Revista TRIPLOV de Artes Religiões e Ciências*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Comissão Científica da revista *Cadernos Culturais*, Centro Cultural Eça de Queirós, da Comissão Interinstitucional da Academia Lusófona Luís de Camões, da Comissão Interinstitucional do Instituto Fernando Pessoa, do Conselho Editorial da *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, Universidade do Minho, do Conselho Editorial da *Revista ...à Beira*, do Conselho Editorial da *UBILETRAS* e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Tem participado em numerosos eventos nacionais e internacionais. A sua lista de publicações é composta por livros, capítulos de livros, artigos, recensões e catálogos.

TEMA 2.9. A Integração do Brasil no Império: o período manuelino, Alexandre António da Costa Luís, Universidade da Beira Interior, PRAXIS – Centro de Filosofia, Política e Cultura e AICL (aluis@ubi.pt)

⁴⁶O da Catalunha, o que se vive lá, e o como se posicionam os portugueses, é a melhor das balanças para medir de jeito preciso estas cousas.

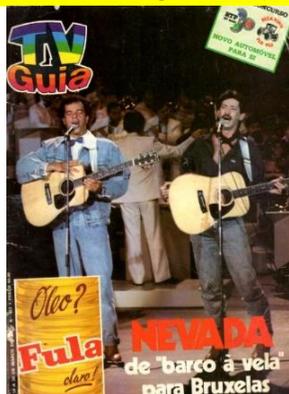
A presente comunicação incide sobre um período específico do processo de integração (e de óbvia construção) do Brasil no Império Português, identificando e sintetizando, neste caso, os passos mais relevantes que foram concretizados durante a época manuelina. Pelo seu alcance, podemos considerar que o período em apreço constituiu uma fase de natural aprendizagem e, portanto, ajudou a preparar a etapa decisiva que sucede no reinado de D. João III (1521-1557), altura em que sopram ventos de maior modernidade no Império e se passa, por fim, a promover uma colonização sistemática do Brasil, até em nome de uma resposta mais efetiva ao recrudescimento da cobiça estrangeira, mormente francesa. Assim, a nossa intervenção, focalizada, como se disse, no tempo de D. Manuel I (1495-1521), faz necessariamente alusão a matérias como o descobrimento da “Terra da Vera Cruz”, a divulgação da descoberta, os esforços de apreensão do espaço, a exploração do litoral e do tráfego, merecendo particular atenção o contrato de arrendamento firmado com Fernão de Noronha e outros mercadores, a dinâmica de feitorização, a doação da ilha de São João, a primeira capitania hereditária do Brasil, e a criação das capitanias do mar. Ou seja, seria errado afirmar-se que nesse período não existiu da parte da Coroa portuguesa qualquer preocupação com a integração da “Terra da Vera Cruz” no Império. O Brasil não está então, é certo, ao mesmo nível do deslumbramento gerado pela Índia ou da obsessão sentida por Marrocos, aliás nem sequer aparece mencionado no pomposo título assumido por D. Manuel I, além de que os limitados meios investidos no recinto também comprovam essa discrepância, contudo, desde cedo, se procurou fazer um levantamento do património de riquezas e determinar a valia da posição geoestratégica do território. Em suma, intentou-se definir usos a dar à América Lusa.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DO PRAZO. NÃO CONSTARÁ DAS ATAS EM DVD, ONLINE, OU DA REVISTA ANUAL DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA

É SÓCIO DA AICL

- TOMOU PARTE EM VÁRIOS COLÓQUIOS

5. ALFREDO AZINHEIRA E A BANDA AR D'GRAÇA



ALFREDO AZINHEIRA EX-CHINCHILAS E EX-NEVADA atua com os **"AR D'GRAÇA"**: OSCAR CARVALHO (TECLAS); JAIME REIS (VIOLINO), FERNANDO CASACA (CONTRABAIXO), E ALFREDO AZINHEIRA, (VOZ E GUITARRA).

Alfredo Azinheira. Nasceu em Lisboa a 14 de janeiro de 1949 e reside em Oeiras. Trabalhava em informática como operador de registo de dados e começara, nos anos 70, a tocar viola-baixo em conjuntos rock. Jorge Mendes era Engenheiro Maquinista Naval. Tocavam juntos em bares de Lisboa há vários anos. Foi num bar, que em cinco minutos, Jorge Mendes pegou numa frase musical de Alfredo Azinheira e a transformou na canção "Num Barco À Vela". A maqueta que mandaram ao festival foi gravada, em condições precárias, num barracão. Para essa versão usaram a guitarra portuguesa como acompanhamento e não usaram bateria. Assim que a música foi selecionada, Jorge Mendes convenceu-se logo que iriam ganhar. Mas das seis canções selecionadas acabou por ser a menos votada tendo sido apenas apurada devido ao voto de desempate do presidente do júri, Mello Pereira. Inicialmente apresentaram-se apenas com os seus nomes individuais. O nome Nevada foi encontrado na semana de ensaios do festival. "Neste Barco À Vela" acabaria por ser a grande vencedora do festival da Canção, realizado no Funchal, no dia em que a RTP completou 30 anos de transmissões regulares. O arranjo da canção, considerado o melhor pelos componentes da orquestra, era da autoria de Ramón Galarza. No Eurofestival realizado em Heysel, na Bélgica, ficaram em 18º lugar em 22 concorrentes.

Alfredo Azinheira teve a sua primeira passagem pela música enquanto baixista do grupo **Chinchilas**, nos finais dos anos 60, um dos grupos rock

mais conhecidos de então. Os Chinchilas são uma das bandas portuguesas de rock mais emblemáticas, mais icónicas. Formaram-se em 1965 sob a batuta de Filipe Mendes, outra figura lendária da guitarra elétrica em Portugal. Estão agora a comemorar 50 anos de atividade com o mesmo frenesim de outrora. O misticismo dos Chinchilas começa logo no batismo. Porquê Chinchilas, nome de animal? Chinchila é um roedor elitista, cuja pele as tias de Cascais gostavam de ostentar em casacos compridos. Mas chinchila é também nome de animal e os Animals, de Eric Burdon, eram, à época, um dos mais prestigiados conjuntos britânicos de blues, a grande sede dos Chinchilas. Mas nem sempre os Chinchilas foram Chinchilas, também foram Alberto Morde Na Mãe e Monstros. Mas ficaram Chinchilas, até hoje. Filipe Mendes, tido como o “Jimmy Hendrix português” e por isso também conhecido como Phil Mendrix, tinha então 16 anos quando se juntou a Alfredo Azinheira, 15 anos, viola-baixo, José Machado, 14 anos, teclista, e Vítor Mamede, 13 anos, baterista, para formar um conjunto da moda, mas diferente, os Chinchilas. E ganharam logo o Festival de Música Moderna da Costa do Sol e o Festival Rock de Tomar. Neste último Festival, Vítor Mamede foi eleito o melhor baterista e Alfredo Azinheira o melhor baixo, portanto, a melhor secção rítmica do Festival. Entrada de arromba! A prova de fogo viria a 18 de setembro de 1965 quando os Chinchilas participaram numa eliminatória, a quarta, do Concurso Lé-Lé, realizado no Teatro Monumental, em Lisboa, a grande mostra da música moderna portuguesa de então. A vontade de ganhar era tanta que os Chinchilas se inscreveram no Concurso com dois nomes diferentes: Monstros e Chinchilas. Eram então formados por Carlos Bastos, futuro fadista, violarritmo, Gilberto Guerreiro, viola-baixo, Vítor Mamede, bateria, José Machado, teclas, e Filipe Mendes, viola-solo. Ficaram em 2º lugar na eliminatória, só superados pelos Jets. Na eliminatória seguinte, no dia 6 de novembro de 1965, já com a sua única designação oficial, os Chinchilas voltaram a ficar em 2º lugar, suplantados desta feita por um conjunto de Coimbra, Boys, onde pontificava Carlos Correia, Bória, futuro acompanhante de José Afonso. Nesta eliminatória, os Chinchilas eram formados por Filipe Mendes, José Machado, Mário Piçarra, filho do tenor Luís Piçarra, Fernando e Vítor Mamede. Os Chinchilas que provocaram grande burburinho na sala apresentaram-se de casaco preto com botões de metal branco e calças cinzentas, a moda da época, e tocaram, entre outras canções, “I’m Down”, dos Beatles, “Do You Love Me?”, celebrizado pelo Dave Clark Five, e “I Love You So”, original da banda, mais tarde rebatizada de “Marry Me”. Na 1ª meia-final do Concurso, no dia 8 de janeiro de 1966, ganha pelos Sheiks, os Chinchilas foram fiéis ao 2º lugar. Na final do Concurso, no dia 30 de abril de 1966, ganha pelos Claves, os Chinchilas, sem Filipe Mendes, ausente nos Estados Unidos, ficaram em 6º lugar. Embalados pelas atuações ao vivo, onde Filipe Mendes era a grande estrela pelos seus solos psicadélicos na guitarra, os Chinchilas editaram em 1967 o seu 1º EP que incluía uma versão de “I’m A Believer”, de Neil Diamond, celebrizada pelos Monkeys, e três originais, “Take That Train”, “Crying” e “Marry Me”. Gravaram o disco Filipe Mendes, voz e viola-solo, Salvatore Klumbos (Pino Klumbos), de nacionalidade venezuelana, viola-ritmo, José Machado, órgão, Alfredo Azinheira, viola-baixo, e Vítor Mamede, bateria.

Azinheira abandonou o grupo para ir prestar serviço militar para Timor, onde foi a voz dos **Académicos de Timor**. Mais tarde, já em Portugal, juntou-se ainda aos **Plutónicos** e fundou os **Ferro & Fogo**, no final dos anos 70. ([ouça-os aqui na canção Timor](#)).

[com raízes num grupo formado em Lisboa no início da década de 60, os Plutónicos, que chegaram ainda a gravar um EP com o cantor Gino Garrido, os fundadores dos Ferro & Fogo apresentavam-se como uma proposta nova na criação de originais. Com a invasão de Timor-Leste por parte das tropas da Indonésia, o grupo concebe uma obra musical dedicada à causa do território asiático, que nunca chegam, no entanto, a editar comercialmente e de que a música de hoje é um fragmento. A letra é do baixista, Alfredo Azinheira, e a música é de José Castro, dos Petrus Castus. Foi a primeira banda a compor uma canção dedicada a **Timor**, muito antes dos Trovante, “Por Ti, **Timor**”, em 1979]. Participou como elemento da orquestra do **Festival da Canção 1974**. Deixou este último grupo para fundar em 1987 os **Nevada**, com **Jorge Mendes**, com o qual concorreu ao **Festival da Canção 1987**, com o tema **Neste Barco À Vela**, tendo sido os grandes vencedores e representando o nosso país em Bruxelas, na Eurovisão, classificando-se em 18º lugar. O grupo continuou apesar da saída de **Jorge Mendes** e com a presença de **Fernanda Lopes** e **Carla Burity**, tendo editado um single e um LP, intitulado **Na Outra Margem**, em 1991.



Alfredo Azinheira continua a cantar e a dar concertos sempre que solicitado e foi convidado especialmente por ter estado em Timor e fazer a ponte entre um passado comum a Lotus de Jade Tchum, Chrys Chrystello, Ramos Horta, Dr José Barbara Branco e Piki Pereira.



PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

6. ANA PAULA ANDRADE, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA, AUTORA HOMENAGEADA 2018



BRAGANÇA 2009



BRAGANÇA 2010



BRAGANÇA 2009



MONTALEGRE 2016



MACAU 2011



Com a UDESC EM SANTA CATARINA 2010



ANA PAULA ANDRADE [CONSTÂNCIA] 1964)

– Nasceu em P. Delgada onde concluiu o curso geral de música no Conservatório Regional, tendo tido como professoras Margarida Magalhães de Sousa (composição) e Natália Silva (piano).

Em 1987 terminou o curso Superior de Piano no Conservatório Nacional (Lisboa), na classe da professora Melina Rebelo e no ano seguinte o curso superior de composição, tendo sido aluna dos compositores C. Bochmann, Constança Capedeville, Álvaro Salazar e Joly Braga Santos.

Paralelamente estudou órgão na classe do Professor Simões da Hora, (Conservatório Nacional) tendo concluído o 5º ano.

Estudou três anos no Instituto Gregoriano de Lisboa, frequentando, na classe da Prof.ª Helena Pires de Matos, as disciplinas de Canto Gregoriano e Modalidade.

Em 1989 realizou um concerto de órgão e piano no Conservatório de Toronto, integrado no ciclo de cultura açoriana.

Em 1990, participou num concerto na Universidade S.M.U. (nos Estados Unidos), tocando como solista, com a orquestra daquela Universidade, o concerto para piano em DóM de Mozart.

Tem realizado diversos concertos a solo ou como acompanhadora de piano e órgão em várias regiões do continente e nas diversas Ilhas do arquipélago.

Com a soprano Eulália Mendes realizou um concerto na Expo 98 em Lisboa, integrado no dia comemorativo dos Açores.

Em janeiro e em maio de 2006 acompanhou o grupo vocal Quatro Oitavas em digressões ao Uruguai e ao Brasil a convite da Direção Regional das Comunidades.

Desde 1989 é professora de Piano e Análise e Técnicas de Composição, desempenhando desde 2005 o cargo de Presidente do Conselho Executivo do Conservatório de Regional de Ponta Delgada.

Em 2004 criou o Coro Infantil do Conservatório de Ponta Delgada mantendo-o ativo desde essa data.

Em 2010 foi a pianista convidada dos Colóquios para o XIII Colóquio Anual da Lusofonia em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, onde deu um concerto acompanhada da Orquestra (de cordas) da UDESC.

Em 2011 acompanhou o 15º Colóquio a Macau onde atuou com artistas chineses em execução de obras açorianas.



IPM (MACAU) 2011



2011 STA Mª



2012 LAGOA

No 16º Colóquio atuou em Vila do Porto com Raquel Machado e Henrique Constância.

No 17º Colóquio na Lagoa atuou com alunas do Conservatório de PONTA DELGADA, de flauta e viola da terra.



Graciosa 2015



2012 GALIZA



BRAGANÇA 2009



FUNDÃO 2015

No 18º Colóquio (em Ourense na Galiza) estreou com Carolina Constância no Violino, peças inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro (açoriano missionário em Macau).

No 19º Colóquio na Maia (S. Miguel, Açores) estreou mais peças do Padre Áureo e musicou dois poemas, um de Álvaro Oliveira e outro de Chrys Chrystello, tendo atuado com Henrique Constância (violoncelo) e Helena Ferreira (soprano).

No 20º Colóquio (Seia 13) estreou mais peças musicadas de autores açorianos, atuando com Henrique Constância (violoncelo), Carolina Constância (Violino) e a soprano Raquel Machado. Presença habitual dos Colóquios da Lusofonia foi nomeada Pianista Residente em 2010. Está atualmente a desenvolver um projeto AICL de musicar poemas de autores açorianos selecionados e a divulgar obras inéditas do Padre Áureo da Costa Nunes de Castro, tendo apresentado mais poemas musicados de autores açorianos nos colóquios de 2015 a 2017 e que foram apresentados em DVD no 28º colóquio em Vila do Porto 2017.

OUÇA-A AQUI NOS ÚLTIMOS COLÓQUIOS

1. Recitais no 28º colóquio em Vila do Porto 2017
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2424-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ana-paula-andrade-recitais-28-31-out-2018.html>
2. Poesia e música no Asas do Atlântico 28º colóquio
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2421-28%C2%BA-col%C3%B3quio-no-asas-poesia-e-musica-28out2017-2.html>
3. Ana Paula Andrade et alli no 28º colóquio 2017 Vila do Porto
<https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/2420-28%C2%BA-col%C3%B3quio-ao-som-da-a-p-andrade-et-alli.html>
4. Belmonte 27º colóquio 2017-1
https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI&index=9
5. Belmonte 27º colóquio 2017-2
https://www.youtube.com/watch?v=psR7jqMPOn0&t=5s&index=9&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
6. Belmonte 27º colóquio 2017-3
https://www.youtube.com/watch?v=xrBOJTURzMM&index=11&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4tvtkeRI
7. Belmonte 27º colóquio 2017-4

https://www.youtube.com/watch?v=c367v1QC9N8&t=237s&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI&index=10

8. no 26º colóquio Lomba da Maia 2016

https://www.youtube.com/watch?v=53RWfHwBwX8&t=9s&index=26&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

9. no 25º colóquio Montalegre 2016

https://www.youtube.com/watch?v=H5_rn0TfB_M&t=7s&index=43&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

10. no 24º colóquio Graciosa 2015

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

11. no 23º colóquio Fundão 2015-1

https://www.youtube.com/watch?v=2yLpM_IsAn8&index=82&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

12. no 23º colóquio Fundão 2015-2

https://www.youtube.com/watch?v=FjEKyngEIWA&t=1s&index=83&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

13. no 20º Seia 2013 https://www.youtube.com/watch?v=0tOshvYW6G8&t=1s&index=85&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

14. no 19º Maia 2013 https://www.youtube.com/watch?v=FjsW_TAoHro&index=215&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

15. no 13º em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil 2010

https://www.youtube.com/watch?v=SRbPimP04dU&index=233&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

VICE-PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA-GERAL.

DESDE 2008 NOS COLÓQUIOS, LIDEROU AS PERFORMANCES MUSICAIS EM BRAGANÇA 2008-09, LAGOA (AÇORES) 2008-2009, BRASIL (FLORIANÓPOLIS) E BRAGANÇA 2010, MACAU E VILA DO PORTO (AÇORES) 2011, LAGOA (AÇORES) E OURENSE, GALIZA 2012, MAIA (AÇORES) E SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO 2015, GRACIOSA (AÇORES) 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017. PARTICIPA NOS RECITAIS. LANÇA DVD DE AUTORES AÇORIANOS MUSICADOS



Supremo

Violino

Piano

V.º

V.º

Pro.

POETAS AÇORIANOS MUSICADOS

A.I.C.L.
ANA PAULA ANDRADE
Conservatório Regional de Ponta Delgada

Canções com poemas de poetas açorianos
ANA PAULA ANDRADE
Edição: Conservatório Regional de Ponta Delgada e AICL

- 1 - *Ao Amor* - Daniel de Sá
- 2 - *Declaração* - Norberto Ávila
- 3 - *Lisa, a voz da tarde* - António Teves
- 4 - *Maria Nobody* - Chrys Christello
- 5 - *Sustenido da metáfora* - Luísa Ribeiro
- 6 - *De Rosas foi a tua boca breve* - António Teves
- 7 - *A Religiosa* - Alamo de Oliveira
- 8 - *Sinal* - Eduino de Jesus
- 9 - *Se me amanheço manhã* - Brites Araújo
- 10 - *Nos Açores* - Concha Rousia
- 11 - *Quadras de Iha* - Urbano Beltecourt
- 12 - *Destino Ilhéu* - Chrys Christello
- 13 - *Graciosa meu amor* - Vítor Rui Dóres

Not. - Carlos Andrade (3, 6 e 8), Cármen Subito (1 e 10),
Carolina Constantino (11), Helena Ferreira (4, 7 e 12),
Jolo Novo Gonçalves (2 e 13), Raquel Machado (5 e 9),
Flávia - Ana Maria Ferreira (4, 7 e 12)
Dóres - Jussara Moreira (9)
Violino - Carolina Constantino (1, 2, 5, 8, 10, 13),
Viola de arco - Lúcia Viveiros (3 e 11)
Piano - Ana Paula Andrade
Captação, mixagem e masterização áudio: Emanuel Cabral
Conservatório Regional de Ponta Delgada

7. ANTÓNIO CALLIXTO, EX-CHEFE DA UNIDADE DE TRADUÇÃO PORTUGUESA DO TRIBUNAL DE CONTAS EUROPEU, LUXEMBURGO (1986-2012, APOSENTADO) e AICL. PRESENCIAL



GRACIOSA 2015

MONTALEGRE 2016

VILA DO PORTO 2017

António Callixto, Licenciado em Filologia Germânica. Filólogo e investigador linguístico.

Antigo chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, Luxemburgo (1986-2012). António Callixto é um apaixonado pelas línguas, pela linguística e pela tradução. Com 12 ou 13 anos já se dedicava à escuta dos programas em onda curta de várias emissoras internacionais, tendo-se tornado mais tarde radioamador, atividade na qual deu largas aos seus conhecimentos linguísticos. Trabalhou com línguas ao longo de toda a sua longa carreira. Em 1974 licenciou-se em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Além das línguas obrigatórias (inglês e alemão), frequentou como disciplinas de opção ou cursos livres aulas de várias outras línguas e culturas (italiano, neerlandês, romeno, sueco e até árabe). Foi professor do ensino secundário em Portugal de 1971 a 1979. Nesse ano, embora ao serviço de Portugal, partiu para a Polónia, onde desempenhou as funções de leitor de português na Universidade de Varsóvia. Em 1981, devido à lei marcial decretada pelo General Jaruzelski, viu-se obrigado a abandonar a Polónia e passou a desempenhar as mesmas funções na Universidade de Helsínquia, na Finlândia. As línguas destes dois países não lhe passaram despercebidas, tendo adquirido conhecimentos razoáveis de finlandês e bastante bons de polaco. Em 1986 (ano da adesão de Portugal à então CEE) foi nomeado chefe da unidade de tradução portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, lugar que ocupou até à sua aposentação no último dia do ano de 2012. No exercício dessas funções, participou e representou aquela instituição em vários seminários e congressos sobre temas linguísticos e ligados à tradução. Em 1990, num original concurso organizado por uma instituição de ensino superior belga, António Callixto alcançou um dos primeiros lugares, tendo provado ser capaz de comunicar em 12 línguas.

É SÓCIO DA AICL.

TOMOU PARTE NO 2º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TRADUÇÃO DA ESE - IPB, BRAGANÇA 2004 QUE FEZ PARTE E ANTECEDEU O 3º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 2004 E NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 28º EM VILA DO PORTO 2017

8. CARINA MORGADO, EDITORA KREAMUS ED. - PRESENCIAL



PARTICIPOU PELA PRIMEIRA VEZ EM VILA DO PORTO 2017

9. CARLA LUÍS, UBI



GALIZA 2012



SEIA 2014



Carla Sofia Gomes Xavier Luís nasceu em Lamego em 1977. É licenciada em Português e Inglês (ensino de) pela UTAD, mestre em Língua, Cultura Portuguesa e Didática pela UBI e doutora em Letras pela mesma instituição. É Professora Auxiliar no Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior, Investigadora Integrada no Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura (UBI) e Colaboradora no LabCom – Comunicação e Artes (UBI). Na UBI, também é membro do Conselho da Faculdade de Artes e Letras, do Conselho Científico do Departamento de Letras, da Comissão de Curso de Ciências da Cultura, bem como Coordenadora de Mobilidade do DL (Português/Espanhol, 1.º Ciclo), tendo ainda desempenhado a função de Coordenadora do Centro de Avaliação de Português-Língua Estrangeira.

Além disso, é Membro da Comissão Científica da *Revista Egítania Scientia*, Instituto Politécnico da Guarda, do Conselho Científico da *Revista TRIPLOV de Artes Religiões e Ciências*, Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Comissão Científica da *Revista Cadernos Culturais*, Centro Cultural Eça de Queirós (CCEQ), da Comissão Interinstitucional da Academia Lusófona Luís de Camões (ALLC), da Comissão Interinstitucional do Instituto Fernando Pessoa (IFP), do Conselho Editorial da *Revista ...à Beira*, do Conselho Editorial da *UBILETRAS* e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia. Tem participado, apresentando comunicação ou integrando Comissões Científicas, em variadíssimos eventos científicos nacionais e internacionais. A sua lista de publicações é composta por livros, capítulos de livros, artigos, resenhas e entrevistas.

TEMA 2.9. Retratos dos Judeus na obra ensaística e ficcional de Miguel Real, Carla Sofia Gomes Xavier Luís, Universidade da Beira Interior e Praxis - Centro de Filosofia, Política e Cultura, cxavier@ubi.pt

Muitas são as publicações que têm dado à estampa versando em torno de temáticas relacionadas com os Judeus, os Cristão Novos, as Comunidades Sefarditas, entre outras. Naturalmente, dada a importância do assunto em apreço, também para o nosso autoconhecimento como povo, Miguel Real não deixa de o trazer à colação, plasmando-o em várias páginas da sua obra quer ensaística quer ficcional. Com efeito, com a presente comunicação, procuramos desvelar alguns retratos dos judeus em Miguel Real. Concretizando, no plano ensaístico, destacamos a criteriosa narração, densificada por importantes referências bibliográficas, que o ensaísta em estudo produz em *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* (2017) acerca da descoberta (feita já no século XX) da subsistência e da sobrevivência de comunidades judaicas, mormente nas serranas zonas beirãs e transmontanas, não deixando de fazer notar que esta forma peculiar, velada, dupla, de estar na vida, que implica uma dialética constante entre o ser e o parecer afetou necessariamente a “conceção portuguesa de identidade nacional”⁴⁷. No domínio ficcional, relendo *Memórias de Branca Dias*, *O Sal da Terra*, *A Voz da Terra* e *A Guerra dos Mascates*, captamos certas características psicológicas bem marcantes deste povo, de onde destacamos a perseverança, a elevada capacidade de camuflagem e de adaptação, a versatilidade, o engenho, a perspicácia para o negócio. Além disso, não deixando de retratar aspetos menos agradáveis, como as perseguições, as fugas, as injustiças, as desilusões, salientamos a importância de personagens emblemáticas e suas vivências, de onde sobressai necessariamente a figura de Cândida Branca Dias de *Memórias de Branca Dias*, que encontra o reverso da medalha, por assim dizer, na de João de Crasto d’O *Sal da Terra*, e estaremos, de igual modo, atentos a alguns costumes meticulosamente professados em surdina (práticas religiosas, *shabat*, hábitos alimentares, símbolos, entre outros).

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DO PRAZO. NÃO CONSTARÁ DAS ATAS EM DVD, ONLINE, OU DA REVISTA ANUAL DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA

⁴⁷ REAL, Miguel (2017). *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Planeta, p. 182.

É SÓCIO DA AICL TOMOU PARTE EM VÁRIOS COLÓQUIOS

10. CAROLINA CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA E UNIVERSIDADE DO PORTO



GALIZA 2012



FUNDÃO 2015 GRACIOSA 2015



ANA CAROLINA ANDRADE CONSTÂNCIA – Nasceu em Ponta Delgada, a 24 de abril de 1993.

Aos seis anos iniciou os estudos de Violino no Conservatório Regional de Ponta Delgada, na classe da professora Antonella Pincenna.

No curso básico ingressou na classe da professora Natália Zhilkina, com quem concluiu o 8º grau do curso complementar. Foi selecionada para participar nos estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música realizados nos Funchal (2009), Ponta Delgada (2010) e Coimbra (2011). Participou em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana, e ainda nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena. Em abril de 2012 e 2013 participou num estágio de orquestra de jovens na Alemanha (Bayreuth), sob a direção de Nicolas Richer, constituída por jovens músicos de vários países da Europa, realizando concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig. É licenciada em Matemática pela Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. É mestranda em Ciências Económicas e Empresariais na Universidade dos Açores, exercendo atualmente funções profissionais no setor bancário. Apesar da sua paixão pela música e pela matemática, desenvolveu, desde cedo, o gosto pela literatura e pela escrita, tendo lançado em 2017 o seu primeiro romance “Aurora”. Como refere nas capas do livro, é “*uma história assente na busca constante da felicidade, com todos os medos e obstáculos próprios do caminho, que nos faz pensar na vida e em tudo o que ela nos reserva*”.

Ouçã-a aqui **Recital no 24º colóquio Graciosa 2015**

https://www.youtube.com/watch?v=3TQgUAVRpQs&t=2s&index=63&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtkeRI



VILA DO PORTO 2017



PARTICIPA NOS RECITAIS

TOMOU PARTE PELA PRIMEIRA VEZ EM 2008 LAGOA (AÇORES) TENDO PARTICIPADO NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2009, VILA DO PORTO (AÇORES) 2011, OURENSE 2012. SEIA 2013, SEIA 2014, FUNDÃO E GRACIOSA (AÇORES) 2015. MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, VILA DO PORTO 2017

11. CHRYS CHRYSTELLO. AICL, AGLP, AJA/MEEA e UTS SYDNEY, NAATI CAMBERRA, AUSTRÁLIA



MONTALEGRE 2016



LOMBA DA MAIA 2016



Chrys Chrystello, cidadão australiano, multicultural, de uma família mesclada de Alemão, Galego, Português, Brasileiro e marrano transmontano. Publicou o seu 1º livro (poesia) em 1972.

O exército colonial português levou-o a Timor (73-75) sendo Editor-chefe do jornal A Voz de Timor.

Jornalista desde 1967 (rádio, TV e imprensa) escreveu sobre o drama de Timor-Leste.

Foi Executivo na Eletricidade de Macau (1976-82) e Redator, Apresentador e Produtor na rádio e TV (Macau e HK).

É membro vitalício Honorário da MEEA Journalist [Australian Journalists' Association]

Em Sydney, Austrália, esteve envolvido na definição da política multicultural.

Foi Jornalista, Tradutor, Intérprete em ministérios federais e estaduais.

Divulgou a descoberta portuguesa da Austrália 1521-25 e a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português. Tradutor Profissional desde 1984,

Fundador do AUSIT lecionou Tradutologia na UTS (Univ. Tecnologia de Sydney), sendo por mais de vinte anos responsável pelos exames dos Tradutores e Interpretes (NAATI).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa no Australia Council (1999-05).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL da University of Brighton (UK 2000-2012);

Foi Revisor da Universidade de Helsínquia (2006-2012);

Foi Consultor do Programa REMA, Açores. (2008-12).

Académico Correspondente da AGLP desde 2012,



BRAGANÇA 2008



POESIA, GRUTA DE CAMÕES MACAU 2011



Montalegre 2016



LOMBA DA MAIA 2016

Em 2017 publicou

- o capítulo “A língua portuguesa na Austrália, 2016” in *A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro*. Ed. UBI
- o capítulo “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, in A condição de ilhéu, CEPCEP, Universidade Católica Portuguesa em Lisboa
- “Três poemas açorianos” in *Antologia* ed. Artelogy
- “Maria Nobody” in *VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea* Chiado Ed. 2017
- o seu *opus magister* Bibliografia Geral da Açorianidade, ed. Letras Lavadas
- Reviu e coordenou a edição reformulada do livro infantojuvenil trilingue de José Ramos-Horta, *O Mundo perdido de Timor-Leste*,
- Em 2018 reviu e editou a 2º volume de Açorianos Missionários em Timor de D. Ximenes Belo
- Vai lançar o livro FOTOEMAS fotografia de Fátima Salcedo e Poesia de Chrys



VILA DO PORTO 2017

Tema 2.1. Da ALFE 1996-1998 aos Colóquios da Lusofonia

Sabia que, entre 1996 e 1998, Timor Leste não era independente quando aderiu ao nosso projeto de Lusofalantes no Mundo? E a Galiza também. Uma viagem no tempo à ALFE (associação de lusofalantes na Europa presidida por José Augusto Seabra, nosso primeiro patrono), cujo primeiro congresso mundial adiado se converteu no 1º colóquio internacional da lusofonia em 2001-2002. Documentos inéditos que se revisitam pela primeira vez para que se entenda a génese da AICL e os princípios orientadores que nela estiveram.

APRESENTAÇÃO AQUI POWERPOINT

Sabia que, entre 1996 e 1998, Timor Leste ainda não era independente quando através de Ramos Horta aderiu ao nosso projeto de Lusofalantes no Mundo? E a Galiza também. Uma viagem no tempo à ALFE, cujo primeiro congresso mundial adiado em 1998-1999 se converteu no 1º colóquio internacional da lusofonia em 2001-2002. Documentos inéditos que aqui se revisitam pela primeira vez. Em 1996 estava eu a prescindir da minha residência australiana para me fixar em Portugal, quando fui abordado por esse mentor e amigo que foi o Embaixador José Augusto Seabra para dinamizar a ALFE (Associação de Lusofalantes na Europa), e torná-la numa associação global. Com a parca experiência obtida em trinta anos de jornalismo meti mãos à obra, iniciei contactos com entidades nos cinco continentes enquanto era nomeado Representante em Portugal e Vice-Presidente da organização. Em 1997 tentava-se organizar um primeiro Congresso Mundial e buscavam-se apoios significativos para a causa. Dentre os muitos apoios que recebemos salientemos o de José Ramos-Horta em novembro 1997, quando Xanana Gusmão estava ainda na prisão de Cipinang na Indonésia e Mons. Ximenes Belo se mantinha no território de Timor ocupado pela Indonésia. Igualmente em dezembro de 1997 juntava-se a nós a AGAL (Associação Galega da Língua) então liderada por Maria do Carmo Henriquez, que nomeara para a representar Oscar Diaz Fouces professor catedrático em Vigo.

São esses documentos e o nosso manifesto de então que aqui revistaremos hoje, começamos pelo convite ao prémio Nobel em julho 1997

A.L.F.E. Fundação 24601955

Associação dos Lusofalantes na Europa

"NOSSA PÁTRIA É A LÍNGUA PORTUGUESA"

Sede: Casa de Portugal, Rue Marsel, 76270, Plaur, France
 Delegação em Portugal:
 Ave. João 2196, 4203 PORTO CODEX PORTUGAL
 Tel/Fax: +351 (0)21 814786
 Telemovel: +351 (0)932 297450
 E-mail: chryschrystel@mail.telepac.pt

23 julho 97

Caro Dr. Ramos Horta

Na sequência do nosso encontro de 20 de Julho nas VIPs Jornadas de Timor em que tive a oportunidade de formalmente lhe endossar o convite de adesão à ALFE, vinha solicitar-lhe a gentileza, caso já tenha tido oportunidade de ler a documentação que lhe entreguei, de preparar um pequeno texto de aceitação para podermos divulgar que a CNRM e os timorenses são sócios fundadores da ALFE, de pleno direito. A cidadania da língua, que propugnamos, não aceita observadores mas sim membros de pleno direito, cujo único quesito é o de terem a língua portuguesa por pátria independentemente do país, etnia ou sistema político em que se inserem.

Embora não haja ainda data nem local confirmado para o 1º Congresso Mundial de Lusofalantes, que contamos levar a efeito em 1998, queria deixar aqui já expressa a intenção de poder garantir a presença de V.Ex.a e de outros timorenses nesse encontro mundial. Oportunamente lhe darei mais detalhes sobre local, data e tema.

Com os melhores cumprimentos, ^{*}subscribo-me att,



Dr. J. CHRYS CHRISTELLO

JRH
 NOBEL da PAZ
 TIMOR

Exmº Senhor

J. Chrys Chrystello

A.L.F.E. - Associação dos Lusofalantes da Europa

Fax: + 351 2 814 786 / 951 1960

Caro Chrys,

Só hoje é que me é possível responder ao pedido formulado na carta do passado dia 27 de Novembro.

Devo confessar que sempre que sou solicitado a manifestar-me perante organizações ou eventos que reúnem luminários da língua portuguesa, me sinto complexo pois não sou um digno intérprete da língua de Camões. Quem deveria hoje pronunciar-se é Xanana Gusmão, o poeta, jornalista e escritor, um dos poucos grandes intérpretes timorenses de língua portuguesa.

Xanana estaria à vontade entre numa associação como a A.L.F.E., entre homens e mulheres eruditos da língua de Rosalina de Castro, José Saramago, Jorge Amado, Agostinho Neto, Pepetela, Mia Couto, Craveirinha. Xanana poderia também, com pincel, guache e tela, explicar-vos, através das imagens que ele compõe na prisão distante, o que Timor Leste foi e poderia ser, o que Timor Leste é hoje no seu martírio.

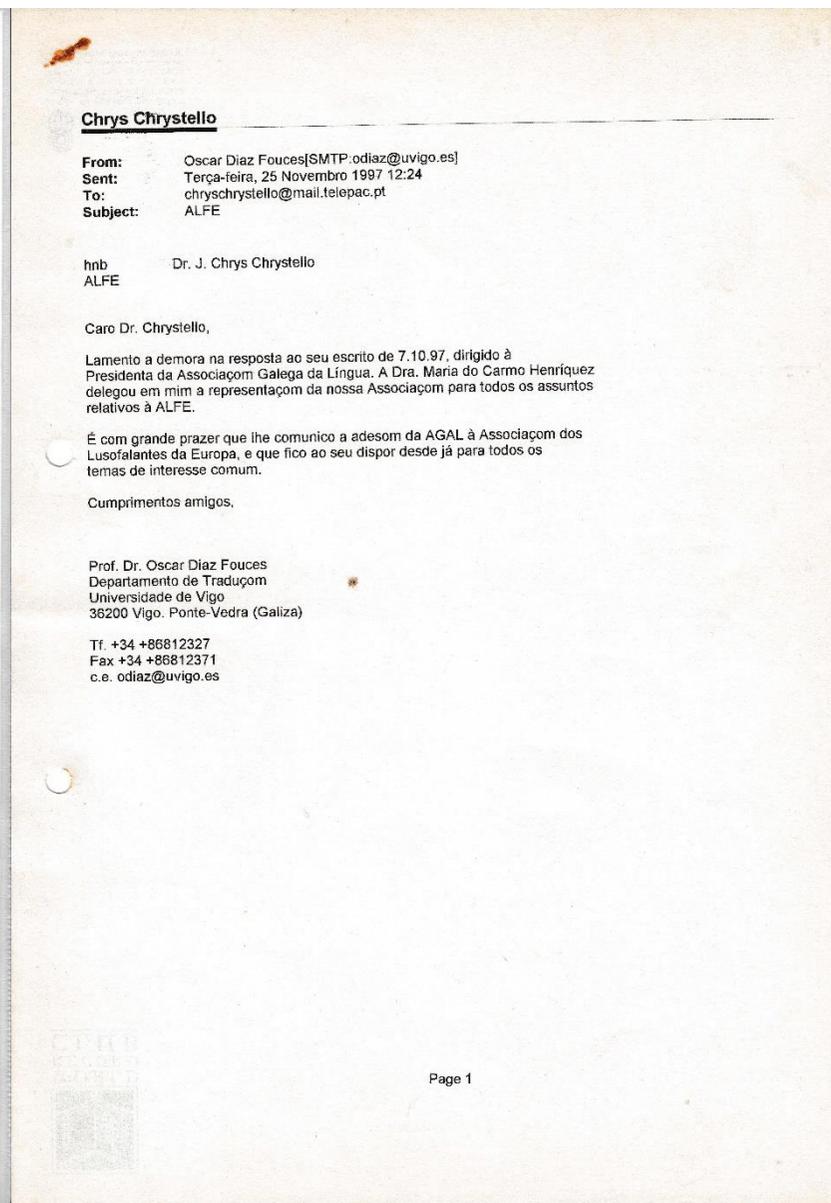
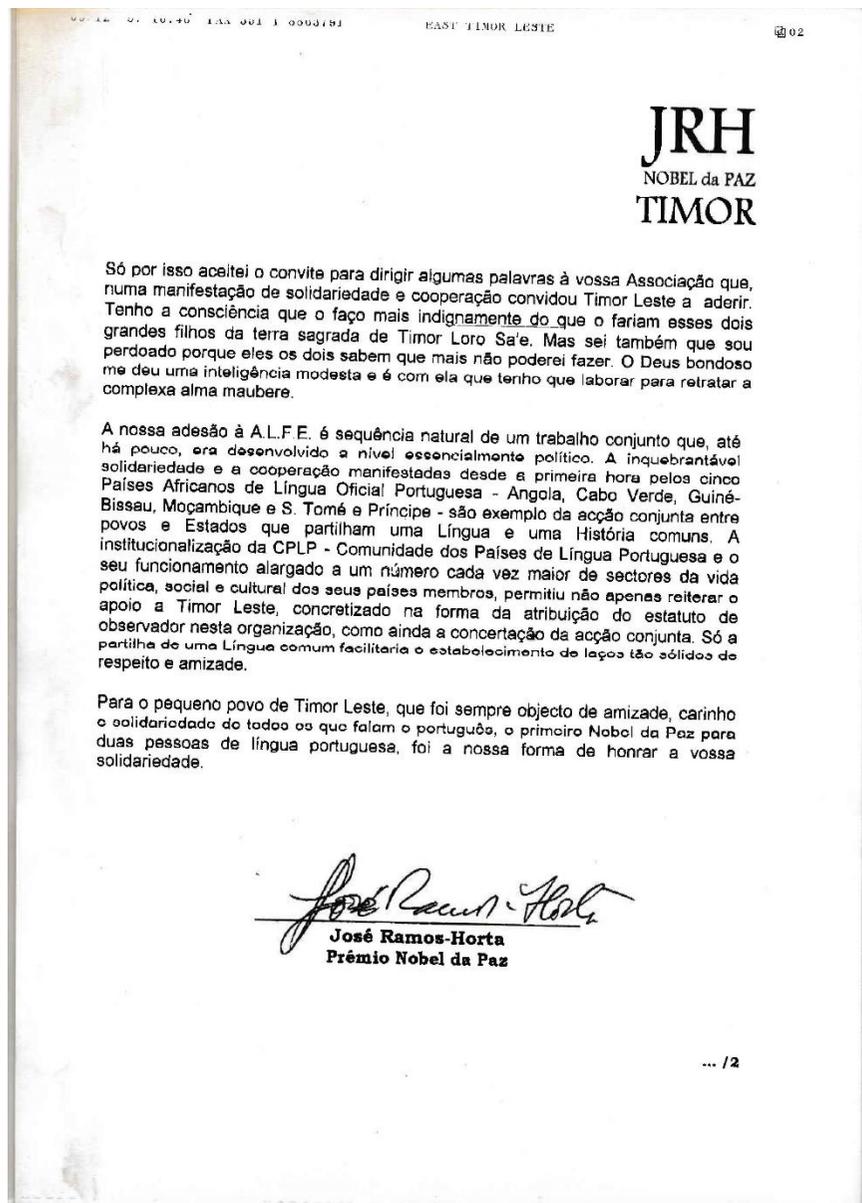
Xanana deveria estar aqui também porque com mais autoridade, legitimidade, paixão e eloquência saberia despir o corpo timorense de tudo o que lhe oculta a alma com os seus anseios, gritos, sofrimento e esperança.

Nem ele nem o meu colega co-laureado, o Bispo de Díli, Dom Carlos Filipe Ximenes Belo podem hoje prestar as declarações que me pedem. Um está numa prisão a milhares de quilómetros da sua terra natal. Dom Carlos está numa outra prisão, maior, a ilha prisão de Timor Leste, ocupado há 22 anos por um exército de ocupação.

1/ ...

Rua São Lázaro nº 16, 1º
 1150 Lisboa
 PORTUGAL

Tel: +351 1 886 3727
 Fax: +351 1 886 3791
 e-mail: np98g@mail.telepac.pt



PRESS RELEASE

NOTA À COMUNICAÇÃO SOCIAL

AL.F.E. - Associação dos Lusofalantes na Europa Apartado 2196, 4203 Porto Codex Porto Portugal
 +351 (0) 2 814786 Fax: +351 (0) 2 814786/+351 (0) 2 9511960 Telemóvel: 0936397460/09319287816
 E-mail: chryschrystell@mail.telepac.pt

PARA DIVULGAÇÃO/PUBLICAÇÃO/TRANSMISSÃO IMEDIATA
 For Immediate Release

Data: 02 JANEIRO 1998
Contacto: Dr. J. CHRYS CHRYSTELLO
Telefones: (02) 814786; **Telemóvel:** (0) 936397460 / (0) 9319287826
Fax: (02) 814786/+351 (0) 2 9511960

A GALIZA ADERE À ALFE

PORTO—

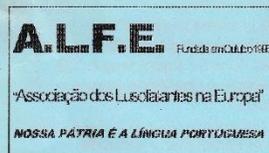
"É COM GRANDE PRAZER QUE COMUNICO A ADESOM DA AGAL À ASSOCIAÇÃO DOS LUSOFALANTES NA EUROPA," assim declarava há dias em Vigo, o Prof. Dr. Oscar Diaz Fouces, catedrático da Universidade daquela cidade.

"A Dra. Maria do Carmo henriquez delegou em mim a representação da nossa Associação junto da ALFE", acrescentava aquele ilustre homem das letras da vizinha Galiza, referindo-se à Presidente da AGAL, Associação Galega da Língua, que desde há duas décadas vem lutando pelos direitos linguísticos dos galegos.

A AGAL (ASSOCIAÇÃO GALEGA DA LÍNGUA) agrega a maioria dos defensores do reintegracionismo, dentre os quais inúmeras personagens da literatura e artes portuguesas. Esta política (actualmente contrariada pelo governo de Madrid) visa aproximação da Língua Galega às suas origens da matriz galaico-portuguesa, e está bastante implantada em meios académicos da Galiza onde se remete a uma defesa acérrima dos seus princípios. A AGAL e os seus membros têm participado em vários debates e seminários sobre a Língua Portuguesa durante esta década e meia da sua existência.

E foi com estas palavras singelas do prof. Oscar Diaz, que se estabelecia, pela primeira vez, uma ligação linguística da Galiza à ALFE, uma entidade que luta pela defesa da Língua Portuguesa, independentemente de credos, partidos ou estados.

A ALFE alcança assim um dos seus grandes objectivos que era o de congregar todos os falantes de Português que o entendam como sua língua.



Sede: Casa de Portugal, 620 Rue Marconi, 78370, Poissy, France
 Delegação em Portugal:
 Apartado 2196, 4203 PORTO CODEX PORTUGAL

Telefone: +351 (0) 2 814786
 Telemóvel: +351 (0) 2 814786/936397460
 Telemóvel: +351 (0) 9319287826
 E-mail: chryschrystell@mail.telepac.pt
 E-mail: chryschrystell@portugalmail.com

Exmo(a) Senhor(a)

Planos Imediatos de ALFE:

Organização do 1º Congresso Mundial, já previsto para 1998.
 Divulgação da ALMAC (Associação Mundial dos Lusofalantes-Associação de Cidadãos da Língua), a legalizar e sediar em Portugal brevemente.

A ALFE disponibiliza-se para dar o seu patrocínio intelectual e mediático para que o 1º Congresso Mundial dos Lusofalantes se possa realizar em Guimarães, na sequência das 1ªs Jornadas da Língua Portuguesa, em Guimarães, organizadas pela Escola Secundária Martins Sarmiento e Universidade do Minho.

Para esse fim, adiantava as seguintes propostas de trabalho:

1. Solicitar a apresentação de projectos concretos de trabalho em prol da difusão, preservação e enriquecimento da língua, e medidas exequíveis, a nível local e individual, a realizar a curto, e médio prazo, e que possam servir de contributo para uma futura (e actualmente inexistente) política de defesa da língua, como existe noutros países.
2. Solicitar:
 - a) A presença dos mesmos participantes das 1ªs Jornadas (com as vantagens óbvias de se estabelecerem comparações de percursos práticos entre as 1ªs Jornadas e o 1º Congresso Mundial).
 - b) A participação das comunidades da diáspora.
3. Dividir o Congresso em sessões de trabalho (workshops) destinadas a analisar, debater e viabilizar propostas que devem ser antecipadamente sugeridas pelos participantes. Criar elos de ligação e comunicação entre a organização do Congresso e oradores, para uma pré aprovação de propostas a debater em tais workshops, antes de serem submetidas a Plenário para potencial enriquecimento (Poderia inclusive divulgar-se o conteúdo de tais propostas e solicitar contribuições do público em geral, escolas, etc.)
4. A ALFE encarregar-se-ia de coordenar a divulgação mediática do Congresso, e a sua cobertura pelos Meios de comunicação social nacionais e estrangeiros.
5. Preparar convites para todos os professores de Português (1º, 2º, 3º grupos do Preparatório – 2º Ciclo, 8º grupo B secundário, etc), Universidades (independentemente de suas áreas específicas contemplarem ou não a língua portuguesa por se).
6. Proposta conjunta com a ALFE, para a criação de centros permanentes de Português para estrangeiros, adstritos a Escolas Secundárias, Universidades, etc, por método "fee for service" em que o utilizador paga o custo total do serviço, e as entidades custeiam apenas a administração e manutenção do mesmo.

As propostas suora, para vingarem terão de se basear no autodidactismo dos proponentes e das sociedades profissionais e sociais em que se inserem, sem estarem dependentes de autorizações governamentais ou de outras burocracias empenhadas para poderem concretizar-se.

GENÉRICO DA A.L.F.E.

ASSOCIAÇÃO DOS LUSOFALANTES NA EUROPA

"minha pátria é a língua portuguesa"

F. Pessoa

Uma língua é a pátria comum de todos quantos a falam, exprimindo-se e comunicando através dela sem fronteiras. A língua portuguesa, de matriz galaico-lusa, foi-se disseminando universalmente, até ser praticada por povos de todos os continentes, numa diáspora linguística que faz dela a sétima¹ língua mais falada no mundo sendo entre as europeias a terceira em irradiação internacional. Sete países independentes e irmãos, com as respectivas comunidades migratórias, a têm hoje como idioma nacional e oficial, tecendo por meio delas, relações íntimas, que os ligam a tal ponto que se instituiu uma *Comunidade de Países de Língua Portuguesa*.

Se as línguas são de quem as fala ou escreve, e não deste ou daquele Estado, os lusofalantes constituem no mundo actual um impressionante conjunto de cerca de 200 milhões de seres humanos, de diferentes civilizações, culturas, etnias, convicções, crenças e nacionalidades, unidos por um elo pacífico entre todos, como é o da língua, que lhes permite dialogar e compreender-se mutuamente.

Entre os demais sujeitos falantes do Português, **os emigrantes são sem dúvida os que mais sentem a necessidade profunda de preservar a sua língua, quaisquer que sejam os factores de integração ou inserção cultural no país em que vivem.** Isso explica porque é que as comunidades lusofalantes — sejam elas de portuguesas, brasileiros ou nacionais de qualquer país africano lusófono — têm lutado pelo direito das suas várias gerações, a continuar a falar, a escrever, a estudar a língua materna em todos os graus de ensino, utilizando-a tanto nas suas relações familiares como sociais. E muitos amigos do Português, de várias outras nacionalidades, se têm associado à defesa de uma língua que também consideram sua e é agora uma língua oficial da União Europeia, tendo jus a um tratamento conveniente e equitativo no espaço das Comunidades, não como uma "língua rara" mas como uma das principais línguas de comunicação internacional.

Infelizmente, há a lamentar que, por inconsciência, incúria e descaço das entidades responsáveis, que deviam defendê-la e promovê-la, a língua portuguesa tenha vindo a conhecer em vários países uma erosão preocupante, estando ameaçada de um declínio que pode vir a tornar-se grave, se se acentuar, sem que haja um sobressalto de todos os lusofalantes no sentido de lhe voltar a dar uma vitalidade nova, que só pode provir de uma forte mobilização das comunidades através das suas associações próprias.

¹ Benedito Silva, "A Língua Portuguesa na Cultura Mundial", Ed. da Fundação Eng. Antonio de Almeida e da Fundação Getúlio Vargas, Porto, 1992.

2

Foi assim que a apreensão generalizada que começou a manifestar-se entre os que se deram conta desta situação levou a que várias associações e personalidades de língua portuguesa se comessem a organizar para lhe fazer face, lançando um largo movimento de alerta e tomando a iniciativa de uma acção concreta e eficaz. Eis a razão de ser da Associação dos Lusofalantes da Europa, que agora damos a conhecer à opinião pública, uma vez devidamente constituída e legalizada, com sede em França mas aberta à participação de membros individuais e colectivos de todos os países, nomeadamente da União Europeia, qualquer que seja a sua nacionalidade, desde que falem efectivamente Português.

Propondo-se organizar iniciativas culturais múltiplas (linguísticas, literárias, artísticas, científicas, técnicas e profissionais) através de conferências, encontros, colóquios e simpósios, a A.L.F.E. empenhar-se-á sobretudo na cooperação com as comunidades lusófonas e nos países de língua portuguesa, estando disponível para a cooperação com outras associações que tenham os mesmos fins e objectivos.

Independente de quaisquer Estados, partidos políticos ou confissões religiosas, a A.L.F.E. é um traço de união entre todos os lusofalantes e amigos da língua portuguesa e das culturas lusófonas, pois a língua é o elemento de ligação fundamental entre as comunidades e os povos. Os valores essenciais das civilizações que ela põe em contacto são, enfim, os da "civilização do universal", de que fala Léopold Senghor, um grande amigo da lusofonia.

Ao mesmo tempo que, com espírito vigilante, a A.L.F.E. procurará estar atenta, como interlocutor qualificado, a todas as iniciativas oficiais, ou à ausência delas, batendo-se por que haja uma *política internacional da língua portuguesa* delimitada em comum pelos países lusófonos, ela actuará, com espírito construtivo, no terreno da vida vivida das comunidades que quotidianamente praticam o seu idioma, como um direito inalienável.

No âmbito da educação, da cultura, da comunicação social, da edição e da difusão do livro e dos bens culturais, do uso científico, técnico e profissional do idioma, a A.L.F.E. estudará e apresentará propostas precisas, que submeterá a quem de direito e porá se necessário ela mesma em prática, congregando todos os esforços e boas-vontades dos sujeitos falantes e criadores da língua, desde o cidadão comum ao escritor, ao jornalista, ao professor, ao homem público de todas as convicções e quadrantes.

Se a língua é uma pátria, ela é antes de mais uma pátria de cidadãos livres e solidários, de cada país e do mundo. É por essa cidadania da língua, como elo cívico entre os homens e os povos, que a A.L.F.E. se baterá sempre.

Fazendo um apelo a todos os lusofalantes, qualquer que seja o país onde vivem, para que individualmente ou através da associação a que pertencem adiram a este projecto de dignificação, valorização e irradiação da nossa língua comum, a A.L.F.E. está certa de interpretar assim uma das aspirações mais fundamentais dos cidadãos que fazem da língua portuguesa a sua pátria.

2

A DECLARAÇÃO DE UMA A.L.F.E. MUNDIAL

Os participantes e organizadores das Jornadas Nacionais sobre a Língua Portuguesa, que teve lugar em Guimarães de 22 a 24 de Abril de 1996, em defesa do nosso idioma como pátria comum reivindicam e afirmam a sua qualidade de *cidadãos da língua*, enquanto expressão de pertença a uma comunidade plural de civilizações e culturas em diálogo, num horizonte universalista.

Para prosseguir a luta pela irradiação nacional e internacional da língua portuguesa, através de um movimento cívico que mobilize activamente os falantes do idioma, quaisquer que sejam a sua nacionalidade e o país, a região ou o continente onde vivam e trabalhem, os participantes e organizadores destas jornadas decidem criar uma *Associação dos Cidadãos de Língua Portuguesa no Mundo*, aberta a todos os cidadãos da língua e a todas as associações em que estes estejam ou venham a estar organizados.

A pertença a essa Associação será identificada emblematicamente por um documento simbólico de *cidadão da língua portuguesa*, que facilitará o contacto entre os seus membros e estimulará a sua solidariedade mútua, independentemente da respectiva nacionalidade.

A *Associação dos Cidadãos da Língua Portuguesa no Mundo* organizará um Congresso em defesa da Língua Portuguesa, a realizar se possível em 1998, em que poderão participar todos os seus membros e todas as associações que lutam pela causa do Português e dos povos e culturas de língua portuguesa.

MITOS DA LUSOFONIA

Uma das questões que mais interessa a certos meios mais ligados à preservação da língua e cultura portuguesas é o de provar que elas estão vivas. Contudo, há algo mais importante a fazer: mantê-las vivas.

Se bem que seja importante, o contributo dado por entidades oficiais e para governamentais, à realização de colóquios e seminários, mais importante será criar um elo motriz, capaz de as catapultar da sua semi-obscuridade em meios internacionais para uma situação de ribalta: de Timor a Tangerang, ou de Ceuta a Calecut.

Surgiu recentemente uma proposta do Prof. Dr. José Augusto Seabra, para a criação de uma *Cidadania da Língua (Portuguesa no Mundo)* que importa analisar, pois ela contém os germes do sucesso, inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras, num país como Portugal, marcado pelo tradicionalismo avesso a mudanças. Para quê, esta cidadania? Para que todos os lusófonos, independentes de outros idiomas, que com a língua de Camões comunguem, possam identificar-se como uma entidade única e universal, importante, capaz de sobreviver a guerras, diásporas e outras tragédias que têm assolado os lusófonos.

Quem são, o que fazem, pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra-mãe? Será que as línguas crioulas, Pidgin ou Banto se sobrepõem às outras? Porque o ensino do Português é oficial, quererá isso implicar que essa língua suplanta as outras? Ou teremos, finalmente, de admitir como falantes de Português, que a nossa língua comum só pode sobreviver se enriquecida por outras? Durante a lição esta para aqueles, que como diz o escriba "*deram novos mundos ao mundo*". Se não aceitarem esta realidade multilíngue das comunidades lusófonas, criar-se-á o conceito de que temos uma língua viva, quando a mesma tem marcado o destino do Esperanto.

Estas algumas das perguntas que aqui se põem a que alguém - que não eu - terá de responder. Estas as questões fundamentais para a sobrevivência da língua portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem do país que chamamos nosso, mesmo que o não seja.

Esta mitificação, de que somos cerca de 182 milhões, no Brasil e mais uns milhões em África e no resto do mundo a falar Português, desde Goa a Malaca, Macau e Timor, tem de ser desmistificada. **Somos uma colónia de nós mesmos!**

Quando queremos um livro português temos de aceitar uma versão que até nem é má, seja ela do Brasil ou de outro país, mas podia ser melhor se tivesse sido elaborada a pensar em todos os lusófonos e não só naqueles com que o tradutor se identifica. Queremos vídeos em português, qualquer que seja o lugar em que vivemos - e desde quando o podemos encontrar?

Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusófonos, dos Orientes exóticos aos papuásios, aos africanos e ameríndios, esquecidos que estamos todos pelos países donde a língua a que chamamos nossa se irradiou. Continuo a ter filhos que falam português - não obstante o país em que nasceram ou viveram. Encontrei muitos estrangeiros (de países de línguas outras que não a portuguesa e dos PALOP's) mais interessados em apoiar iniciativas de preservação da língua portuguesa do que os autóctones de Portugal.

Precisamos de organismos como a ALFE ou a Associação de Lusófonos no Mundo, capazes de defender aquilo porque pugnamos, de Norte a Sul, de Leste a Oeste, seja qual for o hemisfério em que estamos. Precisamos de iniciativas arrojadas! Temos de organizar simpósios, conferências, seminários, capazes de captar leitores com boletins informativos, captar ouvintes com noticiários com as línguas de origem lusófona que adoptamos ou queremos como nossas, mas é preciso apoio: alguém que se nos comprometa a divulgar e a manter viva esta língua a que ainda chamamos nossa, dos Algarves de Aquém e Além Mar, de el-reis que já esquecemos, aos vice-reis de Índias que nunca nossas foram, aos Timores que olvidados andaram durante séculos, às Malacas e Macaus de que alguns se lembram quando que se querem sentir portugueses.

O essencial é mantermos a língua e cultura portuguesas vivas, não interessa onde mas como. Para isso, só os lusófonos estão preparados, de África ao Brasil, das Américas à Ásia e Australásia, e dentro de todas as comunidades onde se encontram os lusófonos, seja no lémine onde só há um, seja no Brasil dos milhões ou na Galiza, e a única coisa que os une a todos é a língua, essa cidadania universal que transcende nacionalidades, credos, convicções políticas, culturas, etnias, civilizações.

TIMOR LOROSSAE

A língua não é só uma forma de comunicação inicial e iniciática vital para os povos, mas pode tornar-se, como no caso de Timor nestes últimos anos numa forma revolucionária. Quando se pensa que as gerações hoje opostas à neo colonização indonésia, não eram, na sua maioria, nascidas quando os Indonésios proibiram o uso do Português, temos de analisar que elas se vão aproveitar dessa mesma língua proibida para comunicar entre si, fazer oposição ao regime político e para serem ouvidas no mundo exterior. Poderiam, mais facilmente ter-se servido do Inglês, mas escolheram o Português, por este não ser dominado pelos Indonésios, mas ser compreendido pela maioria da geração mais velha, aquela que ainda se lembra da diferença de vida. É assim como língua da revolução e da resistência que o Português se mantém hoje em Timor ou na prisão de Cipinang de onde Xanana escreve.

De formas contrárias, o Português em África serviu para aglutinar populações divididas por etnias e dialectos diferentes, sendo hoje a língua oficial que absorvendo neologismos e ataques de línguas estrangeiras (Francês na Guiné Bissau, Inglês em Moçambique, etc) vai enriquecendo as línguas crioulas ou Pidgin, desta forma se perpetuando e vitalizando, tal como acontecera há uns séculos no Brasil.

Em Goa, Malaca e Macau, persistem hoje pequenos redutos de formas de português, que estão em vias de extinção, pois que com o fim da presença portuguesa não se vislumbraram vantagens – nem culturais nem políticas – para ser mantido de direito próprio, ao contrário do que aconteceu no Sri Lanka (Ceilão) onde a mudança para apelidos portugueses era uma promoção de casta social.

A AUSTRÁLIA DOS ABORÍGENAS QUE FALAM UMA MESCLA DE PORTUGUÊS ARCAICO

Desconhecido para a maior parte de australianos e quase totalidade de portugueses é o facto de a língua e cultura portuguesas terem chegado aquele vasto continente entre 1521 e 1525. Um número considerável de historiadores e estudiosos australianos aceita já, sem grandes reservas, essa chegada como um facto. A mapagem cartográfica de ¼ da costa australiana pelos Portugueses, mais de 250 anos antes da chegada dos franceses e do capitão Cook é já hoje ensinada nos livros escolares. Esta descoberta histórica da Austrália pelos portugueses ficou a dever-se a um australiano Kenneth Gordon McIntyre, Comendador da Ordem do Infante, interessado em desvendar segredos velhos que só o silêncio dos mares podia revelar.

Nas últimas quatro décadas foi descoberta a existência de dialectos aborígenas com uma origem portuguesa e a descoberta de gramática em dialectos aborígenas australianos, pelo Prof. Dr. Carl von Brandenstein, o qual justifica a existência de uma colónia portuguesa nos montes Kimberley, a norte da Austrália Ocidental. Até então, nunca nenhum dos cerca de 600 dialectos locais havia demonstrado a existência de normas gramaticais, e muito menos que esta fosse lusófona e não anglófona como, quiçá, seria de esperar.

Nenhuma tribo aborígena australiana tem normas gramaticais tão formais como as das YAWUJIBARRA (nome que tem por origem linguística “Os Avós de Barra, os que passaram a Barra”) ou os YAWUJIBAYA (“Antepassados da Baía”), cujo último descendente faleceu em 1987. Isto torna-se ainda mais interessante se verificarmos que eles utilizam a voz passiva inexistente em qualquer outra tribo. A maior peculiaridade no triângulo tribal dos Ngarluma, Karriera e Yawujibarra é a existência no seu vocabulário de palavras de origem portuguesa que não são consideradas estrangeiras pelos seus contemporâneos.

A colónia terá durado 60 anos, entre 1520 e 1580, podendo inclusive, ter sobrevivido mais tempo. A preocupação principal aqui é relativa ao impacto da ocupação durante sessenta anos, em relação à população aborígena. “Embora aquela tribo tenha deixado de existir em 1987, pode não ser demasiado tarde para que peritos com conhecimentos relevantes possam estudar o assunto, falar com descendentes da tribo, estudar fotografias e relatórios tais como o do prof. J. Birdsell em meados da década de 50².”

LISTAGEM DOS NOMES PORTUGUESES DE ILHAS E DE PONTOS GEOGRÁFICOS

A fim de ilustrar os nomes dados pelos Portugueses às novas terras pátrias dos grupos tribais afro australianos em Avós de Barra e Avós de Baía, no arquipélago Buccaneer, elaborei por ordem alfabética a seguinte lista de trinta nomes de ilhas e de pontos geográficos, dados em Português (Port.), Crioulo (Creo), tradução para Inglês (Et.) e nomenclatura inglesa (Em):

(Port.) Ambí(guo e) estreito >(Creo) Yambi
(Et.) Ambiguous Strait = Yampi Sound (vários acessos e saídas)

(Port.) Baía (ver Baía Colher e Ilhas de Baía)
(Et.) Bay (Vd. Collier Bay Is. e Collier Bay)

(Port.) Baía segura >(Creo) ?
(Et.) Secure Bay (Em) Secure Bay

(Port.) Baía Maior ideei >(Creo) Baía Myridi
(Et.) (The) Bay I thought (to be) larger (Em.) Myridi Bay

(Port.) Barra (vd. Ilhas da Barra) >(Creo) Bara
(Et.) Bar, Breakwater, Reef (Em.) Montgomery Is., Breakwater

(Port.) Bi lancha >(Creo) Bilya nya ver Bilha unha (Port.)
(Et.) Twin Launch (Em.) Cockatoo Is.

(Port.) Bilha Foliam >(Creo) Bilya Wuliam
(Et.) Twin island (where) they fool around =(Em.) The Sisters, with an intertidal flat between 3 km. east of Koolan Is.

(Port.) Ilha Colham >(Creo) Ilya Kolan
(Et.) Island where they strike sails (Em.) Koolan Is.

² Coale, H. H. J. e Wurm, 1965 Novas descobertas Linguísticas Australianas, in *Lingua*, 14, 378.
Coles, W. J. e Lynette F. 1970 'A Revised Survey of Australia' (Um Novo Levantamento Australiano). Instituto Australiano de Estudos Aborígenas, Australian Aboriginal Studies, Canberra, #33, p. 47.
Tindale, Norman B., 1974, *Aboriginal Tribes of Australia*, University of California Press, Berkeley, pp 77, 84, 112, 147, 151, 242.
McGregor, William, 1964, "A Survey of the languages of the Kimberley region" (Um estudo das línguas aborígenas da região dos montes Kimberley) p. 17 "Handbook of Kimberley Languages", vol. I, 1988, informação genérica, Pacific Linguistics, Canberra, pp 98-97, 1989 mapas computadorizados.
Birdsell, Joseph B. 1964, M. S. Field Notes (na posse de J. B. B.)
Tindale, Norman B. 1974 'Tribes Aborígenas da Austrália', University of California Press, p.153.

7

(Port.) Ilha de Ciciar (Et.) Island of Whispering =	>(Creo) Cissiar ? (Em.) Caesar Is. (18 km. a noroeste das ilhas Koolan).
(Port.) Bilha unhas (Et.) Twin Is. holding fast =	>(Creo) Bila.nya (ver Bi lancha) (Em.) Cockatoo Is.
(Port.) Ilha costeiam (Et.) (The) island they can coast along by =	>(Creo) Ilya Kutjun (Em.) Rankin Is. até às ilhas da Baía, a 400 metros da costa.
(Port.) Galês irã- (Et.) (Island where) slaves will go =	>(Creo) Galji irra (Em.) MacLeay Is.
(Port.) Ilha Melão mais (Et.) (Island where) mostly round melons (are)	>(Creo) Melomys (Em.) Melomys Is. para as ilhas da Baía >(Em.) Wood Is.
(Port.) Ilha Mel o Mais (Et.) (Island) most (of which) is honey =	>(Creo) Melomys (Em.) Melomys Is., Woods Is.
(Port.) Nu Monstro (Et.) Naked Monster - uma rocha no farol da ilha Cafarelli. É possível que o nome 'Naked Monster' seja moderno e dado pelos Yawuji Bara antes de 1931, mas dada a falta de comprovativo uma pedra de aspecto e formato peculiar poderá ter levado os portugueses a denominar de Ilha do Nu Monstro.	>(Creo) Numuntju
(Port.) Ilha do Pó Doido (Et.) Island of the Painful Dust =	>(Creo) Pudu.du (Em.) Bathurst Is.
(Port.) Ilha Sitio Lancha (Et.) Island site of a launch	>(Creo) Tjitulanj (Em.) Gibbings Is. no canal Goose.
(Port.) Ilha Travessa (Et.) Contrary Winds Is.	>(Creo) I'lya Irrawetja ? (Em.) Traverse Is. as ilhas da Baía.
(Port.) Ilha Vão Ganir (Et.) (Island) where you shall howl in vain =	>(Creo) Wanga' ni; (Em.) Irvine Is. a mais próxima a oeste de Cockatoo Is.
(Port.) Ilha Vinhei (imperativo dialéctico obsoleto) Ilha Venhil (imperativo plural) (Et.) Come Back (to this island)	>(Creo) ? (Em.) Viney Is. às ilhas de Baía.
(Port.) Ilhas de Baía (Et.) Islands of (Collier) Bay	>(Creo) I'yaji Baia (Em.) Collier Bay Is.
(Port.) Ilhas de Barra (Et.) Islands of the Bar / Breakwater / Reef	>(Creo) I'yaji Bara (Em.) Montgomery Is.
(Port.) Ilhas de Carnagem (Et.) Islands of Bloodshed / Meat provisions =	>(Creo) Gar'irrenat (Em.) Bedford Is.
(Port.) O Canal (Et.) The Canal	>(Creo) Canal ? (Em.) The Canal, no lado sul da ilha Koolan.
(Port.) Onda Maranha (Et.) Wave (flood) turbulence =	>(Creo) Unda Marra (Em.) Foam Passage, a noroeste da Baía de Collier.

7

8

(Port.) Ponta Nariz (Et.) Point Nose =	>(Creo) Punta Nares (Em.) Nares Point, a sudoeste da ilha Koolan, na Angra de Yampi.
(Port.) Varar (Et.) To run her aground (ship) =	>(Creo) Wa'rar, também utilizado em Wunambal ³ (Em.) a noroeste e norte de Kimberley
(Port.) Vago (Et.) Empty, unoccupied =	>(Creo) Wa:ko [N. B. Tindale 1974:146 mapa] (Em.) um vasto espaço vazio a cerca de 6 km. da Angra de Yampi no continente, assinalado por N. B. Tindale com um ponto. Sugiro que ele não tenha compreendido a mensagem do seu informador de fala crioula Yawuji Bara, que apenas queria informá-lo que nada havia para buscar. A má interpretação de Tindale de Wa:ko como nome de lugar, marcado com um ponto no mapa, demonstra a existência de um povo com nome português utilizado pelos Yawuji na época contemporânea.
(Port.) Vista Encare (Et.) "If/He should keep the view (from here) under strict observation!"	>(Creo) Widzh inka'rri (Em.) Querirá isto significar, de Freshwater Cove, no continente, até sudoeste em High Cliff (Altas Escarpas) e para o mar, ou ao contrário de High Cliff Is. para noroeste em Freshwater Cove? De qualquer forma, o nome demonstra o papel desempenhado pelos Yawuji para os Portugueses. Sue O'Connor dá o nome crioulo de Widgingarri, mas o nome em português Vista Encare [pronunciado Vishtaencarre] é bem significativo. Ela localiza-o em Freshwater Cove, a 13 km. das ilhas High Cliff (Altas Escarpas).

De uma lista de 60 palavras idênticas às suas versões portuguesas, selecionarei aqui apenas 15.

1 (P) tartaruga --> (N,K) thatharuga.
O termo português deriva do grego tartarouros (do diabo), do latim tartarucus, do italiano tartaruga, do espanhol tartuga. Esta palavra foi criada dentro do simbolismo cristão. Curiosamente quer o Português, quer os dialectos Ngarluma e Karriera distinguem dois sons de 'r', um rolado e outro dobrado, o que acontece em poucos idiomas no mundo. Para os Ngarluma e Karriera thatharuga, o th é o fonema correspondente ao td, sendo naquele nome o primeiro 'r' eliminado por desnecessário

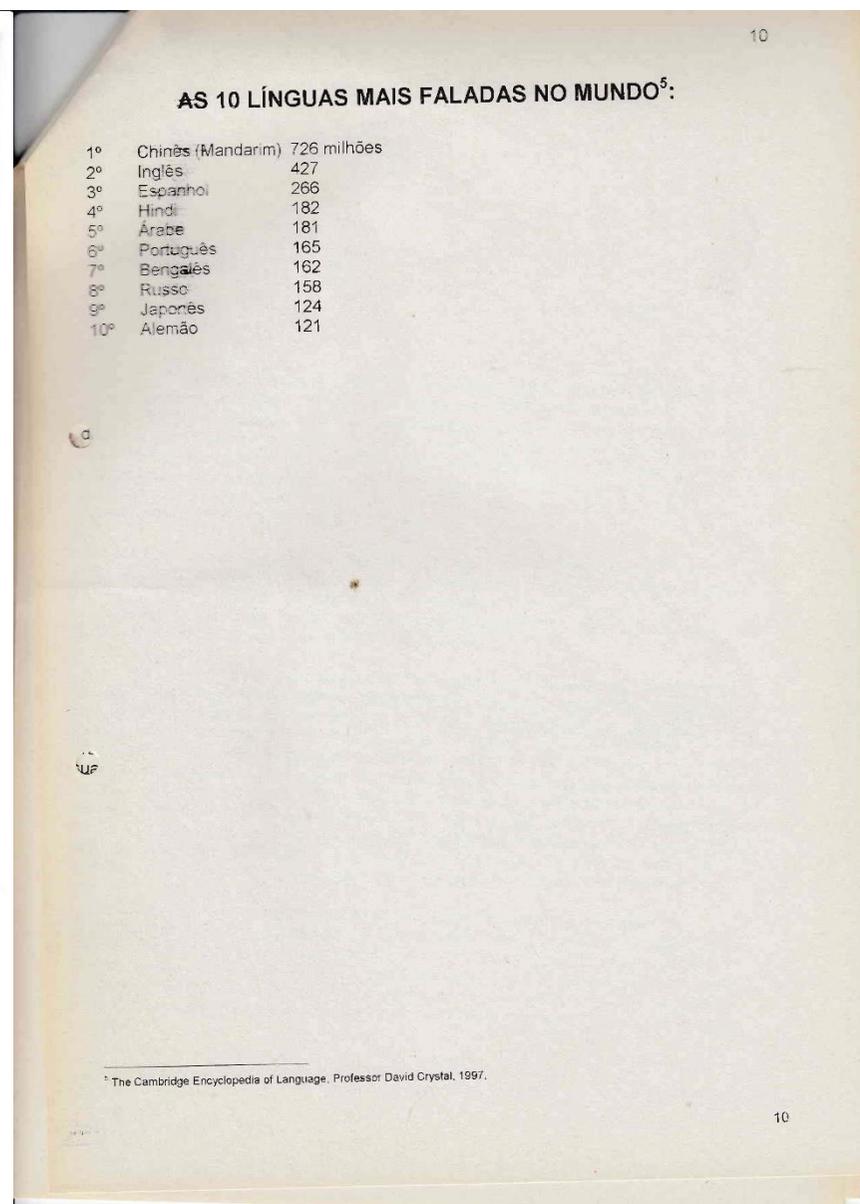
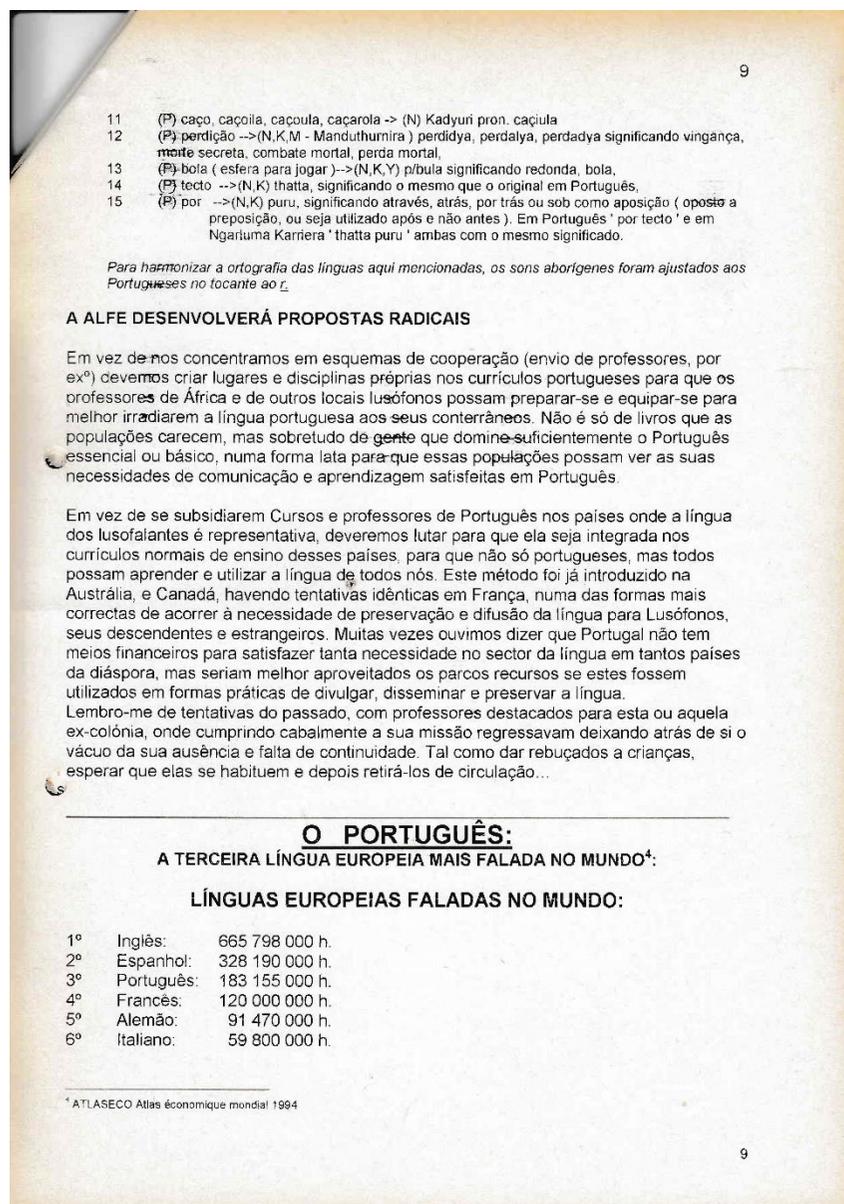
Uma das razões da aceitação de uma palavra estrangeira, pode resultar da importância ecológica da tartaruga ao longo de toda a costa do noroeste. Os portugueses e os aborígenes dependiam dela como meio de obterem comida, e elas encontram-se em inúmeras ilustrações aborígenes em rochas, desde a foz do rio De Grey até à península Burrup. A maior parte das praias na zona são férteis em tartarugas. Dado não haver qualquer influência italiana (origem do termo) na Austrália de antanho a única origem possível para o termo tem de ser portuguesa.

Possíveis alterações na pronúncia do Português do século XVI, de dialectos ou não, não foram tidas em consideração, ficando para um linguista português que queira estudar a sua própria língua. Seria curioso verificar se o T português no início de uma palavra alguma vez terá tido a forma tz ou th, desta forma explicando o th dos Karriera e Ngarluma distinto do t de Pilbara.

2 (P) chama, --> (N,K) thama, (pronunciado tchama),
(P) fogo, fogueira --> pugara (pron. fugara) (Y, Yindjipardi) --> puua / pughara,
(P) cinza, --> (N,K,Y) tynda (pron. cindza),
(P) monte, --> (N,K,Y,Pri) monta / mania, relativamente ao excessivo uso de a como terminação aborígene, em vez do o ou e. Português, ver os exemplos 5, 10,12, e 14.
(P) fundo, --> (N,Y) punda pron. funda,
(P) paludismo --> (N) paludi, significando águas paradas, pântano, poça,
(P) mal --> (N) malu, significando mal, diabo, cobra má que morde, raia,
(P) pintura --> (K) pintyura significando pintura, desenho, linha,
(P) tardar --> (N,Y) thardan, significando tornar-se lento, hesitar, demorar,
(P) manjouro --> (N,K) mandyara, manyara, manya (pron. manjiara, manja), significando caminho ou calha para beber ou comer,

³Tindale, Norman B.
1974 "Tribos Aborígenes da Austrália", University of California Press, página 153 " Os marinhos Wunambal" ... visitando os corais e dunas desde Long Reef chamavam a estes 'Warar'.

8



Depois fizemos dois números da revista da ALFE, VOZ DA LÍNGUA, em junho 1996 e maio 1997, que aqui se reproduzem

Junho de 1996

Número 1



VOZ DA LÍNGUA

Jornal dos lusofalantes na Europa

EDITORIAL

A CIDADANIA DA LÍNGUA

"Nossa pátria é a língua portuguesa" — eis, parafraseando e pluralizando a célebre frase de Pessoa, a divisa emblemática do cartaz que a A.L.F.E. acaba de lançar, mobilizando as opiniões públicas dos países europeus para a defesa de uma língua que é entre os europeus a terceira mais falada no mundo.

O apelo feito no manifesto da A.L.F.E., de Outubro de 1995, teve já um largo eco, face à preocupação suscitada pela ameaça de uma marginalização do Português na União Europeia, apesar de ser uma língua oficial da Comunidade, além de uma língua comum a sete países de três continentes, falada também noutros por onde se espalhou a sua diáspora.

Perante a inconsciência de uns, a incuria de tantos e o descaído de muitos, só um sobressalto dos cidadãos da língua, que são todos quantos a falam, a escrevem e a lêem, qualquer que seja a sua nacionalidade ou o país onde vivem, poderá inverter essa tendência, evitando o que seria um grande desastre cultural para os povos lusófonos.

J. A. S.

Sumário:

"O direito às línguas": um colóquio da A.L.F.E.	2
Mensagem da A.L.F.E. ao Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas	3
Colóquio sobre "O Ensino do Português em França"	3
Proclamação da Associação dos Lusofalantes na Europa (A.L.F.E.)	4
O Português: a terceira língua europeia mais falada no Mundo	5
História e cidadania	6
Centenário da morte de João de Deus	6
Por amor da nossa fa-a (Alfarrimos de João de Araújo Correia)	7
Os Livros e a Língua	7
As "Jornadas Nacionais sobre a Língua Portuguesa" em Guimarães	8

Num momento em que está na ordem do dia a constituição da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, é impensável que na Europa esta não seja devidamente defendida, através do ensino, da imprensa, da difusão do livro, de todas as formas — e são multimodas — que permitam a irradiação de uma grande língua de comunicação internacional.

Para lá das entidades nacionais e comunitárias competentes, que têm a obrigação estrita de definir e aplicar uma política internacional da língua, temos de ser nós todos, lusofalantes, a tomar nas nossas mãos esse objetivo vital para o nosso futuro. Para isso haremos de unir-nos, começando por contactar e dialogar uns com os outros, através da *Voz da Língua*, servindo-nos dela mesma para a defender, preservar e difundir.

A A.L.F.E. irá, entretanto, promover outras iniciativas: colóquios, encontros, edições de textos vários. A língua fala-se, pois a falar é que a gente se entende. Escreve-se e lê-se, pois o que é escrito e lido fica melhor impresso na memória. E ela é sobretudo a força maior da luta pelos nossos direitos, a manifestação mais viva da nossa cidadania. Sabermos usá-la com a liberdade e a solidariedade que são as nossas, em democracia.



EUGÉNIO DE ANDRADE
Desenho de Álvaro Siza

TRÊS OU QUATRO SÍLABAS

Neste país onde se morre de coração inacabado

deixarei apenas três ou quatro sílabas de cá viva junto à água

É só o que me resta e o bosque inocente do teu peito meu tresloucado e doce e frágil pássaro das areias apagadas

Que estranho ofício o meu procurar ronte ao chão uma folha entre a poeira e o sono húmido ainda do primeiro sol

Assinatura de Eugénio de Andrade

2

VOZ DA LÍNGUA

“O DIREITO ÀS LÍNGUAS”: UM COLÓQUIO DA A.L.F.E.

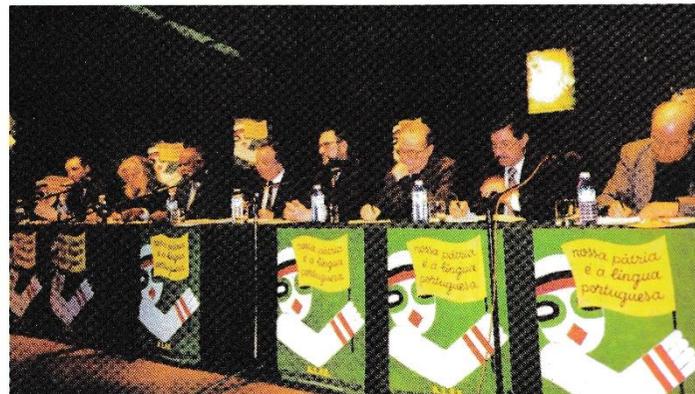
Por iniciativa da A.L.F.E., em colaboração com a Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, realizou-se em 27 de Janeiro último, na Residência André de Gouveia (Casa de Portugal) da Cidade Universitária de Paris, um colóquio sobre “o direito às línguas”, tema de uma grande actualidade e de importância fundamental para a afirmação da cidadania europeia e das cidadanias nacionais dos povos que

grande diáspora das comunidades de lusofalantes dispersos pelo mundo inteiro. É nessa perspectiva que a A.L.F.E. entende lutar pelo direito às línguas, um dos direitos humanos universais.

Nesse colóquio, moderado pelo Professor e Embaixador José Augusto Seabra, presidente da A.L.F.E., participaram por isso representantes do Brasil, como o Prof. José Edil Lima

Ciências, das Artes e das Letras. Fizeram ainda intervenções o Dr. António Coimbra Martins, antigo ministro da Cultura, e o Deputado Carlos Luís, eleito pelo Círculo da Europa. De assinalar a presença do Presidente da Liga dos Direitos do Homem da Guiné-Bissau, Domingos Mendes, que participou no debate.

A discussão que se seguiu às comunicações dos participantes, todas



A MESA DO COLÓQUIO

integram a União saída do Tratado de Maastricht.

Todo o cidadão europeu, que é ao mesmo tempo o cidadão de um determinado país de origem, qualquer que seja o país onde resida no espaço comunitário, tem na verdade o direito a falar, a escrever, a estudar e a difundir a sua língua nacional, a qual é reconhecida como uma língua oficial da União Europeia. É o caso dos cidadãos portugueses. Mas a nossa língua é também falada na Europa por cidadãos brasileiros e os países africanos lusófonos, que se integram na

Alves, em nome do Secretário da Cultura do Governo do Rio Grande do Sul, Prof. Carlos Appel; de Angola, como o Embaixador Domingos Van Dúnm, delegado permanente do seu país junto da UNESCO; de Portugal, como a Prof.^a Norma Tasca, da Universidade do Porto, ao lado de intervenientes franceses, como o Prof. Pierre Rivas, da Universidade de Paris X e ainda o Dr. Olivier Lemaire, secretário-geral da União dos Europeus de França, que representava também o Prof. Raymond Daudel, presidente da Academia Europeia das

de alto nível intelectual e convergentes na defesa do direito à diversidade das línguas, foi muito viva e empenhada, tendo um grande número de membros da A.L.F.E., alguns deles representantes de várias associações dela aderentes, mostrado uma grande motivação para a luta pelos objectivos que nos mobilizam, ao lançar e reforçar um movimento cívico europeu, nacional e internacional, em defesa do direito à nossa língua, a terceira entre as europeias mais falada no mundo e espalhada por todos os continentes.

MENSAGEM DA A.L.F.E. AO SECRETÁRIO DE ESTADO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

Paris, 3 de Maio de 1996

Senhor Secretário de Estado
das Comunidades Portuguesas

Eng.º José Lello

Excelência,

Em nome da Associação dos Lusofalantes na Europa, constituída em Outubro de 1995 e com sede legal em França, saudamos a visita de Vossa Excelência à comunidade portuguesa deste país, felicitando-nos por este encontro de informação e trabalho com as suas associações representativas.

Reunindo cidadãos e associações de todas as nacionalidades dos países lusófonos, bem como de vários países europeus, a A.L.F.E. é um movimento cívico que visa promover a defesa e a difusão da língua portuguesa — a terceira língua europeia mais falada no mundo — sensibilizando as opiniões públicas e as instituições oficiais e privadas para uma causa que é vital para o futuro das nossas comunidades.

Na União Europeia são sem dúvida as comunidades migratórias que mais sentem a necessidade de preservar a sua língua como elemento decisivo de salvaguarda da identidade cultural, quaisquer que sejam as condições e os modos de inserção no país onde vivem e trabalham, mantendo relações por vezes difíceis com um contexto envolvente. Isso explica porque é que as sucessivas gerações da nossa emigração

têm lutado pelo direito de continuar a falar, a escrever e a estudar a língua materna em todos os graus de ensino, utilizando-a quotidianamente tanto nas suas relações familiares como sociais, ao mesmo tempo que assim mantêm um elo de ligação — o mais precioso — com a pátria distante.

Infelizmente, há a lamentar que, por inconsciência, incuria e descaso das entidades responsáveis, que deviam defendê-la e promovê-la, a língua portuguesa tenha vindo a conhecer em vários países europeus uma erosão preocupante, estando ameaçada de um declínio que poderá tornar-se grave, se se acentuar, sem que haja um sobressalto de todos os lusofalantes no sentido de lhe dar uma vitalidade nova, que só pode provir de uma forte mobilização das comunidades através das suas associações próprias, em diálogo e cooperação com as entidades oficiais.

Para só citar o exemplo da França, ainda no início do presente ano lectivo a Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Portugueses, Brasileiros, da África e da Ásia Lusófonas (A.D.E.P.B.A.) afirmava na sua "Lettre de Rentrée", a propósito da situação do Português, que "o ensino desta língua no primeiro e no segundo grau se encontra ameaçado", o que infelizmente os dados mais recentes vêm confirmando.

Pela sua parte, a A.L.F.E. tem alertado para que esta grave tendência mereça uma atenção das entidades portuguesas e europeias. Assim, num colóquio sobre "O

Direito às Línguas", em colaboração com a Academia Europeia das Ciências, das Artes e das Letras e com a Liga Portuguesa dos Direitos do Homem, foi defendido esse direito como um *direito de cidadania* dos povos europeus. É um cartaz difundido pela A.L.F.E. em toda a Europa, com o lema "Nossa Pátria é a Língua Portuguesa", proclama tal direito como uma exigência fundamental dos povos lusófonos.

Congratulando-se com os esforços do Governo português actual no sentido da constituição de uma *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, a A.L.F.E. tudo fará para que esse objectivo seja concretizado em breve, mobilizando a opinião pública e os sujeitos culturais e educativos. Por isso ela esteve presente nas recentes "Jornadas Nacionais sobre a Língua Portuguesa", realizadas em Guimarães, com mais de meio milhão de participantes, onde foi proposta a criação de uma "Associação dos Cidadãos da Língua Portuguesa no Mundo".

Solicitando a Vossa Excelência que transmita ao Governo português a vontade de cooperação da A.L.F.E., como interlocutor qualificado, em todas as iniciativas em favor da defesa e irradiação da língua portuguesa, subscrevemo-nos com a mais alta consideração.

Presidente, José Augusto Seabra, Vice-presidente, Vítor Rodrigues, Secretário, José Machado, Secretário adjunto, Manuel de Almeida, Tesoureiro, João Heitor.

COLÓQUIO SOBRE "O ENSINO DO PORTUGUÊS EM FRANÇA"

JOSÉ MACHADO

A Casa ANDRÉ DE GOUVEIA — já vai sendo tempo de lhe prestarmos uma homenagem e ao homem que a dirige, Dr. Rigobaldo Dias — acolheu, para esta iniciativa da Federação das Associações Portuguesas em França, um público interessado e participativo.

O Prof. José A. Seabra, como sempre um indefectível defensor da nossa língua, esteve de novo presente, na sua qualidade de Presidente da Associação dos Lusofalantes na Europa (ALFE). É e será sempre uma opinião inovadora a deste cidadão, que, aquando da sua passagem pela UNESCO, como Embaixador de Portugal, tão bem deu "conta do recado".

Esteve também presente — e prestou úteis informações — o Dr. Egídio Varanda, em representação da coordenação do Ensino, instituição que teve um papel interviniente e activo nas questões do Ensino, hoje relegada a um plano secundário e quase inexistente.

João Heitor falou-nos de livros de autoras, editores e da flagrante inexistência de traduções para as escolas e para o público francês daquilo que no campo da literatura se faz em Portugal. A Livraria Lusófona tem ido bem mais longe do que o seu estatuto comercial indica. É um lugar de cultura e de diálogo, de informação e de formação de muitos jovens, estudantes ou trabalhadores, franceses e portugueses.

Falou em representação da FAPP o seu Presidente sobre o papel do Movimento

Associativo na defesa e divulgação da língua e cultura portuguesas. Foram apresentadas neste colóquio duas moções: uma sobre a língua portuguesa e o seu ensino em França e outra sobre o Instituto Camões e a sua actuação em terras gaulesas.

A FAPP fez uma proposta às autoridades portuguesas para a organização dos "Estados Gerais de Ensino" em colaboração com a sociedade civil e as suas estruturas representativas.

O colóquio foi dirigido por João Machado, responsável da FAPP pelo concurso literário que culminou no dia 24 de Março em Achères com a já habitual "Festa das Escolas".

Venham mais iniciativas destas, para ver se as coisas mudam... para melhor, claro!

PROCLAMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS LUSOFALANTES NA EUROPA (A.L.F.E.)

"Minha pátria é a língua portuguesa"

F. Pessoa

Uma língua é a pátria comum de todos quantos a falam, exprimindo-se e comunicando através dela sem fronteiras. A língua portuguesa, de matriz galaico-lusa, foi-se disseminando universalmente, até ser praticada por povos de todos os continentes, numa diáspora linguística que faz dela a sétima língua mais falada no mundo (1), sendo entre as europeias a terceira em irradiação internacional. Sete países independentes e irmãos, com as respectivas comunidades migratórias, a têm hoje como idioma nacional e oficial, tecendo por meio dela relações íntimas, que os ligam a tal ponto que está em vias de instituir-se uma *Comunidade de Países de Língua Portuguesa*.

Se as línguas são de quem as fala ou escreve, e não deste ou daquele Estado, os lusofalantes constituem no mundo actual um impressionante conjunto de perto de 200 milhões de seres humanos, de diferentes civilizações, culturas, etnias, convicções, crenças e nacionalidades, unidos por um elo pacífico entre todos, como o é o da língua, que lhes permite dialogar e compreender-se mutuamente.

Entre os demais sujeitos falantes do Português, os emigrantes são sem dúvida os que mais sentem a necessidade profunda de preservar a sua língua, quaisquer que sejam os factores de integração ou inserção cultural no país em que vivem. Isso explica porque é que as comunidades lusofalantes na Europa — sejam elas de portugueses, brasileiros ou nacionais de qualquer país africano lusófono — têm lutado pelo direito das suas várias gerações a continuar a falar, a escrever e a estudar a língua materna em todos os graus de ensino, utilizando-a tanto nas suas relações familiares

como sociais. E muitos amigos do Português, de várias outras nacionalidades, se têm associado à defesa de uma língua que também consideram sua e é agora uma língua oficial da União Europeia, tendo jus a um tratamento conveniente e equitativo no espaço das Comunidades, não como uma "língua rara" mas como uma das



CARTAZ DA A.L.F.E. DIFUNDIDO EM TODA A EUROPA

(Autoria de: Dimas Macedo)

principais línguas de comunicação internacional.

Infelizmente, há a lamentar que, por inconsciência, incuria e descaso das entidades responsáveis, que deviam defendê-la e promovê-la, a língua portuguesa tenha vindo a conhecer em vários países europeus uma erosão preocupante, estando ameaçada de um declínio que pode vir a tornar-se grave, se se acentuar, sem que haja um sobressalto de todos os

lusofalantes no sentido de lhe voltar a dar uma vitalidade nova, que só pode provir de uma forte mobilização das comunidades através das suas associações próprias.

Foi assim que a apreensão generalizada que começou a manifestar-se entre os que se deram conta desta situação levou a que várias associações e personalidades de língua portuguesa se comesçassem a organizar para lhe fazer face, lançando um largo movimento de alerta e tomando a iniciativa de uma acção concreta e eficaz. Eis a razão de ser da Associação dos Lusofalantes na Europa, que agora damos a conhecer à opinião pública, uma vez devidamente constituída e legalizada, com sede em França mas aberta à participação de membros individuais e colectivos de todos os países europeus, nomeadamente da União Europeia, qualquer que seja a sua nacionalidade, desde que falem efectivamente Português.

Propoem-se organizar iniciativas culturais múltiplas (linguísticas, literárias, artísticas, científicas, técnicas e profissionais) através de conferências, encontros, colóquios e simpósios, a A.L.F.E. empenhar-se-á sobremaneira na cooperação com as comunidades lusófonas residentes na Europa e nos países de língua portuguesa, estando disponível para a cooperação com outras associações que tenham os mesmos fins e objectivos.

Independente de quaisquer Estados, partidos políticos ou confissões religiosas, a A.L.F.E. é um traço de união entre todos os lusofalantes e amigos da língua portuguesa e das culturas lusófonas, pois a língua é o elemento de ligação fundamental entre as comunidades e os povos. Os valores essenciais das civilizações que ela põe em contacto são, enfim, os da "civilização do universal", de que fala

(Continua na página seguinte)

POR AMOR DA NOSSA FALA (AFORISMOS DE JOÃO DE ARAÚJO CORREIA)

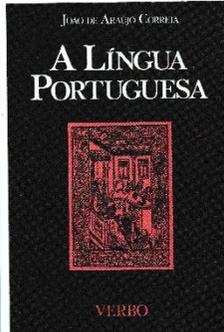
Há escritores que se deram por inteiro à causa da defesa da língua, como um património comum do povo que a fala e do criador literário que a escreve. Alguns deles não ocuparam a cena pública nem buscaram a fama fácil, mas voltaram-se ao seu trabalho discreto de missionários do idioma, apagando-se para melhor o servir.

Um desses obreiros da língua portuguesa foi João de Araújo Correia, contista, romancista, cronista retrado no seu rincão de Tras-os Montes, que dedicou alguns livros de combate tenaz à sua defesa apaixonada: *Por Amor da Nossa Fala, Enfermaria do Idioma, Sem Metácula...*

Alguns dos seus aforismos tornaram-se célebres. Aqui os ressumos:

"Capital da língua portuguesa é onde melhor se fale e escreva a língua portuguesa"

"Mestre da língua é o grande escritor morto e esquecido ou o grande escritor vivo e ignorado"



"Antes filólogo-poeta do que filólogo-pateta"

"A nossa língua perdeu a voz activa. Nada faz, que tudo é feito"

"O teu pior inimigo, língua, é o que se diz teu amigo para te estonar, picar e refoçar impunemente"

"Antes analfabeto que semianalfabeto"

"Defeitos que nos assaquem ao idioma são as suas virtudes"

"Pronúncia é poesia. Cada palavra pronunciada é uma rosa... singela. Perderia a graça, perderia a inocência, se trouxesse presa, numa etiqueta de zinco, a história da família"

"Em caso de dúvida, emudece a vogal. Ainda que preques, sorrir-te-á comovido o anjo da tua língua"

OS LIVROS E A LÍNGUA

1 — No dia 10 de Abril, na "Librairie Lusophone" do Quartier Latin, foi lançado o livro do Professor José Augusto Seabra *O Coração do texto/Le Coeur du texte — novos ensaios pessoanos*. Edições Cosmos. A apresentação foi feita por Pierre Rivas, professor de literatura comparada na Universidade de Nanterre. Além do número público estiveram presentes o professor José Silva Terra, responsável dos estudos de Português na Sorbonne (Paris IV), a professora Anne-Marie Quint, responsável dos estudos de Português na Sorbonne Nouvelle (Paris III). Os Cónsules de Portugal em Versailles e de Nogent-Sur-Marne honraram a presença da comunidade portuguesa. Estiveram igualmente presentes o Dr. Coimbra Martins, actualmente a trabalhar na Fundação Calouste Gulbenkian e Dr. Rogado Dias, director da Casa de Portugal na Cidade Universitária de Paris. Assinalamos também a presença de altas individualidades da UNESCO.

2 — A prestigiosa editora francesa Robert Laffont acaba de editar em edição bilingue a obra do nosso maior poeta: *Os Lusíadas*. A tradução é de Roger Bismut e o livro foi publicado numa das mais prestigiadas colecções do mundo editorial francês: a *Collection Bouquins*. Seríamos injustos se não salientássemos o trabalho feito pelo Dr. Coimbra Martins e pela Dr.ª Luiza

Braz de Oliveira, que souberam explicar aos responsáveis desta editora a importância primordial da obra de Camões na cultura europeia.

3 — Acaba de ser posto à venda nas livrarias o volume *Dialogues sur la Tyrannie* (Textos de Pensamento Político) de Fernando Pessoa, Editions Anatolia, Paris.

Os textos reunidos neste volume: "A Opinião Pública", "Defesa da Maçonaria" e "Cinco Diálogos sobre a Tirania", são respostas dum espírito eminentemente livre às hipocrisias e às beatitudes da ordem social.

O prefácio do Professor José Augusto Seabra ajuda-nos a compreender melhor esta faceta de Fernando Pessoa.

4 — Jean Saublin encontra D. Pedro II no Parque Termal de Vichy e sugere-lhe que escreva as memórias da sua vida de Imperador. Alguns meses mais tarde, este morrerá no 17, rue de l'Arcade, em Paris. Livro que os historiadores brasileiros terão que traduzir obrigatoriamente para Português. *Je suis l'empereur du Brésil*. Editions du Seuil.

5 — Mia Couto, escritor moçambicano, que segundo José Saramago está a criar um português "sublimemente diferente, capaz de comunicar coisas novas", vê publicado os seus contos *Voices Anoticiadas — Les*

Balines de Quissico, na editora francesa Albin Michel.

Desejamos que este título tenha o mesmo êxito de *Terre somnambule*, publicado na mesma editora.

6 — A Livraria Orfeu, grande divulgadora da literatura da língua portuguesa na Bélgica, começou a editar uma série de livros:

— *Lúah et une autre histoire*, de José Rodrigues Miguéis.

— *Office de la patience* (bilingue), de Eugénio de Andrade.

— *Feuille de Vent Amour* — selection de poemas de Helder Moura Pereira

— *Le Pays des Autres*, de Rui Knopff

7 — As Editions Chandeigne de Paris, com o apoio da Fundação do Oriente, acabam de publicar um bellissimo livro *Les Palais de Goa — Modèles typologiques de l'architecture civile indo-portugaise*.

Todos estes livros anunciados poderão ser encomendados à:

Librairie Lusophone
22 rue Sommerard
75005 Paris
Tel.: 46.33.59.39
Fax: 43.54.66.15

AS "JORNADAS NACIONAIS SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA" EM GUIMARÃES

Com a participação entusiástica de mais de meio milhar de difusores da língua portuguesa, na sua maior parte professores do ensino básico, secundário e superior, mas também intelectuais, jornalistas e simples cidadãos provenientes de todo o país, dos países lusófonos e das comunidades migratórias, além da Galiza, tiveram lugar de 22 a 24 de Abril, na cidade de Guimarães, as "Jornadas" em defesa da nossa língua, organizadas pela Escola Martins Sarmento, com o apoio da Universidade do Minho, do Círculo de Arte e Recreio e da Câmara Municipal, a que a A.L.F.E. se juntou, estando representada pela sua Direcção. Os organizadores não puderam acolher mais de 300 outros pedidos de inscrição, por não caberem no largo auditório do pólo de Guimarães da Universidade do Minho.

Na sessão de encerramento, onde foi aprovada uma Resolução apresentada por José Augusto Seabra, em nome da A.L.F.E. e dos organizadores, no sentido de criar uma "Associação dos Cidadãos da Língua Portuguesa no Mundo", que organizará um congresso internacional da Língua em 1999 (ver caixa ao lado), estiveram presentes representantes do Governo Civil de Braga e da edilidade vimaranense, bem como do Ministério da Educação, cuja Secretária de Estado da Educação e da Inovação, Ana Benavente, se fez representar pelo seu Adjunto Jorge Lemos.

Os temas dos debates — "A Emigração e a Língua Portuguesa", "A Língua portuguesa — Uso e Ensino", "A Língua e a Lusofonia", "Para uma Política da Língua Portuguesa" — foram abordados por várias mesas-redondas, sendo de salientar a presença nelas de intervenientes dos vários

países lusófonos, bem como da diáspora, incluindo elementos provenientes do Oriente, (desde Macau à Austrália) sem faltarem representantes de Timor-Leste, que mereceram uma grande ovação de solidariedade.

Nas diversas intervenções fez-se sentir uma grande preocupação quanto às

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Não podendo estar presente, é com muito gosto que me associo à realização das Jornadas Nacionais sobre a Língua Portuguesa, felicitando os seus organizadores, participantes e convidados.

É muito mercedoso que sejam analisados e debatidos os temas que estas Jornadas vão abordar. A língua que falamos — e que é comum a 200 milhões de seres humanos que vivem em todos os países do Mundo — é uma riqueza de valor inestimável que temos de saber afirmar. *É há escola que as gerações mais novas comecem a tomar consciência desse património e da nossa responsabilidade perante ele.*

Desejo que estas Jornadas tenham êxito e renovem as muitas apelações à todos os que as tornarem possíveis.

Jorge Sampaio

insuficiência das políticas nacionais e à ausência de uma autêntica política internacional da língua, que deveria ter sido levada a cabo pelo Instituto Internacional da Língua Portuguesa, criado na reunião dos Chefes de Estado lusófonos no Maranhão, em 1989, sendo manifestada a

esperança de que a instituição da *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, actualmente impulsionada pelo Governo português e pelos dirigentes dos países lusófonos, venha a dar a essa política a prioridade das prioridades.

Os representantes da A.L.F.E. presentes, José Augusto Seabra, José Machado e João Heitor, puseram nas suas intervenções, muito bem acolhidas e aplaudidas, o acento tónico no sentido de as comunidades portuguesas emigradas serem apoiadas na sua luta pelo direito à língua. A criação de associações homólogas em outros espaços geoculturais foi considerada importante, na perspectiva de uma univer-

RESOLUÇÃO *

Os participantes e organizadores das Jornadas Nacionais sobre a Língua Portuguesa, que teve lugar em Guimarães de 22 a 24 de Abril de 1999, em defesa do nosso idioma como pátria comum reivindicam e afirmam a sua qualidade de cidadãos da língua, enquanto expressão de pertença a uma comunidade plural de civilizações e culturas em diálogo, num horizonte universalista.

Para prosseguir a luta pela irradiação nacional e internacional da língua portuguesa, através de um movimento cívico que mobilize activamente os falantes do idioma, quaisquer que sejam a sua nacionalidade e o país, a região ou o continente onde vivam e trabalhem, os participantes e organizadores destas jornadas decidem criar uma Associação dos Cidadãos da Língua Portuguesa no Mundo, aberta a todos os cidadãos da língua e a todas as associações em que estes estejam ou venham a estar organizados.

A pertença a essa Associação será identificada emblematicamente por um documento simbólico de cidadão da língua portuguesa, que facilitará o contacto entre os seus membros e estimulará a sua solidariedade mútua, independentemente da respectiva nacionalidade.

A Associação dos Cidadãos da Língua Portuguesa no Mundo organizará um Congresso em defesa da Língua Portuguesa, a realizar se possível em 1998, em que poderão participar todos os seus membros e todas as associações que lutam pela causa do Português e dos povos e culturas de língua portuguesa.

Guimarães, 24 de Abril de 1999

* Apresentada por José Augusto Seabra e aprovada por aclamação na sessão de encerramento das Jornadas.

salização efectiva da Associação dos Cidadãos da Língua Portuguesa no Mundo. Houve mesmo quem propusesse — o que mereceu efusivo acolhimento — a atribuição a todos os lusofalantes de um "bilhete de identidade de cidadão da língua portuguesa", a título simbólico.

Estas Jornadas foram pois a prova de que está em marcha um vasto movimento cívico de defesa da língua portuguesa nos países lusófonos e no mundo.

VOZ DA LÍNGUA
ORGAO DA ASSOCIAÇÃO DOS LUSOFALANTES NA EUROPA (A.L.F.E.) — Trimestral
Número: 10. 57
Assinatura anual (4 números): 30 FF
Responsável pela publicação:
Direcção da A.L.F.E.
Site:
Cruz de Portugal
820, rue Mansart 78370 Paris
France
Tel: (1)30552206
Fax: (1)30552206
Composição e impressão:
Imprensa Portuguesa — Porto
Tiragem: 2020 ass.
Depósito legal: 131058/96

Maio de 1997

Número 2



VOZ DA LÍNGUA

JORNAL DOS LUSOFALANTES

EDITORIAL

APELO À DIÁSPORA DA LÍNGUA

O universo da população de língua portuguesa atingirá nesta viragem de século cerca de 200 milhões de falantes, espalhados não apenas por sete países de três continentes mas por uma diáspora dispersa pelo mundo inteiro, através de múltiplas comunidades emigradas.

A criação de uma *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* foi sem dúvida um passo importante para reforçar os seus laços de cooperação mútua, a começar pela defesa e expansão do idioma comum. Mas ela não deve ignorar ou minimizar essa diáspora, que prolonga no presente e no futuro a presença do Português lá onde historicamente chegou, do ocidente ao oriente e do norte ao sul, como o testemunha por exemplo a comunidade timorense, agora em luta pelo seu direito à auto-determinação e à identidade cultural.

Na própria Europa, o peso das nossas comunidades tem sido grande, em termos económicos e sociais, mas sem que lhes tenha sido reconhecido devidamente o *direito à língua*, apesar de o Português ser uma língua oficial

da União Europeia. Neste momento, a nossa língua, devido a erros cometidos nos últimos anos, que só agora estão em parte a ser corrigidos, vem sendo tratada como uma "língua rara", apesar de ser entre as europeias a terceira mais falada no mundo, depois do Inglês e do Espanhol e à frente do Francês.

A preocupação generalizada com essa situação levou muitas associações e personalidades da nossa diáspora europeia, englobando portugueses, brasileiros e africanos lusófonos, a constituir a *Associação dos Lusofalantes na Europa* (A.L.F.E.), que lançou um cartaz difundido por todos os países europeus, com a palavra de ordem "Nossa Pátria é a Língua Portuguesa", editando também este jornal — *Voz da Língua* — que serve de elo de ligação dessa diáspora, em contacto com a dos outros continentes.

As adesões à A.L.F.E., bem como a difusão do seu órgão em múltiplos países da Europa, em Portugal, no Brasil e na África lusófona, animam-nos a prosseguir na nossa acção com redobrado entusiasmo. Mas é preciso que, em cada comunidade da diáspora, se organizem núcleos dinâmicos de luta pelo *direito à língua*.

Contactem com a direcção e os responsáveis da A.L.F.E.! Escrevam para o nosso jornal! Ele é a vossa própria voz de lusofalantes na Europa.

Sumário:

Editorial: Apelo à diáspora da Língua.....	pág. 1
Pequena Elegia para mais uma esperança.....	pág. 1
As bases profundas da construção do Brasil.....	pág. 2
Mitos da Lusofonia.....	pág. 3
A Língua portuguesa no Canadá.....	pág. 4
O movimento associativo Português em França e o combate pela Língua portuguesa.....	pág. 5
É na minha Língua que penso.....	pág. 6
A "Nova Gramática Portuguesa" de Abraham Meldola.....	pág. 6
A Música e a Língua.....	pág. 7
Sem título.....	pág. 7
Lusofonia e Democracia Local.....	pág. 8
Corre por aqui uma voz.....	pág. 8



LUIZ DE MIRANDA

PEQUENA ELEGIA PARA MAIS UMA ESPERANÇA

Chegarás sempre na última palavra na tarde noturna do desejo onde a paixão se recolhe e deposita até os fantasmas febris do desespero
 Chegarás na bruma das sílabas sonoras do amor o ar sonando no sonho como uma nuvem que se perde e fica boiando no horizonte
 Chegarás como a sombra quente do sol esquecida no adeus
 Chegarás para dizer que o amor revela-se à luz noturna das palavras

Luiz de Miranda

2

VOZ DA LÍNGUA

AS BASES PROFUNDAS DA CONSTRUÇÃO DO BRASIL

DÁRIO MOREIRA DE CASTRO ALVES*

Diz Jorge Couto em sua obra *A Construção do Brasil*, publicada este ano em Lisboa, que a sociedade brasileira é o resultado de um profundo processo de miscigenação biológica e cultural que remonta ao início mesmo do contacto dos portugueses com o elemento ameríndio da terra brasileira, tendo-se revestido, na primeira fase, de um carácter exclusivamente euro-americano para depois abranger, a partir da segunda metade dos anos Quinhentos, a componente africana.

A miscigenação entre portugueses e mulheres indígenas passou a ocorrer antes mesmo do início da colonização do Brasil, que só adveio pouco mais de 30 anos após a descoberta, ou melhor, do "achamento" da terra de Vera Cruz — o primeiro nome do Brasil, pois a carta do escrivão da frota, Pêro Vaz de Caminha, é datada da "ilha de Vera Cruz", em primeiro dia de Maio de 1500. Os precursores da miscigenação — que ia trazer profundas repercussões na formação dos contornos étnicos, demográficos e culturais do Brasil — foram os "lançados", os náufragos, os desertores ou os degradados, primitivos habitantes daquele Brasil *alvorecente*. A extensão do processo inter-racial para depois abranger também o elemento negro deu as bases da composição étnica do país, a que tão significativamente alude o excelente estudo de Jorge Couto e o próprio título do livro, *A Construção do Brasil*. Foi assim que o país começou a ser construído socialmente.

Exemplos primitivos dessa forma de início de "povoamento" da terra brasileira constam na própria carta do achamento do Brasil quando o escrivão diz a Sua Alteza, em duas ocasiões em sua parte final, "que ficam na terra dois degradados e com eles mais dois grumetes" que saíram da nau, num barco, fugidos para terra. São vários os relatos das primeiras décadas do século sobre a presença de degradados lusos que tiveram descendentes de uma e mais mulheres silvícolas. Foi o caso do conhecido

pelo nome de *Bacharel*, e que viveu trinta e dois anos no litoral paulista. Filhas dele e do várias mulheres vieram a casar com náufragos europeus. João Ramalho e António Rodrigues foram pioneiros da miscigenação no planalto de Piratininga (São Paulo). O primeiro, que em 1532 ajudou Martim Afonso de Sousa a fundar S. Vicente, e primeira vila do Brasil, casou com Bartira, filha do morubixaba (cacique) Tibiriçá. Uma outra descendente de Tibiriçá casou com o português de nome Pêro Dias, antigo irmão jesuíta que obteve dispensa dos votos de celibato. Essas ligações entre portugueses e mulheres indígenas — afirma Jorge Couto — estão na origem de alguns dos mais importantes troncos paulistas. Na São Paulo de nossos dias, em homenagem ao par luso-tupi, as ruas João Ramalho e Bartira são vizinhas e paralelas, num bairro residencial na região oeste da cidade.

Diogo Alvares, o Caramuru, náufrago português (nascido em Viana do Castelo?) aparecido nas costas da Bahia, em 1510, foi recolhido pelos silvícolas aos quais maravilhou com um tiro de espingarda, devendo-se sua alcunha ao nome de um grande peixe do mar. Teve larga prole de sua relação com a índia Paraguaçu, que pelo baptismo veio a chamar-se Catarina Alvares. Suas filhas casaram com europeus de posição, designadamente Paulo Dias Adorno, Custódio Rodrigues Correia, João Figueiredo. Três dos seus filhos (Gaspar, Gabriel e Jorge Alvares) foram armados cavaleiros por Tomé de Sousa, o primeiro Governador Geral do Brasil (1549-1553). As primeiras famílias baianas também resultam — assinala o Jorge Couto — da miscigenação entre lusitanos e indígenas.

Em Pernambuco um exemplo conspicuo foi dado por Jerónimo de Albuquerque, cunhado do donatário da capitania, Duarte Coelho, que se relacionou com a filha do chefe indígena Arcoverde, depois do baptismo Maria do Espírito Santo Arcoverde, bem como com outras silvícolas com as quais teve larga descendência, o que lhe valeu o epíteto de "Adão pernambucano". Uma de suas filhas, Catarina

de Albuquerque, casou com o florentino Filipe Cavalcanti, tronco da família pernambucana homônima. Os descendentes de portugueses e índias eram designados por *mameluco* (pelo tom cobreado da pele se pareciam com os mamelucos do Egipto), sendo os filhos de índios com mamelucos (mestiços de segunda geração) conhecidos por *carioca*. Com a vinda de africanos, surgiram quatro categorias étnicas: o *mulato*, mestiço de branco com negro; o *pardo*, filho de pai branco e mãe mulata; o *cafuso*, filho de negro e índia; o *cabra*, filho de negro e mulata. Os descendentes de pai e mãe europeus eram cognominados de *mazombos* e os nascidos no Brasil de pai e mãe negros eram os *crioulos*.

O livro de Jorge Couto cobre o espectro amplo do conjunto dos factos que marcaram a construção do Brasil no primeiro século de seu existir português. Tudo lá está nessa obra, que já chegou à Espanha em tradução castelhana: a proto-história étnica, o achamento, o Tratado de Tordesilhas e o significado do alargamento do meridiano luso-castelhano de partilha do Atlântico, a viagem de Duarte Pacheco Pereira ao Continente americano antes de Alvares Cabral, como descrita em 1505-7 na obra *Esmeraldo de Situ Orbis*, a integração da nova terra no contexto do Império, o início em 1549 do Governo Geral do Brasil, a França Antártica, a disputa estrangeira pela terra brasileira, a fundação do primeiro núcleo colonizador no litoral paulista, a Bahia, o Rio de Janeiro, a economia e a cultura canavieira, a escravidão, a missão religiosa, os cronistas que à época escreveram sobre o Brasil, e tantos e tantos mais temas sobre a construção do que vem a ser a maior realização dos portugueses fora de suas fronteiras: o Brasil. Obra de leitura indispensável para interessados em história e leituras em geral.

* Embaixador brasileiro reformado, residente em Lisboa, Presidente do Conselho de Curadores da Fundação Lusobrasileira para o Desenvolvimento do Mundo de Língua Portuguesa.

MITOS DA LUSOFONIA

CHRYS CHRYSTELLO*

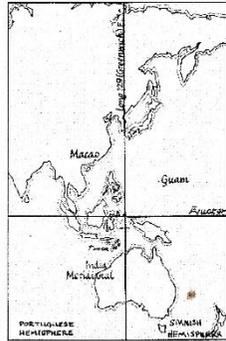
Uma das questões que mais interessa a certos meios ligados à preservação da língua e cultura portuguesas é o de provar que elas estão vivas. Contudo, há algo mais importante a fazer: mantê-las vivas.

Se bem que seja importante, o contributo dado por entidades oficiais e para governamentais, com a realização de colóquios e seminários, mais importante será criar um elo motriz, capaz de as catapultar da sua semi-obscuridade em meios internacionais, para uma situação de ribalta: de Timor a Tânger, ou de Ceuta a Calecut.

Surgiu recentemente, uma proposta do Prof. Dr. José Augusto Seabra, para a criação de uma Cidadania da Língua. Esta proposta importa analisar, pois ela contém os germes do sucesso, inerentes a todas as propostas radicais e inovadoras, num país marcado pelo tradicionalismo avesso a mudanças. Para quê, esta cidadania? Para que todos os lusofalantes, independentemente de outros idiomas, que com a língua de Camões comunguem, possam identificar-se como uma entidade única e importante, capaz de sobreviver a guerras, diásporas e outras tragédias que têm assolado os lusófonos.

Quem são, o que fazem, pensam e sentem, qualquer que seja o local a que chamam terra mãe? Será que as línguas crioulas, Pígin ou Bantu se sobrepõem às outras? Porque o ensino do Português é oficial, quererá isso implicar que esta língua suplanta as outras? Ou teremos finalmente de admitir, como falantes de Português, que a nossa língua só pode sobreviver se enriquecida por outras? Dura lição esta para aqueles — que segundo diz o escriba — "deram novos mundos ao mundo". Se não aceitarmos esta realidade multilingue das comunidades lusófonas, criamos o conceito de que temos uma língua viva, quando a mesma terá o futuro do Esperanto.

Estas algumas das perguntas que aqui se põem e que alguém — que não eu — terá de responder. Estas as questões fundamentais para a sobrevivência da língua portuguesa, qualquer que seja o sotaque ou a origem do país que chamamos nosso, mesmo que o não seja.



Esta mitificação, de que somos cerca de 182 milhões no Brasil e mais uns milhões em África e no resto do mundo a falar Português, desde Goa a Malaca, Macau, Timor, tem de ser desmistificada. Somos uma colónia de nós mesmos!

Quando queremos um livro português temos de aceitar uma versão brasileira, que até nem é má, mas podia ser melhor. Queremos um vídeo em português — qualquer que seja o lugar em que vivemos — e desde quando o podemos encontrar? e queremos livros técnicos, dicionários, manuais de informática, o melhor é aprendermos Inglês, pois que esta foi uma das línguas renegadas de que alguns estrangeiros e portugueses estrangeirados se serviram, mas nisto esta terra foi sempre fértil.

Vivi, convivi e aprendo ainda a coabitar com lusofalantes, dos Orientais exóticos que os mitos salazaristas

criaram, aos que a revolução se esqueceu. Continuo a pugnar por ter filhos que falem português — não obstante o país em que nasceram ou viveram. Encontrei muitos estrangeiros mais interessados em apoiar iniciativas de preservação da língua portuguesa do que os autóctones do dito país Metrópole.

Criámos urbes, metrópoles, jamais conseguimos identificar a mesquinhez desta nossa maneira de ser que nos faz grandes — talvez maior do que somos, quem sabe? — e agora quando o grande desafio do século XXI se nos impõe, importa afirmar aquilo que imodestamente nunca fizemos: Estamos porque somos, estamos porque o sentimos e estamos porque sem isso não o seríamos.

De quem precisamos, de facto, numa "Sociedade de Línguas Portuguesas"? Será de mestres, de alunos ou meros instruídos? A quem vamos dedicar os anos de laboração difícil em terras da estranja?

Precisamos de organismos ou entidades que defendam aquilo por que pugnamos, de Norte a Sul, seja qual for o hemisfério em que estamos. Precisamos de iniciativas arrojadas! Precisamos de organizar simpósios, conferências, seminários, captar os leitores com boletins informativos, captar os ouvintes com as línguas de origem lusófona que adoptamos ou queremos como nossa, mas é preciso ajuda: alguém que se nos comprometa a divulgar e manter viva esta língua a que ainda chamamos nossa, dos Algarves de El-Reis que já esquecemos, aos Vice-Reis de Índias que nossas nunca foram, aos Timores de quem por tempos nos esquecemos, às Malacas e Macaus de que nos lembramos quando nos queremos sentir Portugueses.

O essencial é mantermos a língua e cultura portuguesa vivas, não interessa onde mas como.

* Jornalista português residente na Austrália.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO CANadá

ANTÓNIO CRAVO

1 — O Ensino Básico Associativo

Parace que estamos todos de acordo que o fenómeno da emigração tem sido também, um factor importante na difusão da língua portuguesa pelos diversos Continentes. Mas por esta via, ainda não lhe foi reconhecido, nalguns países, o verdadeiro estatuto de uma das línguas mais faladas no Globo, até aos dias de hoje.

Contudo, no Canadá dizia, num colóquio em 1993, Manuela Marujo, Professora de Português do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Toronto, «a língua que ensino na universidade tem o estatuto atribuído a qualquer língua internacional».

Neste país de acolhimento, os filhos dos emigrantes têm tido facilidades de ingresso na escolaridade canadiana, integrando-se bem em todo o sistema do ensino.

Porém, estas crianças assimilando uma nova cultura e exprimindo-se melhor em língua ou línguas (francês e inglês) tenderam a esquecer a língua materna criando-se situações de incompreensão familiar e de preocupação paternal. Por isso, alguns pais, associações e pessoas atentas a este fenómeno, sentiram a necessidade de criar cursos particulares de português, a fim de estabelecerem o equilíbrio entre as crianças e as famílias e viverem num melhor entendimento.

Nasceu então, desde 1958, em Montreal e depois noutras cidades Canadianas, um tipo de ensino básico que vulgarmente se conhece entre os portugueses, por ensino das «Escolas do Samedy». Em França dir-se-ia ensino associativo. Todas estas escolas têm seguido mais ou menos os programas oficiais de Portugal, com exames preparados pelos Consulados, nas suas áreas respectivas.

Embora o Governo português reconheça aqueles cursos, apenas lhes fornece alguns livros e dá alguns subsídios, mas não a todas as escolas.

2 — O Secundário nas «Escolas do Samedy».

Desde aquela data de 1958, que vários cursos do ensino básico, apareceram no meio dos grupos de portugueses no Canadá. Todavia, faltavam cur-

sos do nível secundário que assegurassem aos alunos a continuidade escolar, em língua portuguesa.

Dentro desta carência, o Dr. José Barros apoiado por outros colaboradores, fundou em 1975, a primeira escola secundária na cidade de Montreal, designada «Escola Secundária Lusitana». Em 1979, foi também reconhecido pelo Governo português. Começando com 11 alunos, tinha em 1993, 300 inscrições. Os seus programas vão até ao 11.º ano da escolaridade portuguesa. Pensa-se que seja ainda a única deste género, especialmente com um currículo tão completo.

As tardes culturais da Escola Lusitana têm atraído muitos jovens e mesmo adultos, com as suas actividades circun-escolares, para os mais novos e oportunidades de colaboração para os mais velhos, mantendo vivo o exercício da sua língua materna.

O ensino das escolas associativas ou comunitárias veio ser completado, mais tarde, com a alternativa dos programas do Ensino das «Línguas de Origem».

3 — O Português «Língua de Origem» nas Escolas Canadianas

Desde os anos setenta que nasceu um sistema escolar canadiano chamado Programa do Ensino das Línguas de Origem (P.E.L.O.), incluído no contexto do Programa da Educação Permanente daquele país.

Pela força de muitos pedidos dos grupos étnicos, pais e encarregados de educação, numa sociedade multilinguista, em crescimento e numa nova realidade demográfica, as autoridades canadianas acabaram por compreender que as crianças que não esquecem as suas origens através do ensino da língua e cultura dos seus pais, ficam melhor protegidas para uma autoconfiança, uma harmonia familiar e um maior entendimento entre as pessoas de todas as raças. Por isso, acabaram por aceitar a inclusão, no Programa da Educação Permanente, do ensinamento da língua materna de cada etnia que habita no seu país. O critério dos programas fica à responsabilidade de cada Província.

Todavia, para que a língua de origem possa ser ensinada numa escola pública ou privada, é necessário que haja pelo menos 25 pedidos, para esse fim.

Na Província de Ontário, este ensino foi posto em prática no ano lectivo de

1977/78, mas impedindo que as crianças imigrantes falem entre si, a língua materna, fora das horas de cada curso que ocupam normalmente três horas por semana.

A Federação dos Países Portugueses desta província também teve um papel preponderante na reivindicação deste tipo de ensino da nossa língua que entrava no número das 63 ensinadas já naquele programa, no ano de 1992.

Apesar dos benefícios que estes cursos possam trazer às crianças imigrantes, nem todas as Províncias canadianas têm aceite este programa das línguas de origem. Em 1991, apenas 34 direcções-gerais de 50% daquelas províncias permitiram o funcionamento deste tipo de Ensino.

Apesar de tudo, no ano de 1992 já estavam 9000 crianças inscritas no ensino da língua portuguesa, permitido pelo programa P.E.L.O., embora não seja visto com bons olhos, por certos docentes canadianos.

Este tipo de ensino paralelo tem a vantagem para os portugueses de poderem optar entre ele e o que se ministra nas «Escolas do Samedy» e ainda a facilidade de horários para as crianças.

4 — Conclusão

O que acabamos de expor, mostra-nos essencialmente, a necessidade que as crianças lusocendentes, têm de aprender a língua materna para o equilíbrio pessoal familiar e mesmo inter-étnico. Em todos os países de recepção imigrante deveria haver sempre esta preocupação tanto, nas famílias, como nas autoridades quer do país fornecedor quer do país receptor das migrações.

No caso concreto do Canadá, há ainda muita coisa que deveria ser melhorada. Entre outras, deveria existir uma instituição oficial portuguesa junto da Embaixada de Portugal que coordenasse todos aqueles mosaicos do Ensino Português.

Quanto aos professores deveria restituir-se-lhes o verdadeiro estatuto de função docente pública ou privada e dignificando-lhes a sua profissão, também com uma formação contínua.

Finalmente, deveria haver nas Universidades canadianas preparação de docentes que pudessem garantir a continuidade das aulas da português às novas gerações, que as primeiras tão meritadamente souberam criar.

O MOVIMENTO ASSOCIATIVO PORTUGUÊS EM FRANÇA E O COMBATE PELA LÍNGUA PORTUGUESA

JOSÉ MACHADO*

Um sábado no Consulado de Portugal em Versalhes. Muitas associações representadas. Homens simples, do povo, para quem a língua portuguesa, em vez de motivo para mais um «Simpósio», é motivo de luta tenaz pela própria sobrevivência cultural.

Se alguém disso duvidava, nesse encontro bem depressa as dúvidas se esfumaram. Esses homens e mulheres, dirigentes associativos, alguns com pouco mais que a instrução primária (ou nem sequer...), demonstraram, pelas suas intervenções e opiniões, o que significava para eles o ter de lutar, quotidianamente, para que a língua portuguesa ainda exista, em terras de França, como língua de ensino, primário ou secundário.

É sempre difícil exigir, a esses homens e mulheres, que compreendam o contexto internacional, ou a capitulação flagrante do anterior governo, face ao lugar que ocupa (se lugar ainda há...) a língua portuguesa no contexto linguístico internacional. Para eles, a culpa é desde logo atribuída ao professor que falta às aulas, aos brasileiros que ensinam o português no ensino francês, ao Consulado «que não se mexe» ou aos franceses que «são racistas».

É que, por trás de tal «árvore», se esconde a «floresta» da falta evidente duma política da língua e duma vontade política, claramente expressa, de lutar na cena internacional pelo lugar que o Português tem de direito.

Já não basta dizer-nos, até cansar, que o português é a 3.ª língua europeia mais falada no mundo. Já não chega, repetir até cansar, que somos quase 200 milhões a falar português no mundo.

O que reclamam, os homens e mulheres que nesse sábado se reuniram em Versalhes, são coisas simples.

É haver professores onde não os há.

É haver suportes pedagógicos e programas adequados ao ensino nas Comunidades.

É que a diplomacia e a administração pública ame a língua de Camões como eles a amam.

É que haja firmeza na defesa do português nos Acordos Bilaterais e na cena internacional.

É que os professores se sintam motivados e valorizados no seu trabalho quotidiano.



É que se promova uma imagem cultural do país no estrangeiro que despedace, de uma vez por todas, o carimbo de «coitadinhos», e de «malta de cartão» que nos colaram...

É que não vendam a língua portuguesa pelos «30 dinheiros de Judas», colando-lhe o selo de «língua rara» que agora encontramos por todo o lado.

São coisas simples que, para um cidadão «civicamente normalmente constituído», seriam lógicas e até escusadamente citadas. Só que a realidade de todos os dias, se abate sobre todos aqueles que se deram por missão de defender a língua portuguesa, reforçando-as naquela certeza de que estão sós e que tal combate se torna cíclico.

Que razões motivam as Associações, de gente tão simples, para se lançarem em tão gigantesca batalha? Que empurra essa gente a «arreagarrar as mangas», ora que a maioria dos intelectuais que por aí abundam, se

compraz com tal situação, desde que daí tirem alguns dividendos?

É uma cultura, são os filhos, é o país, é uma história...

É tudo isso, mais a revolta diante uma situação humilhante como aquela que atravessa hoje, a nossa imagem cultural e — consequência lógica — a língua portuguesa.

As Associações portuguesas, atravessam hoje um período que se está assemelhando dramaticamente ao dos anos 60, quando, nos «bidonvilles», nas caves e corredores, nos sítios mais obscuros, se ensinava o português.

Tal como então, as associações são empurradas hoje, a substituir o Estado, a recorrer aos meios mais elementares... a tornar a transformar-se em escolas, ora que a sua vocação primeira não é tal.

Muitas associações, podem não compreender, desde logo, que a sua principal tarefa é a de lutar por integrar a língua de Camões no sistema oficial de ensino, ao lado de todas as outras que aí são leccionadas.

Podem até não compreender que o serem obrigadas a substituir a Escola, acentua ainda mais o tal «carimbo» de língua rara que o governo de «Cavaco y sus muchachos» lhe colaram. E, até, que tal ensino paralelo aumenta ainda mais a imagem de língua de ghetto e de «coitadinhos» que o português arrasta, para «mal dos nossos pecados».

Mas uma coisa o Movimento Associativo, e a gente simples que o dirige, compreende, defende e afirma:

Se estamos cá, a substituir as Escolas e o Ensino Oficial, tal não se deve a qualquer erro nosso ou, láo pouco, a uma vontade expressa nossa de representar um papel para o qual não estamos, nem preparados nem vocacionados.

Tal se deve, isso sim, aos erros, ao dilettantismo, à atitude de «Verde patinhas», à capitulação dos governantes e do Estado, perante o simples dever de defender a língua do povo que os elegera.

* Presidente da Federação das Associações Portuguesas em França.

É NA MINHA LÍNGUA QUE PENSO...

ALFREDO OLIVEIRA DE SOUSA

A linguagem mais corrente comporta um número importante de enunciados metalinguísticos, o qual atesta a necessidade do homem de pensar a sua linguagem no próprio momento em que fala.

ROLAND BARTHES («Um Belíssimo Presente», in O Rumor da Língua)

Sabendo-se que a língua é o instrumento mais importante para a apreensão do mundo que nos rodeia, seja lá onde for que nos encontremos, só poderemos, no entanto, fazer uma apreensão completa na nossa língua materna. E mesmo que seja reduzido o campo lexical e se veja empobrecido e até degradado como ultimamente vem acontecendo (cedências e estrangeirismos e seu uso indiscriminado, designadamente) será sempre na língua-mãe que se pensará, estejamos nós em França, em Inglaterra, na América ou na Índia. Não bastará, porém, que nos fiquemos apenas pelo pensar: é necessário que a nossa língua, a língua portu-

guesa, seja por nós privilegiada, sempre que o possa ser por reconhecimento e direito próprios, quanto mais não seja, pela autoridade que lhe é conferida pelos 200 milhões de indivíduos que em todas as latitudes a utilizam como instrumento de comunicação, ou somente como estrutura do pensamento.

Sei que a língua portuguesa é a minha língua, a minha voz, e que a qualquer outro indivíduo que não seja português ela muito pouco ou nada dirá; mas foi na minha língua que fui concebido e gerado, que nasci e creci, que vivi e vivo a maior parte do tempo (mesmo que me encontre do seu solo ausente) e é nesta minha língua que pretendo morrer, algures na sua eternidade do percurso indefinível.

Nesses anos, entre o meu nascimento e a minha morte a vir, a língua portuguesa me percorreu e eu a percorri (já percorri!) nos seus mais intrincados meandros; me inquietou com ela e com ela me apaziguou; com ela sofri e com ela ardei; fui em português, geracionalmente, descendente e ascendente e sempre nos meus modos de ser, de agir e de pensar o fiz em português. Se me encontrava ausente do solo pátrio, por outras pátrias deambulando, foi sempre na

minha língua, no mais reconito ou no mais exuberante dela e de mim, que fui, aqui e pensei, que estive, que me sentisse acompanhado pelas mais angustiantes solidões, que pelas mais gélidas compeñias.

É este o susteio da minha língua, permitir que viva e morra nela; que nela me delite no favor das palavras que lhe dão corpo e alma e a transmito, e não apenas pela sua funcionalidade de instrumento comunicativo quotidiano, ou pela raiz (siente) do pensamento, que, como encareceu António Gedeão, num poema musicalmente cebrizado, não há machado que corte.

É neste pequeno encantamento das palavras, profundas ou pontuais, nesta mística tomada praça, que me tenho envolvido e insistido nesta parcela territorial portuguesa, o Vale do Sousa, modestamente, muito embora, e com parcos meios à disposição, não obstante pleórico de desejos de cue a língua portuguesa, a minha língua, a nossa língua, não deixe de florescer, de cantar o do viver, como já o desejava o poeta lusitanista da «Castro», António Ferreira: *Floresça, leste, cante, ouça-se e viva! a portuguesa língua...*

A “NOVA GRAMMÁTICA PORTUGUEZA” DE ABRAHAM MELDOLA

PIEADÉ GRALHA

Abraham Meldola, «ao que parece judeu português, residente em Hamburgo», segundo o Dicionário Bibliográfico Português, publicou, na «officina de M. C. Bock, a custos do Author», em Hamburgo, no ano de 1785, a «Nova Grammatica Portugueza», «livo muito raro em Portugal», segundo informação do referido Dicionário, do qual a Biblioteca Carl-von-Ossietzky em Hamburgo e a Biblioteca Herzog-August in Wolfenbüttel possuem um exemplar.

Abraham de Meldola nasceu em 1754, na cidade de Amsterdão, filho de um juiz em assuntos de Direito Judaico, tendo estudado na Universidade de Leiden e na Escola Talmúdica de Amsterdão. Cerca de 1772 emigrou para Altona (Hamburgo), onde desempenhou funções de *Hazan* na comunidade portuguesa Neve Selom.

A partir de 1794 passou a residir em Hamburgo, onde trabalhou como tradutor e notário. Aparece registado pela primeira vez em 1791 no livro de registos da cidade hanseática, como «Notário Imperial», curiosamente numa época em que, em Hamburgo, esta profissão ainda estava interdita a judeus. Páco menos desde 1780 exerceu funções de tradutor de Português, Hebraico e Holandês. Dificuldades pessoais e profissionais levaram-no a abandonar Hamburgo, por volta de 1822, tendo morrido em Amsterdão a 25 de Novembro de 1825.

A *Enciclopédia Jurídica* de Berlin refere, no capítulo dedicado à vida intelectual de Hamburgo, dezoito nomes portugueses, consoante pelo famoso médico Rodrigo de Castro e terminando com Abraham de Meldola, último representante de uma longa e frutífera tradição.

A «Nova Grammatica», encontra-se dividida em seis partes: *Orthographia, Etymologia, Syntax, Prosa* com *Supplemento, Liores da Língua e Miscellanea*, contendo esta última essencialmente textos históricos e geográficos do século XVII, textos literários (sobretudo Camões), uma carta do Padre António Vieira e alguns textos linguísticos, sendo de salientar o Prolegomeno de João Madureira Feijó à *Orthographia ou arte de escrever e pronunciar com acerto a lingua portugueza*, de 1734.

A Gramática de Meldola possui a particularidade de ter um carácter universalista, imbuída do espírito da «Aufklärung», procurando servir outros ideais que não somente a aprendizagem de uma língua estrangeira. As questões morais são uma preocupação central do autor, em «Nam cuidei somente instrui a mercancia, mas também pensei a divertit os estudiosos» e «No quanto mearca esta arte ser anteposta ou proposta a outras escritas, mesmo no Reyno de Portugal, deixo a decisão aos intelligentes».

Infelizmente, no «Reyno de Portugal», não mereceu a atenção que merecia, esta obra do século XVIII, inovadora que do ponto de vista científico, quer pedagógico. Para esta situação deverá ter contribuído o origem judaica do seu autor, cuidadosamente formulada no já referido Dicionário. Contudo, apesar de alguns exemplos literários apontarem para essa proveniência, como a utilização de «pão levedo» e «pão semo» para designar «são cozido com» e sem fermento, são relativamente esporádicos no seu conjunto, aparecendo, igualmente, vocabulário marcadamente católico como «dia dos finados», «purgatório» e, até, «Jesus Christo».

Em todo o caso, Meldola também não «morria de amores» pelo país que cerca de três sécu-

los antes tinha seguido os seus irmãos de fé. No capítulo *Syntax* figurado explica a elipse com este exemplo:

Nam duxit passar a Portugal, mas ficar la isso nam

Nam duxit passar a Portugal, mas ficar la, isso nam quero

Os judeus expulsos de Portugal os cristão-novos ou marranos eram conhecidos em Hamburgo desde o princípio do século XVII, por *nação portuguesa*. Com a sua ajuda a cidade de Hamburgo conquistou no século XVII, a sua importante posição com construção naval, operações bancárias e transações comerciais. De reagir igualmente, a sua contribuição para o enriquecimento da vida cultural hamburguesa.

Em 1633 o Português fora uma língua tão usada na cidade hanseática que nela se imprimiu uma gramática de Hebraico — *Grammatica Hebraica, Parte Primeyra* de Gidion Abundant.

Século e meio mais tarde tornara-se para os judeus cultos uma língua de cultura e não de uso, que urge salvar com uma gramática. Para estes deverá Meldola ter escrito a sua *Nova Grammatica*. Ela aí está a merecer «ser anteposta ou postposta a outras escritas», já que até hoje raras foram as que se ocuparam em pesquisas sobre esta obra, sem dúvida, importante no panorama da Linguística portuguesa, cuja actualidade e interesse é negável.

1 Cf. Körner, Karl-Hermann, «Sobre Abraham Meldola e a sua Nova Grammatica Portugueza de 1785», in *Die Sefarden in Hamburg, Zur Geschichte einer Minderheit*, I Vol., Stuckenrad-Halvlevy, Michael, Ed. Suske, Hamburg, 1965.

A MÚSICA E A LÍNGUA

CARLOS OTERO *

A minha forma de comunicar tem ligação com outra língua: A MÚSICA.

A ideia à partida era de permitir a certas crianças da "banlieue", (com tudo o que isso quer dizer de classes sociais, raças e culturas diferentes), de participar à elaboração dum espectáculo, por essência, diferente de tudo o que já conheciam: Uma ÓPERA!

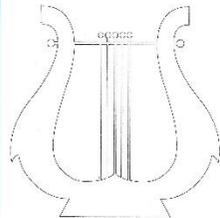
Aceita-se facilmente que alguns discursos que nos são completamente estrangeiros (os folhetins de televisão americanos ou japoneses, por exemplo) possam impôr-se como modelo para as crianças. Nenhuma dessas "ideias recebidas" resiste às acções levadas a cabo no terreno mesmo da escola.

A Ópera na escola. E porque não? A princípio essa acção parecia louca nas suas intenções e nas suas modalidades.

O problema era difícil. Como abordar um género de espectáculo tão complexo a um número tão elevado de alunos (800)?

Animações escolares foram feitas para falar sem grandes "rodéos" do compositor e da obra dele. Os escolares fizeram perguntas sobre um e sobre outro. Nesse trabalho importante participaram alguns cantores de ópera convencidos da necessidade de trabalharem para o futuro e de criarem

o público de amanhã. Um público composto de adultos avertidos e a quem se deram as indispensáveis chaves para acederem a todas as riquezas da cultura. Sem qualquer complexo, os cantores, explicaram e demonstraram a arte deles através d'alguns exemplos.



Para algumas crianças isso foi uma grande revelação pois nunca tinham ouvido um cantor de ópera "tão perto". Para mais, um cantor, que nem sequer tinha necessidade dum microfone para que o público o pudesse ouvir.

O resultado ultrapassou tudo o que se podia esperar de melhor. As crianças receberam essa forma de música e de canto com grande entusiasmo. Eles provaram que não era necessário possuir uma grande cultura musical para gostar, simplesmente gostar,

com alegria, inocência e instinto o que é apresentado muitas vezes como um espectáculo destinado às elites.

Mais tarde os alunos vêm ao teatro assistir aos ensaios, tomando contacto directo com a realização dum ópera, inclusivé, a construção dos cenários, dos fatos, etc. E quando alguns dias depois assistem à representação por inteiro, podem apreciar a evolução do trabalho de todos e, deixarem-se "levar" pela bela música da "Flauta Mágica". Que grande vitória para todos nós ao sentirmos o grande entusiasmo dessas salas cheias de crianças que riem e aplaudem sem parar uma música mágica, escrita por outro mágico: MOZART.

As centenas de cartas que nos escrevem (muitas das quais assinadas com nomes portugueses) são a prova que eles gostam de ópera. Desde o grande prazer da descoberta dum espectáculo lírico até às críticas... E nós que pensávamos que as crianças já não tinham (assim como os adultos) sentido crítico...

Eles têm sede de aprender e de penetrar os mistérios da música e da ópera. E quem melhor que ROSSINI, DONIZETTI, BIZET, GOUNOD, ou MOZART poderá fazê-lo? Sobretudo MOZART. Na idade deles já escrevia óperas.

* Cantor e encenador de ópera português em Paris.

SEM TÍTULO *

JOSÉ ALBERTO MAR

1

Por vezes, alguém põe um dedo na ferida. Quero dizer — alguém acorda na sombra geral dos seus nomes e os nomes mergulham nos ritmos do sangue e logo as mãos crescem para os lugares e os lugares crescem com elas e depois fica tudo mais alto. Há quem passe, olhe de lado e continue a sua vida. Outros há que passam e se detêm por um pormenor mais chatativo.

2

Claro que todos os lados, todos os nomes são pretextos. E os lugares também. Nascemos e morremos por uma graça indomável perdida no tempo. Andamos às voltas disto tudo enquanto por dentro acordam e adormecem as sementes povoadas pelos estranhos frutos de uma sede sem fim.

3

Vozes vozes que cantam as distâncias e o exemplo dos milhares de sóis mesmo sabendo-se que para outros [olhares] há um abismo memorial nas cabeças uma outra idade outra boca menos cercada pelas cores dos dias na transformação dos corpos.

* Poemas enviados por um leitor.

LUSOFONIA E DEMOCRACIA LOCAL

JOSÉ JORGE LETRIA

A Lusofonia não é um espaço utópico, é uma realidade cultural, linguística política, que nos deve estimular e simultaneamente responsabilizar.

O património representado pelas obras literárias de Jorge Amado, José Saramago, Luandino Vieira, José Craveirinha ou Baltazar Lopes, pela música de José Afonso, Chico Buarque ou Cesária Evora, pela pintura de Malangatana ou de Graça Morais, pela escultura popular africana ou pela cerâmica tradicional de Estremoz ou de Viana do Castelo tem que ser conhecido, preservado e permutado nesta grande comunidade que tem como cimento unificador uma língua com mais de oito séculos e as culturas que ela tem ajudado a consolidar, a engrandecer e a universalizar.

Seja qual for a evolução do mundo nos próximos séculos, será sempre muito mais importante aquilo que nos une do que aquilo que nos separa.

A democracia local terá que ser, neste quadro, cada vez mais uma

democracia cultural, ou seja uma democracia que aposte na diferença, na tolerância, na preservação da herança humanista e na capacidade de, pela via da sensibilidade, aumentar a compreensão do mundo e o gosto de se ser solidário.

A Lusofonia também é um espaço de solidariedade que se dilata e se fortalece sobretudo através da democracia local, tendo como base de diálogo e entendimento este tesouro comum e perene que é a língua portuguesa.

Façamos nosso o apelo do filósofo norte-americano do Direito John Rawls, que diz: "Saibamos conviver com as nossas diferenças". É neste convívio que a nossa comunidade se engrandece e vivifica com a força revitalizadora de tudo o que é garantia e certeza de futuro.

Se podemos ser actores neste processo de mudança e de afirmação da cidadania, então não nos limitemos a ser somente espectadores. As comunidades que servimos tudo terão a ganhar com isso.

CORRE POR AQUI UMA VOZ

Corre por aqui uma voz (perdoa a pilhagem do verso, ó Gregório de Matos) e eu não sei qual seja, nem qual a fonte do som de que provém. Estremece-me o seu eco metálico, a sua vibração de abóbada, o seu extremo rigor na apropriação das sílabas. É uma voz que parece querer usar a minha voz para dizer ao que vem, para dar sentido ao presságio e ao grito, para se alcandorar às varandas nocturnas onde a luz expira devagar como um corpo exausto e doente. Dou por mim a não ser outra coisa senão a soma imperfeita das vozes que nesta taça se acolhem, que nesta escrita se desejam ancoradas. A minha voz é tantas vozes, a minha fala tantas falas, que nesta mediação esgoto o último lume que fere o nervo em que todo o dizer assenta. Corre, já o disse, por aqui um voz que não é minha, mas que me pertence porque a matéria sôfrega da fala é este turbilhão, este caudal de sílabas a derramar-se no bojo oculto do poema como se tudo que há ainda para ser dito só agora se pudesse dizer com pressa e fúria.

José Jorge Letria
(Inédito)

VOZ DA LÍNGUA
ORÇAM DA ASSOCIAÇÃO DOS LUSOFALANTES NA EUROPA (A.L.F.E.) — Trimestral

Número anuais: 10 FF
Assinatura anual (4 números): 30 FF
Responsável pela publicação:
Direcção da A.L.F.E.

Sede:
Cota de Portugal
820, rue Mariani, 78370 Chailly
France
Tel.: (1)30502200
Fax: (1)30502200

Distribuição em Portugal:
Apartado 2190
4203 Faro Coex
Tel./Fax: (02)814786

Composição e impressão:
Imprensa Portuguesa — Porto

Tiragem: 1000 exs.

Depósito legal: 10108/96

Afinal não houve 1º congresso mundial da língua portuguesa nem segundas jornadas sobre a língua portuguesa (em Guimarães) onde iríamos incluir o nosso congresso. Os apoios financeiros falharam, o jornal foi suspenso, gente a trabalhar havia pouca, além de mim e do Embaixador José Augusto Seabra e os apoios externos limitavam-se a artigos para publicação.

Quando em dezembro de 1999 lancei (no Porto e em Lisboa) o primeiro volume da trilogia da História de Timor em livro, constatei haver gente interessada em reativar o sonho do projeto ALFE.

E o projeto estava pronto para outubro 2001, mas faltava uma entidade patrocinadora oficial do evento pelo que foi adiado doze meses para 18 a 19 de outubro 2002 na Fundação Eng.º António de Almeida com apoio da já extinta SLP Sociedade de Língua Portuguesa. Apesar de termos uma centena de presenças, o prejuízo de 50 contos (2500€) não nos demoveu e começamos a trabalhar no segundo evento que se realizou em Bragança no auditório Paulo Quintela de 7 a 8 de novembro com o nosso apoio através da delegação da SLP no norte que então criámos e patrocínio da Câmara Municipal. Mantivemo-nos em Bragança até 2010, e partir de 2005 nos Açores começamos a organizar dois eventos ao ano, um nas ilhas e outro em Portugal ou no estrangeiro.

Em 2010 criámos a associação para evitar que a Câmara de Bragança se apoderasse totalmente do projeto como fez em relação ao projeto do Museu da Lusofonia que iremos desenvolver aqui em Belmonte no Museu dos Descobrimentos graças à visão do nosso anfitrião, Presidente da Câmara de Belmonte Dr António Pinto Dias Rocha e Eng.º Joaquim Costa da Empresa Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social do Concelho de Belmonte.

Do 1º colóquio além de mim e da Helena Chrystello, continuam neste projeto o Ângelo Cristóvão da Academia Galega, o Luciano Pereira da ESE de Setúbal e o Tiago Anacleto-Matias e a Helena.

Muita água correu sobre as pontes, a crise de 2008 trouxe sugestões de fazermos apenas um evento ao ano, mas temos o calendário preparado e confirmado para dois colóquios ao ano até 2022.

146 pessoas foram nossas associadas e hoje temos 87. O projeto original de José Augusto Seabra a que dei corpo nestes Colóquios da Lusofonia mantém as mesmas traves mestras e irá prosseguir enquanto a saúde e forças dos seus mentores o permitirem. Bem-haja a todos os que ao longo dos anos souberam dar o seu apoio e presença a estes colóquios.

**SÓCIO FUNDADOR,
PRESIDENTE DA DIREÇÃO DA AICL,
MEMBRO DO COMITÉ CIENTÍFICO,
PRESIDENTE DA COMISSÃO EXECUTIVA**

POESIA DE TIMOR NA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO DE AGUARELAS DE LOTUS JADE TCHUM FALCÃO (NHU LIEN TCHUM 鍾玉蓮),

547. eleições sem lições em timor, 8 julho 2012

díli 23 setembro 1973

*cheguei hoje a timor português
a vinda marcará a minha vida para sempre
sem o saber nunca mais nada será igual
o futuro começa hoje e aqui
entrei no tempo da ditadura
sairei na democracia adiada*

*na bagagem guardo sabores,
imagens e odores
sonhos de pátria e amores
divórcios e outras dores*

*cheguei sem bandeiras nem causas
parti rebelde revolucionário
tinha uma voz e usei-a
tinha pena e escrevi sem parar
pari mais livros que filhos*

estaquei a distância
 nem um pássaro riscava a muda quietude do céu

 tremi
 como se de súbito
 me penetrassem
 as respostas todas

 virei costas
 e corri
 corri
 corri

 e aqui estou
 hoje
 a dar-vos conta
 do que vi.

433 | BUCÓLICA BOBONARIANA - I Bobonaro, Timor, novembro, 23, 1973

a colina à esquerda ergue-se mansamente
 sem pressas

 caminha do mar
 reproduz-se altiva
 pico agreste me vigia

 não há vegetação
 nem sinais de gente
 (terá emigrado daqui a seiva?)
 as rochas puras ainda
 primitivas
 nascituras

 erguidas por ciclópicas mãos
 do fundo dos mares

 quedaram-se ostensivas
 desafio de nuvens eternas

 arbustos pequenos
 insignificantes como as gentes
 misturados na paisagem

 espraia-se na vastidão o olhar
 (começa em mim)

 e só montes
 pedras
 horizonte

 e eu aqui fechado
 cercado
 ilha de mim próprio

449. EROS nos jardins de leste Díli, Timor, novembro, 25, 1974

os corpos se venderam por dez réis de nada
 assim me serviam do que criam inútil
 e se davam

fáceis e apáticas

faziam amor como quem respira

isto é

o ritmo cósmico da órbita do poema

descrevia uma senoide irregular

e de tanto engravidarem

sentiam na carne

o vício de todas as necessidades

e de tantas fomes acalentarem

o instinto as aguilhoava

nascituras

logo então vitimadas

-EROS senhor e amo nos jardins de leste

pequenas

saracoteantes

delicado delinear de dietas forças

figuras de cabaia e lipa⁴⁸

dos agrestes picos montesinos

às planuras

frágeis ninfas

“que o sol em nascendo vê primeiro”

diac ca lai? la diac malai⁴⁹

e a gente compra

Escudo ihra - Né

la cói! ata! lima

cabeça búlac! menina lá diac... ossam báric

loro mai massimida

os lábios de carmim de viva cal e da harecan

haneçam maliri.⁵⁰

⁴⁸ saia de tecido colorido, típica de Timor, de origem malaia, e que é usada enrolada à cintura, descendo até aos tornozelos

⁴⁹ Em Tétum no original

⁵⁰ Em Tétum no original

fundo
 como jamais ouvira
 era um sopro indefinido
 murmurado
 amargo
 entretanto havíamos chegado
 povoado estranho
 sem gente
 nem cães
 ladrando em redor
 casas estranhas
 elevações de colmo
 suspensas de estacas
 mudas sem janelas nem portas
 um silêncio velho de morte
 deixar a alma
 deste ritmo
 parar
 deixar o instante deste tempo
 renascer
 eterno
 esta a proposta
 inicial
 iniciática
 até lá, como?

451. PORQUE JOVENS IAM Á GUERRA Bali, dezembro, 3, 1974

eram jovens
 por isso partiam
 nas mãos os cravos
 nos lábios mil sangues
 por florescer
 os corpos amadureciam quando matavam
 pilhavam
 violavam
 era o fogo das balas
 as granadas
 o napalm
 a carne para canhões

 porque jovens
 cantavam impolutos
 e as mãos decepavam
 a saudade desilusionada

irmãos todos
 fratricidas
 o papão fantoche do governo
 lhes ensinara o decálogo de guerra
 indesejada

porque jovens
 partiam obrigados
 nos sonhos
 armada a verdade
 vulcões por semear
 sangrando campos
 estiolavam

eram os braços emigrados
 era a fome

eram soldados
 era o povo
 porque soldados e povo
 partiam

levavam ódios insentidos
 cumpriam destinos alheados
 nos lábios as palavras
 e eram amor

o alfabeto dos oprimidos
 para uso interior
 lá onde os regulamentos não mandam

pelo caminho
 eram a voz e a bandeira

o povo sorria às armas
 libertado caminhava
 no braço armado do povo.

443. Post-scriptum **(a andré breton)**

como num mundo
 outro
 em mim
 aguda memória
 inenarrável

caminho no fogo das mãos
 é nossa a estrada
 alheios
 os calendários o negam
 no vento da derradeira galáxia
 nascitura terra

fálica linguagem
precipitamos cegueiras
violento abismo
- momento zero na viagem do corpo -
fomos a lava e o magma
ébrios
exaustos
incendiário batismo bíblico
construímos a casa e as areias
nove
para ti
eram os meses infenecidos
hoje
palavras intimidadas
seminolentes
cerne de alquimias
para quê crer
utopias suicidas
o país o decepam
apáticos
direi mesmo
apátridas
resignados
assistimos
gerámos a hidra
agnósticos
incrêus
expectamos
das cinzas
das ruínas
obnubiladas memórias
aqui começa
a medieval noite
silêncio de vivos com morte nos olhos.

549. alucinação na areia branca (timor) 11 julho 2012

era maio em 1975
havia luar na areia branca
sem ondas na ressaca
caranguejos azuis na fina areia
baratas voadoras à frente dos faróis
eram pequenos os lafaek e raros
quase se ouviam os corais a falar

*ao longe sem luzes em díli
o escuro dos montes*

*entre nós e o atáuro
deslizavam barcos espiões
antecipavam a komodo
ensaíavam invasões*

*corri a alertar
ninguém quis ouvir
escrevi e denunciei
chamaram-me alucinado*

nunca imaginei o genocídio

548. queria ser toké 11 julho 2012

*eu queria ser toké e contar o que vi
desde que partiste em 1975*

*queria saber falar
dar os nomes os locais e os atos
de todas as atrocidades, violência e mortes
que testemunhei mudo na minha parede*

eu queria ser toké e escrever tudo

*queria contar o que não querem que se saiba
queria contar o que não queriam que se visse
queria contar os gritos que ninguém ouviu*

*queria ser água e apagar os fogos
que extinguiram a nossa história
como se não fora possível reconstruí-la*

*queria ser pássaro e levar nas asas
todos os que foram chacinados
violados, torturados e obnubilados
voar com as crianças que morreram de fome
as mulheres tornadas estéreis*

*tanta coisa que queria dar-te timor
e não posso senão escrever palavras
lembrar teu passado heroico
sonhar futuros ao teu lado*

550. timor nas alturas 15 julho 2012

*queria subir ao tatamailau
pairar sobre as nuvens
das guerras, do ódio, das tribos
falar a língua franca
para todos os timores*

*queria subir ao matebian
ouvir o choro dos mortos
carpir os heróis esquecidos*

*queria subir ao ili o e ao ili o
consolar as vítimas de ili o
beber o café de ili o
reconstruir o picadeiro em ili o a
tomar banho no ili o
ir à missa no suai
buscar as joias da rainha de ili o a
passar a fronteira e voltar
chorar todos os conhecidos e os outros
e quando as lágrimas secassem
regressaria à minha palapa imaginária
à mulher mais que inventada
oferecer-lhe um pente de moedas de prata
percorrer as suas ribeiras e vales
sussurrar por entre as folhas do arvoredado
navegar nos seus beiros
rumar ao ili o e ao ili
desfrutar a paz e as belezas ancestrais
ouvir os tokés enquanto as baratas aladas voam
os insetos projetados contra as janelas
atraídos pela luz do petromax*

*a infância e a juventude são como uma bebedeira
todos se lembram menos tu*

685 dili inundado, 6, fevº 2016

*maromác zangou-se
as ribeiras transbordantes
em di iliada mudou
tudo alagado como dantes*

décadas depois
nem os milhões do petróleo
dominam as águas
passados quarenta anos
sem dinheiro para voltar
dominam-me as mágoas

a minha saudade
rima com verdade

608. eleições 29 jul 2013

era tempo de eleições
políticos vinham e prometiam
a população aplaudia
acitava e acreditava
...
depois de contados votos
os políticos desapareciam
junto com as suas promessas
e o povo esquecido esperava
assim crendo na democracia
uma pessoa, um voto, uma promessa
repetiam a antiga escravatura
acreditando serem livres

431.....

esta "a terra que o sol em nascendo vê primeiro"

aqui as imagens

e são já história

não se repetirão

aqui não demos testemunho

como transfigurar

colónias pacíficas

em palcos de guerra.

12. DEANA BARROQUEIRO, CONVIDADA CMB



Deana Barroqueiro nasceu nos EUA, em 1945, e emigrou para Portugal com dois anos. Como Professora de Língua e Literatura Portuguesa, fez inúmeros projetos de Teatro e de Escrita Criativa, com várias obras publicadas. Tem um longo currículo de palestras sobre História e Cultura Portuguesa do Século XV ao XVII, que estuda há três décadas. Em 2003, a escritora recebeu um louvor pela Câmara de Newark, pelo seu contributo para a promoção da língua e cultura portuguesas entre as comunidades de emigrantes da América, Canadá e Europa. Publicou uma coleção de sete romances de viagens e aventuras, *Cruzeiro do Sul*; dois livros de *Contos Eróticos do Velho Testamento*, o primeiro volume traduzido e editado em Espanha, Itália e Brasil; uma trilogia sobre a Expansão Portuguesa, *O Navegador da Passagem – Bartolomeu Dias*, *O Espião de D. João II – Pêro da Covilhã* e *O Corsário dos Sete Mares – Fernão Mendes Pinto*. *D. Sebastião* e *o Vidente* recebeu o *Prémio Máxima de Literatura 2007/Prémio Especial do Júri*. **E-mail:** barroqueiro.deana@gmail.com **Página Pessoal:** <http://deanabarroqueiro.blogspot.com/>

Deana Barroqueiro é uma das mais destacadas escritoras de romance histórico português, do século XXI com uma vasta obra, predominantemente de personagens e acontecimentos do Renascimento e Descobrimientos Portugueses, período que estuda há mais de trinta anos.

É casada com João Pires Ribeiro (Professor e investigador - Física Nuclear).

Licenciou-se em filologia românica na Faculdade de Letras de Lisboa, de cujo grupo de teatro fez parte, juntamente com Luís Miguel Cintra, Luís Lima Barreto, Jorge de Silva Melo, Maria do Céu Guerra, Ermelinda Duarte e Eduarda Dionísio, entre outros.

Frequentou um mestrado de dois anos em Comunicação Educacional Multimédia na Universidade Aberta de Lisboa.

Fez vários cursos de Línguas (Inglês, Francês e Espanhol (em Universidades dos respetivos países)).

Lecionou as disciplinas de Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Francesa na Escola Secundária Passos Manuel, de Lisboa, onde fez o estágio e a maioria dos seus projetos de teatro e de escrita criativa com os alunos.

Publicou então várias obras com o grupo de trabalho do M.E. para as comemorações dos Descobrimientos Portugueses, a Câmara Municipal de Lisboa e o Instituto de Inovação Educacional.

Com o seu projeto de Escrita Criativa, *Palavras, leva-as o vento?* foi a inúmeras escolas, de norte a sul do país, para promover o interesse pela leitura entre os alunos de diferentes níveis de escolaridade. O sucesso dessas publicações escolares foi um incentivo para recomençar a escrever para um público mais lato, ainda que num diferente registo literário, o do romance histórico, tendo publicado, de 2000 a 2010, onze romances históricos e dois livros de crónicas da Antiguidade Pré-Clássica, o primeiro dos quais – *Contos Eróticos do Velho Testamento* – foi editado no Brasil e traduzido em espanhol e italiano.

Em 21 de novembro de 2003, nos Estados Unidos da América, durante um sarau para atribuição de prémios do Concurso Literário Proverbo, de cujo júri fez parte, a convite do jornal Luso Americano, a escritora recebeu um louvor pela Câmara de Newark, em reconhecimento do seu contributo para a divulgação e promoção da língua e cultura portuguesas entre as comunidades de emigrantes da América, Canadá e Europa.

O seu romance *D. Sebastião e o Vidente* (Porto Editora) foi agraciado com o Prémio Máxima de Literatura (2007) - Prémio Especial do Júri.

O reconhecimento do valor histórico desta obra (resultado de três anos de intensíssimo trabalho e investigação) tem-se manifestado ainda em inúmeras localidades do país, como Pedrógão Grande, Murtosa, Lagos, Castelo Branco, Fundão, Paço dos Negros, Almeirim e S. Pedro do Sul, entre outras, mas também entre as comunidades portuguesas da América, Canadá e Europa, por meio de eventos e homenagens ou da sua comunicação social. A edição brasileira dos seus *Contos Eróticos do Antigo Testamento* foi estudada no Curso de Literatura Comparada e Estudos Judaicos da Universidade de Minas Gerais, da Professora Dra. Lyslei Nascimento, estando o livro "Romance da Bíblia, Tentação da Serpente" a ser objeto de uma tese de Mestrado (2012).

O conto "Langores de Holofernes" (in Tentação da Serpente, Romance da Bíblia) foi publicado no Arquivo Maaravi, v.5, n. 9 (2011) - Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG.

No I Congresso de Cultura Lusófona Contemporânea, realizado em Portalegre, nos dias 11 e 12 de junho de 2012, subordinado ao tema "A Mulher na Literatura e Outras Artes", a palestra da Professora convidada Dra. Lyslei Nascimento, do Brasil, "Crime e redenção: mulheres que matam" tinha por objeto a análise de uma personagem "Judite" dos contos de Deana Barroqueiro, agora reeditados em forma de romance "Tentação da Serpente".

Faz parte do **"Dicionário de Escritoras Portuguesas - das origens à atualidade"**, por Conceição Flores, Constância Lima Duarte e Zenóbia Collares Moreira. Editora Mulheres.

O seu romance **«O Corsário dos Sete Mares - Fernão Mendes Pinto»** foi parcialmente adaptado, por João Botelho, no filme «Peregrinação» de 2017. **Nota:** Dados biográficos autorizados pela escritora e baseados no seu blogue e nas notas de imprensa das Editoras

SINOPSE DA APRESENTAÇÃO DO LIVRO "1640" - ROMANCE DE DEANA BARROQUEIRO

«1640» é o seu mais recente romance, publicado a 23 de novembro de 2017, construído segundo o modelo de "Cortes na Aldeia", narrado a quatro vozes - o poeta Brás Garcia Mascarenhas, a professa Soror Violante do Céu, o prosador Dom Francisco Manuel de Melo e o pregador Padre António Vieira, em a autora recria os vibrantes acontecimentos nacionais e internacionais dos anos de 1617 a 1667, estabelecendo relações desse passado com o presente, onde será impossível não ver um paralelismo com a «Troica» que governou Portugal em 2011. **1640** é um marco fundamental na História de Portugal, o da Restauração da Independência, após 60 anos de domínio espanhol, quando os portugueses se revoltaram e elegeram um rei natural, D. João IV. Retrata a luta de Portugal contra o domínio de Espanha, entre 1617 e 1667, período riquíssimo em factos, dramas e personagens, que lutam pela sua libertação e sobrevivência, face a uma crise social, económica e política, imposta por Filipe IV/Olivares, coadjuvados por Diogo Soares e Miguel de Vasconcelos, um triunvirato que só terá paralelo na *Troika* de 2011. Quatro guias singulares conduzem o leitor nesta viagem ao passado, através dos seus dramas pessoais e coletivos: o poeta proscrito Brás Garcia de Mascarenhas, autor da epopeia *Viriato Trágico*; a professa Violante do Céu, a *Décima Musa* da poesia barroca, enclausurada no convento; D. Francisco Manuel de Melo, o maior prosador ibérico do Século XVII, prisioneiro na Torre; e o P.º António Vieira, o mais brilhante pregador do seu tempo, a contas com a Inquisição.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DO PRAZO. NÃO CONSTARÁ DAS ATAS EM DVD, ONLINE, OU DA REVISTA ANUAL DE ESTUDOS LUSÓFONOS, LÍNGUA E LITERATURA

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ A CONVITE DA CMB APRESENTANDO O SEU LIVRO "1640"

13. EVANILDO BECHARA, ACADEMIA DE LETRAS DO BRASIL



Evanildo Bechara, Academia Brasileira de Letras

Evanildo Bechara, nascido no Recife em 1928, é professor titular e emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), atua nos cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento para professores universitários e de ensino médio e fundamental. É membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia Brasileira de Filologia, Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa, Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra, e o representante da Academia Brasileira de Letras para o novo Acordo Ortográfico.

ebechara@academia.org.br, - academia@academia.org.br

Quinto ocupante a Cadeira nº 33, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa. Aos onze para doze anos, órfão de pai, transferiu-se para o Rio de Janeiro, a fim de completar sua educação em casa de um tio-avô. Desde cedo mostrou vocação para o magistério, vocação que o levou a fazer o curso de Letras, modalidade Neolatinas, na Faculdade do Instituto La-Fayette, hoje UERJ, Bacharel em 1948 e Licenciado em 1949.

Aos quinze anos conheceu o Prof. Manuel Said Ali, um dos mais fecundos estudiosos da língua portuguesa, que na época contava entre 81 e 82 anos. Essa experiência permitiu a Evanildo Bechara trilhar caminhos no campo dos estudos linguísticos.

Aos dezessete, escreve seu primeiro ensaio, intitulado Fenômenos de intonação, publicado em 1948, com Prefácio do filólogo Lindolfo Gomes.

Em 1954, é aprovado em concurso público para a cátedra de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II e reúne no livro Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa artigos escritos entre os dezoito e vinte e cinco anos, saídos em jornais e revistas especializadas.

Concluído o curso universitário, vieram-lhe as oportunidades de concursos públicos, que fez com brilho, num total de onze inscritos e dez realizados.

Aperfeiçoou-se em Filologia Românica em Madri, com Dámaso Alonso, nos anos de 1961-62, com bolsa do Governo espanhol.

Doutor em Letras pela UEG (atual UERJ), em 1964. Convidado pelo Prof. Antenor Nascentes para seu assistente, chega à cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UEG (atual UERJ) em 1964.



Galiza 2012



MAIA 2013



HONG-KONG 2011



OURENSE, GALIZA 2012



LAGOA 2009



MACAU 2011



MOINHOS DE PORTO FORMOSO) 2014



SEIA 2014

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).

Professor de Filologia Românica do Instituto de Letras da UERJ, de 1962 a 1992.

Professor de Língua Portuguesa do Instituto de Letras da UFF, de 1976 a 1994.

Professor titular de Língua Portuguesa, Linguística e Filologia Românica da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Professor de Língua Portuguesa e Filologia Românica em IES nacionais (citem-se: PUC-RJ, UFSE, UFPB, UFAL, UFRN, UFAC) e estrangeiras (Alemanha, Holanda e Portugal).

Em 1971-72 exerceu o cargo de Professor Titular Visitante da Universidade de Colônia (Alemanha) e de 1987 a 1989 igual cargo na Universidade de Coimbra (Portugal).

Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1994) e da Universidade Federal Fluminense (1998).

Doutor Honoris Causa da Universidade de Coimbra (2000).

Distinguido com as medalhas José de Anchieta e de Honra ao Mérito Educacional (da Secretaria de Educação e Cultura do Rio de Janeiro), e medalha Oskar Nobiling (da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura).



BRAGANÇA 2007

VILA DO PORTO 2011

Foi convidado por acadêmicos amigos para candidatar-se à Academia Brasileira de Letras, na vaga do grande Mestre Afrânio Coutinho, na alegação de que a instituição precisava de um filólogo para prosseguir seus deveres estatutários no âmbito da língua portuguesa. É o quinto ocupante da Cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 11 de dezembro de 2000, na sucessão de Afrânio Coutinho e recebido em 25 de maio de 2001 pelo Acadêmico Sérgio Corrêa da Costa.

Foi Diretor Tesoureiro da Instituição (2002-2003) e Secretário-Geral (2004-2005).

Criou a Coleção Antônio de Moraes Silva, para publicação de estudos de língua portuguesa

É membro da Comissão de Lexicologia e Lexicografia e da Comissão de Seleção da Biblioteca Rodolfo Garcia.

Entre centenas de artigos, comunicações a congressos nacionais e internacionais, escreveu livros que já se tornaram clássicos, pelas suas sucessivas edições.

Diretor da revista *Littera* (1971-1976) – 16 volumes publicados; da revista *Confluência* (1990-2005) – até agora com 30 volumes publicados.

Orientador de dissertações de Mestrado e de teses de Doutorado no Departamento de Letras da PUC-RJ, no Instituto de Letras da UFF e no Instituto de Letras da UERJ, desde 1973.

Membro de bancas examinadoras de dissertações de Mestrado, de teses de Doutorado e de livre Docência na Faculdade de Letras da UFRJ, no Instituto de Letras da UERJ e em outras IES do país, desde 1973

Membro de bancas examinadoras de concursos públicos para o magistério superior no Instituto de Letras da UFF, no Instituto de Letras da UERJ e no Departamento de Letras da USP, desde 1978.

Secretário-Geral do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro 1965-75;

Diretor do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, de 1976 a 1977;

Membro do Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro, de 1978 a 1984;

Foi Diretor do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1974-80 e de 84-88;

Chefe do Departamento de Filologia e Linguística do Instituto de Filosofia e Letras da UERJ, de 1981 a 1984;

Chefe do Departamento de Letras da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, de 1968 a 1988.

Membro titular da Academia Brasileira de Filologia, da Sociedade Brasileira de Romanistas, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro.

Membro da Société de Linguistique Romane (de que foi membro do Comité Scientifique, para o quadriênio 1996-1999) e do PEN Clube do Brasil.

Sócio-correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.

Foi eleito por um colegiado de educadores do Rio de Janeiro, uma das dez personalidades educacionais de 2004 e 2005.

A convite da Nova Fronteira integra o Conselho Editorial dos diversos volumes do Dicionário Caldas Aulete.

Em 2005 foi nomeado membro do Conselho Estadual de Leitura do Rio de Janeiro e da Comissão para a Definição da Política de Ensino, Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa, iniciativa do Ministério da Educação.

Dentre suas teses universitárias contam-se os seguintes títulos:

- A Evolução do Pensamento Concessivo no Português (1954),
- O Futuro em Românico (1962),
- A Sintaxe Nominal na Peregrinatio Aetheriae ad Loca Sancta (1964),
- A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa (1964),
- Os Estudos sobre Os Lusíadas de José M^a Rodrigues (1980),
- As Fases Históricas da Língua Portuguesa: Tentativa de Proposta de Nova Periodização (1985).



SEIA 2014



Lagoa 2012



BRAGANÇA 2007

Autor de duas dezenas de livros, entre os quais a Moderna Gramática Portuguesa, amplamente utilizada em escolas e meios acadêmicos, e diretor da equipe de estudantes de Letras da PUC-RJ que, em 1972, levantou o Corpus lexical do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, sob a direção-geral de Antônio Houaiss. É professor da UERJ e da UFF, Membro da ABL. Foi nomeado ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA GALEGA DA LÍNGUA PORTUGUESA em outubro 2012.



VILA DO PORTO 2017

SÓCIO FUNDADOR AICL. PATRONO DOS COLÓQUIOS DESDE 2007. PERTENCE AO COMITÊ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÊNIO 2017-2020.

TEMA 2.3. Antônio de Moraes Silva – o primeiro moderno lexicógrafo da língua portuguesa

O presente trabalho procura ressaltar os méritos do brasileiro Antônio de Moraes Silva como o primeiro mais moderno lexicógrafo da língua portuguesa, apontando-lhe, além de um esboço biobibliográfico, o valor documental do seu dicionário desde sua primeira edição em 1789.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DO PRAZO.

TOMOU PARTE NOS COLÓQUIOS DE BRAGANÇA 2007, 2008, 2009 LAGOA 2008, 2009, BRASIL 2010, BRAGANÇA 2010, MACAU 2011, SANTA MARIA 2011, LAGOA 2012, GALIZA 2012, MAIA 2013, SEIA 2013, MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014 E SEIA 2014, FUNDÃO 2015, VILA DO PORTO 2017. POR MOTIVO DE SAÚDE NÃO ESTEVE PRESENTE EM 2016

14. FÁTIMA MADRUGA, MÉDICA, HOSPITAL DE OVAR, ASSISTENTE PRESENCIAL



MOINHOS 2014



Vila do Porto 2011



MONTALEGRE 2016

TOMOU PARTE NO 16º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA 2011, NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO EM 2014, 23º NO FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

15. FRANCISCO CATUNDA MARTINS, UNIVERSIDADE E ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA



Professor Emérito da Universidade de Brasília, Psicólogo Clínico, Psiquiatra e Psicanalista, FRANCISCO Moacir de Melo Catunda MARTINS dedica-se ao campo da clínica, em especial a Psicopatologia, a Psicanálise, a Psicoterapia, a Saúde Mental e temas que toquem a linguagem, atos de fala, metáfora, placebo e processos de cura.

É Professor Titular da Universidade de Brasília e da Universidade Católica de Brasília.

Publicou recentemente *As Metáforas de Freud - Volumes I e II* (ACLEB, 2017); *Ensaio de Sintomas Simbólicos* (Edunb, 2013). Ao longo da carreira publicou *Psicopatologia I - Prolegômenos* (Ed. PUCMinas; laureado com Primeiro Prêmio pela Academia Paulista de Psicologia 2005), *Psicopatologia II - Semiologia* (qualificado pela Revista Psiquê como um clássico em psicopatologia), *O Aparentar, o Dever, o Pensar e o Devir* (Edunb, 2007), *O Nome Próprio* (Edunb, 1997), *O Complexo de Édipo* (Edunb, 2000).

PÓS-DOUTORADO na Universidade de Lovaina (1998) e Kent University (Inglaterra), residência em PSQUIATRIA na UISS da Universidade de Brasília (1977-79), MESTRADO em Psicologia pela Universidade de Brasília (1982), MESTRADO (1984) e DOUTORADO em PSICOLOGIA na Universidade de Lovaina (1986). A literatura tem sido um domínio em que faz incursões continuadas pertencendo a Academia de Letras de Brasília, onde ocupa a cadeira de número um. Curriculum Lattes - <http://lattes.cnpq.br/4006667017652862> Telefone: 0055 61 981757559 Endereço: SHGN 716 Bloco P Casa 30 Brasília DF Brasil - CEP 70770-746

TEMA 4.2. ANTIBABEL E BABEL NO FALAR PORTUGUÊS, Francisco Catunda Martins⁵⁵

Como é difícil traduzir o que sentimos, traduzirmo-nos para outra língua e traduzirmo-nos para nós mesmos. O mito de Babel nos adverte acerca da cupidez dos seres humanos. A fala na nossa língua pode ser um enorme problema para os literatos, mas também chamariz para a criatividade. Entendemos que o paradigma da tradução domina o universo da experiência humana. O ser de linguagem não para de se traduzir. Grosseiramente indicamos três tipos de tradução:

1. traduzir percepções em palavras, i.e., nomear;
2. traduzir interlínguas, e
3. traduzir intralíngua.

O traduzir implica que a Babel está sempre potencialmente presente. Daí existir uma dialética entre Babel – Antibabel. A fantasia megalômana da humanidade de criar uma só língua parece ultrapassada. Criar a língua antibabélica que liquidaria o narcisismo de cada pessoa e cada grupamento linguístico foi abandonado.

Diferentemente pensamos que o funcionamento das línguas continua a ser dominado pelo paradigma da Torre de Babel: as línguas vão se diferenciando e tendem a se multiplicar e até formar novas formas, gramáticas e línguas completas. Procuraremos mostrar isso na nossa língua viva. Pensamos que o pensar infantil, o narcisismo nosso de cada dia, é uma garantia que a Babel continuará avançando. É próprio do homem se adaptar e, então, recriar suas falas resultando na transformação da sua própria língua. É essencial o movimento Antibabel para tornar possível o comunicar humano consigo mesmo, em outras línguas e traduzirmo-nos. Veremos isso presente no português que necessita ser cuidado para não desbaratar nossa cultura. Reconhecer que a Babel é imperiosa faz com que apoiemos a ideia fundamental de termos uma instituição a nível internacional que cuide da língua portuguesa não somente qualificando as regionalizações e nacionalizações.

0. Introdução

O paradigma que Babel continua em progressão é verdadeiro. Daí a necessidade de termos como “Aquele que fala em línguas não fala aos homens, mas a Deus. Ninguém o compreende: seu espírito enuncia coisas misteriosas. São Paulo em 1, Coríntios, XII, 28. Paulo Rónai⁵⁶ escreveu um livreto precioso acerca da invenção de línguas, tais como o Esperanto, o Ligualúmina, o Bolak, o Novial, o Spokil para evidenciar a luta humana em prol da criação de uma língua que liquide a Babel. Propomos aqui justamente o contrário de encontrar uma língua universal: a língua Antibabel é insuficiente. A discórdia e o narcisismo humano se impõem não somente nas Academias de Línguas, regionais e nacionais, mas também no falar diário das pessoas. Senão vejamos a língua viva em franca ação e necessitando que sua performance semântica seja reconhecida na sua novidade como cada um a traduz.

A questão chave do clínico é o “Como vai você?”⁵⁷ Ela é tema central acerca da existência Evidente é que o ir, assim como o vir, bem como o subir e o descer, de imediato, joga o sujeito na metáfora da estrada da vida. Mas, de um caminhar que faz o próprio caminho sem que o caminhante tenha um controle.

- *Como vai você? Mais ou menos, diz o neurótico denegador.*
- *Como vai você? Muito mal, veja o mal que fiz, diz o melancólico.*
- *Como vai você? Mal, tudo e todos estão errados, a despeito de eu ter tudo feito direito, diz o neurótico deprimido.*
- *Como vai você? Excelente, tudo é divino e maravilhoso, vamos logo que a vida é curtíssima, diz o hipomaníaco.*
- *Como vai você? Vou bem, não estás vendo que minha perna não está mais fraturada, diz o psicótico literalizando o significante.*
- *Como vai você? Você vai? responde o autista.*
- *Como vai você? Comover quem? sublinha um interpretador compulsivo de significantes.*
- *E você, como vai? De ônibus, diz alguém oligofrênico, ou, no mínimo, distraído.*

⁵⁵ Francisco Catunda Martins; Prof. Emérito Universidade de Brasília e na Universidade Católica de Brasília. Doutor pela Université Catholique de Louvain – Bélgica. Psiquiatra, Psicólogo, Psicanalista. Endereço: SHLN 717 Bloco P Casa 30 CEP 70770-746 Brasília DF Brasil.

⁵⁶ Paulo Rónai; *Babel e Antibabel*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.

⁵⁷ Os exemplos de fala são de Francisco Martins; *Psicopatologia*, Belo Horizonte, EDIPUC, 2006.

- *Como vai? Porque tanto interesse? responde alguém histérico, inquieto, em atitude transferencial, numa predisposição algo beligerante.*
- *E então, como vai? Como ousa tratar-me assim? Eu, o seu Senhor Almighty Santuário de todas as Religiões deste e de outros Planetas, diz um outro em posição paranoica, autointitulando-se.*
- *Como vai, Seu João? Os negócios estão péssimos, mas a vida continua, responde o quitandeiro com preocupações obsessivas depois que comprou um carro novo.*
- *E o Senhor, como está indo? Estou indo para qualquer lado, responde o doente de Alzheimer ficando apragmático, mas dominado por impulsos de sobrevivência.*
- *Como vai? Não interessa, não pedi nem para nascer, retruca negativamente um antropofóbico.*
- *E o Senhor, como vai XM? Depois que fiquei pior que o Werther de Goethe, só vou se for com Ela, diz o enamorado apaixonado.*
- *E você? Vou bem, diz o homem comum apaziguado.*

A pergunta exige que aquele que responde se coloque na posição de examinar-se no seu passado, no seu possível futuro e principalmente no presente. Ela exige que traduzamos o “você” da frase que estudamos para o “eu”. ‘Como vai você?’ coloca todos nós face ao destino que se aproxima e se realiza no caminhar da vida. Os normais formam um setor grave, principalmente os que se julgam totalmente normais. Entendo os que se tomam como normais, como pessoas radicais, perigosas, orgulhosas, ainda que ordeiras, metódicas e limpas. Os anormais existem para colocar em questão os normais, para encher-nos de angústias, mas somos ainda assim potencialmente como eles. Somos às vezes até normais, mas desejando ser exóticos, excêntricos e fazendo das tripas coração para sermos amados e respeitados.

Examinemos alguns dos nossos ídolos nas suas variedades como escritores, poetas, historiadores, linguistas, catedráticos, recitadores, cantores, artistas, até homens comuns de todos os dias. Perguntamos a Aristóteles como vão os enamorados, a paixão, esta experiência tão violenta de passividade que enchem os consultórios dos psicanalistas. O filósofo peripatético responde com uma metáfora: eles são monstros bissexuais, junções de macho e fêmea formando um monstro hermafrodita de duas cabeças, quatro braços, dois genitais e que juntos são mais fortes do que quando separados. E quando se tenta separá-los acaba-se por matá-los rasgando-os um do outro e então eles morrem de uma hemorragia energética que só tem igual nas grandes melancolias.

Perguntamos a Dostoiévsky acerca de como vão os irmãos depois do parricídio. Responde algo como “Sem Deus, estamos perdidos moralmente”. Foi-nos retirado o selo de garantia da paternidade simbólica. E não vemos Cervantes com Dom Quixote e os enganos delirantes que nós construímos e Sancho Pança que nos coloca com os pés no chão? Vejam como vão indo os homens na sua sempre possível tragédia e que volta e meia torna-se uma comédia.

- Como vão os marinheiros, Camões? Ele nos adverte acerca da empreitada idealista através do Velho do restelho dizendo: - “A que novos desastres determinas / De levar estes reinos e esta gente? Que perigos, que mortes lhe destinas / Debaixo dalgum nome preminente? /Que promessas de reinos, e de minas / D’ouro, que lhe farás tão facilmente? Que famas lhe prometerás? Que histórias? Que triunfos, que palmas, que vitórias?”

E pensar que o Brasil não seria descoberto se os seus navegadores não tivessem vencido os medos terríveis do Velho!

E Fernando Pessoa, “Como vai você e os seus heterônimos?”, lembrando que não somos só aquilo que pensamos ser, mas temos muitos outros eus possíveis de serem vividos.

- Estou indo péssimo, com ideias suicidas, mas meus livros continuam vendendo...

- Como vai você, Vinícius? Por aí, perambulando em mentes sonhadoras, cheio do melhor solvente de moral que existe, o álcool. Vinícius apresenta-nos a falta absoluta e recidivada. Talvez seja o mais sofrido poeta do mundo na busca de um amor impossível, mas que a falta não cessa de se renovar.

Como vai Machado de Assis? Simão Bacamarte está melhor, eu ando incomodado com os vermes que comeram minhas entranhas.

E você José Cândido de Carvalho, Coronel e amestrador de Lobisomens, como vai seu criatório de galos de rinha? - Depois da proibição de brigas, meus dois galinhos, Machadinho e Vermelinho Pé de Pilão, estão se dedicando somente ao canto coral.

- Como vai você? - Muito mal, veja o mal que fiz, diz Hamlet melancólico, sou covarde por não fazer a justiça. O deprimido grave é o cara que perdeu a esportiva consigo mesmo, complementamos Shakespeare acerca de Hamlet.

- Como vai você? - Mal, tudo e todos estão errados, a despeito de eu ter tudo feito direito, diz Gerard de Nerval, acusando e vomitando sobre os outros delírios para se livrar de algo venenoso em si mesmo.

- Como vai você? - "Você vai?" responde o autista, querendo fazer parte da Academia.

- Como vai você? - Comover quem? sublinha um interpretador compulsivo desejando fazer parte também da Academia.

- Como vai o futebol, Nelson Rodrigues? - O time do Brasil vai ótimo. Ganha jogando mal. É a predestinação.

Retornemos a atividade de transposição sígnica ou deciptação. Preferimos, com Jakobson⁵⁸, simplesmente, chamá-los de tradução. Com propriedade, o linguista descreve “três maneiras de interpretar um signo verbal: ele pode ser traduzido em outros signos da mesma língua, em outra língua, ou em outro sistema de símbolos não verbais. Essas três espécies de tradução devem ser diferentemente classificadas:

- 1) A tradução intralingual ou reformulação (*rewording*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. A transcrição é a mais referida. Ademais, temos também a perífrase, a paráfrase e toda a retórica.
- 2) A tradução interlingual ou tradução propriamente dita consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.
- 3) A tradução intersemiótica ou transmutação consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais.

2. Tradução intersemiótica, percepções em palavras.

Podemos evidenciar através da observação que as três variedades de tradução se fazem presentes na história seguinte. O caso clínico evidencia bem como experiências perceptivas corporais se fazem nomear, ou em outros termos como se faz a tradução de percepções para signos linguísticos.

Jovem psiquiatra, perguntou a uma Senhora internada em um hospital psiquiátrico.

- *Como vai?*

- *Vou bem. Não vê que minha perna já está curada há muitos anos? Só posso ir bem... Tendo retrucar, achando que não entendeu bem:*

- *Desculpe-me, estou perguntando como vai a sua vida, se tudo está bem. Responde-me, algo zombeteira:*

- *A vida está bem. Agora vou bem pois minhas pernas me fazem ir bem. Já lhe disse fazer mais de vinte anos que não tenho problemas de ir bem.*

Meses depois, nem sempre com tempo para escutar com atenção, sou forçado a dar importância a fala seguinte que me foi contada em clima de segredo por um paciente bastante megalômano (era somente o Rei das Telecomunicações Mundiais):

- *Veja meu braço. Todas as comunicações do mundo passam por aqui... elas se fazem através do meu braço.*

Interrompo aturdido:

- *Como?*

Complacente com a minha ignorância, ensina com paciência:

- *O Senhor é médico... sabe que no braço temos dois ossos. Um deles é o rádio. Está claro agora que as telecomunicações mundiais passam pelo meu rádio?*

Hoje, passados tantos anos, descubro que fui interpelado inúmeras vezes por interlocuções similares a essas ou até mais complexas. Simplesmente percebo que para ter acesso ao mundo do outro não bastava conhecer a língua em que supunha estar falando. Retirei uma espécie de verdade pessoal desses contatos. Espécie de constatação quase óbvia, mas que me foi fornecida somente através de inúmeros fracassos no comunicar: para ter acesso verdadeiro ao mundo e as experiências particulares dos nossos pacientes, e por extensão (não demorei muito para fazer a generalização) a todos os seres humanos, era-me exigida uma necessária e imperiosa posição de humildade. Necessária humildade para poder exercer o trabalho de clínico. Justifico-me pensando, monologando:

- *[se esse outro, suposto louco, não quiser, não gostar de você, nada feito. Você nada saberá além das aparências mais superficiais. Você corre o risco de não entender nada que seja enunciado. Ele, por mais desarrumado que esteja o seu cérebro detém a chave do abrir e fechar da nossa comunicação.]*

Humildade imperiosa, pois, por maior que seja o conhecimento, sou dependente como clínico do abrir e fechar desse outro, da aceitação em ato do entrar em contato e compartilhar algo que lhe é de foro particular, mesmo que ele não pense assim. Humildade, pois, dependemos da disposição do outro e não da nossa. Aprendi que a humildade nesse caso era mais do que uma exigência idealista. Não se trata de um dever ser humilde. Trata-se de algo mais simples e prático: a clínica das psicoses exige de forma dura e radical que o profissional, médico, psicólogo, antropólogo, sociólogo, pesquisador ou um mero transeunte que queira entrar em contato e fazer bem o seu trabalho de clínico, que sejamos humildes. Muitas vezes descobrimos que a inteligência e o saber impedem o acesso ao milagre de dois seres humanos se entenderem, compartilharem algo. É inesquecível a sugestão de um velho clínico a um jovem:

- *Sua suposição de saber lhe atrapalha. Não compreenda demais. Só assim você aprenderá alguma coisa de clínica!*

⁵⁸ Ramon Jakobson; “Aspectos Linguísticos da Tradução” (1959), in *Linguística e Comunicação*, tradução de Izidoro Blikstein e José Paes, São Paulo, Cultrix, 1980, pp. 64-65.

A ironia do ensinamento acima é justa de ser aqui apresentada como justificativo posto que a nossa exigência de humildade é metodológica e não um ensinamento moral. Sem ela não existem as ciências clínicas. Mesmo que essa exigência seja perturbadora, já que exige uma qualidade nem sempre ensinada ou passível de aprendizagem nos bancos escolares, ela é verdadeira face ao brutal narcisismo que encontramos no contato com psicóticos. Quando dois narcisos se encontram como será possível a comunicação? Aprendemos logo ao estudar um pouco mais o tema da linguagem psicótica, que essa nos ensina o máximo que pode alcançar o radicalismo narcísico da linguagem de cada um.

Pensamos que esse tipo de fala de nossa paciente é um idioleto, mas de ordem especial, por dois motivos. O primeiro motivo relaciona-se ao fato serem produções que não têm a pretensão de serem comunicadas aos outros. Este é o caso mais frequente. Os outros que se virem para compreender a produção. No máximo são feitas algumas concessões quando a ligação com o seu interlocutor possibilita o acesso. É assim que as distinções sistemáticas entre os diversos tipos de glossias mostram que os psicóticos promovem muito mais modificações na linguagem habitual em todos os níveis e possibilidades linguísticas. A marca pessoal do sujeito pode ser verificada às custas da língua usual. O segundo motivo relaciona-se ao fato de que quando é construída uma nova língua completa, ela é bem diferente de casos mais bem-sucedidos, tal como o Esperanto. Oportunamente poderemos fazer a distinção entre as línguas onde a pretensão narcísica acaba vencendo toda e qualquer pretensão de ser uma língua mundial tal como Zamenhof procurou fazer de forma exemplar e sublime. Existem diversas outras línguas que são evidentemente casos de promoção narcísica do sujeito. Para esse segundo tipo de caso guardemos o termo paranoia inventória.

3. Tradução interlínguas.

A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua. A tradução consiste em expressar os sentidos de palavras ou textos em uma outra língua. Já o termo conversão ou versão é interessante, pois contempla a crença do tradutor. Por conseguinte, apregoado o sentido do tradutor, e, não exatamente, o do autor do texto pleno original. Caso seja levado a sério o ponto de vista daquele que escreveu o original, diríamos tratar-se de uma tradução efetiva. Nesta a fidedignidade é buscada. No caso de ser qualificado o ponto de vista do tradutor, o mundo, o aspecto criativo e de entendimento do tradutor afloram. Chamamos este trabalho de versão: mais que nunca o provérbio tradutor, traidor está declarado sem maior escrúpulo. Na versão, centra-se o esforço na comunicação de forma compreensível. Qualquer tradução em Freud exigiria de imediato a presença de associações do produtor original do texto sob risco de tornar-se pejorativamente a chamada Psicanálise aplicada. Freud teme ser um tradutor traidor. Teme as interpretações tipo 'chave de sonhos'. Recua face à universalização *a priori* de símbolos, alegorias e símiles, quiçá de metáforas. Freud pede que o posto de tradutor seja, inclusive a versão, do produtor do sonho. Centrado o trabalho no sentido daquele que traduz, teremos um conteúdo latente, então uma versão ampliada relacionada ao conteúdo onírico. Vejamos o que ocorre na tradução da famosa placa sonhada por Freud referente ao sonho de Irma. Aqui o plano de escrita da conversão é o sema. Na versão da brasileira⁵⁹, eis a placa:

'Nesta Casa, em 24 de julho de 1895,
o Segredo dos Sonhos foi Revelado ao
Dr. Sigm. Freud

No original alemão (GW):

'Hier enthüllte sich am 24. Juli 1895 dem
Dr. Sigm. Freud
das Geheimnis des Traumes'

Propomos;

Aqui, em 24 de julho 1895
ao
Dr. Sigm. Freud

⁵⁹ Sigmund Freud; Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Segunda edição. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987

o Segredo dos Sonhos foi Revelado

Por evidência, a disposição intersemiótica, a configuração do conjunto e do desejo de Freud de ter uma placa, deve ser contemplada um mínimo. Se a tradução foi benfeita é evidente que a disposição do código visual está mudada e empobrecida.

4. Tradução intralingua.

A tradução intralingual ou reformulação (*rewording*) consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua. A transcrição é a mais referida. Ademais, temos também a perífrase, a paráfrase e toda a retórica. Estudamos anteriormente bastante estas modalidades. Lembremos a pressuposição, a arte de dizer algo, sem dizer explicitamente⁶⁰. Para nós, Rui Barbosa⁶¹ é o maioral no ensinamento de como insultar instituições corruptas. Fazia isso com circunlóquios estranguladores da matéria sexual principal, aplicando um tratamento retórico acerca da sexualidade maldita, de forma a fazer prevalecer a moral civilizada. O Bom Baiano, dizendo no não dizer, exprimindo na conotação o que diretamente não é dito, usando inclusive palavras pouco conhecidas, ou provocando o leitor a informar-se do que significa ou a consultar um dicionário acerca do moralmente indizível:

“Porneia. Como certos pontos de colorido característico à periferia como um organismo em putrefação (...) vemos assomar (...) excentricidades de cinismo (...). Dessas insolências de monturo em fermentação (...). A Vênus vaga habita (...) as orgias noturnas. (...) e a Afrodite mercenária ressurgue das espumas de champagne. Daquela vez (...) a crápula se punha em trajes frasqueiros (...), gelosias abertas de par em par, (...) oferecendo ao conselho de justiça nacional, o espetáculo do congresso entre as rascoas em camisas e os rufiões em cuecas. (...) Não é de agora que a soberania da mais alta instituição federal tem por cotidiano panorama as desenvolturas de um lupanar. Por artes não se sabe de que destino obscuro, a colônia das traviatas, no Rio de Janeiro, tende a se apinhar à sombra da autoridade. As michelas aqui não se arreceiam à brandura da nossa índole, a regeneração das nossas Madalenas começa à mesa das confeitarias e dos alcázares (...). Não admira que (...) nossa estação central da ordem pública (...) tenha a sua sede entre os quarteirões de pecadoras. Pelos Sansões de tantas proezas assinaladas se deve sentir muito atraída a vocação das Dalilas baratas. (...) Numa cidade onde o lupanar desafia os tribunais e as Frinéias de sarjeta retoçam despidas à fimbria da toga, não sabemos quanto faltará, para que a moral dos homens inveje a dos cães. Se essa não é, e decerto está longe de ser, a da sociedade brasileira, enjoada da praça e recolhida ao lar, tempo afinal virá, em que já não se lave da confusão com os que a enxovalham. (...) Essa polícia, que deixa a ralé venérea afrontar com a devassidão nua a mais alta magistratura do país, é a mesma cujos delegados rompem à baioneta mandados judiciais. Sangue e fezes de bacanal. Evoé!”

Por conseguinte, é necessário lembrar que transcrever não pode ser confundido com observar fenômenos nem os descrever. Transcrever envolve a fala em geral para um texto escrito. Restringir o Inconsciente ao domínio da escrita não seria um exagero? Transcrição é literalmente um termo do século XVI e consiste em fazer uma cópia através da escrita. É uma noção mais linguística do que semiótica. A tradução intralingual estende para outras formas de atividades mediadas tais como o pensamento, o devaneio, a fala, a interlocução, a escrita ou impressa o discurso (entendido aqui em um sentido mais estrito, qual seja, discorrer acerca de um objeto). A escrita se faz fundada não no sentido, mas no som. Aqui o plano de escrita da conversão é o fonema. Via de regra, a escrita vê-se face aos fenômenos extralinguísticos. Ainda que fundada na intencionalidade do fonema é impossível traduzir sem considerar o signo e, por conseguinte, a relação entre o significante, o significado e o referente. As metáforas e expressões da língua, bem como o mundo do tradutor, com seus referentes, se farão presentes. O termo ‘trans’ (através) continua presente na ideia geral de transposição, deslocamento. Transladar de um lado ao outro. Do sonho para a Revelação, por exemplo para lembrar o contexto psicanalítico.

5. Conclusão

⁶⁰ Oswald Ducrot; *Dizer - Não Dizer*, São Paulo, Cultrix, 1990.

⁶¹ Rui Barbosa; “Poméia” in *Obras Seletas Vol. 8*, Rio de Janeiro, Fundação Nacional do Livro, Ministério da Cultura -Versão em e book de domínio público, 2000, publicado originalmente no jornal *A Imprensa*, em 12 de dezembro de 1899. O sinal de (...) foi inserido quando retiramos, a bem de reduzir a extensão da citação. Acreditamos não ter prejudicado o exemplo.

A necessidade de qualificarmos o universal leva-nos de imediato buscar qualificar dialeticamente o particular. Assim, a grandeza da língua portuguesa poderá ser apreciada na sua *poiesis* através da “Saudação de Natal” [domínio público] de Gerardim, poeta paupérrimo goiano, mas riquíssimo em palavras que são da nossa fala em português ainda que em franca transformação para um português caipira. Deixemos o mesmo se fazer compreender por cada falante de nossa língua.

“Uai, Sô, tomara qu’essi ano que invém rompeno aí na cabiceira, chega mais manso aqui prá nós. Ele num podi trazê muita trovoadá pra nós não disbarrancar esse mundaréu de nuvem, e nem o soli muito regalado, prá nós num isturricar os vivente das nossas banda. Tomara qu’esses homi graúdo tamém imenda e larga dessas istripolia de guerra, uai. Uns cobrin mais farturento, tamém é bão n’ê Sô, rá, rá, e prá gente num ficá esbarrancanu na precisão e no mais é como si Deus fosse vivo pois só ele é que podi dá vorta na brabeza do mundo.”

O caipirês existe. Ele pede passagem como idioleto criativo e não como uma execração. Em nome de Gerardim solicitamos que seja contemplada a constituição de uma instituição que se qualifique internacionalmente a língua portuguesa e que todas as falas sejam contempladas.

6. Referências bibliográficas

Ducrot, Oswald; *Dizer - Não Dizer*, São Paulo, Cultrix, 1990.

Freud, Sigmund; *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Segunda edição. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Jakobson, Ramon; “Aspectos Linguísticos da Tradução” (1959), in *Linguística e Comunicação*, tradução de Izidoro Blikstein e José Paes, São Paulo, Cultrix, 1980, pp. 64-65.

Martins, Francisco; *Psicopatologia*, Belo Horizonte, EDIPUC, 2006.

Rónai, Paulo; *Babel e Antibabel*, São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.

TOMA PARTE PELA PRIMEIRA VEZ

16. FRANCISCO F MADRUGA, DIRETOR, EDITOR CALENDÁRIO DE LETRAS, V N DE GAIA, PRESENCIAL



FUNDÃO 2015



MACAU 2011



FLORIPA 2010



PDL 2013



LOMBA DA MAIA 2016



GRACIOSA 2015

SEIA 2013

MONTALEGRE 2016

FRANCISCO FERNANDES MADRUGA,

Nascido em Mogadouro, Distrito de Bragança a 6 de maio de 1957, vive em Vila Nova de Gaia desde os 4 anos,

Foi sócio fundador das Editoras Campo das Letras, Campo da Comunicação, do Jornal *Le Monde Diplomatique* edição portuguesa e da Empresa de Comércio Livreiro, distribuidora da Editorial Caminho.

Foi membro da Comissão Organizadora do III Congresso de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Trabalhou no Jornal *norte Popular* e foi colaborador permanente do Jornal A Voz do Nordeste.

Teve colaboração regular nos Jornais Nordeste, Mensageiro de Bragança e Informativo.

Editou em colaboração com a Revista BITÓRO a Antologia Novos Tempos Velhas Culturas.

Foi fundador do Fórum Terras de Mogadouro e responsável pela respetiva Revista.

Foi membro da Direção da APEL - Associação Portuguesa de Editores e Livreiros durante 2 mandatos.

Foi Fundador da Calendário de Letras, projeto Cultural onde desenvolve a sua atividade profissional.

Convidado no Colóquio de 2009, foi selecionado em 2010 para ir ao Brasil, e em 2011 a Macau.

A partir daí foi nomeado Editor Residente dos Colóquios na tarefa de divulgar e buscar parcerias editoriais, e apresentar uma pequena mostra com exemplares de autores contemporâneos portugueses e açorianos ligados aos Colóquios (Anabela Mimoso, Cristóvão de Aguiar, Chrys Chrystello, Vasco Pereira da Costa, Rosário Girão, Helena Chrystello, Lucília Roxo, etc.).

É o editor da Antologia (monolíngue) de Autores Açorianos Contemporâneos de Helena Chrystello e Rosário Girão, da versão bilingue (Português-Inglês) e da Coletânea de textos dramáticos açorianos e da Antologia 9 Ilhas, 9 escritoras. Editou ainda os volumes de J. Chrys Chrystello "Crónica Do Quotidiano Inútil" (obras completas, poesia, volumes 1 a 5) - 40 anos de vida literária (2012) e *Crónica Açores: uma circum-navegação* - vol. 2 (2011)

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL

PRESIDE AO CONSELHO FISCAL.

TOMOU PARTE NO 11º LAGOA 2009, 12º BRAGANÇA 2009, 13º BRASIL 2010, 14º BRAGANÇA 2010, 15º MACAU 2011, 16º SANTA MARIA 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º GALIZA 2012, 19º MAIA (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º MOINHOS (AÇORES) 2014, 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, BELMONTE 2017

17. HENRIQUE ANDRADE CONSTÂNCIA, CONSERVATÓRIO REGIONAL DE PONTA DELGADA



VILA DO PORTO 2011



SEIA 2014



FUNDÃO 2015



LOMBA DA MAIA 2016

Sta Mª 2017

Nasceu em Ponta Delgada, a 28 de julho de 1997. Aos seis anos iniciou os seus estudos musicais no Conservatório Regional de Ponta Delgada em Violino e mais tarde em Percussão. Aos 10 anos iniciou os estudos em Violoncelo concluindo o curso secundário em 2015. Foi selecionado para participar no X e XI estágios da OJ.COM – Orquestra de Jovens dos Conservatórios Oficiais de Música, realizados em Coimbra (2011) e Aveiro (2012) e participou, também, nos dois estágios regionais de orquestra, sob a direção do maestro Rui Massena e em Workshops de verão da Escola Metropolitana de Lisboa sob a direção dos maestros Pedro Neves e César Viana. Em abril de 2012, 2013 e 2014, frequentou um estágio de orquestra em Bayreuth (Alemanha), constituída por jovens músicos de vários países da Europa, que realizou concertos em Paris, Estrasburgo, Berlim e Leipzig. Frequenta o 3º ano da licenciatura da Academia Nacional Superior de Orquestra Metropolitana de Lisboa. Em julho de 2017 fez o estágio de Orquestra de Jovens da Gulbenkian, dirigido pela maestrina Joana Carneiro.

JÁ TOMOU PARTE NO 16º COLÓQUIO EM VILA DO PORTO (AÇORES) EM 2011. EM 2012, NO LANÇAMENTO DO CHRÓNICAÇORES VOL 2. NA MAIA E RIBEIRA GRANDE, EM 2013 NO 19º COLÓQUIO NA MAIA (AÇORES), NO 20º EM SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES), 28º VILA DO PORTO 2017.

ATUA NOS RECITAIS.

18. JOÃO GUILHERME FELICIANO DA COSTA, PROFESSOR UNIVERSITÁRIO E INVESTIGADOR, CONVIDADO CMB



JOÃO GUILHERME FELICIANO DA COSTA nasceu em 1984 na Covilhã e é natural de Belmonte onde estudou até completar o ensino secundário. Concluiu o Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa (FFUL) em 2008.

Trabalhou em Farmácia de Oficina até 2011, altura em que iniciou uma Especialização em Controlo da Qualidade e Toxicologia dos Alimentos na FFUL, que concluiu em 2013. Recentemente, no início de 2018 concluiu o Doutoramento em Ciências da Saúde, na especialidade de Farmácia, na Universidad de Alcalá, Madrid. É professor universitário na Escola de Ciências e Tecnologias da Saúde (ECTS), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa (ULHT) desde 2013, lecionando diversas disciplinas nas áreas da Farmacologia e Toxicologia.

É paralelamente investigador do CBIOS-ULHT e colaborador do iMed.UL-FFUL. Está envolvido em alguns projetos de investigação nas áreas da Toxicologia e do desenvolvimento de potenciais novos fármacos. Nos últimos anos tem vindo a publicar artigos científicos e resumos em diferentes revistas internacionais. É igualmente autor e coautor de diversas comunicações orais e em painel em congressos nacionais e internacionais. O seu principal interesse científico incide sobre o cancro e na capacidade de atuar na sua etiologia e progressão através da utilização de moduladores redox.

TEMA 2.9: "A LUSOFONIA, A INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA E O CANCRO"

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ A CONVITE DA CMB

19. **JOÃO MORGADO, ESCRITOR, CHEFE DE GABINETE CÂMARA DE BELMONTE. PORTUGAL,**





João Morgado www.joamorgado.net nasceu em 1965, em Aldeia do Carvalho, Covilhã. Poeta e romancista, é doutorando em Comunicação na Universidade da Beira Interior, onde se licenciou, tem um mestrado em Estudos Europeus na Universidade de Salamanca, Espanha, e uma pós-graduação em Marketing Político pela Universidade Independente / Universidade de Madrid. É membro do Centro de Investigação Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão. Foi distinguido com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cívico e Cultural, oficializada pela República Federativa do Brasil, pelo seu trabalho de investigação sobre Pedro Álvares Cabral. Trabalhou como jornalista e, para além da imprensa regional, escreveu no diário “Público” e semanário “Sol”. Atualmente, é consultor de comunicação nos meios empresariais e políticos. Na literatura, afirmou-se com dois romances: «Diário dos Infieis» e «Diário dos Imperfeitos». Estas duas obras foram adaptadas ao teatro pela ASTA – Associação de Teatro e outras Artes. Na sua incursão pelo romance histórico, lançou no Clube do Autor, a obra «VERA CRUZ» (2015) sobre a vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral, e um polémico romance biográfico de Vasco da Gama «ÍNDIAS» (2016).⁶²

⁶² PRÉMIOS:

ROMANCE

- ▮ Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012,
- ▮ Prémio Literário Alçada Baptista 2014,
- ▮ Prémio Nacional de Literatura LIONS 2015
- ▮ Prémio Literário Fundação Dr. Luís Rainha, Correntes d'Escritas 2015,
- ▮ Medalha do Mérito Literário da “Ordem Internacional do Mérito do Descobridor do Brasil, Pedro Álvares Cabral” (Brasil), 2017

POESIA

- ▮ Prémio de Poesia Manuel Neto dos Santos 2015

CONTO

- ▮ Prémio Literário António Serrano 2016

LIVROS

ROMANCE

- ‘Índias’, Romance Biográfico sobre o lado sombrio de Vasco da Gama Clube do Autor, 2016
- ‘Vera Cruz’, Romance sobre a vida desconhecida de Pedro Álvares Cabral Clube do Autor, 2015
- ‘Diário dos Imperfeitos’ (Prémio Literário Vergílio Ferreira 2012) Editora: Kreamus - 2012
- ‘Diário dos Infieis’ – Romance Editora: Oficina do Livro (LEYA) - 2010

CONTOS

- ‘O Pássaro dos Segredos’ Conto Ilustrado Editora Kreamus, 2014,
- ‘Meio-Rico’ – Contos Editora: Kreamus – 2011,
- ‘Falstaff e o Vinho de Roda’ – Conto In: Contos com Vinho da Madeira Edição Instituto do Vinho da Madeira (Coletânea) - 2009

POESIA

- ‘Para Ti’ Editora Kreamus, 2014,
- ‘Porto de Saudade’ Editora Arandis, 2016
- COLETÂNEAS DE POESIA internacionais
- ‘World of Poetry 2015’, ‘O Olhar da Língua Portuguesa’, Brasil, 2016

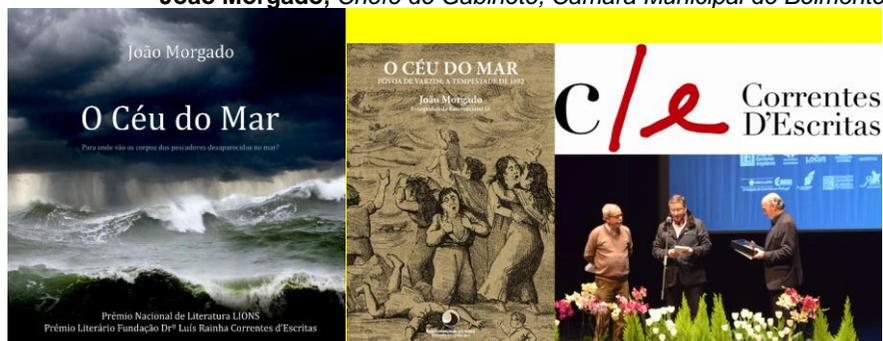
COLETÂNEAS DE POESIA

- ‘Poesia Arte’ Edições Oz, 2015,
- ‘Marginália’ Ed. Edita-me, 2015,
- ‘CNB e os Poetas’ ed.: Companhia Nacional de Bailado, 2014

TEMA 2.2. Relato de um dos maiores dramas da comunidade pesqueira “O CÉU DO MAR ” PRÉMIO NACIONAL DE LITERATURA - LIONS 2015 PRÉMIO LITERÁRIO FUNDAÇÃO DR. LUÍS RAINHA CORRENTES D’ESCRITAS 2015,

A novela relata o drama de 1892, em que uma tempestade levou ao naufrágio de dezenas e dezenas de barcos pesqueiros, colocando de luto toda a costa da Póvoa, Caxinas e Vila do Conde. Oportunidade para falar das famílias pobres que viviam da pesca e lidavam com a morte todos os dias. E dar uma resposta à pergunta: - Para onde foram os corpos dos pescadores naufragados, que o mar nunca devolveu a terra para um funeral digno por parte dos familiares e amigos? “É uma obra dentro do chamado realismo-mágico”, diz o autor. “Mais do que o aspeto histórico desta tragédia, centrei-me no sentir das gentes, dos viúvos, dos órfãos, dos jovens que querem ser homens à pressa, na sobrevivência de uma comunidade... e dar-lhes no final, uma mensagem de esperança, dando um “céu” a todos os pescadores que não sobreviveram à força do mar bravo.” A obra foi apresentada por Luís Diamantino, vereador da Câmara da Póvoa. “Lê-se de um folgo, pela sua escrita clara, poética, metafórica, com uma estrutura de repetições que mais parece as ondas do próprio mar”. Destacou o perfil psicológico dos diferentes personagens, que “retratam as pessoas que nós conhecemos. É um verdadeiro postal da Póvoa, e da sua comunidade piscatória.” Para o Presidente da Fundação, José Inácio Sousa Lima, o prémio cumpre a sua função ao incentivar ATIVIDADES culturais que enriquecem o povo da Póvoa. “É uma notável obra que se lê e relê, e onde se pode cheirar até a neblina da Póvoa. Aborda um dos maiores dramas da comunidade pesqueira.” A obra foi editada pela Fundação Luís Rainha com o apoio da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim.

João Morgado, Chefe de Gabinete, Câmara Municipal de Belmonte



**É SÓCIO AICL.
PARTICIPOU NO 27º EM BELMONTE E 28º EM VILA DO PORTO 2017**

¹ 'Água de Doze Rios' Ed. Coisas de Ler, 2012,

² 'Coletânea de Poesia Contemporânea da Beira Interior' Coordenador e Coautor: Editora: Kreamus - 2000

JUVENIL

Coleção grande navegadores Alethêia / Pingo Doce, 2016,

³ 'Pedro Álvares Cabral – O Gigante dos Mares',

⁴ 'Vasco da Gama – O Terror das Índias'

'CABRALITO' uma versão ilustrada para crianças, sobre a vida de Pedro Álvares Cabral, o descobridor do Brasil. Ilustração Bruno Picoto ed.: Restelo 30 / Kreamus

FOTOGRAFIA

'Covilhã e a Estrela' Coautor (Texto) Fernando Chaves (Fotografia) Editora: Kreamus - 2001

ESTUDO

'Covilhã e a Imprensa - Memórias de um século: 1864/1964' Editora: Associação Nacional de Imprensa Diária e Não Diária – 1998

20. JOÃO PAULO CONSTÂNCIA, VICE-PRESIDENTE INSTITUTO CULTURAL PONTA DELGADA, AÇORES. CONVIDADO AICL



Bragança 2007



GRACIOSA 2015



LOMBA DA MAIA 2016

JOÃO PAULO ALVÃO SERRA DE MEDEIROS CONSTÂNCIA é biólogo (Vice-Presidente e membro da Ordem dos Biólogos) nasceu na Sé Nova, Coimbra em 04.05.1962, fez a instrução primária e o então ciclo preparatório, tendo-se mudado para Ponta Delgada em 1976, onde conclui o ensino secundário e o Ano Propedêutico.

Em 1980, ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e no terceiro ano do curso mudou para o curso de Biologia da Faculdade de Ciências da mesma Universidade, onde concluiu o ramo Científico, na área de sistemática e evolução.

Em simultâneo concluiu o curso de Técnico de Aplicações Laser, organizado pelo Centro de Ótica Quântica da mesma Faculdade.

Regressou a Ponta Delgada em 1990 e integrou o quadro do Museu Carlos Machado como Técnico Superior.

Concluiu a pós-graduação em Museologia (ISMAG/ Universidade Lusófona) em 1992, tendo ingressado na Carreira de Conservador, assumindo a curadoria da coleção de História Natural.

Como museólogo, participou e coordenou diversos projetos, designadamente o projeto de Gestão Documental dos museus da rede regional de museus, bem como coordenou e comissariou várias exposições.

Em simultâneo com as funções no Museu Carlos Machado foi formador no domínio da Biologia e da Documentação Museológica.

Foi docente convidado da Universidade dos Açores, na Licenciatura em Património Cultural, entre 2006 e 2012.

Foi Presidente da Comissão Diocesana dos Bens Culturais da Igreja (Diocese de Angra 2014-2017).

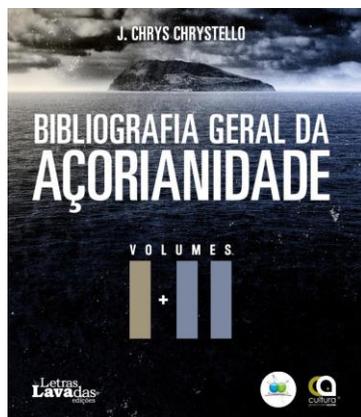
Tem participado em seminários e congressos, em especial nos domínios da museologia, biologia e espeleologia.

É autor e coautor de diversas publicações e artigos, em particular de vários livros no domínio da divulgação científica.

Está destacado como vogal da Estrutura de Missão para a Casa da Autonomia desde 2015, mantendo a colaboração com o Museu Carlos Machado. É Vice-presidente do Instituto Cultural de Ponta Delgada e Diretor Executivo do EXPOLAB – Centro de Ciência Viva dos Açores.

TOMA PARTE NOS COLÓQUIOS DESDE O 8º EM BRAGANÇA 2007, 20º SEIA 2013, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA 2015, 26º LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017

TEMA 3.1 APRESENTA A BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE



21. JOSÉ BÁRBARA BRANCO, MÉDICO - EX-DIRETOR DO SERVIÇO DE ORTOPEDIA, HOSPITAL GERAL DE SANTO ANTÓNIO



1965-1967

O Dr Bárbara Branco foi médico do esquadrão de cavalaria nº 5 em Bobonaro, Timor

TEMA 2.1 APRESENTA LIVRO FERNANDO SYLVAN, UMA BIOGRAFIA (PORTUGAL E TIMOR SIRA RUA HÁ 'U NIAN (AMBOS SÃO MEUS) PORTO ED. CROCODILO AZUL

Fernando Sylvan – Timor (1917/1993). Pseudónimo de Abílio Leopoldo Motta-Ferreira, escritor de origem timorense.

Foi poeta e ensaísta, mas também dramaturgo.

Esteve muitos anos ligado à oposição portuguesa no tempo de Salazar e Caetano.

Representou, depois de 1975, várias vezes, os escritores Timorenses em fóruns internacionais e criou o Dia Internacional da Língua Portuguesa.

A sua poesia tem duas componentes distintas: a de referência timorense com uma estilística entre modernista e panfletária e a de referência genérica e autobiográfica.

Desenvolve um conceito dinâmico de Pátria, colocando-o na dependência de um exercício de pensamento, cidadania e fraternidade que lhe permitia reclamar da colonização e do racismo europeus e justificar os processos de independência, desde que fossem autênticos." in Parque dos Poetas.

Fernando Sylvan foi uma figura destacada das letras de língua portuguesa.

Nasceu em Timor-Leste em 1917 e vem para Portugal com apenas seis anos.

Recebeu no Brasil, onde trabalhou, a medalha Pereira Passos pela sua atuação a favor da fraternidade universal em 1965.

Foi professor convidado de universidades brasileiras, francesas e portuguesas.

Em Portugal, foi presidente da Sociedade de Língua Portuguesa.

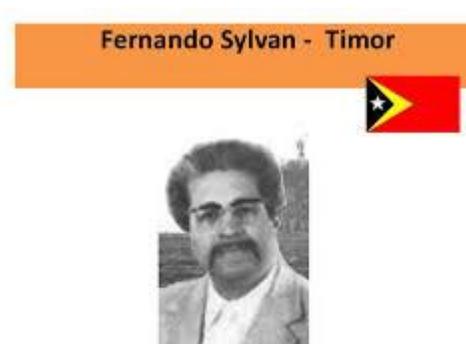
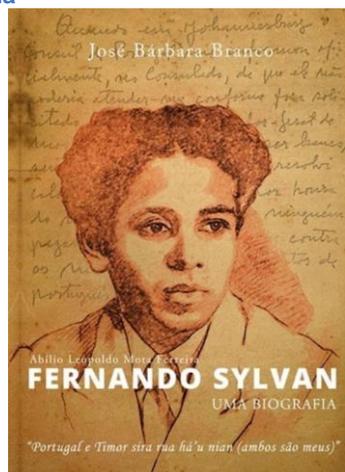
Tem uma vasta e diversificada obra em géneros tão distintos como poesia, dramaturgia, ensaio e prosa.

Foi-lhe concedida a título póstumo, a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique.

Resistente timorense, não chegou a ver a sua terra independente. Faleceu em 1993.

Os seus escritos filosóficos, nomeadamente "Perspetiva de Nação Portuguesa", (1968) e "Comunidade Pluri-Racial" (1962), deveriam ser matéria de estudo nas escolas superiores de Timor Leste e Portugal. (TEXTO DE DANIEL BRAGA <http://dbraga.blogspot.pt/2016/02/para-quando-uma-homenagem-nacional-este.html>)

Tema apresenta FERNANDO Sylvan uma biografia



O Dr Bárbara Branco esteve como médico no EC5 (Esquadrão de Cavalaria), em Bobonaro nas montanhas de Timor (1965-1967), onde Chrys Chrystello esteve em 1973, e onde viveu a pintora Susana Tchum (Lotus de Jade) que expõe neste colóquio.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DO PRAZO.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

22. JOSÉ CARLOS GENTILI, ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA, AICL, PATRONO DESDE 2016



LAGOA 2009



BRAGANÇA 2008



BRAGANÇA 2008



LAGOA 2009



Lagoa 2009



Bragança 2008



BELMONTE 2017



JOSÉ CARLOS GENTILI, Natural de Porto Alegre, RS, Brasil, 1940. Curso básico no Colégio Farroupilha, antigo educandário alemão - Deutscher Hilfsverein. Estudos na área da Economia Política e Matemática Superior. Bacharel em Direito, exerceu o magistério superior na Faculdade de Direito de Anápolis. Advogado militante e empresário na área da atividade agropastoril e biogenética bovina. Curso básico de inglês na Georgetown University; diplomado pela International Police Academy e Border Patrol Academy (USA). Escritor, historiador, polígrafo, conferencista. Poeta, prosador, atualmente, preside a Academia de Letras de Brasília. Membro de inúmeras academias literárias e partícipe do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal. Grão-Mestre AD VITAM da maçonaria brasileira, Grau 33º. Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa; Presidente de Honra Perpétuo da Academia de Letras de Brasília, título outorgado a partir de 1º de julho 2016; Membro do Conselho-Geral do Museu da Língua Portuguesa, recentemente criado em Bragança. Foi admitido como Patrono da AICL em 17/6/2016 por proposta do Professor Malaca Casteleiro.⁶³

O CRIPTOJUDEU PEDRO ÁLVARES CABRAL NASCEU EM BELMONTE? JOSÉ CARLOS GENTIL, ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA

“A família dos Cabraes, é mui antiga em Portugal; já em tempo d’El-Rei D. Diniz, existia um Ayres Cabral, que teve sob sua guarda, as fortalezas de Porto Alegre, Arronches e Castelo de Vide, que lhe haviam sido confiadas pelo infante D. Affonso, irmão d’aquelle rei.” (cfe. Resenha Genealógica, Visconde de Sanches de Baena. Torre do Tombo. Typographia de Mattos Moreira & Cardosos. Lisboa. 1883). Esta é uma fonte de ancestralidade conhecida e confirmada. Vivenciava-se o trespassar do século XV para o século XVI em Portugal e a linhagem da família Cabral, já despontava com o ancestral Álvaro Gil Cabral, governador do Castelo da Guarda, honrado pelo Rei D. Fernando I. O rei de Castela, quando entrou em Portugal o governador repeliu-o, não lhe entregando o castelo que lhe estava confiado, razão pela qual, tempos depois, como reconhecimento foi agraciado com as alcaidarias da Guarda e de Belmonte, além do senhorio de Azurara, Manteigas e Tavares.

⁶³ Obras:

A Infernização do Hífen (filologia)

- José Carlos Gentili – Um Cidadão do Mundo (fotobiografia)

Ensaio: Cultura de Alpendre (ensaio); - Estelo de Mipibu (ensaio artístico biográfico), - Bolsa de Pastor (ensaio histórico). Tiradentes and the Masonry (ensaio histórico). - Terras de Lava (ensaio)

Poesia: Tempos de Versos, Quintal do Universo, Galo do Apocalipse, Voo Sideral, Vastidão do Nada, Aldeia do Bispo. - Universo do Verso (poesia). - Origen de las Almas (poesia)

História: A Igreja e os Escravos. Os Bicentenários da Inconfidência Mineira, Izabel Maria - Duquesa de Goyaz, Patrimônio da Capela, Agonia da Solidão, Fiat Lux - Villa do Acarape Precursora da Liberdade. Lagoa dos Cavalos (romance histórico). - Academia de Letras de Brasília – 30 anos

Matemática: Análise Matemática Superior.

Maçonaria: Um Quarto de Hora, Projeto Amanhã, Jubileu de Prata e O Olho Que Tudo Vê.

Direito: Os Bancos de Dados e o Código de Defesa do Consumidor

Editou brochura do Seminário Internacional Novos Tempos, Cultura E Migração 2016, organizado pela Academia de Letras de Brasília

Seu filho, Luiz Álvares Cabral, vedor da casa do infante D. Henrique (escudeiro do rei D. João I), gerou Fernão Álvares Cabral, que casou com D. Izabel de Gouvêa (filha de João de Gouvêa, senhor de Almendra, Valhelhas e outras tantas).

Desta união, nasceram: João Fernandes Cabral, primogênito, que herdou a Casa e as honras do Castelo de Belmonte; além, de Pedro Álvares Cabral, segundo filho, nato em data e local desconhecidos (1468/1469), que aos dez anos de vida foi enviado para Lisboa como fidalgo da Corte de D. Afonso V. Na igreja da Graça, em Santarém, foi enterrado, em 1520, constituindo-se a ossada tumular, em motivo de incógnitas e elucubrações históricas inverosímeis, até hoje.

Ninguém sabe e comprova o nascimento de Pedro Álvares Cabral em Belmonte, que teria nascido na sua casa solarenga do povoado de São Cosmado, do Concelho de Mangualde, antiga Azurara.

Esta é uma fonte de ancestralidade conhecida e confirmada. Trata-se de um “tributo ao mérito ao honrado João Pedro da Costa Basto, ilustrado professor de diplomacia e Oficial maior (reformado) do real archivo da Torre do Tombo ao seu devotado amigo Visconde de Sanches de Baena.”

Este registro, encontrado na Torre do Tombo, descreve de forma pormenorizada os trabalhos encetados pela comissão composta pelos ilustres lusitanos, Joaquim Maria da Silva, Joaquim José Tavares Serrano, Silvério Alves da Cunha, Antônio Mendes Pedroso, Visconde d’Athouguia, Zephyryno Norberto Gonçalves Brandão, João Fagundo da Silva, João Rodrigues Ribeiro, Paulino da Cunha e Silva, que vindicaram, em Santarém, aos dezessete dias de setembro de 1882, a criação de um monumento em honra ao bravo almirante Pedro Álvares Cabral, descobridor do Brasil, gerando uma subscrição nacional. Os restos mortais de Pedro Álvares Cabral e de sua mulher – D. Izabel de Castro, estavam sepultados na igreja Nossa Senhora da Graça, em Santarém, exumados cerca de três séculos após, meio às ossadas de clérigos, fato que ensejou questionamentos de toda ordem, examinados pela dita comissão. Nesta igreja, em Santarém, foi enterrado, em 1520, constituindo-se a ossada tumular, em motivo de incógnitas e elucubrações históricas inverosímeis, até hoje.

A partir de 1230 vieram os Cabrais para Belmonte em função do Arcebispado de D. Vicente Hispano. A presúria, reconquista das terras ocupadas pelos muçulmanos na região de Belmonte, verifica-se pelo século XIII.

Vivenciava-se o trespassar do século XV para o século XVI em Portugal e a linhagem da família Cabral, já despontava com o ancestral Álvaro Gil Cabral, governador do Castelo da Guarda, honrado pelo Rei D. Fernando I. O rei de Castela, quando entrou em Portugal o governador repeliu-o, não lhe entregando o castelo que lhe estava confiado, razão pela qual, tempos depois, como reconhecimento foi agraciado com as alcaidarias da Guarda e de Belmonte, além do senhorio de Azurara, Manteigas e Tavares.

Seu filho, Luiz Álvares Cabral, vedor da casa do infante D. Henrique (escudeiro do rei D. João I), gerou Fernão Álvares Cabral, que casou com D. Izabel de Gouvêa (filha de João de Gouvêa, senhor de Almendra, Valhelhas e outras tantas).

I – criptojudeu – Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, 5ª edição, pág. 229. Academia Brasileira de Letras.

II – Vedor – Vedor ou veador, pessoa encarregada do controle contábil real.

Afirmam os linhagistas que desta união nasceram: João Fernandes Cabral, primogênito, que herdou a Casa e as honras do Castelo de Belmonte; além, de Pedro Álvares Cabral, segundo filho, nato em data e local desconhecidos (1468/1469), que aos dez anos de vida foi enviado para Lisboa como fidalgo da Corte de D. Afonso V.

Pedro Álvares Cabral, o segundo nesta linhagem, tornou-se o segundo capitão-mor das naus da Índia, para onde partiu de Lisboa, em 9 de março de 1500, com uma armada de 13 navios, quando em 21 de abril descobriu o Brasil.

Há que se notar que inúmeros componentes desta armada eram cristãos-novos!

Impõe-se visualizar a realidade desta quadra da vida de Cabral com a efervescência inquisitorial do Santo Ofício, que tanto ódio gerou em nome da evangelização da fé cristã.

Não se pode esquecer que o Santo Ofício Vaticano, iniciado sob denominação de Congregação da Sacra, Romana e Universal Inquisição do Santo Ofício, somente em 1965, alterou a configuração, passando a chamar-se Congregação para a Doutrina e a Fé (*congregatio pro doctrina fidei*).

A atuação da Santa Inquisição, hispânica (1478-1834) e portuguesa (1536 até 1821), na Península Ibérica (Sefarad), determinou que os judeus, até então harmônicos, passassem a praticar sua crença religiosa e costumes em segredo, evitando serem supliciados e enviados às fogueiras inquisitoriais, ditos autos-de-fé. Relembre-se que em meados de 1492 os monarcas Fernando e Izabel, conhecidos como os Reis Católicos, expulsaram os judeus das terras hispânicas, assinando o Decreto de Alhambra.

A partir daí, então, os sefaraditas atravessam a fronteira raiana e se refugiam em Portugal, permanecendo até 5.12.1496, quando D. Manuel exige a conversão ao cristianismo.

Nesta permanente diáspora, que se inicia em 70 a.C. com a destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos, D. Manuel, em abril de 1497, manda sequestrar os menores sefaraditas até 14 anos, entregando-os às famílias católicas. Em outubro do mesmo ano foram arrastados às pias batismais.

Os Gouvêa eram de origem judaica, como a genitora de Pedro Álvares Cabral, Dona Izabel de Gouvêa, esposa de Fernão Cabral. Fato corroborado por Arnaldo Niskier, israelita, membro da Academia Brasileira de Letras e por José Levi Domingo, também judeu, ilustre historiador vivente em Belmonte, partícipe da remanescente sinagoga Bet Eliahu.

Vê-se que Izabel de Castro, esposa de Pedro Álvares Cabral, quando de sua viuvez, tornou-se camareira-mor da infanta D. Maria, filha de el-rei D. João III.

Fundamental é o conhecimento dos laços familiares, vínculos indissolúveis das relações parentais, fixadores de pertencimentos que não afloram nos registros históricos, normalmente.

E quem era D. Izabel de Castro? Cristã-nova, católica? Seu pai foi judeu, sem dúvida!

Ora, D. Izabel de Castro era simplesmente filha legítima de D. Fernando de Noronha, do Conselho de el-rei D. João II e governador da casa da Princesa D. Joanna, que vulgarmente era chamada de “excelente senhora”.

E quem era D. Fernando de Noronha, sogro de Pedro Alvares Cabral?

Fernão de Noronha, asturiano, dito Fernando de Noronha (corruptela de Fernão de Loronha, seu verdadeiro nome), foi um judeu convertido ao catolicismo, que se tornou representante em Portugal do maior banqueiro do mundo – o judeu Jakob Fugger, de alcunha O Rico, bávaro, que financiava durante o Renascimento os dois maiores potentados da época, o Papa e o Imperador de Roma, simultaneamente.



Jakob Fugger

O sogro de Cabral, financista, comerciante e sobretudo armador, ligado a tantos outros empreendedores cristãos-novos, tornou-se o primeiro explorador de pau-brasil e, mais tarde, arrendatário da primeira capitania hereditária – a ilha de Fernando de Noronha, antes chamada de São João Batista e, posteriormente, de Ilha da Quaresma.

Para que se tenha a exata dimensão do poder e relacionamento do sogro de Pedro Alvares Cabral, judeu convertido, basta enunciar que as expedições marítimas portuguesas foram financiadas pelo judeu Jakob Fugger, via seu representante Fernão de Loronha, judeu converso, dito Fernando de Noronha.

Registre-se que Fernando de Noronha foi Cavaleiro das Casas de dois monarcas lusitanos: D. Manuel I e D. João III, portanto pessoa da maior expressão social monárquica.

A feição de um pêndulo procedimental, os judeus sefaraditas, politicamente cristãos-novos por força dos naturais interesses de permanência em Portugal, guardavam a religiosidade hebraica, de forma sincrética.

A ambivalência de religiões era uma questão de sobrevivência.

Daí, afirma-se que Pedro Alvares Cabral era um criptojudeu.

Quanto ao seu nascimento?

Ninguém sabe e comprova o nascimento de Pedro Álvares Cabral em Belmonte, que teria nascido na sua casa solarenga do povoado de São Cosmado, do Concelho de Mangualde, antiga Azurara.

A distância entre Belmonte e o povoado de S. Cosmado é mais ou menos dois quilômetros.

A este respeito, o Grupo de Estudos Brasileiros do Porto, em 1963, sob comando de Amândio Marques, natural de São Cosmado, reunindo-se com autoridades brasileiras e lusitanas, editou extraordinária obra, intitulada – Onde nasceu Pedro Alvares Cabral? que afirma não ser Cabral belmontense, mas sim natural do povoado, onde tinha a família a casa solarenga.

Em verdade, não há discussão acerca do Castelo de Belmonte e o viver dos ancestrais cabralinos em Belmonte, embora tivessem outras terras e bens, inclusive o solar de São Cosmado, na antiga Azurara.

Afirma Amândio Marques:

“Esta fidalga família gozava de privilégio real excepcional, que vem já do reinado de D. Afonso III havendo referência dela no ano de 1245 (1260-1271), com Ayres Pires Cabral, sucedendo-lhe seu filho Gil Alvares Cabral, de que houve um filho, Pedro Eanes Cabral, que foi reposteiro-mor de D. Afonso III (ou de D. Dinis, como nos afirma José Osório da Gama e Castro.) ”

Historicamente, impõe-se registrar que com a morte de D. Fernando, rei de Portugal, a questão sucessória involucrou-se, porquanto a sucessora ao trono seria a filha D. Beatriz, esposa do rei de Castela, D. João I.

D. João I resolve unir os reinos de Castela (Espanha) e Portugal, agora vago, arvorando-se um domínio aparentemente indébito, fato gerador causado pelo Arcebispo de Toledo e por uma parte do clero da Guarda, aos quais se opuseram os Cabrais, fiéis escudeiros do Reino de Portugal. Não se tratavam de judiarias, mourarias, aspectos inquisitoriais, da língua sefardi (ladino), mas exclusivamente o poder pelo poder. D. João I, mancomunado com o clero, invadiu Portugal, tendo Álvaro Gil Cabral, alcaide-mor do Castelo da Beira, enfrentado o invasor, resistindo e não entregando o castelo numa prova inquestionável de fidelidade ao Mestre de Avis, candidato ao trono lusitano. Em resumo, após a ascensão do Mestre de Avis ao trono, por vontade popular, em seguida à Batalha de Aljubarrota (1385), o rei D. João I, prestigia a fidelidade dos Cabraes:

“João I galardoou os serviços de Álvaro Gil Cabral com a doação de juro e herdade, da terra da coroa em Azurara da Beira, Valhelas, Manteigas e Tavares, e com a alcaidaria vitalícia do castelo de Belmonte.” (Beira, livro III, fls. 17 e seguintes).

Mais, registra o Grupo de Estudos do Porto:

“Assim, D. João I, o Mestre de Avis, presenteia Álvaro Gil Cabral, que, por sua fidelidade e lealdade, recebe terras de juro e herdade, que a Coroa possuía em Azurara da Beira, como a quinta de S. Cosmado e em São Cosmado.”

“Há um facto que desejo consignar e que vem acrescer à demonstração de Pedro Alvares Cabral ter nascido na povoação de S. Cosmado, concelho de Mangualde, antiga Azurara da Beira. É o das alcaidarias.

Na verdade, à exceção de Pedro Alvares Cabral, nenhum de seus antepassados teve o título ou mercê de alcaide-mor de Azurara.”

Além destes registros, deve-se apontar fato inusitado, qual seja ter Fernão Cabral (o Gigante da Beira) recebido a mercê real do padroado da igreja de S. Julião, em Azurara, hoje vila e comarca de Mangualde, onde tinha sua residência solarenga na povoação de S. Cosmado, local apontado pelos historiadores como lugar de nascimento de Pedro Álvares Cabral.

Documentos paroquiais inexistem, mas os indícios levam-nos a esta afirmação, alicerçada nas remanescentes edificações, marcos, brasões, que emolduram uma vivência em S. Cosmado, além da casa solarenga dos cabralinos.

Melhor, o tempo dirá...

Referências bibliográficas

Baena, Visconde de Sanches de. Resenha Genealógica da família de Pedro Alvares Cabral. Typographia de Mattos Moreira & Cardosos. Lisboa. 1883.

Gentili, José Carlos. A Igreja e os Escravos. RN Econômico. Natal. 2006.

Godoy, José Eduardo Pimentel de; Medeiros, Tarcízio Dinoá. *Tributos, Obrigações e Penalidades Pecuniárias de Portugal Antigo*. Brasília: ESAF, 1983.

Gomes, J. Pinharanda. Memória histórica do convento de Nossa Senhora da Esperança de Belmonte. IPA.00002534

Marques, Amândio. Onde nasceu Pedro Alvares Cabral? Biblioteca Nacional de Lisboa. Depósito legal 269084. (10.5.1963).

PARTICIPOU NO 10º COLÓQUIO BRAGANÇA 2008, 11º COLÓQUIO LAGOA, AÇORES, 2009, 27º BELMONTE 2017.

23. JOSÉ PAZ RODRIGUES, AGLP, AICL



É Professor de EGB (em excedência desde 1971). Licenciado em Pedagogia e Graduado pela Universidade Complutense de Madrid (1966-1971) com a Tese de Licenciatura sobre A Bemposta “Cidade dos rapazes” de Ourense (1973). Obteve o Doutoramento na UNED com a Tese “Tagore, pioneiro da nova educação”. Realizou as seguintes atividades profissionais:

Professor na Faculdade de Educação de Ourense (Universidade de Vigo); Professor-Tutor de Pedagogia e Didática no Centro Associado da UNED de Ponte Vedra desde 1973-74 até 2010; Subdiretor da Escola Normal de Ourense do ano académico de 1987-88 ao de 1989-90 e diretor nos últimos três meses do curso 1989-90. Professor Titular Numerário de Didática, de 1972 a 1990 na Universidade de Santiago de Compostela, e de 1990 a 2010 na Universidade de Vigo (Faculdade de Educação de Ourense). Desde outubro de 2010 é Professor Reformado da Universidade de Vigo.

Presidente da Federação Galega de MRP (Movimentos de Renovação Pedagógica) e do MRP “ASPGP” (Associação Sociopedagógica Galaico-Portuguesa) até hoje: membro da Comissão organizadora do I Congresso Estatal de MRP (Barcelona, dezembro de 1983). Foi membro da Comissão redatora do Plano Galego de Formação continuada do professorado (1990); Presidente da Comissão organizadora da Escola Internacional de verão Jornadas do Ensino de Galiza e Portugal, de 1976 até 2007. Foi Presidente da Comissão Organizadora das Escolas de verão na Crunha, Ferrol (desde 1994), Tui, Comarca do Baixo-Minho, Verim, Comarca de Monterrei, Monforte, Corcubião, Lalim, Vimianço. Presidiu às Jornadas Socioeducativas; organizador de Ciclos de cinema psicopedagógico, cinema educativo-didático, educativo sobre a paz, educativo sobre as áreas transversais do ensino, educativo sobre os direitos humanos, educativo-ecológico, educativo sobre a mulher, educativo-social, direito e cinema, literatura e cinema. Organizador de várias edições da Mostra de Recursos Didáticos Alternativos, da Mostra do Livro Português na Galiza, de Encontros de Jogos Populares Galaico-Portugueses; diretor para Galiza da Revista galaico-portuguesa O Ensino; membro do Conselho redatorial das revistas lusófonas Nós e Cadernos do Povo. Pertence ao Conselho redatorial da Revista Agália.

Nota: reside de outubro a abril na Santiniketon de Tagore, na Bengala indiana, e de maio a setembro na sua cidade de Ourense, na Galiza.

TEMA 2.7. GALIZA, PÁTRIA ESPIRITUAL DE JOSÉ AFONSO, José PAZ RODRÍGUES (Académico da AGLP, Presidente da ASPGP e Professor Titular Aposentado da Universidade de Vigo-Galiza)

No mês de abril lembro-me sempre de esse grande cantor que foi José Afonso. O Zeca Afonso, tal como é conhecido em Portugal. Ao que muito admiramos os galegos bons e generosos e de cujos cantares gostamos imensamente.

Nas minhas extraordinárias bibliotecas e compactotecas privadas disponho de quase todos os discos que chegou a editar, 28 em total. Tanto em formato antigo de vinil como em CD. Conservo-os como ouro em pano, e ainda mais aquele, o “*Cantigas do maio*”, que tenho autografado do seu punho e letra, quando a meados dos anos setenta veio atuar por primeira vez a Ourense e, em concreto, ao Liceu Recreio Ourenzano.

Eu tive a grande sorte de estar ao lado do Zeca esse dia, escutando as suas canções, num ato quase que clandestino, pois ainda vivia o ditador Franco, e na Espanha não existiam as liberdades.

Logo mais tarde o Zeca Afonso viria também à Casa da Juventude ourensana. Viera acompanhado do cantor galego Benedito Garcia.

Tenho também vários livros com as suas cantigas e uma fotobiografia, ademais de um vídeo com imagens das suas atuações.

Somos bastantes os galegos que amamos Portugal, igual que o cantor de Aveiro amava a Galiza, da que sempre dizia que era a sua pátria espiritual. Na Nossa Terra este cantor é admirado por muitos galegos e galegas, como se fosse um dos nossos melhores cantores.

Como realmente o é. Ademais de um excelente poeta, pois a maioria das suas canções foram escritas por ele. E cantou também poemas de Camões e cantigas populares. Não sem surpresa, no país irmão conhecem esta admiração galaica pelo cantor.

José Afonso tinha nascido a 2 de agosto de 1929. O dia 23 de fevereiro de 1987, com 57 anos, faleceu tristemente em Setúbal.

Depois de uma terrível enfermidade, lenta e prolongada, do seu sistema nervoso, denominada esclerose lateral amiotrófica.

Era uma pessoa enormemente digna, que sempre apoiou ao povo trabalhador e aos marginados, e esteve em contra de fascismos e ditaduras. Cumprem-se agora os trinta e um anos da sua desapareção física, mas a sua figura, a sua lembrança, a sua voz, a sua música, a sua poesia, estão permanentemente entre nós. Como uma lenda viva.

Quando chega o mês de abril muitos lembramos a famosa revolução dos cravos, acaecida no ano 1974 em Portugal, que vivemos muito em direto. Foi esta a mais lírica, pacífica e modélica revolução de qualquer país acontecida no mundo. Na que não houve derramamento de sangue e o povo chegou a pôr flores vermelhas nas bocas das espingardas dos soldados. Precisamente este movimento iniciou-se com o lançamento pelas ondas radiofónicas de essa maravilhosa cantiga do Zeca Afonso, “*Grândola, vila morena*”.

1. ZECA NAS SUAS PALAVRAS:

Nas suas atuações na Nossa Terra, e em algumas entrevistas, o Zeca tinha dito de forma muito clara:

"Galiza é para mim também uma espécie de pátria espiritual.." e "aproveito esta oportunidade para uma vez mais afirmar a minha grande amizade pela terra e o povo galegos, com os que ao largo dos anos mantive as melhores relações, e para manifestar também a minha inteira solidariedade com a luta pelo reconhecimento efetivo da língua e cultura galegas como uma das mais ricas da península".

São estes dois treitos das palavras pronunciadas pelo Zeca Afonso que Benedito García, do grupo da nova canção galega *Voces Ceibes*, recolheu num artigo que se pode ler na página web da Associação José Afonso - <http://www.aja.pt/>

Zeca Afonso manteve um intenso relacionamento com a Galiza. O 10 de maio de 1972, cantou por primeira vez em público, perante mais de 3.000 pessoas, *Grândola, Vila Morena*, a canção que depois chegaria a ser como já comentamos símbolo da Revolução dos Cravos. E o cenário de aquela atuação foi Compostela: o Burgo das Nações, onde hoje se encontra o Auditório da Galiza, perto do lugar no que no mês de maio de 2009 foi batizado como «Parque José Afonso».

Benedito, Xico de Carinho, João Guitiám, Artur Reguera e Antão Labranha foram alguns dos amigos galegos do Zeca, que o acompanharam nos seus concertos pela Galiza: Ourense, Lugo, Compostela... Anos depois, algumas associações culturais galegas, e entre elas a «*Gentalha do Pichel*», em novembro de 2009, reuniram aos amigos do cantautor português para organizar uma homenagem de lembrança ao Zeca. No ato, sob o título de «*Festejar a vida e a obra do Zeca*», com a colaboração também da Associação José Afonso, atuaram com as suas canções João López, Ugia Senlhe, Luís Almeida e o grupo «Na Virada», estando presentes os membros galegos da associação citada, que foi a impulsora da iniciativa conhecida como «*80 anos do Zeca*» <http://80anosdezeca.blogspot.com/>, na que se envolveram perto dum cento de associações portuguesas e galegas, para lembrar ao músico com diversas atividades, como esta da Galiza.

Por sorte, temos em Ourense um grupo musical denominado «Terra Morena», coordenado por Xico Paradelo, que mantêm viva a música e as cantigas do Zeca, recuperando o seu repertório de forma íntegra. Eduardo Maragoto, presidente da associação da Gentalha, tinha dito acertadamente que José Afonso deu recitais na Galiza a partir do ano 1972 - um deles em vésperas do 25 de abril -, até o ano 1979, onde ofereceu o seu último concerto na Galiza, no Parque de Castrelos de Vigo.

Em 1985 recebeu uma homenagem neste mesmo cenário, e entre o 25 de abril e o 23 de maio de 1987 celebraram-se diversos atos para homenageá-lo.

Em 1994 o Colégio de Fonseca acolheu uma amostra sobre ele, e em 1997 fez-se a descoberta de uma placa comemorativa dos 25 anos do *Grândola* no Auditório da Galiza.

Do 19 ao 21 de maio de 2017 teve lugar na localidade de Cedeira o «Iº Festival de Música Galego-Portuguesa», e dentro do programa organizou-se uma nova homenagem de lembrança ao Zeca, a última realizada na Galiza. «*Estou farto de explicar por todo o lado que a Galiza não é Espanha*», dizia o Zeca. «*O triângulo mágico do Zeca está entre África, Moçambique e Portugal*», onde lutou contra a ditadura salazarista e o colonialismo, e «*Galiza*», lembrou o atual presidente do conselho da Associação Galega da Língua (AGAL), Eduardo Maragoto.

1. OS SEUS DISCOS E CD:

De entre os seus CD gostamos de maneira especial do antes citado «*Cantigas do maio*» do ano 1971.

Mas também muito dos titulados «*Cantares do andarilho*» (1968), «*Contos velhos, ramos novos*» (1969), «*Traz outro amigo também*» (1970), «*Eu vou ser como a toupeira*» (1972), «*Venham mais cinco*» (1973), «*Coro dos tribunais*» (1974) e «*Enquanto há força*» (1978).

Ademais da canção sinalada «*Grândola...*», são formosas também «*Milho verde*», «*Canto moço*», «*Por trás daquela janela*», «*O que faz falta*», «*Viva o poder popular*» e, muito especialmente, o poema de Camões «*Verdes são os campos da cor de limão*».

Cantado de forma admirável por este cantautor.

Que muito nos gostaria fosse recuperado de novo e que os jovens de hoje, na Galiza, pudessem desfrutar do engado e conteúdo das suas canções.

«*Grândola vila morena / Terra da fraternidade / O povo é quem mais ordena / Dentro de ti ó cidade / Em cada esquina um amigo / Em cada rosto igualdade*», tinha cantado o nosso músico-poeta.

De Santiniketon (Bengala Índia), para Galiza e Portugal, a 6 de janeiro de 2018. Prof. José PAZ < jose.paz.santida@gmail.com >







É SÓCIO DA AICL. TOMOU PARTE NO 24º COLÓQUIO NA GRACIOSA 2015, NO 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

24. JOSÉ SOARES, JORNALISTA AÇOR-CANADIANO

José Soares (de Abrantes Reis) nasceu em Ponta Delgada, São Miguel, Açores - 1948. Jornalista e investigador. Formação em Comunicação Social e História. Foi Presidente regional do partido liberal do Quebeque. Diretor do referendo de 1995 para a soberania do Quebeque. Candidato ao parlamento europeu pelos Açores no Partido Democrático do

Atlântico (PDA). Fundador de vários jornais: *COMUNIDADE* (1973); *O MENSAGEIRO* (1985); *JORNAL NACIONAL* (1992); Cofundador do *Açores 9*, (2007) Jornal com a maior tiragem jamais efetuada nos Açores – 50 mil exemplares por edição, do qual foi diretor editorial até 2010. Foi delegado da RDP - RTP em Otava e dirigiu inúmeros órgãos de comunicação social. Produziu rádio e foi apresentador de televisão durante vários anos. Conferencista e cronista há longos anos, José Soares tem atrás de si um longo rasto de material escrito em diversas publicações nacionais e estrangeiras. Por convite do então diretor João Manuel Alves, inicia uma Crónica semanal no Decano *AÇORIANO ORIENTAL* na Ilha de São Miguel, nos Açores, sob os temas *BARCOS DE PALHA*, *PEIXE DO MEU QUINTAL*, *HAJA SAÚDE* e *LUSOLOGIAS*, atingindo popularidade pela prosa simples e direta. A 20 de novembro de 2011 foi homenageado pelo Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores, Carlos César. Publicou em 2014 o livro de crónicas “Barcos de Palha”.



MONTALEGRE 2016



LOMBA DA MAIA 2016



BELMONTE 2017



MAIA 2013



VILA DO PORTO 2017

SÓCIO DA AICL. - ADJUNTO DA DIREÇÃO DA AICL, - SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL.

PARTICIPOU NO 7º COLÓQUIO, RIBEIRA GRANDE 2007, 11º LAGOA 2009, 17º LAGOA 2012, 19º MAIA 2013, 21º MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º SEIA 2014, 24º GRACIOSA 2015, 25º MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017

25. LAURA GONÇALVES, CINEASTA, CONVIDADA CMB



Natural de Belmonte, Laura Gonçalves tem dedicado parte da sua vida profissional ao cinema de animação.

Foi ao sentir-se estrangeira, rodeada de pessoas que não falavam a sua língua e pouco sabiam sobre o seu país, que lhe surgiu o tema do seu primeiro filme: ir ao encontro das suas origens.

É essa a história de *Três Semanas em dezembro*, a primeira curta de Laura Gonçalves, desenvolvida durante o mestrado em Animação, na Arts University Bournemouth, em Inglaterra, que acaba de vencer o Prémio Jovem Cineasta do Cinanima - Festival Internacional de Cinema de Animação de Espinho 2013. Concluiu o curso de Animação na Faculdade de Belas Artes, Lisboa em 2009 e começa a trabalhar como arte finalista e animadora no estúdio Sardinha em Lata, nos filmes “Viagem a Cabo Verde” realizado por José Miguel Ribeiro, “Independência de Espírito” de Marta Monteiro e “O Sapateiro” de Vasco Sá e David Doutel. Trabalha também na curta “M” de Joana Bartolomeu e “Quem é Este Chapéu” de Joana Toste. Em 2012 realizou a sua primeira curta de animação “Três semanas em dezembro”, concluindo o Mestrado de Animação na Arts University Bournemouth, Inglaterra.

Trabalhou como animadora e pintora nos filmes "Fim de Linha" de Paulo D'Alva, "Fulgem" e "Agouro" de David Doutel e Vasco Sá, Bando á Parte. Correaliza a curta de animação "Nossa Senhora da Apresentação", com Abi Feijó, Alice Guimarães e Daniela Duarte. Em 2016 desenvolve e correaliza com Xá, a curta de animação documentária "Água Mole".



ÁGUA MOLE (DROP BY DROP) Portugal, 2017, ANI·DOC, HD, Colour, 9'15"



2015 NOSSA SENHORA DA APRESENTAÇÃO (OUR LADY OF THE PRESENTATION) Portugal, 2015, ANI, HD, Colour, 6'



2013 TRÊS SEMANAS EM dezembro (THREE WEEKS IN DECEMBER) Portugal, 2013, ANI·DOC, HD, Colour, 6'13"

TEMA 2.7. A EXPRESSÃO DA ANIMAÇÃO NO CINEMA DOCUMENTÁRIO.

A expressão da animação no cinema documentário. O percurso da autora no documentário animado, com visualização da curta de animação *Três Semanas em dezembro* e um excerto da curta *Água Mole*.

TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DO PRAZO.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO CONVIDADA DA CMB

26. LOTUS DE JADE TCHUM FALCÃO: NHU LIEN TCHUM FALCÃO 鍾玉蓮 TIMOR, PINTORA, CONVIDADA CMB



Tchum Nhu Lien de Gouvêa Falcão nasceu em Bobonaro, Timor.

Criada no seio de uma família tradicional chinesa, oriunda de Cantão, foi privilegiada por uma educação de princípios fundamentalmente chineses a par com as culturas portuguesa e timorense.

Ainda antes de frequentar a escola, aos cinco anos, iniciou-se em caligrafia chinesa com o seu pai, professor de formação.

Aos oito anos de idade iniciou a aprendizagem de pintura artística (aguarela e pintura tradicional chinesa).

Apesar do gosto e notória paixão, nunca se dedicou exclusivamente à pintura, em virtude da vida itinerante que levou durante anos; só em 1975, fixando residência definitiva em Lamas, Miranda do Corvo, teve a possibilidade de o conseguir.

A quietude proporcionada desde então permitiu-lhe dedicar o tempo devido à sua arte.

Aqui, a sua sensibilidade oriental logo encontrou motivos e inspiração, e os trabalhos começaram a fluir naturalmente, refletindo a sua maneira muito própria de ver o mundo que a todos nós rodeia.

A sua sensibilidade única transporta as imagens da sua terra natal para a sua terra de adoção, conjugando-as num harmonioso conjunto. Foi em 1988, que, a convite da Câmara Municipal da Lousã, expôs pela primeira vez as suas obras.

Desde então até ao presente, tem apresentado inúmeras exposições, tanto em território nacional como no estrangeiro, ganhando por onde passa cada vez mais admiradores da sua técnica e sensibilidade.



Tchum Nhu Lien (Susana) 鍾玉蓮 Lótus de Jade Tchum

A sua arte tem vindo a sensibilizar o gosto ocidental para a arte oriental, usando para tal a sua particular mestria e evidente talento.

É notória a evolução sofrida ao longo destes vinte anos de exposição do seu talento artístico, não só pelo natural aperfeiçoamento da técnica que o passar do tempo obriga, mas pelo estudo e curiosidade que a leva a buscar e apreender diferentes influências, diferentes estilos, diferentes correntes artísticas.

A sua obra reflete predominantemente a técnica da pintura tradicional chinesa – uso exclusivo de materiais importados da China (pincéis papéis e tintas) sobre papel de arroz.

Nos últimos tempos, tem alargado o seu leque técnico, utilizando frequentemente aguarela, acrílico e óleo.

Tchum Nhu Lien procura, para além de pintura, outras formas de tocar quem a rodeia.

No ano de 2010, participou na fundação da ADRAS (Associação Didática e Recreativa Arte e Saber da Lousã) da qual é atualmente Presidente da Direção; esta Associação cultural visa proporcionar a toda a população inúmeras atividades culturais: aulas (pintura, línguas, música, Tai Chi Chuan), palestras, Clubes de leitura, os mais diversos Workshops, colaboração com as atividades locais promovidas pela Ação Social da Câmara, intercâmbio com as outras Associações, etc..⁶⁴

⁶⁴ Exposições mais recentes Nacionais

- 2006, 2007, 2008, 2009: pintura ao vivo – Brigada de Intervenção de Coimbra
- 2006: Biblioteca Municipal de Tomar
- 2006: Casino da Figueira da Foz
- 2007: Exposição Humanitária – Bombeiros Voluntários de Coimbra (contribuição de um quadro para a causa)
- 2007: Exposição comemorativa dos 100 Anos do Ramal da Lousã
- 2008: “20 anos depois...”, Lousã
- 2008: Clube de Comunicação Social
- 2009: II Salão Internacional de S. João da Madeira
- 2009: Câmara Municipal de Cantanhede
- 2010 Clube de Oficiais de Coimbra
- 2010: “Arte Timorense” – Museu do Oriente, Lisboa
- 2010 Solar dos Cerveiras. Mesquitela. Celorico da Beira
- 2010. Câmara Municipal de Odivelas.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO CONVIDADA DA CMB. –

- 2010 – Câmara Municipal da Pampilhosa da Serra.
- 2011 _ Solar dos Cerveiras. Celorico da Beira.
- 2011-- Galeria Mata do Buçaco.
- 2011-- Sete fontes, Cantanhede.
- 2012 – Lousã.
- 2012 – Câmara Municipal de Odivelas.
- 2013 – Câmara Municipal de Odivelas.
- 2013 – Casino de Estoril
- 2014 – Aguarela de cinco continente.
- 2015 – Exposição na Casa de Cultura de Trofa.
- 2015 – Festa de Lusofonia de Lisboa.
- 2015 – Expo Internacional Mortágua. Org. CM.
- 2015 – Goís - OrosoArte. Goís.
- 2016 – Biblioteca Municipal de Pampilhosa da Serra.
- 2016 – GoisArte.
- 2016 – Casa da Arte – Miranda do Corvo.
- 2017.—Goís-Oroso Arte.
- 2017.—CAE Figueira da Foz.
- 2017.—Casa da ARTE. Miranda do Corvo.

Internacionais

- 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008:2009Salão internacional de Nantes
- 2007, 2008: Bélgica
- 2008: Apresentação do “Estudo da *Nossa Senhora da Conceição* de Velásquez”, Madrid
- 2008: apresentação de aguarelas, Falkirk, Escócia
- 2008, 2009: Holanda
- 2009: Santiago de Compostela
- 2010. Salão internacional de Nantes
- 2011. Fiarte Feira Internacional de Artes. Coimbra, Portugal
- 2012. Salão Internacional de Nantes. (França)
- 2013. Salão Internacional de Nantes. (França) Expo Itinerante
- 2014. Salão Internacional de Nantes. (França)
- 2016, Expo Dia internacional de Mulher. Macau
- 2017. Oroso. Galiza (Espanha)
- 2017. Expo Lusófona, Macau.

Prémios e outros reconhecimentos

- 2005: 3.º Prémio no Salão Internacional de Nantes, França – *Façade Atlantique*
- 2009: Medalha de bronze no Salão Internacional de Nantes, França
- 2010: Medalha de bronze no Salão Internacional de Nantes. França. GANFA 2010
- 2014: Prémio de concurso de “Aguarela de cinco continente” Formosa (Taiwan R.O.C)

Outras atividades

- 1999-2010: presidente da Assembleia-Geral da Cooperativa Arte-Via, tendo sido homenageada pelo seu empenho no desenvolvimento dessa instituição, no dia Internacional da Mulher (8 de março) em 2007
- 2000-2010: professora de Pintura na Universidade Autodidata para a 3.ª Idade da Lousã
- 2008: colaboração na execução da integração cromática no restauro do retábulo e pinturas murais no teto da capela-mor da Igreja Paroquial de Lamas, Miranda do Corvo
- 2010 – Presente: -- Presidente da Direção da ADRAS. Associação Didática e Recreativa Arte e Saber. -- Professora de Pintura e de Tai Chi Chuan (大極拳) na ADRAS Lousã

NOTA DO EDITOR - conheci-a nas montanhas de Bobonaro em out 1973 casada com o major Falcão (hoje coronel na reserva), meu comandante no EC5 (esquadrão de cavalaria 5). É uma pintora de aguarelas de renome e convidei-a para partilhar momentos de há 45 anos em bobonaro onde estive o dr José Bárbara Branco, médico da mesma unidade.

27. LUCÍLIA-JOSÉ JUSTINO, DIRETORA DO CENTRO DE LÍNGUAS E CULTURA, CLIC, INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA. PRESENCIAL



Lucília José da Costa Mendes Gomes Justino é Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa pela Universidade Nova de Lisboa, Licenciada em Filologia Germânica e em Estudos Anglo-Americanos pela Universidade de Lisboa (FLUL) e em Ciências Literárias pela FCSH, UNL.

Tem frequência do Curso de Doutoramento em Estudos Portugueses, FCSH/UNL e equivalência a Programa de Doctorado, Linha de Investigação *El patrimonio Cultural, Literatura Tradicional y Folklore*, Universidad da Extremadura.

Realizou Provas Públicas para Especialista em Formação de Professores de Inglês, no Instituto Politécnico de Lisboa (IPL, 2014).

É Professora Adjunta, na Escola Superior de Comunicação Social, Instituto Politécnico de Lisboa (ESCS / IPL), onde desempenha funções docentes, desde 1995, em todos os Cursos. Foi Vice-Presidente do Conselho Pedagógico, Vice-Presidente da **Direção** (2014-2015). É atualmente membro do Conselho Técnico – Científico.

É diretora do Centro de Línguas e Cultura/CLiC, Instituto Politécnico de Lisboa. Desempenha funções docentes desde 1975, tendo ~~lecionado~~ nos ensinos básico, secundário, politécnico e universitário. Também desempenhou funções como responsável por ~~atividades~~ de natureza ~~didática~~ e técnico-pedagógicas, no Ministério da Educação.

É Membro do IELT, Instituto de Estudos de Literatura e Tradição, FCSH, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL, desde 2002, do ICML, Instituto de Comunicação e Media de Lisboa, desde 2006, da IBERCOM, Associação Ibero-Americana de Comunicação, desde 2009, da ASSIBERCOM, Associação Ibero-Americana de Pesquisadores da Comunicação, Membro da atual diretoria, Conselheira, 2016-2019, da Associação Portuguesa Para A Salvaguarda do Património Cultural Imaterial/PCI, desde 2017. Ativista da Amnistia Internacional Portugal, Presidente (2008/2012) e Vice-Presidente da Direção (2007), Coordenadora do Grupo Local 3/Oeiras Amnistia Internacional, membro do *Cramol*, Grupo de Canto de Mulheres, Oeiras, desde 1979.

Lucília-José Justino, fevereiro 2018

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO PRESENCIAL

28. LUCIANO JOSÉ DOS SANTOS BAPTISTA PEREIRA, ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL, PORTUGAL / AICL, luciano.pereira@ese.ips.pt,

Luciano Pereira

Licenciado em Línguas e Literaturas Modernas (Português/Francês), 1982

- Mestre em Literaturas Comparadas Portuguesa e Francesa, 1992
- Doutor em Línguas e Literaturas Românicas – Comparadas, 2004⁶⁵

⁶⁵ 1. *Comunicações e artigos:*

- *A cultura açoriano-catarinense na obra de Franklin Cascaes*



LOMBA DA MAIA 2016



Montalegre 2016



- *Paiva Boléu e a cultura açoriano-catarinense.*
- *A representação da Ilha na literatura de temática açoriana*
- *A representação da Arrábida na literatura portuguesa*
- *A lagoa das sete cidades: cristalizações de memórias, mitos e lendas*
- *O contributo africano para o fabulário de língua portuguesa*
- *O cavalo e o touro nos fabulários, nos bestiários e no imaginário popular*
- *Os contributos mitriacos no culto do Divino Espírito Santo e algumas das suas expressões na literatura tradicional*
- *A rosa não tem porquê. Homenagem a uma poetiza vulcânica*
- *A Bélgica na poesia de Vitorino Nemésio*
- *Vitorino Nemésio: Poème dramatique au soldat portugais inconnu mort à la guerre. Contributos para a sua tradução*
- *O mau-olhado na cultura popular*
- A Paixão segundo João Mateus ou a infinita paixão de Norberto Ávila
- Referências e indícios hebraicos na literatura popular
- Contributos árabes na literatura popular portuguesa

2. Ensaios: A fábula em Portugal. Contributos para a história e caracterização da fábula literária.

3. Unidades Didáticas para alunos do Ensino Complementar da Língua Portuguesa na Alemanha (em colaboração): A cidade, A língua.

- Professor do Ensino Secundário. (Setúbal, 1982/1986)
- Orientador pedagógico, Assistente, Professor Adjunto e Coordenador (ESE Setúbal, 1986/2016)
- Colaborador da Divisão do Ensino do Português no Estrangeiro (1990/1995)
- Coordenador do Ensino da Língua e Cultura portuguesas - Embaixada de Portugal, Bona (1995/1996)
- Vice-Presidente do Conselho Diretivo (2005-2008)
- Coordenador do núcleo CAPLE ESE IPS (2006-2016)
- Presidente dos Júris - Provas de ingresso para os estudantes internacionais e com mais de 23 anos ESE Setúbal (2014/2016).
- Presidente do Júri de Português para os Mestrados na área do Ensino Básico ESE Setúbal (2016).
- Elemento do Júri em concursos académicos e profissionais (Professores Coordenadores, adjuntos, especialistas, relatórios de Mestrado.)



MAIA 2013



FLORIPA 2010



MONTALEGRE 2016



LOMBA DAMAIA 2016

TEMA 2.2. AS MOURAS ENCANTADAS NO IMAGINÁRIO GALAICO-PORTUGUÊS Luciano Pereira, Professor Coordenador Departamento de Ciências da Comunicação e da Linguagem, Escola Superior de Educação, Instituto Politécnico de Setúbal

As mouras encantadas constituem uma das mais ancestrais alegorias populares da cultura galaico-portuguesa. Desde Leite de Vasconcelos que sabemos que, para o povo português, os mouros representam todos os povos que habitaram o nosso território antes da sua definitiva cristianização. De todas as heranças que esses povos nos deixaram, a moura é sem dúvida, uma das que exerceu um especial fascínio no nosso imaginário coletivo. Embora não existam lendas de mouras encantadas na cultura islâmica, já nas culturas cristãs peninsulares, de matriz celta e germânica, podemos afirmar que a sua presença afirma-se como um dos mais sentimentais, maravilhosos e encantadores produtos do nosso imaginário tradicional. Tecidas a filigrana, são as mensagens amorosas que encerram verdadeiros tesouros que se perdem nos mistérios poéticos e luminosos que irradiam dos arcaicos cultos aquáticos e solares. É certo que existem relações entre as mouras e as fadas, as sereias, as ondinas, as burgas, as valquírias, Melusina e as Jans, mulheres invisíveis, facilmente integradas nos cultos cosmogónicos de referência elementar: ar, terra, fogo e ar.

1. As mouras enquanto tema

As lendas das mouras encantadas, das suas penas e sofrimentos, dos tesouros que ocultam e guardam, tão ciosamente, costumam ser associadas às lendas dos génios maus e dos génios bondosos *djinn*s que, tão sublimemente, retratam o imaginário relativo à presença muçulmana, tanto na nossa literatura popular como na nossa literatura erudita:

“Gens ou Jans

XXXIV

O que eram esses seres extraordinários tantas vezes invocados pelos antigos?

Eram duendes, respondiam uns: fadas, afirmavam outros; mouras encantadas, sustentava muita gente.

Ninguém o sabe ao certo, embora nas povoações e freguesias de barlavento (frazze algarvia que significa a região a poente da mesma provincia) e mui principalmente nos concelhos de Portimão, Lagos, Aljezur e Villa do Bispo, não há muitos anos, e ainda hoje, falem das gens ou jans.

A opinião mais corrente n'aquelles concelhos considera estes seres mouras encantadas. Ninguém as viu nunca, muitas pessoas, porém se utilizaram dos seus serviços, sempre validosos, prontos e muitos.

Eram as gens ou jans eximias fiadeiras pelas pessoas, que lhes deviam grandes serviços e por isso as bem-diziam. [...]” (Oliveira 2009: 249-250).

O tema mais do que o motivo é todavia mais denso e problemático. A associação entre as mouras encantadas e os génios, bons e maus parece-me mais que razoável, embora os génios estejam desprovidos de ambiguidade, afirmando-se claramente pela sua bondade ou pela sua maldade (Corão, cap. 72: 1-11):

“Em nome de Allah, o Clemente, o Misericordioso!

1. Diz: «Foi me inspirado que um grupo de génios me escutou e que disseram: “Em verdade ouvimos uma pregação maravilhosa

2 que conduz à retidão. Cremos nela.» [...]

5. Cremos que nem os homens nem os génios dirão mentiras contra Allah.

6. Alguns homens, entre os humanos, buscarão refúgio entre os génios varões, mas aumentou-lhes a ruindade.

7. Eles pensavam, como pensáveis, que Allah não ressuscitaria ninguém.

[...]11. Entre nós estão os justos e entre nós estão os que não o são: constituímos seitas distintas.”

As mouras encantadas, contrariamente aos génios, perpetuam uma certa ambiguidade e uma certa tensão entre o seu poder sedutor, a beleza dos seus olhos e do seu rosto e a repulsa que gera a fealdade da sua componente animal serpentina. Essa tensão pode ser expressa simplesmente entre o seu poder de atração sexual, e o perigo que constitui para o descanso e conforto das almas piedosas. Elas prolongam arcaicos mitos relativos aos inícios dos tempos e à criação do mundo. Em Hesíodo, na sua Teogonia, refere o nascimento do monstro, arquétipo, pela sua forma, da nossa moura encantada, Equidna, a materialização da alma violenta. O seu corpo é formado por uma parte superior de mulher extremamente desejável e uma parte inferior de uma enorme e temível serpente:

“«Son corps est pour moitié d'une jeune femme aux, belles joues et aux yeux qui pétillent, pour moitié d'un enorme serpent, terrible autant que grand, tacheté, cruel, qui gîte aux profondeurs secrètes de la terre divine»” (Hésiode 1996: 42-43).

Cristóvão (2010: 229-230) relembra a relação existente entre as mouras e as Nereides, filhas de Nereo, filho do mar e de Doris, filha do Oceano, que viviam nas florestas, nos rochedos, em grutas, no fundo dos rios e das fontes. Longos cabelos loiros, relembrando nitidas conotações solares. Serão os seus pés de burro mais uma das marcas solares relacionadas com os mistérios celebrados em honra de Elêusis, ou mais uma sugestão da sua intensa sexualidade, tal como a encontramos no mito de Psique (*O burro de ouro ou As metamorfoses de Apoloio* 1978) tão habilmente sublimada, ou uma fusão destes dois conceitos?

Malaxecheverría (1982: 7), na senda de muitos outros estudiosos do imaginário já havia, claramente relacionado o mundo animal com o inconsciente e consequentemente com a feminilidade e a sexualidade:

“Si tout animal peut symboliser l'inconscient – et par consequente la féminité -, certaines figures du Bestiaire ont fait l'objet d'études assez approfondies pour qu'il soit permis de porter une attention critique sur d'autres bêtes moins communes. Où trouver un meilleur exemple de l'archétype de la féminité que dans les avatars du dragon ou du serpent ennemis du héros saurotone? Les aspects dangereux de l'anima incarnés dans des monstres comme la sirène sont suffisamment connus; il en est de même pour l'anima considérée comme prisonnière (la vierge captive du dragon) ou pour les aspects érotiques du reptile.”

Na sequência desta lógica, torna-se pertinente relembra as diferentes manifestações populares e misóginas da mulher 'engolidora' e 'fatal'. A conotação negativa e de inferioridade da mulher é uma constante em todos os sistemas dualistas, tanto de tipo platónico como gnóstico ou maniqueu. Durrand (1989: 75) relembra-nos que a feminilidade, entre os Caraíbas e os Iroqueses é rejeitada para a esfera da animalidade. A moura encantada, tal como a sereia, não passa de um dos expoentes de tal imaginário:

“A moira, à semelhança da sereia e com ela se confundido por vezes, é uma representação fragmentária do feminino e como tal incompleta e incorrendo nos perigos de qualquer forma de hibridiz. Na realidade, a imaginação humana deliciau-se multiplicando uma imagem dividida da mulher que primava por uma insistência absoluta na corte entre a parte superior e a inferior, sendo a primeira geralmente humana, enquanto que a segunda podia assumir a forma de diversos animais: serpente, cabra e peixe são os mais comuns. Essa divisão não foi certamente ingénua, visto a parte superior do corpo ser considerada mais espiritual, por se encontrar mais alta, mais «livre» do peso da gravidade, enquanto a outra parte, conotada com a metade sexuada do corpo, se tornava a mais baixa a vários níveis, aquela que se encontra mais próxima do chão e da sua simbólica.” (Meireles 2003: 11)

É, todavia, o século XIX que, através da etnografia romântica, as redescobre. Os franceses, através das traduções de Antoine Galland, voltaram a reatar a sua íntima relação com o Oriente das *Mil e uma Noites*, a partir de 1704. Deste modo, também permitem uma valorização mais descomplexada com a nossa herança muçulmana, tão intensa na península ibérica, que prolongou a sua presença e o seu domínio no reino de Grenada até finais do século XV. A península volta-se para a sua herança medieval e contempla o génio do seu povo, rico de uma herança oriental e muçulmana milenar (Pedro Afonso; D. Juan Manuel; Juan Ruiz, arcebispo de Hita; Ramon Lull; Eiximenis...). A literatura portuguesa medieval também nos oferece algumas referências a figuras femininas híbridas:

“A velha lenda da Dama do Pé de Cabra constitui uma versão de um conto muito conhecido em toda a Europa e que foi igualmente adaptado à origem de várias famílias, entre as quais a mais célebre, a de Lusignan, que teria nascido de Melusina, a feiticeira aquática. No Livro de Linhagens existe outra versão do mesmo conto, o de D. Marinha, proveniente de outra região da Península, a Galiza. O elemento comum de todos estes contos é a origem sobrenatural da mulher, que vem da floresta ou das águas, quer dizer dos espaços da natureza onde dominavam as forças que o homem não podia controlar e onde ele julgava que se teriam refugiado as potências extraterrenas, meio demoníacas, depois das conquistas do cristianismo. (Mattoso 1983: 66)

E el lhe disse que, pois, era molher d'alto linhagem que casaria com ela se ela quisesse, ca ele era senhor daquela terra toda. E ela lhe disse que o faria se lhe promettesse que nunca se santificasse. E ele lho outorgou, e ela foi-se logo com ele. E esta dona era mui fermosa e mui bem feita em todo seu corpo, salvando que havia ùu pee forçado como pee de cabra. (LL 9A4 in Mattoso 1983: 70)

O primeiro foi ùu cavaleiro boo que houve nome dom Froiam, e era caçador e monteiro. E andando ùu dia em seu cavalo per riba do mar, a seu monte, achou ùa molher marinha jazer dormindo na ribeira. E iam com ele três escudeiros seus, e ela, quando os sentio, quise-se acolher ao mar, e eles foram tanto empos ela, ataa que a filharom, ante que se acolhesse ao mar. E depois que a filhou aaqueles que a tomarom fe-a poer em ùa besta, e levou-a pera sa casa.” (LL 73A1 in Mattoso 1983: 72)

São as antepassadas das nossas mouras encantadas a que já se refere Gil Vicente: Cortes de Júpiter:

“Estes romances cantão os Planetas e Signos, quatro vozes, pera com as palavras delle e musica desencantarem a Moura Taes de seu encantamento a qual entra com o terçado e annel e didal de condão, que Mars disse que ella tinha em seu poder, e diz:

Moura

*Mi no xaber que exto extar,
Mi no xaber que exto xer,
Alah xaber divinar,
Lo que extar Alah xaber;
Alah xaber y yo no;
Alah xaber max que yo,
Alah, digirme que ex extro.
Jupiter, que á mí mandar?
Dox mil añox extar cantada;
Agora donde llevar?
Agora outro mundo extar,
Agora no xaber nada.
Porque tirarme de caxa,
Porque d'inferno tirarme
De companhia de Axa,
Mi hija nieta de Braxa,
Reina que extar del Algarbe?"
(Vicente Gil 1965:1009)*

Em Portugal, só após as pesquisas de Adolfo Coelho, Teófilo Braga e José Leite de Vasconcelos, podemos saborear o que havia constituído um dos núcleos do thesaurus da nossa tradição popular. Desse modo, *As Mil e Uma Noites* sustentaram o romantismo literário, ao qual deram o tom de mistério e de orientalismo, que tanto se estimou na época.

Garrett, ele próprio, não deixou de ser sensível a toda a 'poeticidade' do motivo das mouras, inscrevendo-o no coração de alguma das suas obras, tal como no poema de D. Branca:

*"E vós, formosas moiras encantadas,
Na noite de São João ao pé da fonte
Áureas tranças com pentes de ouro fino
Descuidadas penteando enquanto o orvalho
Nas esparsas madeixas arrocia
E os lúcidos anéis de perlas touca..." (Garrett 1963: 499).*

Estas lendas têm uma origem popular e propagam-se oralmente ao longo de inúmeras gerações. Serviam para transmitir os valores essenciais às sucessivas gerações e tornaram-se, desta forma, vestígios de usos, costumes e tradições das épocas mais arcaicas e originais. As suas características afirmam-se numa linguagem de grande simplicidade, compreensibilidade e densidade simbólica. Talvez tenha sido essa a razão pela qual durante tantos anos foram menosprezadas, abandonadas e quase esquecidas pelos autores e investigadores que as consideravam um produto inferior, ilógico e sem nexo, desprovido de qualquer importância cultural, filosófica ou literária.

O género só se afirmou a partir do século XIX, em pleno romantismo, quando o orgulho pátrio, o regresso às raízes, as ideologias nacionalistas se tornaram motivos de prestígio, de orgulho e da especificidade de cada povo. Almeida Garrett iniciou então as suas recolhas de cariz popular, valorizando produções poéticas, romances, contos e lendas, na senda de outros intelectuais europeus. Gianfrancesco Straparola (1550), Giambattista Basile (1634-1636), em Itália; Perrault e La Fontaine, em França, Walter Scott na Inglaterra, os irmãos Grimm e Heinrich Hoffmann na Alemanha, assim como Hans Cristian Andersen na Dinamarca. A partir desse esforço, uma plêiada de outros autores inspiram-se nos motivos e nas formas populares para escreverem os mais variados géneros literários incluindo romance até então exclusivamente reservados a temas e motivos clássicos e eruditos.

As características mais salientes da lenda deriva da sua oralidade, a sua dimensão é, geralmente curta, o seu enredo simples, as poucas personagens que retratam de tipo convencional, estereotipadas e emblemáticas. Os temas e os motivos enraízam-se em antigas configurações universais, mitos indo-europeus, nórdicos, germânicos ou mediterrânicos, por vezes com intrusões exóticas e do médio oriente. Reconhecemos configurações narrativas, mitemas (Durand 1982: 74), e histórias em versões múltiplas e em regiões bastante distantes. A maior parte refere espaços e locais míticos, momentos imprecisos, onde o próprio conceito de tempo se dilui na poeira dourada da magia e da poética da fértil imaginação de cada povo. Basta invocar a terra de Avalon, ou o mundo do além referido nos antigos contos celtas:

Connla do Cabelo de Fogo era filho de Conn das Cem Lutas. Um dia, quando se encontrava ao lado do pai no alto do Usna, viu uma jovem donzela com um estranho traje vindo em sua direção.

“De onde você das Planícies dos Sempre Vivos”, disse ela, “ali onde não há morte nem pecado. Lá sempre é feriado, e não precisamos da ajuda de ninguém para sermos felizes. E em todo nosso prazer não temos brigas. E como temos nossas casas nas redondas colinas verdes, os homens nos chamam de Povo da Colina.” (Jacobs 2002: 15)

2. Origem e tipologia

Existem vários tipos de mouras encantadas. José Leite de Vasconcelos distinguia-as tendo em conta os diferentes espaços em que se manifestam: fontes, poços, cisternas, paredes e ruínas (in Amália Marques 2013: 21). Consiglieri Pedroso organiza-as segundo quatro pontos de vista:

1.º como divindades ou génios femininos das águas (fontes, rios, ribeiros, poços, etc.),

2.º como guardadoras de tesouros encantados,

3.º como fiandeiras e construtoras de monumentos,

4.º como génios maléficos que perseguem o homem ocasionando-lhe diversas doenças.” (Pedroso, 1988: 218)

Nesta reflexão fixar-nos-emos nas ocorrências da imagem da jovem e princesa moura, da imagem da mãe, eventualmente fiandeiras ou guardiã de tesouros, assim como do ser híbrido que pode ser, apresentando sobretudo a forma de serpente, eventualmente relacionada com as águas, com as grutas e com as pedras. Cada um destes tipos possui as suas características distintas e, eventualmente, espaços de eleição, uns mais agrestes e ermos, outros mais próximos dos comuns dos mortais.

As lendas visitadas revelam-nos vestígios de tradições heterogêneas muito arcaicas, de origem indo-europeia e eventualmente oriental. A sua vetustez é atestada pelo seu enraizamento, pela sua difusão geográfica e pelo número de variantes que apresentam.

As mouras não aparecem nas tradições e nas lendas como seres totalmente imaginários mas sim como seres reais, eventualmente mais mágicos a norte e mais 'históricos' a sul. A sua aparência é mais frequentemente humana a sul e semi-humana a norte, por vezes sob a forma animal ou híbrida (mulher e serpente ou cobra). A norte, prolongam uma saudade infinita, de um tempo perdido e paradisiaco; a sul dominam as saudades da família perdida e dos amores contrariados. São guardiãs de saberes fabulosos e tesouros valiosos. No norte, vivem nos montes, nas florestas, nos rochedos, nos monumentos pré-históricos tais como nos dólmenes e nas antas, nas fragas, nas grutas e nas covas; no sul predominam as cisternas, as fontes, os lagos e os rios, mas também vivem em castros e nas torres abandonadas à inclemência dos elementos.

Podemos afirmar que, tanto a norte como a sul de Portugal e na Galiza, a moura exerce nas populações um grande fascínio, embora o modo como esse deslumbramento se manifesta seja diferente. Estes seres míticos aparecem associados a elementos básicos: terra (montes, subterrâneos, rochas, etc.) e água (rios, riachos, fontes, etc.):

“Lenda da Fonte Moura

[...] Ao ver chegar o amante encheu-se-lhe o coração de alegria e de gratidão por Alá. Ergueu os olhos ao céu numa muda oração de agradecimento pelo paraíso que antevia abrir-se-lhe e, nesse momento exato, um estranho caso aconteceu: Aldonça transformou-se em fonte, Atanásio transmudou-se em serpente. [...]” (Frazão [s. d.]: vol. V: 88)

“As Mouras do Rio Seco

Menos afortunada foram duas irmãs encantadas naquela mesma horta, com o filhinho de uma delas. Uma chama-se Alíria e outra Tomazina, ao que consta. Costumam aparecer sob diversas formas. Há quem afirme tê-las visto, uma sob a figura de serpente e a outra de enguia. Mas quase sempre aparecem sob a sua forma humana, trazendo uma delas, nos cabelos, um lindíssimo brilhante. Dizem as pessoas entendidas que o brilhante é o filhinho encantado.” (Frazão [s.d.]: vol. VI: 90)

“Lenda da Fonte da Moura

[...] Em breve se efetuou a tocante cerimónia do batismo da jovem moura. Um ano depois, a nova cristã entrava para um convento tal como havia dito. E a fonte que brotava espontaneamente em plena terra ribatejana continuava ainda correndo através dos séculos, dando ao viandante a frescura das suas águas.” (Marques, 1997: 367-368)

“O rio seco

[...] Ao ver a data tão próxima, a jovem encontrou-se pela última vez com o príncipe cristão, para se despedirem. E sucedeu que ambos choraram tanto neste último encontro, ao ponto de a seus pés se formar um grande lago. Esse lago foi crescendo e dele se formou um rio. Por fim separaram-se e cada um foi à sua vida para nunca mais se encontrarem. [...]” (Parafita 2006: 339)

[...] Na noite de San Xoán sae no Outeiro de Vimieiros unha moura, que se pon por riba duns penedos que hai na banda Oeste do castro. En canto se pon nils deita no sitio unha fonte, en cuia auga a moura lava a cara e pentea os seus cabelos.” (González Reboredo 1989: 66)

No norte do país, é mais comum associar-se as mouras a elementos e fenómenos da natureza, tais como rochas e pedras com características especiais, formais, estruturais ou funcionais, tais como os monumentos funerários que se assemelham a antas e a dólmenes. Sabe-se que esta zona do país é bastante pródiga e diversificada do ponto de vista geológico e paisagístico, por vezes enigmática pelos caprichos da natureza outras misteriosa, pelas vontades esquecidas de povos que nela se perpetuaram, nos seus ricos monumentos pré-históricos. Na memória coletiva todos os povos que ocuparam o nosso território anteriormente aos muçulmanos confundem-se e cristalizam-se na figura do mouro:

“Pour Martins Sarmiento, la désignation “maure” couvre des croyances et des traditions antérieures à l’arrivée des Maures dans la Péninsule Ibérique: Les chrétiens signalèrent comme païens les peuples qu’ils avaient détrônés. Plus tard ils reprirent cette même désignation pour les envahisseurs arabes qu’ils appelaient tantôt mouros (maures), tantôt pagons (païens), comme le montrent les chroniques de l’époque. Maure et païens devinrent ainsi des noms pratiquement synonymes, mais comme le vocable “maure” avait un référent concret, l’envahisseur, il prit le dessus et remplaça peu à peu le mot “païen” dans l’usage.” (Sarmiento 1933: 68-71 in Cristóvão 2010: 48)

“«O povo – diz o sr. Leite de Vasconcelos–cuidando que antes dos mouros ninguém mais existiu, serve-se da palavra mouro para designar não só os monumentos arruinados, mas os que oferecem uma aparência estranha.»

É verdadeiro aquele enunciado. Para o algarvio uma caverna de forma menos regular foi necessariamente habitada pelos mouros; os poços, as fontes, os penedos, as furnas e os algares, foram esconderijos dos mouros; os castelos arruinados, as muralhas, as torres e todos os monumentos, cuja origem lhe é completamente desconhecida, são obra dos mouros, porque os julga o único povo antigo, depois do povo hebreu. É por isso que não podemos dar um passo no Algarve que não encontremos vestígios serracenos. Os poços dos mouros, as cavernas dos mouros, a fonte da moura e outras designações mouriscas encontram-se por ali em toda a parte. E quase sempre ligadas àqueles monumentos andam as lendas, embora quasi esquecidas e apenas reduzidas a factos isolados.” (Oliveira 2009: XVIII)

É nossa convicção que as lendas de mouras, a sul do nosso território, talvez tenham sido mais contaminadas com o imaginário que os muçulmanos desenvolveram em torno das figuras dos *djinn*s, enquanto as do norte apresentam características mais arcaicas, fruto de aculturações variadas entre os vários povos da antiguidade, com especial relevo para a mitologia greco-latina e germano-celta.). No sul do país, algumas destas lendas podem ter surgido a partir de acontecimentos históricos reais e traumatizantes, lidos e interpretados à luz da pródiga imaginação popular como é apanágio do género. Sublinhemos, também, nesta região, a íntima relação entre a moura e a água (fontes, ribeiros, cisternas... (Marques 1997: 112, 149, 318, 326, 338, 339, 365).

O estudo da moura, enquanto entidade do nosso imaginário, não se pode esgotar num estudo dedicado às influências mouras na nossa literatura tradicional. Trata-se, de fato de uma entidade muito mais complexa que sofreu diversas influências culturais, tanto greco-latinas como ibero-celtas e germânicas. O imaginário galego conservou bastante bem estas últimas características, até na sua aparência física, donde não poderia deixar de sobressair as referências à cor arroxeadada ou vermelha do cabelo:

“A moura posúe longos cabelos, polo xeral de corroxiza. Ter um cabelo bonito e a ser posible desta cor é un dos requesitos que debe posuír unha moza para ser tida por fermosa:

*«Peina os teus cabelos, rubia,
Non te fagas preguiceira,
que a honra d’unha rapaza
é ter boa cabeleira»” (Llinares García 1990: 55).*

Até o imaginário asturiano ainda conserva a confusão entre as velhas memórias celtas e as mais recentes referências mouras:

*“Las xanas son ninfas o hadas benéficas, vinculadas generalmente a cuevas, fuentes y cauces de los ríos. Tienen un **aspecto** totalmente humano, si bien son pequeñas de estatura, suelen poseer una larguísima cabellera, y son de una extraordinária beleza. Ramón Sordo Sotres, por el contrario, recoge en el área oriental de Asturias, historias en las que las inxanas, “eran mujeres chiquitinhas, muy chiquitinhas, morenas, muy morenas”. En las historias recogidas por Sordo, se asimilan las inxanas a las mujeres de los moros: “Las inxanas eran las mujeres de los moros que dejaron éstos cuando se fueron y que estaban metidas por las cuevas, en Vegas y Jonfría”. En otras versiones (como las de R. Baragaño y C. Cabal) las presentan como rubias. En todo caso, suelen ser pequeñas y de extraordinária beleza.” (Arrieta Gallastegui 1995: 13)*

“Les Xanes tienen la apariencia de mujeres jóvenes, de gran beleza, com cabellera larga y rubia. Se aparecen preferente de noche o en torno a la mañana de San Xuan en fuentes o cuevas a las cuales suelen estar vinculadas. Visten sayas largas al modo del país o vestiduras blancas, algunas incluso van desnudas, según los relatos. Acostumbran a peinarse com peines de oro y tienen gallinas y polluelos del mismo metal.” (Álvarez Peña 2005: 15)

As mouras encantadas são espíritos ou seres fantásticos com poderes sobrenaturais do nosso folclore popular. São obrigados, por uma força sobrenatural, a viverem num estado quase letárgico, enquanto não lhes quebrarem o encanto. De facto, existem distintas teorias relativamente à origem e à formação das lendas das mouras encantadas. Ponderamos, neste trabalho algumas das hipóteses que nos parecem mais congruentes.

A sua remota origem pré-romana não nos perturba sobremaneira. Percebemos a sua densidade simbólica, a sua dimensão metafórica, a sua relação com os mitos e com os ritos. Sabemos que “mouros” era o nome atribuído pelos romanos aos nativos da Mauritânia, também não podemos esquecer as especulações linguísticas que nos alertam para a existência da palavra ‘marwo’ no proto-celta designando o conceito de ‘morto’.

Não desconhecemos a teoria que considera que o termo possa ter derivado da palavra grega “moira”, que significa destino e que também assim se apelidavam certas divindades originárias da sua mitologia: as ‘Moiras’.

Se nos colocarmos no espaço germano-celta, teremos que ponderar o conjunto de palavras com o mesmo étimo e da mesma área semântica de ‘mar’ (Bastos 1988: 73-74), tais como ‘mori’, ou ‘mori-morwen’ sereia, associando provavelmente as mouras às ninfas, espíritos sub-humanos que habitavam os rios. A teoria celta também remete para as palavras

'mahra' e 'mahr', que significam espírito. As Valquírias germânicas e mais tarde as nossas Tágides inscrevem-se nesse mesmo imaginário. Consiglieri Pedroso afirmou claramente, num trabalho sobre as superstições relativas à noite de São João, que as mouras encantadas eram divindades ou génios femininos das águas:

“As Mouras Encantadas

[...] análogas às nixen germânicas, às lac-ladies inglesas, às rusalki rusas, às vilas sérvias, às elfen, escandinavas, às naiadas gregas, etc. Eram também, além disso, os génios que guardavam os tesouros escondidos no centro da Terra, crença que é comum a todos os povos, que conservaram vestígios desta entidade mítica, que parece ser indo-europeia ou pelo menos europeia, por isso que se encontra, quase sem exceção, em todos os grupos áricos da Europa. Apenas da mitologia portuguesa desapareceu a feição maléfica que estas entidades por vezes revestem em outras mitologias, por ex. na russa; a não ser que queiramos ver um derradeiro reflexo desta conceção nalgumas superstições ainda hoje em vigor no nosso país e que se executam junto às fontes. Que novas descobertas venham confirmar ou infirmar esta hipótese, é certo que de todas as criações do nosso maravilhoso popular, esta é incontestavelmente uma das mais poéticas e talvez a que melhor reproduz a crença geral europeia, [...]” (Pedroso 1988: 217-218)

A literatura medieval interessou-se particularmente pela figura da mulher junto à água, para além das mulheres marinhas, representa-as junto de rios, fontes e lagos. Basta referir o conto da Dama da fonte inserido nos Mabinogion de tradição galesa, escrito no decurso do século XIV:

“Owein tomou a corça, esfolou-a e partiu-a em pedaços que enfiou em uns espetos e pôs a assar no fogo. O resto do bicho deu-o ao leão para comer. Estava Owein ocupado com estes trabalhos, quando ouviu um fundo e prolongado gemido, depois um segundo e ainda um terceiro, este último já muito próximo Owein soltou um brado e perguntou se estava ali alguém e se era gente de este mundo.

«Sim, podes estar certo que sou gente de este mundo», respondeu uma criatura.

«Quem és tu, então?», perguntou Owein.

«Pela minha fé te digo», respondeu a criatura, «que eu sou Luned, a donzela da Dama da Fonte.»” (Morais 2000: 262)

A memória de Mélusine continua bem viva junto das fontes em território francês, em particular na Borgonha e no Poitou:

“L’histoire de Mélusine est aussi racontée avec cette variante: Mélusine était femme d’un seigneur qui était très fier de la beauté de sa dame. Une seule chose traversait le bonheur du châtelain, à un certain jour de l’année, Mélusine se faisait invisible pour tous, même pour lui. Vainement la suppliait-il de lui faire connaître les causes de cette retraite, Mélusine ne répondait que par des larmes. Obsédé par des sentiments de toutes sortes, un jour ce seigneur résolut de découvrir à tout prix le mystère. Il penetra secrètement dans l’habitation de sa femme et au moyen d’une fente pratiquée dans la porte, plonge le regard dans la chambre où était la châtelaine. Morte et enfer ! Qu’aperçoit-il ! Mélusine ayant toujours, de la tête jusqu’à la ceinture, sa beauté divine de femme, présente dans le reste de son être la forme d’un hideux serpent. A cette vue le seigneur jette un cri. Mélusine qui l’entend, est si courroucée et si honteuse d’avoir été surprise dans cet état, qu’elle pousse à son tour une clameur qui fait trembler le château et la forêt, et se précipite dans un puits où elle trouve la mort.” (Delmas 2006: 71)

Em 1858, as ondinas ainda continuavam a ser temidas na Provença e em particular na Côte d’Azur:

“Le jeune godelureau, alléché par les attraits qu’il découvrirait, s’approcha de la jeune fille pour lui dire quelques mots aimables ; il fut répondu aimablement à ses paroles ; s’enhardissant, alors, il voulut passer des paroles aux actes. Mais, la jeune fille se mit à fuir, le galante la poursuivit ; ils allaient ainsi à travers champs, folâtrant plutôt qu’ils ne couraient, car la fillette s’arrêtait dès qu’elle avait un peu trop d’avance sur son amoureux, se contentant de lui glisser entre les doigts lorsqu’elle était serrée de trop près.

Or, tout à coup, le jeune homme glisse et tombe dans une pouzzaraque, sorte de mare, qu’il n’avait pas vue.

Aussitôt la jeune fille, qui n’était autre chose qu’une masque, poussa un ricanement diabolique et disparut.” (Delmas 2006 765)

Em 1811, Friedrich de la Motte-Fouqué publicara, na senda de *O livro das Ninfas* de Paracelso, o Märchen intitulado *Undine* (Ondina), um dos textos mais lidos e celebrados da sua época. Os motivos centrais da obra são precisamente os mesmos do *Livro da Ninfas*:

“[...] os espíritos elementares da água têm, em tudo, uma aparência humana, são «seres de sangue, carne e osso como qualquer de nós», dotados de razão e inteligência; não são, todavia, dotados de alma, podendo, no entanto, adquiri-la através da união sexual com os humanos; e, porque ardentemente a desejam, «esforçam-se por conquistar [os homens] e ganhar a sua intimidade», para que utilizem – por vezes, ardilosa ou insidiosamente – a força da sedução. Essa união é, no entanto, «lícita, pois faz parte dos designios de Deus em relação ao universo: «tal como um pagão pede o batismo e anseia por ele para obter a sua alma e se tornar vivo em Cristo, assim também esses seres perseguem o amor dos homens para se ligarem a eles». E «tal é o poder da aliança entre duas coisas que a inferior goza da vantagem da superior e tem a força desta.

Assim, de parte a parte, a união se traduz num ganho, na aquisição de «algo mais»: os seres elementares adquirem alma, mas por outro lado facultam aos humanos vantagens (por vezes materiais, pois são frequentemente guardiães de tesouros) e conhecimento.” (Motte-Fouqué 1989: 14)

Fadas encantadas, vivendo junto das águas ou em medonhas grutas continuam a criar sentimentos contraditórios em terras do Languedoque e do Rossilhão:

“C’est la grotte de l’Encantada, hantée par les fées durant les sombres nuits d’hiver. On sait que les filles des Dieux prennent quelquefois, par permission divine, figure d’animaux terrestres et c’est ainsi, qu’après une longue nuit affreuse, on entendait résonner l’écho de la forêt d’une inexplicable plainte : [...]” (Delmas 2006: 718)

A Princesa Moura do imaginário do sul habita, geralmente, num castelo e apaixonou-se por um cavaleiro cristão ou torna-se objeto dos seus mais ardentes desejos:

“Lenda do Castelo de Alcoutim

[...]

Chegado à sala principal do castelo, o cavaleiro cristão encontrou-se com o ex-alcaide. Junto dele, estava uma linda moura, que atentamente observava o cavaleiro português através dos seus olhos de um negro invulgar.

O ex-alcaide saúda-o.

– Salaam! Estás em tua casa. Não quis partir sem cumprir até ao fim o meu dever. Esta é a minha sobrinha Zuleima. [...]” (Marques 1997: 37-38).

Na lenda da Moura Salúquia, celebra-se as qualidades da lealdade e da fidelidade da amada pelo seu amado, neste caso, partilhando a mesma confissão e civilização:

“Lenda da Bela Salúquia

Pois no velho Alentejo dos tempos da moirama, segundo nos conta a tradição, vivia uma formosíssima moura chamada Salúquia, filha do grande e poderoso Abu-Assan, governador de certa praça-forte que os cristãos ambicionavam conquistar. E nas noites bonitas, em que a terra se prateava de luar, a bela Salúquia cantava antigas romanzas que deixavam os homens enamorados...

Ora aconteceu que, certo dia, um moço cavaleiro das hostes cristãs sentiu bater mais forte o coração ao escutar o canto da bela Salúquia. Embora isso o apavorasse, ele sentiu-se apaixonado, atraído irresistivelmente por essa voz que falava de amor, embora na língua que ele mais odiava [...]” (Marques 1997: 115).

Algumas destas lendas confundem-se com as lendas etiológicas que tentam explicar a origem das coisas, de determinados fenómenos da natureza ou dos nomes (onomástica e toponímia), tal como a origem da toponímia Salir que nos relata que segundo a lenda, a povoação de Salir deve o seu nome à filha do alcaide mouro de Castalar, Aben-Fabilla. Ameaçado pelos cristãos (D. Afonso III), e tendo escondido o seu tesouro, abandonou o castelo. Os cristãos apenas encontraram a sua jovem filha rezando com fervor. De um monte vizinho, Aben-Fabilla avistou a filha e com rituais e fórmula mágica encantou a filha que se transformou numa estátua de pedra. Em memória desse estranho acontecimento ficou aquela terra conhecida por Salir (Marques 2006: 255-259; Frazão [s. d.] 63-66; Moutinho 2005: 163). Evocam, por norma, personagens históricas, e podem apresentar características religiosas tal como na lenda Oreana:

“A lenda de Oreana como relata Frei Bernardo circula ainda na serra d’Aire consta nos textos etnográficos locais com estes complementos de informação importantes: a moura de Alcácer era uma princesa; após o rapto, a rapariga foi levada «por causa do medo e da vergonha» para um sítio serrano que é hoje a aldeia de Fátima. Este topónimo provém de facto de o raptor aí ter escondido a cativa. Depois da conversão ao cristianismo e da mudança de nome, perdido o medo e a vergonha, foram ambos viver para o castelo de Ourém cujo o nome se diz derivar de Oriana. [...]” (Santo 2006: 244-245)

O contexto histórico, as personagens, assim como os acontecimentos costumam contribuir para o reforço da sua verosimilhança, procura-se enquadrar a ficção com o maior número possível de elementos históricos. O fabuloso e o fantástico surgem de forma quase impercetível e com bastante parcimónia. Por vezes, contribuem para a difusão e perpetuação de narrativas lendárias anteriores, sofrendo fenómenos de aculturação e incrustação bastante meticolosos. Todas estas características, típicas da lenda, são particularmente sublinhadas no território português, com a sua maior expressão em terras algarvias.

A Moura tecedeira, fiadeira e tendeira não deixa de exibir a sua forte ralação telúrica, transportando frequentemente pedras à cabeça e fiando com a roca atada à cintura:

“Vimos já que em muitos relatos da tradição oral a moura assume a dimensão de uma mulher multidisciplinar num quadro de labores essenciais no universo rural, isto é, a dimensão de uma autêntica supermulher situada no limite da realidade e da utopia. Das atividades que o vasto conjunto de textos que estudámos atribui à moura, destaca-se a de tecedeira e fiadeira, identificada em trinta relatos.” (Parafita 2006: 116)

A relação telúrica da moura com a força do mundo mineral afirma-se muito intensamente a norte onde vive mais recatada, em espaços mais ermos e selvagens. Essa pertença ao submundo e aos espíritos indomáveis da natureza talvez seja uma das características mais distintivas do nosso imaginário nortenho, assim como do imaginário galego:

“[...] Conta-se que foi uma moura que trouxe para ali aqueles penedos. O grande e os pequenos o maior trouxe-o à cabeça e os outros dois trouxe-os debaixo de cada um dos braços. E que ainda vinha afiar ao mesmo tempo. O povo diz também que existe nesse lugar um tear de ouro, e que à meia-noite do dia de S. João, se alguém passar perto, pode ouvi-lo a tecer.” (Parafita 2006: 349)

Estas mouras vivem sobretudo em grutas e em castros, citânias e outros monumentos megalíticos. As pedras antigas, com características naturais que recordam formas ou símbolos, tal como as que apresentam marcas propositadamente produzidas, são chamadas ‘medalha das mouras’, sobretudo em Trás-os-Montes. São frequentemente encontradas junto de citânias e castros. A superstição popular acredita que no lugar da Chã, concelho de Alijó, os mouros deixaram o seu vestígio numa anta ou dólmen denominado “Fonte Coberta”:

“Conta-se que uma jovem moura casou por amor contra a vontade do seu pai, um rei mouro. E por isso, pagou caro a sua desobediência, sendo obrigada a trabalhar para sustento da sua família e a construir, sozinha, a sua casa. Foi ela que carregou as pedras da anta à cabeça e ao colo levava o seu filho ainda bebé. Diz-se que em noites de luar, ainda há quem oiça os ais da jovem moura a carregar enormes pedras.” (Parafita 2006: 207)

A Pedra Formosa, encontrada na citânia de Briteiros, também terá sido transportada à cabeça, por uma das mouras fiadeiras, para quem nada é impossível.

Segundo Abílio Brandão (1911, vol. XIV: 79), as Pedras-Mouras encerram riquezas encantadas e quem se sente em cima delas corre o risco de ficar encantado. O transporte de tais pedras é explicitamente proibido e em nenhum caso pode ser levada para casa, os animais de criação e os animais domésticos correm verdadeiro risco de morte.

Francisco Martins Sacramento (1990, n.º 100: 343-353) refere que a moura não se confunde com a pedra, mas vive dentro da pedra, que, por norma, está mergulhada na água e, em particular, num rio. A tradição afirma que, no penedo, 'entra-se para dentro' e 'sai-se para dentro':

[...]

Uma rapariga ia lavar à ribeira muito cedo, mas mais do que ela cuidava, porque pelo caminho deu-lhe meia-noite, e, por isso com medo, escondeu-se atrás de uma parede, à espera de que viessem as outras companheiras. Isto foi nos arredores de Castelo Branco.

[...] – Olha: desta pedra saiu daqui uma quantidade de família e disseram quando saíram: «Nunca tu, pedra, te abrerás, senão quando cominhos semearás.»

– Isso tem bom remédio: experimentar. Isso com meio quilo de cominhos, semeia-se assim muito terreno.

Compraram e semearam.

Abriu-se a pedra; eles entraram e viram uma casa cheia de muita riqueza. Eles tornaram-se também ricos e a sua casa ficou sendo das maiores daqueles sítios de Castelo Branco.” (Vasconcelos 1969: 758)

Outras destas lendas descrevem viagens de mouras para a 'mourama' sentada numa pedra que flutua no ar ou na água, muitas delas mencionam a existência de opulentos palácios e deslumbrantes tesouros:

“Assim, já vimos que uma lenda repetida à saciedade no nosso concelho é a da moura que vai para a mourama numa pedra flutuante. Este modo de transporte não é desconhecido na Irlanda: S. Molarins, voltando de Roma, atravessa para a Irlanda em cima duma pedra. E é mais para refletir que há grandes dúvidas sobre se os velhos santos irlandeses, alguns, pertencem realmente à galeria cristã se à druídica.” (Brandão 1990: 352)

A Moura-Serpente é um ser híbrido ou que tem a faculdade de se metamorfosear, como no caso da lenda da serpente de Noudar (Barrancos):

“Lenda da Fonte de Vide

Em Vale de Telhas, concelho de Mirandela, há um lugar a que o povo chama Fonte de Vide. Dizem os mais antigos, e já o ouviram dizer aos avós e bisavós, que naquela fonte há um encanto. Um encanto que é uma menina transformada em serpente.” (Parafita 2006: 278)

“A fraga da Moura (Alvações do Corvo)

Em Alvações do Corvo (...), a pouca distância, na margem do rio, entre umas vinhas, há uma gruta natural, rodeada de muitos penedos. A tradição popular apoderou-se dessa gruta e, segundo ela, aparece lá, na noite de S. João, uma moura, metade mulher e metade bicha, que tem naquela noite sempre muito varrida a entrada da gruta. Por isso se chama Fraga da Moura.” (Parafita 2006: 322)

A moura para além de aparecer como uma mãe extremosa como é representada na lenda da fonte coberta (Parafita 2006: 207) também se mostra extremamente generosa para quem a auxilia no seu parto:

“Lenda da Serra da Mourela

[...] Todos os mouros foram embora, mas ela ficou naquela gruta para criar o filho, e o povo diz que durante muito tempo se ouviu a moura a entoar bonitas canções de embalar. A gruta ficou assim conhecida como a “Pedra da Moura” e a serra onde ela está situada é a Serra da Mourela. Fica entre Pitões e Tourém, no concelho de Montalegre.” (Parafita 2006: 304)

“A parteira das mouras

[...]

A parteira entrou. E lá dentro da queda de água encontrou um palácio de ouro e pedras preciosas. Nele morava uma bela moura que estava prestes a ter uma criança. Conta-se que a velha cumpriu a sua missão com a prática e o saber de muitos anos, e ao regressar a casa, o rio e a queda de água voltaram a ficar como antes.” (Parafita 2006: 338)

Muito raramente a moura surge com a aparência de uma velha. Na realidade, trata-se de mais uma das formas de por à prova as qualidades humanas e filantrópicas dos pobres mortais. Solicita sempre vários tipos de ajuda. Em troca, revela toda a sua generosidade a quem corresponde aos seus pedidos e esse é sempre largamente recompensado:

“Lenda da Moura do Reboledo

Perto da aldeia de Santa Comba de Rossas, concelho de Bragança, existe um alinho denominado Reboledo, coroado por um amontoado de rochas. Conta a lenda que havia lá um encanto que costumava aparecer a um rapaz que era pastor. E que esse encanto tinha a forma de uma velha muito feia que lhe comia a merenda. [...]” (Parafita 2006: 227)

3 Elementos simbólicos das lendas

O meio-dia ou a meia-noite, em particular do dia ou da noite de São João, são os momentos mais propício para as manifestações das mouras e dos seus encantamentos:

“A Moura de Algosó

[...] A fonte de S. João, de resto, continuava ali, lembrando a todos a desdita da mourinha encantada pelo bruxo e desafiando a coragem de quem sonhasse desencantá-la.

Uma noite, muito próxima da de S. João, um rapaz de Algosó que se apaixonara pela história sonhou que via a moura na fonte. Mal acordou, decidiu que, desse lá por onde desse, havia de tentar ver na madrugada de S. João se a lenda era verdadeira. Além disso, como corria se alguém visse a moura nas suas horas felizes lhe podia fazer três pedidos, os quais seriam atendidos, o rapaz achou que, apesar do medo, era talvez vantajoso fazer aquela tentativa. (Frazão [s.d.]: vol. II, 42-46)

O dia de São João corresponde ao solstício de verão, dia marcado pelas mais variadas festividades pagãs, muitos anos antes do cristianismo e da devoção a São João Baptista, primo de Jesus. Nesse dia, a essas horas, abrem-se as portas dos 'infernos' que permitem um contacto entre o mundo dos vivos e o mundo do além, o mundo dos seres encantados e imortais, a verdadeira terra da mourama.

As mouras são encantadas pelos seus familiares quando são obrigados a abandonar a península, por vezes são-no pelo facto de se apaixonarem por cristãos:

“A Moura do arco do Repouso

[...] *Depois de ouvir tudo isto, o cavaleiro dirigiu-se à porta do castelo. Ao entrar pelo Arco da Senhora do Repouso viu ao lado esquerdo a cabeça de uma criança que assomava por um buraco. Reconhecendo nela o mourinho da sua amada, perguntou: - O que fazes aí, menino?*

- *Estamos aqui encantados: eu e a minha irmã.*

- *Porquê? Quem vos encantou?*

- *O nosso pai soube por uma espia que levavas nos braços a minha irmã acompanhada por mim e, invocando Allah, encantou-nos aqui no momento em que transpunhas a porta. Por atraíçarmos a santa causa do nosso Allah aqui ficaremos encantados.*

- *Por muito tempo?*

- *Enquanto o mundo for mundo – respondeu a criança com um ar misterioso, enquanto se ia diluindo nos ares.*

O guerreiro chorou. Ainda quis perguntar pela moça, mas o mourinho tinha desaparecido sem deixar rasto. Diz-se que nunca mais riu. Terminando o cerco, pediu ao rei dispensa do exercício e recolheu-se a um convento, onde professou. (Frazão [...] vol. VI: 32-36).

Na maior parte das lendas, elas permaneceram, no nosso território, para guardar os seus tesouros, o seu património material e imaterial. Trata-se do verdadeiro *ouro das mouras*, metaforicamente representado por alimentos, instrumentos de trabalhos, roupas e animais, ... Tais tesouros podem ser encontrados, roubados, ou até oferecidos como recompensa por atos de altruísmo, filantropismo, ou até de bravura e coragem. Por vezes, as mouras deixam de poder suportar o sofrimento da sua existência e procuram a sua libertação, compensando generosamente o seu salvador. É a moura que toma a iniciativa, solicita, promete, e confronta os humanos com os seus medos, anseios, angústias, forças e fraquezas. O desafio proposto pode ser apenas o domínio sobre os seus impulsos, a forma como se deve resistir à curiosidade, a coragem de oferecer um beijo, uma oferenda conquistada ou roubada, a capacidade de manter segredo, a sagacidade e a astúcia para sobreviver.

As oferendas e as prendas relacionam-se com os atos de sedução, com os rituais de acasalamento e obviamente com o culto dos mortos. Pão e leite são as oferendas ou libações preferidas, assim se cultuavam os manes, divindades da família, no império romano, assim se cultuavam, os espíritos dos mortos e da natureza. Deusas da fertilidade também exibem símbolos mais eróticos: “Entre esses emblemas, há três espécies cujo simbolismo afrodisíaco não levantaria qualquer dúvida: o cinto que a estátua usava, as sandálias e, finalmente os apetrechos da fiandeira: fuso e roca.” (Klossowski 1991: 27)

Nas lendas das mouras serpentiformes, sublinha-se o gosto e o desejo pelo leite, reforçando as suas características arcaicas ambigualmente e duplamente sexuais e matriarcais:

“O leite é alimento de nai a fillo, pero este fluxo interrómpele canto aparece a cóbrega. Esta mete o bico do rabo na boca do pucho ou do neno para enganalos e que non choren mentres ela mama da vaca. O feito de zugar convértese para a vaca nunha espécie de plácer sexual, que fai que a vaca-nai rexeite a súa función (Criado, 1986). A idea de que o gusto desmedido polo leite é asociado a un plácer sexual perverso vese apoiada por unha información que fala de que unha nena debe ser destetada antes ca un neno, pois canto mais tempo mame, terá unha meirande apetência sexual, e será mais doado que se entregue ós homes (Prieto, 1947, p. 564). O leite é precisamente un dos alimentos dos que gustan as mouras, e no caso en que é tamén o medio de desencantamento ofrecido por un home, non é difícil a identificación leite=sémen:

“.... Foi o rapaz ca cunca [de leite bendecido], e saleulle unha grande cobra que se puxo a beber no leite e o rapaz sem se acañar tiña man da vasixa. Bebeu todo a cobra, e ô rematar convertiuse na señora do outro día e deulle moita riqueza” (López Cuevillas, 1929, p. 170)

A relación do leite coa sexualidade aparece reforzada cando temos en conta novas como a que fala de que os casados sem fillos van a un grabado serpentiforme levando un cuartillo de leite sem ferver (Rodríguez Figueiredo, 1973, p. 255). Neste caso, o leite mantén a relación coa maternidade que se ve negado no caso das cóbregas que mamam das vacas, pero á súa vez tamén mantén o aspeto sexual que víamos que tiña no mesmo caso.

O leite, como se pode ver entón, posúe un dobre carácter: assexual, en tanto que alimento de nai a fillo, e sexual, en tanto que alimento de home a moura. Cando a consumidora é unha mulher pero a doador non é o axeitado (de vaca a cóbrega) ou o consumo é excessivo (de nai a filla), o componente de tipo sexual perverso vese enormemente reforzado. A consecuencia deste consumo erróneo ou en excesso é unha muller cun apetito sexual desmedido e que ademais é a que toma a iniciativa na seducción sexual, o que vai totalmente en contra da idea dominante de muller passiva frente a home ativo. [...]” (Mar Llinares 1990: 53-54)

A mesma bicha que proporciona prazer pela sucção e procura o seu prazer na nutrição, engana as indefesas e inocentes criancinhas oferecendo-lhes a sua cauda, levando-as à fome e à inevitável aniquilação:

“A mulher, o leite e a cobra

«A mulher estava deitada e a cobra estava do lado da parede, debaixo do colchão e do enxergão e saía e punha o rabo na boca do menino. Depois, o menino andava muito magro e com a boca ferida, do rabo, das escamas da cobra. Depois, as antigas começaram a dizer que talvez fosse uma cobra e desasredaram a cama, e entre o colchão e o enxergão encontraram a cobra e mataram-na.» (Bastos 1988: 19)

“A velha e o carvão

Uma velhota de Vila Verdinho, concelho de Mirandela, andava um dia a guardar umas ovelhas num campo pegado à aldeia, quando lhe apareceram três mouras a pedirem-lhe um pouco de leite para matarem a sede.

A velhota, como era pessoa bondosa, foi logo mugir as ovelhas, deu o leite a beber às mouras e ainda lhes ofereceu parte da merenda que tinha consigo. As mouras agradeceram e uma delas pega então nuns pedaços de carvão e dá-lhos como paga, dizendo que os guardasse até casa e que não se arrependeria.” (Parafita 2006: 280)

Desencantada, não raras vezes a moura torna-se humana e casa com o seu salvador ou simplesmente evapora-se, os mouros, ou a consciência, raramente o toleram e tentam encantá-la novamente ou obrigam-na a recolher à terra dos seus iguais:

“Lenda do cinto da Moura

Certa vez, um rapaz observou por acaso um mouro estar a enterrar viva a filha. Como ia partir para a Moirama e não a podia levar, estava a encantá-la debaixo da terra. Assim, D. Mouro dizia certas palavras encantatórias, esquisitas e embaladoras.

O rapaz manteve-se silencioso e muito bem escondido enquanto o mouro fazia o que tinha a fazer. Mal ele partiu, dirigiu-se à cova, disse as mesmas palavras que ouvira ao outro, procurando imitar-lhe a entoação, e desencantou a moura. Tempos depois casou com a rapariga e foram vivendo a sua vida sem problemas de maior.

Um dia, porém, chegaram as saudades à moura e deu-lhe um imenso desejo de ver a família ou, mais que não fosse fazer-lhes saber que estava desencantada e vivia feliz. [...]” (Frazão [s. d.]: 45)

Em A moura Cassima, surge o motivo do cinto como um elemento simultaneamente precioso e potencialmente perigoso:

“Triste com o fadário de Cassima, o carpinteiro voltou lentamente para casa, com o cinto na mão. Depressa esqueceu a moura, porém, porque conforme ia olhando o cinto, o sentido fugia-lhe para o efeito que fazia na mulher. E decidiu ver como brilhariam à luz da lua todas aquelas pedras maravilhosas.” (Frazão [s. d.]: 22)

“Na última paragem, resolve prender o cinto bordado a ouro à volta do tronco de um grande carvalho, para poder apreciar melhor a preciosa oferta.

Mas imediatamente o grande carvalho cai por terra, cortado cerce pelo cinto fantástico!

Benzendo-se e rezando, o carpinteiro compreende tudo: Cassima dera-lhe aquele cinto apenas para se vingar! Sua mulher ficaria cortada ao meio, como o carvalho gigantesco!... [...]” (Marques 1997: 198)

Mourama era chamada a terra dos mouros muçulmanos no norte de África, assim como a terra atópica e intemporal das mouras encantadas.

O tempo da mouraria representa esse tempo fora do tempo, incerto, sem passado, nem presente, intemporal, equivale às expressões próprias que abrem o universo da fantasia e da imaginação: 'era uma vez', 'no tempo em que os animais falavam', 'há muito, muito tempo'. Assim inicia qualquer ritual narrativo, assim se procede à ressurreição dos antigos mitos adormecidos.

As mouras são associadas a vários fenómenos da natureza. Acredita-se que o eco pode ser a voz das mouras. Em certos lugares, ventosos ouve-se as mouras a lamentar-se. Junto dos ribeiros, ouve-se nitidamente o seu sussurrar. Existem lugares isolados e tão tristonhos que ainda é possível ouvi-las chorar:

“A lenda da Moura Cassima

Nessa noite não conseguem dormir, sempre de ouvido alerta aos mínimos ruídos. Não virá a moura persegui-los até ali?

Mas a moura não vem. Nem nessa noite, nem nas restantes. Tal como dissera, a moura Cassima não mais poderá sair da sua fonte. Apenas por vezes, segundo se diz ainda – principalmente nas vésperas de S. João – ela consegue agarrar-se ao gargalo da fonte, e mostrar a sua beleza, e chorar a sua dor aos que se aventuram até lá...” (Marques, 1997: 198)

4 Conclusão

Da Galiza, ao sul de Portugal multiplicam-se quase indistintamente lendas de moiras encantadas: em Silves, surge na noite de S. João uma Moura a remar na cisterna do castelo. Em Valongo, ouve-se, em certas alturas do ano, o sino da Moura a tocar debaixo da terra. Em Monsanto da Beira, as Moiras usam campainhas de ouro e aparecem ao cair da tarde «dobrando estrigas de ouro e penteando os cabelos». A imagem da Fada a pentear os seus longos cabelos de ouro, entre a tarde e a noite, é extremamente frequente no folclore galaico-português relembando outras entidades, típicas da cultura celta:

“**Mouras** Mulheres bellísimas e encantadas que viven nas fontes, castros, penedos (sobre todo cando parece que son artificiais), mamoaos e ruínas de antigos monumentos ou castelos, ou sexa, baixo a auga ou baixo a terra. Reciben moitos nomes, como donas, mozas, mulleres, señoritas, señoras, madamas, encantos, princesas e raíñas. Son iguais ás hadas, xanas, anjanas, fées, korrigans, fairies, fainen, fate, moirai, etc. Teñen cabelos rubios, é dicir roxos, mais ca louros; a pel branca e as meixelas con lixeiros tons vermellos. Son seductoras, encantadoras. Lavan, tecen, fían e peitean os seus cabelos á luz do sol, sobre unha pena ou ás beiras da fonte. Gardan tesouros e visten maravillosamente. Ó

tempo que fían cunha man, mazan leite coa outra e cargan na cabeza enormes pedras, coas que constrúen os edificios ou estruturas nos que viven (castros, castelos, penedos).” (Cuba / Reigosa / Miranda 1999: 170)

Do Algarve a Trás-os-Montes, algumas Mouras infelizes aparecem de noite, sobretudo no solstício de verão, para chorar saudades e amores incompreendidos:

“O Choro da moura em Santa Comba da Vilariça

[...]

Acontece que a princesa moura continuou a esperá-lo. E como o noivo nunca mais aparecia, todos os dias ela chorava lágrimas e lágrimas de saudades. E dessas lágrimas – diz o povo nasceu uma fonte, que hoje lá continua. E os murmúrios da água a correr lembram o choro constante da moura inconsolável.” (Parafita 2006: 350)

“A menina encantada

Dizem que no sítio da Costa, termo de Mogo de Malta, do concelho de Carrazeda de Ansiães, é costume ouvir-se à meia-noite uma menina a chorar. É uma menina encantada. E para se lhe tirar o encanto é preciso ir lá, à meia-noite, e ler o livro de S. Cipriano. E quem o ler não se pode enganar, nem ter medo. Caso contrário, a pessoa que se aventure ficará tolhida.

Ainda não houve até à data quem tivesse coragem para lá ir. Mas bem gostariam, porque a pessoa que fizesse como manda a lenda ficaria muito rica.” (Parafita 2006: 232)

Esta última lenda faz claramente alusão à familiaridade entre as mouras encantadas e o tema da bruxaria que na realidade apenas prolonga o conflito entre o imaginário pagão e a doutrina cristã. Não nos esqueçamos que uma das partes do livro de S. Cipriano é precisamente dedicado à alquimia ou arte de fazer ouro (S. Cipriano 1993: 127). Na Galiza, o termo com que as bruxas são mais conhecidas não deixa qualquer tipo de dúvidas:

“Meiga Bruxa. *A palavra meiga (ou sexa, maga) amosa claramente que se trata dun mito anterior ó cristianismo. Nada diferencia as nosas meigas das que saen na Farsalia, no Asno de Ouro, nas Metamorfoses, no Satiricón, na Odisea ou nas Argonáuticas. Nin a untura nin o voo nin os esconxuros. Só o culto ó Demo, que substitúe o de Hécate e Diana.*

Creemos que orixinariamente as Meigas podían efetuar os seus conxuros nun sentido ambivalente, bo ou malo. Incluirían, polo tanto, as atuais Bruxas (ás que quedaron reducidas) e as Sabias, Vedoiras, Curandeiras, etc.” (Cuba / Reigosa / Miranda 2004: 162)

Não deixa também de nos impressionar a relação entre as características aquáticas das nossas mouras com as características das Burgas, ninfas celebradas junto das fontes das águas termais na cidade de Ourense. Encontramos junto uma lápida votiva com a seguinte inscrição *“Calpurnia Abana Alboso cumpriu com agrado o voto que fixera, baixo a inspiración dum sonho, ás ninfas das augas.»* (Cuba / Reigosa / Miranda 2004: 58)

Esta última referência relaciona estas lápides com o santuário de Panóias que antes de servir o culto de Serápis, terá sido um santuário dos Lapídeas que teriam também ocupado o espaço onde hoje se situa Ourense. Ainda hoje podemos contemplar as seguintes inscrições *“Aos Deuses infernais irados que aqui moram, (dedicou) Gaius C. Calpurnius Rufinus, varão esclarecido, com este (templo) uma cavidade para se proceder à mistura.”*

O senador romano, eventualmente oriundo da Ásia Menor, de uma cidade de tradição dórica e guardião do culto a Serápis, terá aqui chegado com a VII Legião Romana vindo de Panónia da Hungria, “[...] terá encontrado práticas politeístas indígenas à volta das fragas, que trezentos anos depois o bispo S. Martinho de Dume, em plena ocupação Sueva, há de perseguir através dos seus sermões e o braço da justiça eclesiástica.” (Lascariz 2009: 80-81). Relembremo-nos das palavras do santo bispo:

“Eis qual o vosso penhor e confissão que se guarda junto de Deus! Como é que alguns de vós, que renunciaram ao demónio e aos seus anjos, e aos seus cultos e às suas obras más, agora voltam ao culto do diabo? Pois acender velinhas a pedras, a árvores e a fontes e pelas encruzilhadas, o que é isso senão culto ao diabo? Observar adivinhações, augúrios e dias dos ídolos, que outra coisa é senão cultuar o diabo? Observar Vulcanálias e Calendas, ornar mesas, pôr louros, fazer observância do pé e derramar grãos e vinho no fogo, sobre um tronco ou atirar com pão para a fonte, que outra coisa é senão culto do diabo? As mulheres invocarem Minerva no tear, e observarem o dia de Vénus para o casamento, e atenderem ao dia em que se sai para viajar, que outra coisa é senão culto do diabo? Fazer encantamentos de ervas para malefícios e invocar os nomes dos demónios com encantamentos, que outra coisa é senão culto ao diabo? E há muito mais que seria demorado enumerar.” (Braga Martinho de 1997: 121)

As Lendas das Mouras encantadas constituem uma das mais originais produções do nosso imaginário. Para além dos valores e dos saberes que nos transmitem, lembram que a nossa formação cultural muito deve ao convívio intenso entre os diversos povos que contribuíram para a sua afirmação. Neste caso, percebemos o fascínio, a atração e o enamoramento que a cultura Islâmica terá suscitado numa sociedade heterogénea, mal cristianizada e sob o feroz domínio das estruturas sociopolíticas visigodas. Essa memória tornou-se tão viva quanto forte e contraditórios eram os sentimentos provocados pela atração e sedução da civilização muçulmana que, ao mesmo tempo, colocava em risco frágeis e amedrontadas almas recentemente cristianizadas.

A curiosidade pelo desconhecido, hábitos, usos, costumes, tecnologias, saberes e imaginários alimentaram e estimularam decerto a criação dessas maravilhosas criaturas que souberam sublimar antigas mitologias de períodos matriarcais, em que as figuras femininas tutelares se afirmavam, ora com a violência e a fúria extrema dos elementos primordiais, ora com a generosidade, a bondade, a beleza e o poder de sedução da grande mãe e amante que a natureza sabia ser. Da Galiza ao Algarve, as mouras encantadas permitem-nos melhor entender o processo de metamorfose que sofrem os mitos para se tornarem lendas.

março de 2018

5. Referências Bibliográficas

- Alcorão 2002*, Lisboa: Mem Martins. SporPresss.
- Álvarez Peña, Alberto (2003) *Mitología Asturiana*, Xixón: Picu Urriellu.
- Alves, Adalberto (1987) *O meu coração é árabe. Poesia Luso-Árabe*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Alves, Adalberto (1989) *Portugal e o Islão. Escritos do crescente*, Lisboa: Editorial Teorema.
- Alves, Adalberto (2013) *Dicionário Arabismos da Língua Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Apuleio (1978) *O Burro de Ouro*, Lisboa: Editorial Estampa.
- Arrieta Gallastequi, Miguel I. (1997) *Mitología de Asturias*, Gijón: Ediciones Trea.
- Bastos, José Gabriel Pereira (1988) *A Mulher O Leite e a Cobra*, Lisboa: Edições Rolim.
- Braga, Martinho (1997) *Instrução pastoral sobre superstições populares*, Lisboa: Edições Cosmos.
- Braga, Teófilo (1999) *Contos tradicionais do povo português*, vol. II, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Brandão, Abílio (1911) *Lendas de Mouras encantadas. Revista Lusitana*, vol. XIV. Lisboa: Livraria Clássica, 79-81.
- Cipriano, S. (1993) *Grande Livro de S. Cipriano ou tesouros do feiticeiro*, Lisboa: Veiga.
- Coelho, António Borges (1989) *Portugal na Espanha Árabe - I. Geografia e Cultura*, Lisboa: Caminho.
- Coelho, António Borges (1989) *Portugal na Espanha Árabe - II. Histórias*, Lisboa: Caminho.
- Coelho, António Borges (1999) *Para a História da Civilização e das Ideias no Gharb al-Andalus*, Instituto Camões Coleção Lazúli.
- Cristóvão, Adelaide (2010) *La Moira Enchantée au Portugal, Mémoires d'un récit mythique*, Lisboa: Edições Colibri.
- Cuba, Xoán R. / Reigosa, Antonio / Miranda Xosé (1999) *Diccionario dos seres Míticos Galegos*, Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Delmas, Marie-Charlotte (2006) *Fées et lutins. Les esprits de la nature*, Paris: Omnibus.
- Durand, Gilbert (1982) *Mito, Símbolo e Mitologia*, Lisboa: Edições Presença.
- Durand, Gilbert (1989) *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*, Lisboa: Edições Presença.
- Fonseca, João (2007) *Dicionário do nome das Terras. Origens, curiosidades e lendas das terras de Portugal*. Cruz Quebrada: Casa das letras.
- Frazão, Fernanda (invest.) [s.d.] *Lendas Portuguesas*, vols. I-VI, Lisboa: Amigo do Livro Editores.
- Garrett, Almeida (1997) *Romanceiro*, Lisboa: Círculo dos Leitores.
- Garrett, Almeida [1963] *Obras de Almeida Garrett*, vols. I, II, Porto: Lello e Irmãos.
- Gomes, Pinharanda (1991) *História da Filosofia Portuguesa. 3 A Filosofia Árabe-Portuguesa*, Lisboa: Guimarães.
- González Reboledo, Xosé Manuel (1989) *A Festa de San Xoán*, Vigo: Ir Indo Edicions.
- Haddad, Adnan (1984) *Fables de la Fontaine. D' Origine Orientale*, Paris: Sedes.
- Hésiode (1996) *Théogonie. Les travaux et les jours. Le bouclier*, Paris: Les belles lettres.
- Hespanha, António Manuel (Coord.) (1997) *Memórias Árabe-Islâmicas em Portugal*, Porto: Gaiadouro.
- Jacobs, Joseph (2002) *Contos de fadas Celtas*, São Paulo: Landy.
- Khawam, René R. (trad.) (1985) *Les aventures de Sindbad le Marin*, Paris: Phébus.
- Klossowski, Pierre (1991) *Origens culturais e míticas de um certo comportamento das damas romanas*, Lisboa: Cotovia.
- Lascariz, Gilberto de (2009) *Deuses e Rituais Iniciáticos da Antiga Lusitânia*, Lisboa: Zéfiro.
- Leal, Filipa (10 abril 2006), *Que mouros são esses?* in PJ, Diário de Trás-os-Montes.
- Llinares García, Mar (1990) *Os mouros no imaginário popular galego*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Luciano (1992) *Eu, Lúcio memórias de um Burro*, Lisboa: Editorial Inquérito.
- Machado, José Pedro (1944) *A Língua Árabe do Andaluz, segundo os "Prolegómenos" de Iben Caldune*, Lisboa: Oficinas Fernandes.
- Machado, José Pedro (1944) *Ensaio Árabe-Portugueses*, Lisboa: Notícias.
- Machado, José Pedro (1977) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Machado, José Pedro (1984) *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Macias, Santiago / Torres, Cláudio (Coord.) (s.d.) *O Islão entre o Tejo e Odiana*, Évora: Milideias.
- Malaxecheverría, I (1982) *Le bestiaire medieval et l'archétype de la féminité*, Paris: Editions Lettres Modernes.
- Marques Gentil (1997) *Lendas de Portugal*, vol. 3, Lisboa Círculo de Leitores.
- Marques, Amália (2013) *Mouras, mouros e mourinhos encantados em lendas do norte e sul de Portugal*, vol. 2. Lisboa.

- Masson, Denise (trad.) (1967) *Le Coran*, Paris: Éditions Gallimard.
- Mattoso, José (1983) Seleção, introdução e comentários. In *Narrativas dos livros de Linhagens*, Lisboa: Imprensa Nacional. Casa da Moeda.
- Meireles, Maria Teresa (2003) *B. I. da Serpente*, 2.ª edição, Lisboa: apenas.
- Morais, José Domingos (trad.) (2000) *O Mabinogion*, Lisboa: Assírio e Alvim.
- Motte- Fouqué, Friedrich de la (1989) *Ondina*, Ponta Delgada: João Azevedo Editore.
- Moutinho, José Viale (2005) Portugal Lendário. O livro de ouro das nossas lendas e tradições, Lisboa: Seleções do Reader's Digest.
- Oliveira, Francisco Xavier D'Athaide (2009) *As Mouras Encantadas e os Encantamentos no Algarve*, Lisboa: Arquimedes Livros.
- Parafita, Alexandre (1999) *A Comunicação e a Literatura Popular*, Lisboa: Plátano.
- Pedroso, Consiglieri (1988) Contribuições para uma *Mitologia Popular Portuguesa e outros escritos etnográficos*, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Pereira, Luciano (2007) *A Fábula em Portugal. Contributos para a história e caraterização da fábula literária*, Lisboa: Profedições.
- Santo Moisés Espírito (2006) *Os Mouros Fatimidas e as Aparições de Fátima*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- Santos, Maria Alice Moreira dos (2000) *Dicionário de Provérbios. Adágios, ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas*, Porto Editora.
- Sarmiento, Francisco Martins (1933) *Dispersos, Coletânea de artigos publicados, desde 1876 a 1899, sobre arqueologia, etnologia, mitologia, epigrafia e arte pré-histórica*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- Sarmiento, Francisco Martins (1990) A Mourama, *Revista de Guimarães*, n.º 100, janeiro - dezembro pág. 343-353.
- Sarmiento, Francisco Martins (1990) Crendices. *Revista de Guimarães*, N.º 100, janeiro - dezembro pág. 29-33.
- Silva, Vítor Manuel de Aguiar e (1981) Nótula sobre o conceito de literatura infantil. in Sã, Domingos Guimarães de *A Literatura Infantil em Portugal. Achegas para a sua história, Braga*: Edição da Editorial Franciscana.
- Tente, Catarina / Lourenço, Sandra (1998) *Sepulturas Medievais escavadas nas rochas dos Conselhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*, Revista Portuguesa de Arqueologia, (1.2)
- Vasconcelos de Inácio (1981) *Cancioneiro Popular Português, vol. 3*, Coimbra: universidade.
- Vasconcelos, José Leite de (1964) *Contos Populares e Lendas*, coordenação de Alda da Silva Soromenho e Paulo Caratão Soromenho. 2 vol., Coimbra, Acta Universitatis Conimbrigensis.
- Vicente, Gil (1965): *Obras de Gil Vicente*, Porto: Lello & Irmão – Editores.
- Vítor, Carmen Helena Carepo Matos (2012) *O papel das lendas de mouras na relação com o "outro" nas crianças do primeiro ciclo*. Castelo Branco: IPCB. Escola Superior de Educação. 91 f. Dissertação de Mestrado.

Referências de fontes eletrónicas:

- <https://fabulassonhadas.wordpress.com/abc-das-fadas-e-dos-genios/>
- [https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnio_\(mitologia_%C3%A1rabe\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/G%C3%AAnio_(mitologia_%C3%A1rabe))
- http://pt.fantasia.wikia.com/wiki/Mouras_encantadas
- <http://www.cm-mirandela.pt/pages/319>
- <http://www.memoriaportuguesa.pt>
- <https://pt-comunidades.com/lenda-da-fonte-da-moura-encantada/>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte_da_Moura_Encantada
- <http://portugalparanormal.com/index.php/topic,24082.0.html>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Fonte_da_Moura_Encantada

SÓCIO FUNDADOR DA AICL,

VICE-PRESIDENTE DO CONSELHO FISCAL

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÉNIO 2017-2020.

TOMA PARTE - QUASE ININTERRUPTAMENTE - EM TODOS OS COLÓQUIOS DESDE O PRIMEIRO EM 2002

29. MARGARETE SILVA, TRADUTORA FREELANCE, AICL PRESENCIAL

Margarete Isabel de Almeida Silva nasceu em Angola, e cedo soube o que era viver em países multiculturais e multilinguísticos.

Valeu-lhe um estágio académico na Secção de Tradução Portuguesa do Tribunal de Contas Europeu, no Luxemburgo, onde teve o privilégio de imergir num ambiente plurilinguístico por excelência.

Seguiram-se novas experiências profissionais não menos interessantes como Guia-Intérprete nas Caves de Vinho do Porto e outras incursões no mundo das línguas no continente americano.

Mestre em “Línguas Estrangeiras Aplicadas” (2 anos), pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (2016).

Licenciada em “Línguas e Literaturas Modernas – ramo Tradução” (5 anos), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1998). Tradutora/Intérprete em regime *freelance* desde 1998, atividade que exerce a tempo inteiro.

Formadora de PLE e outras línguas para fins empresariais e aprendizagem individual, com certificação do IEFP, desde 2001.

Sócia da APTRAD – Associação Portuguesa de Tradutores e Intérpretes, desde 2015.

Sócia da AICL – Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, desde 2016.

Gosta de palavras, da sonoridade linguística e dos diferentes sotaques.

Aprecia a escrita como forma de partilhar o que lhe vai na alma.

Tem particular interesse pelas línguas minoritárias e a sua preservação enquanto legado do património linguístico e identidade cultural de um povo.



LOMBA DA MAIA 2016

TEMA 2.2. A FEMINILIDADE/FEMINILIDADE LUSÓFONA* mulher e poesia de autoria feminina, Margarete Silva. Tradutora/Intérprete *Freelance*

Desde os primórdios da história humana até à atualidade, a representação feminina na escrita, na pintura e na arte em geral, fundamenta-se, quase sempre, num estereótipo de submissão ou de iniquidade.

Nesta perspetiva, e baseado nos conceitos de mulher (fêmea, feminismo, feminilidade e feminilidade), pretende-se dar uma visão por via de composições poéticas em que o elemento feminino desperta o masculino, revertendo e desconstruindo valores em torno da sacralização do corpo feminino enquanto expressão de libertação, cumplicidade e contemplação, suscitando-nos a uma reflexão acerca das diferentes possibilidades de figurativização de uma nova feminilidade lusófona (ficcional, social e política) no século XIX.

1. Intro

Com a emancipação da mulher e o fortalecimento dos movimentos feministas, começou a pensar-se acerca do modo como as mulheres escrevem e como os homens as descrevem. Contudo, com o aparecimento de mulheres na literatura lusófona começavam a surgir algumas incertezas:

Será que existe uma maneira feminina de ser, pensar e retratar a mulher?

O que verificamos é que em muitos dos textos líricos de autoras lusófonas há uma busca, através do sujeito poético, da figura clássica do Poeta, ou seja, uma busca angustiada por um “poeta maior” no qual se possam reconhecer.

Lembre-mos-nos que as escritoras surgem no período de florescimento de movimentos feministas, quase simultaneamente no Brasil, Portugal e Angola: final do século XIX e início do século XX, ora retraindo-se, ora ressurgindo-se, durante e depois da ditadura dos três países.

O trato dado pelas autoras à representação autorreferencial do sujeito poético, assim como o sentido que a palavra “Poesia” ganhou no meio académico lusófono, remete-nos para a palavra “Poeta” que surge em muitos dos seus poemas, com o peso da figura masculina.

Seria por falta de um espelho feminino?

Ou os poetas têm sexo?

Diante da negação do valor atribuído aos textos produzidos por mulheres e do patriarcalismo da cultura lusófona, eclodem na poesia das autoras resquícios da herança e do peso da cultura em que estão inseridas: valorizam as suas construções poéticas assumindo-as sob a posição do substantivo masculino, Poeta, como forma de qualificação e de afirmação do “eu” lírico.

Claro que a palavra “Poeta” pode ser entendida como algo suprapessoal, sem distinção de sexos; no entanto, o compromisso com o fazer poético mostra-nos que algo está intrínseco na poesia, ou seja, há uma busca por uma tradição à imagem de um poeta “mais forte”, tipicamente masculino.

Outro fator a ser pensado é que a imagem de feminilidade feita através da literatura foi sempre produzida por homens. Foi sempre a figura masculina que construiu a feminina, desde a primeira menção poética a uma mulher na Literatura Portuguesa, feita por Paio Soares de Taveirós, no século XII, com a sua *Cantiga da Ribeirinha*, até aos moldes romântico e realista, que nos apresentam o casamento como mola propulsora da sociedade e a mulher ora casta e anjo, ora pecadora e demónio. Maria Rita Kehl vem esclarecer-nos que a definição de feminilidade e da mulher é algo moderno:

Se a fala masculina é que define a mulher, e não dá conta do recado – já que o mistério permanece -, é porque a mulher pouco fala. Não vale pensar as grandes exceções ao longo de milénios, Safo, George Sand, Santa Tereza de Ávila, as de sempre. Falar ao mundo, e mais ainda, falar de si, massivamente, é coisa que as mulheres vêm fazendo há menos de dois séculos: coisa de modernidade, portanto. (1996:58)

2. Uma axiologia cultural: feminilidade e “feminilidade”

Paralelamente à rede anatómica do social, cultural e ideológico, constrói-se uma axiologia cultural binária com base em duas categorias do feminino: a feminilidade e a “feminilidade” (Moi: 1985; Ferreira: 2009)⁶⁶. Esta bifurcação no feminino baseia-se na questão de que unidades, no caso da unidade feminina, se compõem de antagonismos e similaridades. A feminilidade responderia pelo perfil de uma mulher tradicional que encarnaria os protótipos dos valores instaurados no e pelo sistema patriarcal: submissão, beleza, emoção. A “feminilidade” abarcaria os valores de uma mulher moderna, gerenciadora do seu tempo e espaço, uma mulher que, muitas vezes, no exercício do poder abre mão da sua feminilidade, já que poder pressupõe, no parâmetro patriarcal, semelhanças com o masculino.

Assim, os caminhos categoriais fazem-se bilaterais: feminilidade e “feminilidade”. A feminilidade, imbuída do seu valor de poder de sedução, estabelece-se no patriarcal, na medida em que a sedução sedimenta o feminino, conhecido pelo seu senso comum como tradicional. Já “feminilidade” perfila o feminino na sua função de poder político, ratificando a sua prática social de poder, não necessariamente fora do sistema falocrático.

O feminino revela a “feminilidade” em ação. Mulheres presidentes, chefes de governo ou primeiras-ministras confirmam a prática do poder no enquadramento social. No entanto, com todas as qualificações indicativas inerentes ao poder (mulheres políticas competentes, firmes, capazes, etc.), a “feminilidade” ainda se ancora no masculino na medida em que o elemento comparativo ainda revela a presença patriarcal. Os atributos referidos no poder feminino estão em contrapartida aos do homem e em menor número de atuação, já que o avanço do poder feminino revela ser esse caminho o já percorrido e estabelecido pelo masculino.

Se pudéssemos ancorar a representação do feminino pela figura de Helena(s), essa figura mitológica do eterno feminino, duas categorias são sugeridas para a constituição da sua representação social: feminilidade e “feminilidade” (Martins Ferreira: 2009). Na feminilidade, encontramos uma Helena que “alimenta o perfil identitário do senso comum da mulher tradicional, provido por arquétipos do sistema patriarcal” (Martins Ferreira: 2009, p. 126) – não é à toa a construção que é feita pelos poetas-masculinos. E, na “feminilidade”, encontramos a Helena de Safo que “escolheu” e agiu – enfim, esta Helena constrói “o sujeito-“feminilidade” [que] precisa afirmar-se no seu meio funcional, adotando elementos que indexem seu posicionamento de força” (Martins Ferreira: 2009, p. 127).

3. A figura feminina, criatura e criadora

Desde sempre a figura feminina, a mulher, foi fonte e razão de inspiração para a poesia.

Se levarmos em conta a nossa civilização ocidental, a poética da mulher abrange a Antiguidade Clássica até à atualidade. Inúmeras pessoas dedicaram-se e dedicam-se à pesquisa e ao estudo desse tema, sob vários prismas, de entre os quais se sobressaem pela intensidade com que são abordados: a poesia inspirada na mulher e a poesia escrita pela mulher.

Enquanto autora de textos poéticos escritos, declamados ou cantados, a presença feminina na literatura fez-se esparsa ou totalmente ausente no espaço cultural ocidental por muitos séculos.

Relembremos que a Literatura dialoga com a História procurando uma aproximação ou uma definição do seu campo real. Ela precisa de estar intimamente ligada à História para que haja uma reformulação do passado para garantir, assim, e cada vez mais, o futuro. Ao longo dos tempos, é comum vermos, em alguns textos, a mulher de uma sociedade patriarcal caracterizada pela submissão, resignação e sofrimento. Confirma-o Zolin (2003: 20), afirmando que “segundo a crítica feminista é, sobretudo a literatura de autoria masculina que tem, ao longo do tempo, representado o emparedamento da mulher nesse silêncio”.

Há muito que as mulheres são as esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anónima e impessoal da reprodução. O corpo feminino, no entanto, é omnipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda a natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas vilas e cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele cala-se. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre os seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade.

⁶⁶ “Feminilidade” é um neologismo criado por Dina Maria Martins Ferreira a partir da obra de Moi (1985) em inglês, de modo a que se atendesse à bipartição cultural dada ao feminino (Ferreira, 2009).

As representações do corpo feminino, tal como as desenvolve a filosofia grega por exemplo, assimilam-no a uma terra fria, seca, a uma zona passiva, que se submete, reproduz, mas não cria; que não produz nem acontecimento nem história e do qual, conseqüentemente, nada há a dizer. O princípio da vida, da ação, é o corpo masculino, o falo, o esperma que gera. Cavernoso, oculto, matricial, o útero subtrai-se.

As representações religiosas, existentes nas grandes religiões monoteístas ocidentais, adotam essas perspetivas. Segundo o Génesis, foi por causa da mulher – Eva – que a dor e o sofrimento se instalaram no mundo.

Na época contemporânea, as coisas mudam, o foco e o ruído alteram-se. O corpo em geral, o corpo da mulher em particular, por ser estratégico no jogo demográfico, passa a ser um centro de saberes mais apurados, de poderes mais articulados e, conseqüentemente, lugar de um discurso abundante. Nesse movimento complexo, qual e parte da mulher e para a mulher?

Primeiramente, elaboram-se novos saberes sobre o corpo. Nesse aspeto, a mulher tinha vastos conhecimentos empíricos dos quais era depositária, ela encarregava-se dos cuidados do corpo, da saúde e da doença, desde o nascimento até à morte.

A modernidade também se fez por novas práticas corporais. A higiene, a água, as loções e perfumes desnudaram os corpos, os quais o espelho e a luz elétrica permitiram que fossem mais bem vistos na sua integralidade. Lavar-se, estar limpas, cheirar bem, cuidar dos cabelos mais curtos passam a ser desejos partilhados pela maioria das mulheres. No século XX, as revistas femininas tiveram um papel notável na difusão desses novos modos de comportamento que afetam as sociedades urbanas.

A necessidade de as mulheres se apropriarem de influências libertadoras e alienantes, fez com que lutassem pelo conhecimento e pela autonomia do seu corpo, a grande bandeira do feminismo contemporâneo. Tal luta tomou formas diversas, segundo as etapas pelas quais passou.

Primeiro, veio o tempo das pioneiras, as que, no anonimato ou na notoriedade, ousam desafiar as proibições e quebrar os tabus. São mulheres de letras que, na poesia ou no romance, oferecem novos tipos de mulheres livres nos movimentos e no coração e que reivindicam até mesmo o prazer amoroso: George Sand, no século XIX, Colette, a mais “feminina” das romancistas; Virginia Woolf, a mais “feminista”. Tantas outras, incluindo as que reclamam o direito ao erotismo ou ao amor lésbico. A partir do período 1900-1920, as mulheres atrevem-se a outro discurso acerca do corpo feminino.

4. O erotismo na literatura feminina

O que é erótico? Seria o mesmo que pornográfico? Ora, dizer algo com erotismo não é o mesmo que fazê-lo com pornografia. A palavra “erótico” vem do grego *erotikós*, e tem significado de relativo ao amor, inspirado pelo amor, ao passo que o termo pornografia trata de assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo. Há uma grande diferença entre um termo e outro. Então perguntaríamos: o que é um texto erótico? A resposta, por certo, dependeria da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escrito e ainda das características da cultura em que foi elaborado.

Octavio Paz (in: Durigan: 1985) assim se expressa acerca do erotismo:

(...) nada mais natural que o desejo sexual; nada menos natural que as formas em que se manifesta e se satisfaz. Na linguagem e na vida erótica de todos os dias os participantes imitam os rugidos e gemidos de todas as espécies de animais. A imitação não pretende simplificar, mas complicar o jogo erótico e assim acentuar seu caráter de representação.

O erotismo não imita a sexualidade, ele é a sua metáfora. O texto erótico é, pois, a representação textual dessa metáfora.

Para Paes (1990), outro tipo de equívoco é o que confunde poesia erótica com poesia amorosa. Embora ambas tenham um tema obsessivo comum – o amor -, tratam-no de maneira tão diversa que terminam por fundar duas tradições históricas em que as divergências contam mais que as ocasionais convergências.

5. A metamorfose

Da mulher, quase não se ouve a voz quando se fala em literatura erótica. O grito masculino é constante e, segundo o autor supracitado, há uma hegemonia quase total de um discurso, por assim dizer, falocêntrico, em que o eros feminino só aparece como ausência ou vazio delimitador.

Como os tempos mudam, a palavra “feminina” tem evoluído ao longo das gerações, expressando diferentes sociedades, diferentes costumes. Se a contenção do universo feminino se foi afrouxando, o mesmo se deu com a sua escrita. Às mulheres não era dada a liberdade de escrever, de mostrar o seu íntimo, de exprimir os seus desejos. Aqui e ali, ouvia-se uma pequena voz e uma delas é a de Safo, na Antiga Grécia, de quem há registos dos primeiros textos eróticos da literatura feminina.

Já se percebia o desejo expresso em metáforas, em poesia, no belo. Séculos guardavam escritos das mulheres. Na Idade Média, as mulheres sofreram perseguição, morte, e poucas se aventuravam a escrever, sobretudo textos eróticos. Pouco relato há acerca do ato de escrever feminino. No período medieval e renascentista, autoras, já em línguas modernas, eram rainhas, como Marie de France (1170), Eleanor de Aquitaine (séc. XII), Marguerite de Navarre (1492-1549), Isabel I da Inglaterra e Cristina da Suécia, que fundou academias literárias no seu exílio em Itália (Lerner: 1993). Eram mulheres privilegiadas, que tiveram educação esmerada e que se dedicaram à literatura – o que não ocorria com a maioria das freiras, analfabetas, da Idade Média.

Já no século XIX, muitas escritoras, na Europa, puderam mostrar os seus textos sem que chocassem os costumes. De entre elas, vale a pena mencionar Lou Andréas Salomé, nascida na Rússia, autora de vários livros (romances e ensaios) e uma das colaboradoras de Freud. Lou foi exemplo de feminismo e de vanguarda na Europa.

Ao longo dos anos, muitos escritores masculinos tornaram-se célebres, conhecidos e estudados pelas suas magníficas obras eróticas. Quer na prosa, quer na poesia, podemos apreciar descrições de belas cenas de amor. Quem de nós não se comoveu ao ler *O amante de Lady Chatterley* ou *Mulheres apaixonadas*, de D. H. Lawrence, ou *Le lys rouge*, de Anatole France? Não menos erótico foi Olavo Bilac no seu poema *A alvorada do amor*. Por que apenas a valorização da palavra masculina, o reconhecimento da sua beleza e não também o da mulher? Por que a sociedade aplaude o homem que canta o corpo da amada e censura a mulher que assim o faz?

Provavelmente, por diversos motivos, tais como:

- a) educação: o povo não está preparado para aceitar a sensualidade exposta da mulher. Falamos da sensualidade da mulher culta, escritora;
- b) cultura: a sociedade acostumou-se com um padrão comportamental feminino e é preciso tempo e trabalho para que as regras mudem, o que somente no século passado, nos idos 1960, na geração pós-pílula, é que conseguimos. O que evoluiu como sociedade, como cultural, como comportamental já sofreu, ao longo desse período feminista, modificações. A geração que antes era silenciosa, depois da pílula se soltou, e mais recentemente foi preciso estabelecer regras por conta das doenças sexualmente transmissíveis, e toda essa revolução dos costumes é refletida, também, na arte (cinema, literatura, pintura).

6. O erotismo como arte poética e resistência na poesia em língua portuguesa de autoria feminina

As representações eróticas do corpo feminino na sociedade ocidental foram, na sua maioria, produzidas por vozes masculinas, que reproduzem padrões binários e refletem as relações hierárquicas de género e poder instituídas pelo patriarcado, em que as mulheres têm os seus corpos colonizados. A mudança do locus enunciativo no texto erótico veio produzir uma rutura no padrão estereotipado das representações poéticas, fazendo com que o corpo feminino, antes subalternizado, dê espaço para a subversão e desconstrução através da autoria feminina.

Três mulheres. Três continentes. Maria Teresa Horta, portuguesa. Hilda Hilst, brasileira. Paula Tavares, angolana.

Contemporâneas do século XX. Partilham o prazer da poesia e a identidade da língua portuguesa. São marcadas por experiências distintas quanto ao processo colonial, mas os seus versos aproximam-se na não-aceitação da (dupla) colonização do corpo feminino. Escrevem através de fissuras e trazem consigo a rutura do cânone fincado no patriarcado. Apesar de utilizarem uma escrita erótica diferente, todas se assemelham no pormenor de transformarem o corpo poético em corpo político, escrevendo sobre o prazer e transgredindo a escrita erótica através do olhar feminino (e, por vezes, feminista).

- Maria Teresa Horta

Corpo a corpo. Constrói-se a poesia, de ardil a ardil e desacato, sedução e posse. Discurso do desejo a despir as palavras, a tirar-lhes lentamente os vestidos, as blusas, as luvas, as saias, os véus, as meias de vidro, com vagues de rumorejo num titilar de pássaro, a deitar o poema no lençol, no joelho, no papel, na pele. (Horta: 2013, p. 19)

Maria Teresa Horta (1937-), nasceu em Lisboa e destaca-se no meio literário em Portugal desde 1960, cuja escrita nasceu de uma exigência radical de liberdade. A sua luta pelos direitos das mulheres é inseparável de uma carreira literária muitas vezes afetada, positiva ou negativamente, pelo seu posicionamento ético. Vale a pena lembrar a publicação das *Novas Cartas Portuguesas*, em 1972, de que foi coautora, e que a catapultam para o universo de autoras femininas.

De acordo com Maria João Reynaud (2001: 32), “o erotismo que percorre toda a sua obra traduz-se na denúncia da repressão sexual que pesava sobre as mulheres nos anos sessenta, num momento em que é posta a nu a articulação entre a escrita e o poder político”. Mas, logo se torna perceptível que esse erotismo extremado é muito mais do que a expressão de um inconformismo lúcido ou de um exercício subversivo da liberdade. A escrita erótica de Maria Teresa Horta é sentida como uma forma intolerável de apropriação de um discurso do prazer, ou da fruição, que era pertença exclusiva do território masculino, não só dentro de uma ordem social e política discriminatória, mas também, e sobretudo, no interior de uma ordem simbólica, onde a própria linguagem é um instrumento de opressão.

Neste sentido, *Minha Senhora de Mim* (1971) é, sem dúvida, um dos livros que assinala um importante momento de viragem na escrita feminina contemporânea e, mais subtilmente, na obra da própria autora.

Ainda segundo a autora supracitada, a poesia de Maria Teresa Horta “afasta-se, contudo, dos imperativos definidores e delimitadores das formas mais radicalizadas do feminismo atual.” Acrescenta, ainda, que “a sua visão do erotismo funda-se no desejo de uma autêntica complementaridade entre a mulher e o homem e esclarece-se à luz da tese platónica da cisão originária dos seres em duas metades e da trajetória de cada uma delas em busca da outra, através do amor”.

- Hilda Hilst

Poeta, dramaturga e romancista brasileira, Hilda Hilst (1930-2004) foi autora de uma vasta obra, que é mais estudada nas universidades brasileiras do que acessível nas livrarias portuguesas. Em Portugal, são poucos aqueles que a conhecem ou já a leram. Mas, por mais estranho que pareça, a escritora é unanimemente reconhecida como uma das mais importantes autoras brasileiras. Distinguida com alguns dos mais significativos prémios literários no Brasil, a sua obra foi traduzida em várias línguas, como o inglês, francês, espanhol, basco, alemão, italiano, norueguês e japonês, e é atualmente considerada uma das vozes mais relevantes da língua portuguesa do século XX.

Nos inícios dos anos 90, Hilda Hilst deixou a literatura dita “séria” para se dedicar à escrita erótica e pornográfica. Destaca-se a tetralogia obscena, composta por *O Caderno Rosa de Lori Lambi*, *Contos D’Escárnio / Textos Grotescos*, *Cartas de um Sedutor* e *Bufolicas*.

Se escrever é uma atividade viciante, escrever poesia é delirante e Hilda alimentava-se das palavras, e com elas amava, brincava, protestava, morria e renascia, dizia tudo e não dizia nada. Hilda falava do amor, do amor físico, carnal, visceral e transcendente, porque não há como dissociar o corpo da alma, a vida da morte, como ela própria escreve em *Do desejo* (1992):

E por que haverias de querer minha alma / Na tua cama? / Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas / Obscenas, porque era assim que gostávamos. / Mas não menti gozo prazer lascívia / Nem omiti que a alma está além, buscando / Aquele outro. / E te repito: por que haverias / De querer minha alma na tua cama? / Jubila-te da memória de coitos e acertos. / Ou tenta-me de novo. Obrigá-me. (Hilst: 1992)

- Paula Tavares

Paula Tavares (1952-) nasceu em Lubango, Angola, e o seu nome ganhou reconhecimento sobretudo por ser uma das principais figuras da literatura contemporânea angolana, na qual a cultura e a ancestralidade do seu povo são reflexo das suas palavras. Após a independência de Angola, muitos poetas escreveram sobre a liberdade e a independência do país, e a figura feminina aparecia em diversas obras como uma metáfora da “Mãe-África”, num tom quase ufanista, reconhecendo por parte de autoras femininas pressupostos de unidade: maternidade e fertilidade enquanto proposta de reverenciar um corpo que existe e que concebeu o seu povo:

Tanto a terra como a mulher são marcadas como símbolos de fertilidade e fecundidade, sendo que a posição social da mulher funciona como um fator fundamental no processo de organização política, económica e religiosa da sociedade angolana. Em decorrência disto, a maternidade passa a ser percebida em muitas sociedades africanas como o elemento que define o significado do signo mulher. (Bezerra: 1999, p. 51)

Em 1985, Paula Tavares publica *Ritos de passagem*, surpreendendo tudo e todos com o seu teor de eroticidade e subjetividade. A sua escrita apresenta-se como revolucionária, justamente por não ressaltar as virtudes da independência, mas por trazer à tona a turbulência política, social e cultural vivida naquele período, revelando o silenciamento da mulher angolana e dos seus desejos por via das tradições.

Os seus temas incluem o quotidiano do povo angolano, a juventude, o gosto pela descoberta do corpo, os rituais que transformam meninas em mulheres, os ritos de passagem carregados de erotismo. Tudo isto ela consegue transformar numa poética com voz feminina marcando a diferença, delimitando a intimidade do corpo como “corpus” e entregando-se ao prazer como ato de resistência.

O universo angolano é constantemente (re)apresentado e atualizado na sua escrita que, por muitas vezes, volta a si mesma, numa espécie de refluxo na apresentação de imagens recorrentes em movimentos ousados, tantas vezes erotizados em busca da harmonização perfeita entre natureza / mulher / África: chamemos-lhe erotismo telúrico. É através desta percepção que a autora consegue capturar belezas naturais, transformando em poesia a paisagem realista pintadas com palavras e esculpida com imagens que remetem para o universo vegetal, animal, humano, cultural e social do país. E nessa ousadia poética que elementos como a “massambala”, a “tacula”, as “machambas”, o barro, a lua, o lago, os frutos, a catana, a cerveja, o milho, e tantos outros que compõem a diversidade e a riqueza cultural da(s) África(s), são constantemente citados. Além disso, a mulher é constantemente representada, seja nas suas funções sociais, como mãe, e/ou principalmente, como ser oscilante em busca da subjetividade e do seu espaço sócio-existencial.

Percebemos, no conjunto da sua obra, a duplicidade da representação feminina, ou seja, por um lado ela traz essa mulher responsável por não deixar morrer a tradição e que busca, ao mesmo tempo, uma (re)avaliação do seu papel social, e por outro lado, talvez até como uma forma de se alcançar essa nova visibilidade, “ela apresenta um corpo feminino amoroso, individual e não coletivizado, um corpo-sujeito e não um corpo-nação.” (Pereira: 2005, p. 78). Por tudo o que atrás foi apresentado, e por tudo que faltou abordar, concluímos que mulher e poesia se confundem e se misturam intensa e intencionalmente. A mulher-poesia contém em si a diversidade do mundo, a declaração de liberdade máxima do ser humano. A mulher é mistério, sedução, erotismo e transgressão. A mulher é a eterna geratriz, figura de maternidade enquanto aspeto específico da mulher e da poesia; dar à luz. A mulher, enquanto poesia, simboliza o ponto fixo e iluminado que permite a navegação segura em mares tempestuosos que tantas vezes se encrespam na vida do ser humano. A mulher-poesia é, finalmente, amiga-irmã-companheira-mãe, e cada um destes papéis corresponderá ao tipo de relação que pretendermos ou escolhermos estabelecer com ela.

7. Bibliografia:

- BEZERRA, Kátia da Costa. *Paula Tavares: uma voz em tensão na poesia angolana dos anos oitenta. Estudos Portugueses e Africanos*. Campinas: UNICAMP, nº 33 e 34, 1999.
- DURIGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e Literatura*. São Paulo. Ática, 1985.
- HILST, Hilda. *Do desejo*. Campinas, Pontes, 1992.
- HORTA, Maria Teresa. *Arte Poética*. In: A Mulher na literatura e outras artes – Comunicações apresentadas no I Congresso Internacional de Cultura Lusófona Contemporânea. Instituto Politécnico de Portalegre – Escola Superior de Educação, 2013.
- KEHL, Maria Rita. *A mínima diferença: masculino e feminino na Cultura*. Rio de Janeiro. Imago, 1996.
- MARTINS FERREIRA, Dina M. *Discurso feminino e identidade social*. 2ª ed. São Paulo: FAPESP / Annablume, 2009.
- _____. *O Feminino Helena: múltiplas vozes literárias*. Revista Mulheres e Literatura, vol. 19, 2017.

PAES, José Paulo. *Erotismo e poesia: dos gregos aos surrealistas*. In: Poesia erótica em tradução. Seleção, tradução, introdução e notas de José Paulo Paes. São Paulo. Companhia das Letras, 1990.

PEREIRA, Érica Antunes. *A expressão do erotismo nas poéticas de Adélia Prado e de Paula Tavares*. Dissertação de Mestrado, UEL Londrina, 2005.

REYNARD, Maria João. *Vozes e Olhares no Feminino*. Edições Afrontamento, Porto, 2001.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Desconstruindo a opressão: a imagem feminina*. In: A república dos sonhos, de Nélida Piñon. Maringá: Eduem, 2003.

É SÓCIA AICL.

TOMOU PARTE NO 26º COLÓQUIO LOMBA DA MAIA 2016, NO 27º EM BELMONTE 2017 E 28º VILA DO PORTO

30. MARGARIDA MARTINS VILANOVA, FUNDAÇÃO MEENDINHO, GALIZA, PRESENCIAL



Belmonte 2017

É SÓCIA DA AICL. TOMOU PARTE NO 14º EM BRAGANÇA 2010, 18º COLÓQUIO NA GALIZA 2012, 27º EM BELMONTE 2017 E 28º EM VILA DO PORTO

31. MARIA DA PAIXÃO COSTA, EMBAIXADORA DA RDTL EM LISBOA, ANTIGA DEPUTADA E VICE-PRESIDENTE DO PARLAMENTO NACIONAL, CONVIDADA DE HONRA CMB



Licenciada em Ciência Política pela Universidade Nacional de Timor-Leste, Maria Paixão da Costa, 53 anos, é mãe de 10 filhos e desde a restauração da independência, até 2012, foi deputada, chegando a ocupar o cargo de vice-presidente do parlamento do país.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

32. MARIA DE LOURDES CRISPIM, CENTRO DE LINGUÍSTICA, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E AICL,



LAGOA 2009



BELMONTE 2017

MARIA DE LOURDES CRISPIM,

Professora Associada de Linguística da Universidade Nova de Lisboa é, desde 2006, Presidente da Comissão Diretiva do Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa. Começou a sua carreira académica na Universidade de Paris III onde ensinou Língua e Linguística portuguesas (1969-1974).

No mesmo período, colaborou com Solange Parvaux, primeira Inspectora-geral do Português em França, nas diligências de integração do ensino do Português no leque das “languês vivantes” do sistema de ensino secundário francês.

O contacto com a integração das crianças de origem portuguesa na escola francesa dos anos 70 despertou-a para a problemática das políticas linguísticas em geral e das políticas linguísticas nacionais relativas à imagem da língua no estrangeiro e em Portugal, em particular.

Em 1976, depois de breve passagem pelo Programa Nacional de Alfabetização, ingressou na Universidade Nova de Lisboa. Licenciada em Filologia Românica pela Faculdade de Letras, com uma dissertação que consistiu numa edição crítica e glossário das Coplas del Menosprecio del Mundo do Condestável D. Pedro, interrompeu durante algum tempo esta linha de trabalho que retomou através da edição crítica e estudo linguístico da tradução portuguesa de uma obra de Christine de Pizan, intitulada Livro das Tres Vertudes, na versão manuscrita, e Espelho de Cristina, na versão impressa de 1518.

O gosto pelos textos medievais e o gosto pelas questões de contacto de línguas têm alternado no seu percurso académico.

Atualmente, o trabalho, com Maria Francisca Xavier, em projetos de corpora e dicionários de português medieval satisfazem o primeiro gosto, o trabalho sobre aquisição do português, língua não-materna, com Ana Madeira, Maria Francisca Xavier e outros, satisfaz o segundo.

O interesse pelo português, língua não-materna, não se esgota na investigação em curso, tendo estado na origem da sua participação num projeto europeu que, em parceria com outras instituições da Lituânia, Estónia, Finlândia e Polónia, levou à realização de um curso online de português para estrangeiros – o projeto ONENESS,

TEMA 2.2. DOCUMENTAÇÃO ANTIGA PARA O NÚCLEO DA LUSOFONIA, MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS DE BELMONTE trabalho conjunto com Maria Francisca Xavier e João Malaca Casteleiro

As modernas tecnologias permitem uma enorme acessibilidade à documentação que se encontra em suporte informático.

No entanto, é também sempre interessante a observação de objetos, neste caso fac-similes e respetivas transcrições.

Assim, propomos proceder a uma seleção e organização de textos medievais, tanto em suporte de papel como digitalizados, que ilustrem a produção escrita em português durante o período medieval desde o séc. XII ao início do séc. XVI, incluídos no Corpus Informatizado do Português Medieval, em /http://cipm.fcsh.unl.pt. Uma possível organização desses textos seria:

- I – período emergente da língua, primeiros documentos até à Notícia de Torto;
- II – período de consolidação, através de textos transacionais, e de organização administrativa por um lado e textos literários (poesia) por outro
- III – período de afirmação, através de textos pertencentes às categorias anteriores e primeiros textos para-literários e literários, em prosa, e textos moralísticos e didático-moralísticos;
- IV – período de expansão, crónicas, relatos (Carta de Pero Vaz de Caminha) e novos géneros literários em verso e em prosa.

Grande parte dos textos portugueses mais antigos encontram-se acessíveis na 'Internet' quer através de *corpora* organizados cronologicamente, como, por exemplo, do CIPM - Corpus Informatizado do Português Medieval e do TMILG - Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega, quer através de bases de dados de diferentes arquivos, particularmente o da Torre do Tombo e o da Biblioteca Nacional.

No entanto, recebemos a proposta de selecionar e organizar um núcleo bibliográfico de textos anteriores aos descobrimentos que passaria a fazer parte do Museu dos Descobrimientos de Belmonte. Procurando dar seguimento a esta solicitação, trazemos para discussão no 29º Colóquio da Lusofonia uma proposta de 1. Seleção de documentos e de 2. Modo de apresentação dos mesmos.

1. Seleção de documentos

Tomámos como base da nossa seleção os textos que integram o CIPM e que datam do século XII ao século XVI. Tratando-se de um longo intervalo temporal em que têm lugar significativas diversificações das produções escritas, uma possível organização desses textos contemplaria três períodos⁶⁷:

1.1. Período emergente da língua

Neste período, identificam-se elementos da variedade galego-portuguesa em textos ainda maioritariamente latinos. Por exemplo:

- Finto de casales de eligoo [2ª met. séc. XII]

(Assunto: «Finto» dos casais de Eligoo que são propriedade do mosteiro de Pedroso)

Hoc est fito de casales de eligoo que tenet alfonsus didaci de monasterio de pedroso. in outeiro. ijos casales. Et dedit didacus torniças ad monasterio petroso a quinta de uilla de eligoo. e sua mulier. altera quinta. Et abbas dominus pelagius comparauit de troitosêdo torniças quanta hereditate habebat in uilla eligoo. por LXXª Modios e mater de sturnio testou ad monasterio de pedroso alia tanta hereditate Et menêdo gũsalui testou ad monasterio pedroso o agru da bouza. e uxor sua {o} Juluira teliz o agru da cernada. Et suo filio didacus dedit suo cortinal de ante porta a pedroso.

- Notícia de auer [2ª met. séc. XII]

(Assunto: "Notícia de haver" discriminando bens de que é credor um certo abade Petro, e algumas dívidas que tem, seguido do seu testamento.)

Noticia de auer que deuen a dar a petro abade In palmazianos super uno casal de afonso rodriguez. vij Morabetinos. O casal de iohane mozo que li meteo fernãdus rodriguez. por. vi Morabetinos. e gunsalo rodriguez fiador que lio deuenda. In paredes super o casal de suero petriz. iij Morabetinos. e medium e meteolio petro petriz filio de samarugo. e alio a defender. De seu pan que uendeu in palmazianos. Martino. petriz. i Moravedil. petro neto do ribeiro. i Moravedil. (...)

- Escrito sobre despesas de Pelagius Suariz [2ª met. séc. XII]

(Assunto: Paio Soares dispõe um "escrito" sobre despesas na aquisição de diversas propriedades.)

Hec est scriptum quod fecit dominus pelagius suariz. de auer que dedit super hereditatem. In primo ad sua germana eluira suariz et suo marido pelagio huariz super hereditate de laurdelo per ipsum casal da nugeira que era inde sua a sesta dedit iij morabitinos. et per ipsa octaua do casal d'antoina viij morabitinos et super hereditate de eluira suariz in ruianes por tercia de uno casal iij moRabitinos et super a peza do campo da presa que fer in lama d'arca ij moRabitinos. (...)

- Carta de foro da Benfeita de Xusana Fernandiz [2ª met. séc. XII]

(Assunto: Susana Fernandes estabelece diminuição no tributo que pagavam os habitantes da Benfeita.)

In dei nomine. hec est carta qui ego mandei fazer Xusana Fernandiz. a u||o||bis ||meis|| homine||s|| de benfeita. de foro qui mihi destes senper mando uobis inde toler quinta de pan e de uino propter amorem dei & per bonum seruicium qui me fecistis senper. qui non haberet panem aut uinum de suis laboribus de iugada de bouuis. (...)

- Pacto de paz entre Gomenze Pelaiz e Ramiru Pelaiz [1173?]

(Assunto: Os irmãos Gomes Pais e Ramiro Pais pactuam a paz entre eles e ajuda mútua face a outros indivíduos.)

Ego gomenze pelaiz facio a tibi irmano. meo ramiru pelaiz isto plazo ut non intret meo maiordomo inilla uilla super uostros homines deslo mormuiral. et de inde antre as casas d'ousenda grade et d'eluira grade. et inde pora pena longa et de ista parte perilla petra cauada de sueiro ramiriz dou uobis isto que seiades meo amico bono. et irmano bono et que adiuderis me contra toto homine fora el rei et suos filios. (...)

⁶⁷ Os exemplos apresentados são excertos das edições listadas nas referências bibliográficas.

1.2. Período de consolidação

Nos começos do século XIII encontramos, já em galego-português, textos em verso e em prosa. Além de um maior número de textos relativamente ao período anterior, observa-se o aumento da dimensão, a diversificação de temas e de funções desses mesmos textos.

Em prosa, surgem em grande número textos notariais - testamentos, doações, compras, vendas e trocas de bens, que podemos considerar de caráter transacional. Surge igualmente, neste período, um outro tipo de textos, que emana das chancelarias e que visa a organização social, jurídica e administrativa – foros e costumes.

Destaca-se como texto inicial, por estar datado e de, por isso, se poder considerar o marco do português histórico o:

- Testamento de D. Afonso II [1214]

En'o nome de Deus. Eu rei don Afonso pela gracia de Deus rei de Portugal, seendo sano e saluo, temẽte o dia de mia morte, a saude de mia alma e a proe de mia molier raina dona Orraca e de meus filios e de meus uassalos e de todo meu reino fiz mia mãda per que depos mia morte mia molier e meus filios e meu reino e meus uassalos e todas aquelas cousas que Deus mi deu en poder sten en paz e en folgãcia. Primeiramente mãdo que meu filio infante don Sancho que ei da raina dona Orraca agia meu reino entegramente e en paz. E ssi este for morto sen semmel, o maior filio que ouuer da raina dona Orraca agia o reino entegramente e en paz. (...)

- Noticia de Torto [1214?]

De noticia de torto que fecerũ a Laurẽcius Fernãdiz por plazo qve fece Go-cauo Ramiriz antre suos filios e Lourẽzo Fernãdiz quale podedes saber: e oue auer, de erdade e dauer, tâto quome uno de suos filios, daquãto podese auer de bona de seuo pater; e fiolios seu pater e sua mater. E depois fecerũ plazo nouo e cõuẽ uos a saber quale: in ille seem taes firmamentos quales podedes saber: Ramiro Gõcaluiz e Gõcaluo Gõcaluiz e Eluira Gõcaluiz forũ fiadores de sua irmana que otorgase aquele plazo come illos Super isto plazo ar fecerũ suo plecto. (...)

- Foro Real [1280?]

Este é o primeyro liuro dos foros que deu don Alfonso rey fillo del rey dõ Fernando rey de Castella e de Tullado e de Leon e de Galiza e de Siuilla e de Cordoua e de Murça e de Jeem.

Primeyro titulo eno primeyro liuro: titulo de Sancta Trijdade e da fe catholica. Segundo [titulo] da guarda del rey e de seu sennoryo. Terceyro titulo da guarda dos [filhos] del rey. Quarto titulo dos que non obedecen ao mandado del rey. Qvinto titulo das guardas e das cousas de Sancta Eygreya. Sesto titulo das leys e dos seus stabellecimentos. Septimo titulo do offycio dos alcaydes. Outauo titulo dos escriuaos que son publicos tabelliones. Nono titulo dos uozeyros. Decimo titulo dos pessoeyros cuyo e o preyto. Vndecimo titulo dos preytos que deuen a ualer ou non. Duodecimo titulo das cousas que son en contenda. (...)

Em verso, estão atestados os diferentes tipos de Cantigas – Cantigas de Amigo, Cantigas de Amor, Cantigas de Escárnio e Maldizer e Cantigas de Santa Maria. Por exemplo:

- Cantiga de Amigo [séc. XIII, s.d.]

*Perdud' ei, madre, cuid' eu, meu amigo:
macar m' el viu, sol non quis falar migo;
e mha sobervha mho tolheu,
que fiz o que m' el defendeu
(...)*

- Cantiga de Amor [séc. XIII, s.d.]

*A gram deryto lazerey,
que nunca home vyu mayor,
hu me de mha senhor quite
e perdi por en seu amor;
e que queria eu melhor
de seer seu vassalo
e ela mha senhor?
(...)*

- Cantiga de Escárnio [1230-35] de João Soares Somesso

*Ogan[o], em Muimenta,
disse Dom Martim Gil:
- Viv'em mui gram tormenta
Dona Orrac' abril*

*per como a quer casar seu pai;
e a quem lho enmenta,
cedo moira no Sil
e a[r] ela, se se com Chora vai.
(...)*

- Cantiga de Maldizer [1201] de Joam Soárez de Pávia a el-Rei Dom Sancho de Navarra

*Ora faz host'o senhor de Navarra,
pois em Proenç'est el-Rei d'Aragom;
nom lh'ham medo de pico nem de marra
Tarrazona, pero vezinhos som;
nem ham medo de lhis poer boçom
e riir-s'-am muit'Endurra e Darra;
mais se Deus traj'o senhor de Monçom,
bem mi cuid'eu que a cunca lhis varra.
(...)*

- Cantiga de Santa Maria [1264-1284]

(Esta é a primeira cantiga de loor de Santa Maria, ementando os VII goyos que ouve de seu Fillo.)

*Des oge mais quer'eu trobar
pola Sennor onrrada,
en que Deus quis carne fillar
bēeyta e sagrada,
por nos dar gran soldada
no seu reyno e nos erdar
por seus de sa masnada
de vida perlongada,
sen avermos pois a passar
per mort' outra vegada.
(...)*

1.3. Período de afirmação e expansão

Continuam as tipologias anteriores e surge uma multiplicidade de textos paraliterários em prosa que abrangem textos didáticos – Livro de Montaria, Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Sela, Leal Conselheiro. Multiplicam-se as traduções de livros didático-moralísticos: Vidas de Santos, Orto do Esposo, Castelo Perigoso, Livro das Tres Vertudes, Sacramental. Ampliam-se os relatos – Demanda do Santo Graal, Crónicas e a Carta de Pero Vaz de Caminha.

2. Modo de apresentação dos documentos

Dependendo do conceito museológico, do espaço e do orçamento a atribuir ao projeto da apresentação de documentação antiga, assim este poderá ser realizado com maior ou menor ambição. Para além das modernas tecnologias permitirem o acesso 'online' dos documentos através de diversos 'links', consideramos interessante e estimulante da curiosidade a observação direta de facsimiles, acompanhados das respetivas transcrições em papel e/ou em formato digital, assim como da apresentação de partituras musicais e respetivos registos sonoros atuais, no caso das Cantigas, de fotografias de iluminuras ou particularidades gráficas interessantes. Apresenta-se a seguir um exemplo de facsimile, outro de uma iluminura e ainda outro de uma ficha técnica de uma versão musical:

- Facsimile do Testamento de D. Afonso II que se encontra no Arquivo da Torre Tombo



Ilustração das Cantigas de Santa Maria

Ficha técnica de uma versão musical da cantiga de D. Dinis

*Pois que vos Deus, amigo, quer guisar
d'irdes a terra d'u é mia senhor,
rogo-vos ora que por qual amor
vos hei lhi queirades tanto rogar:
que se doia já do meu mal.
(...)*



- Intervenientes - Ver pauta / - Ouvir música

Compositor: *D. Dinis*

Direção musical: *Manuel Pedro Ferreira*

Canto (tenor): *Gonçalo Pinto Gonçalves*

Intérprete (conjunto): *Vozes Alfonsinas*

Reconstrução da melodia: *Manuel Pedro Ferreira*

Transcrição da cantiga: *Manuel Pedro Ferreira*

- Gravação

CD 1 Antologia sonora: dos visigodos a D. Sebastião

Vozes Alfonsinas / Antologia de Música em Portugal na Idade Média e no Renascimento

(CD) (Fonte 10)

Ano: 2008, Lisboa, CESEM

8. Referências bibliográficas⁶⁸

Brea, Mercedes (coord.) (1996), *Lírica Profana Galego-Portuguesa*. Santiago de Compostela, Centro Ramón Piñeiro.

Edição digitalizada da Base de Dados em liña da Lírica Profana Galego-Portuguesa do Centro Ramón Piñeiro, www.cirp.es.

- Cantigas de Amor [sem data]

Cintra, Luís Filipe Lindley (1990), "Sobre o mais antigo texto não-literário português: a Notícia de Torto", *Boletim de Filologia*, 31, 21-77. (Texto crítico pp. 37-41). Edição digitalizada para o CIPM:

- Notícia de Torto [1214?]

Cohen, Rip (ed.) (2003), *500 Cantigas de Amigo*. Porto, Campo das Letras.

Edição digitalizada cedida pelo editor para o CIPM:

⁶⁸ As Referências bibliográficas correspondem às fontes dos excertos citados no texto retirados do CIPM.

- Cantigas de Amigo [sem data ou datados entre 1220-1300]
Costa, Pe. Avelino Jesus da (1979), “Os mais Antigos Documentos Escritos em Português”, *Revista Portuguesa de História*, 17, 307-321.
Edição digitalizada para o CIPM:
- Testamento de D. Afonso II [1214]
Ferreira, José de Azevedo (ed.) (1987), *Afonso X, Foro Real*. Lisboa, I.N.I.C. 125-309. Edição digitalizada para o CIPM:
- Foro Real [1280?]
Lopes, Graça Videira (2002), *Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores e Jograis Galego-Portugueses*.
Edição digitalizada cedida pela editora.
- Cantigas de Escárnio e Maldizer [sem data]
Lopes, Graça Videira; Ferreira, Manuel Pedro *et al.* (2011-), *Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. [Consulta em 20 de fev. de 2018 em <<http://cantigas.fcsh.unl.pt>>].
Martins, Ana Maria (ed.) (2000), *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*.
Edições digitalizadas cedidas pela editora para o CIPM:
- Finto de casales de eligoo [2ª met. séc. XII]
- Notícia de auer [2ª met. séc. XII]
Souto Cabo, José António (ed.) (2003), *Nas Origens da Expressão Escrita Galego-Portuguesa. Documentos do século XII*, Braga, Universidade do Minho.
Edições digitalizadas cedidas pelo editor para o CIPM:
- Pacto de Gomes Pais e Ramiro Pais (ca. 1173)
- Carta de foro da Benfeita de *Xusana Fernandiz* [2ª met. séc. XII]
- Escrito sobre despesas de Pelagius Suariz [2ª met. séc. XII]
Mettman, Walter (ed.) (1981), Afonso X, o Sábio (s. XIII) *Cantigas de Santa Maria*, Vigo, Ediciones Xerais de Galicia, SA.
Edição digitalizada do Tesouro Medieval Informatizado da Língua Galega.
- Cantigas de Santa Maria [datadas entre 1270 e 1282].

É SÓCIA DA AICL. TOMOU PARTE NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

33. MARIA FRANCISCA XAVIER, CENTRO DE LINGUÍSTICA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA E AICL



LAGOA 2009

MONTALEGRE 2016

BELMONTE 2017

Professora Associada de Linguística com agregação, aposentada, da Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas e investigadora do Centro de Linguística da mesma Universidade.

Mestre em Estudos Anglo Americanos com uma dissertação sobre *Aux e Caso Abstrato em Inglês – Um Estudo Diacrónico* e doutorada em Linguística Comparada com uma tese sobre *Argumentos Preposicionados em Construções Verbais – Um Estudo Comparado das Preposições A, DE, TO e FROM*.

Tem desenvolvido investigação em dois domínios complementares:

- (i) Estudos sincrónicos e diacrónicos do léxico e da morfossintaxe e da aquisição do Português como língua segunda e
- (ii) criação e desenvolvimento de *corpora* digitalizada e de dicionários do Português Medieval, do Latim Tardio - <http://cipm.fcsh.unl.pt> - e de Português como Segunda Língua.

TEMA 2.2. DOCUMENTAÇÃO ANTIGA PARA O NÚCLEO DA LUSOFONIA, MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS DE BELMONTE trabalho conjunto com Maria Francisca Xavier e João Malaca Casteleiro

É SÓCIA DA AICL

TOMOU PARTE NO 11º COLÓQUIO NA LAGOA EM 2009, 25º MONTALEGRE 2016, 27º BELMONTE 2017

34. MARIA JOÃO CANTINHO, ESCRITORA, CONVIDADA CMB, EDITORA DA REVISTA CALIBAN



Maria João de Oliveira Sequeira Cantinho (Lisboa, 1963), é uma autora portuguesa que viveu a infância em Angola.

Regressou em fevereiro de 1975 e estudou na Universidade Nova de Lisboa, onde se licenciou em Filosofia, realizou dissertação de mestrado e se doutorou, em Filosofia Contemporânea.

É poeta, crítica literária e ensaísta.

Colabora regularmente em várias revistas académicas e literárias, publicou várias obras de ficção, ensaio e de poesia.

É investigadora do CFUL (faculdade de Letras) e do Collège d'Études Juives da Universidade da Sorbonne.

É professora do Ensino Secundário e foi professora do IADE. É editora da revista digital Caliban.

Venceu em 2017 o Prémio Glória Sant'Anna, pela sua última obra de Poesia, *Do Ínfimo*.

É colaboradora na *Revista Colóquio-Letras* e em diversas revistas literárias e académicas e membro do Conselho Editorial do Caderno do Grupo de Estudos Walter Benjamin GEWEBE.

É membro da direção do PEN Clube Português, da APE (Associação Portuguesa de Escritores desde 2014) e da APCL (Associação Portuguesa de Críticos Literários).

Publicou várias obras de Ficção, Poesia e Ensaio. Participa regularmente em mesas-redondas e conferências.

Recebeu o Prémio de Apoio à Edição de Ensaio 2002 da Direção-Geral do Livro e das Bibliotecas, dependente do Ministério da Cultura pela sua tese de mestrado: *O Anjo Melancólico: Ensaio sobre o Conceito de Alegoria na obra de Walter Benjamin*. Coordenou antologias de Poesia para as revistas *Lichtungen* (Áustria) e *Blanco Móvil* (México).

Foi diretora da Revista *Café com Letras* e é atualmente editora da Revista Caliban.

Representou Portugal em vários Festivais de Poesia e de Literatura, como Lodève (Voix Vives du Méditerranée, 2005), Bienal Internacional do Livro de Pernambuco, 2009), Sète (Voix Vives du Méditerranée, 2011), Sidi Bou-Said (Voix Vives du Méditerranée, 2014), Festival International de Poésie de Marrakech, 2015.

TEMA 2.1. As relações entre Portugal, Brasil e África, Maria João Cantinho, editora da Revista Caliban

As relações entre Portugal, Brasil e África conhecem momentos de avanço e recuo, no que respeita à edição e intercâmbio cultural. Após décadas de salutar convívio entre escritores brasileiros (mais do que com africanos, por razões várias e essencialmente políticas), houve uma aproximação interessante por via da edição, a partir de 2000

e ela desapareceu durante alguns anos, estando a ser reativada a mesma, através de publicações físicas e digitais. É importante fazerem-se estas trocas, em lugar de continuarmos de costas voltadas. Conheça o panorama atual, pela própria editora da revista Caliban, publicação lusófona digital.⁶⁹

**TRABALHO FINAL NÃO RECEBIDO DENTRO DO PRAZO.
PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ COMO CONVIDADA DA CMB**

35. MARILENE GENTILI, BRASIL. AICL



LAGOA 2009



BELMONTE

SÓCIA DA AICL

PRESENTE NO 10º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2008, 11º COLÓQUIO NA LAGOA, AÇORES, 2009, 27º BELMONTE 2017

⁶⁹ Ensaio

- O Anjo Melancólico: Conceito de Alegoria na Obra de Walter Benjamin*, Lisboa, Angelus Novus, 2002.
- Reflexões Em torno de Maria Zambrano*, Lisboa, Câmara de Lisboa, 2007. (Coeditado por Maria João Cantinho, Maria João Cabrita e Isabel Lousada).
- Reconhecimento e Hospitalidade*, Lisboa, Edições 70, 2011 (coeditado por Maria João Cantinho, Maria Lucília Marcos, Paulo Barcelos).
- Paul Celan: Da Ética do Silêncio à Poética do Encontro*, Lisboa, Edições Centro de Filosofia, 2015 (coeditado por Cristina Beckert, Maria João Cantinho, Carlos João Correia e Ricardo Gil Soeiro).
- Sousa Dias, *Pré-Apocalypse Now: Diálogo com Maria João Cantinho sobre Política, Estética e Filosofia*, Editora Documenta, Lisboa, 2016.

Poesia

- Abrirás a Noite com um Sulco*, Lisboa, Editora Hugins, 2001 (Menção honrosa do Prémio da Associação Fernando Pessoa, 2001)
- Sílabas de Água*, Lisboa, editora Ver o Verso, 2005 (com a artista plástica Ana Calhau).
- O Traço do Anjo*, Porto, Editora Edium, 2011.
- Do Ínfimo*, Ed. Coisas de Ler, Lisboa, 2016. (recentemente galardoado com o Prémio Glória de Sant'Anna).

Antologias de Poesia

- Cintilações da Sombra II*, Lisboa, Labirinto Editora, 2013 (Editada por Victor Oliveira Mateus).
- La Alquimia del Fuego*, Madrid, 2014.
- 70 Poemas para Adomo*, Nova Delphi, Lisboa, 2015.

Ficção

- A Garça*, Leiria, edições Diferença, 2001.
- Caligrafia da Solidão*, S. Paulo, Editora Escrituras, 2006. (Nomeada como finalista ao Prémio Telecom).
- Cantos de Solidão*, Porto, Editora Ver o Verso, 2006.

Literatura Infantil

- A História do Palhaço Bonifácio*, Porto, Editora Ver o Verso, 2006.
- Os Sete Irmãos*, Porto, Editora Ver o Verso, 2008.

36. MARLIT BECHARA, PRESENCIAL RIO DE JANEIRO, BRASIL, AICL, CONVIDADA



LAGOA 2009



VILA DO PORTO 2011



É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PARTICIPOU DESDE 2007 A 2015 EM TODOS OS COLÓQUIOS. REGRESSOU EM 2017 NO 28º EM VILA DO PORTO, SANTA MARIA



SEIA 2014



FUNDÃO 2015

**37. NILZANGELA LIMA SOUZA, INSTITUTO OLHAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO, BRASIL, CONVIDADA
CMB**



NILZANGELA LIMA SOUZA (usa pseudônimo **NICAH GOMES**) nasceu em 20 de novembro 1972 em Feira de Santana Bahia, radicada em São Paulo desde 1986 formada em artes visuais pela Maria Montessori possui o hábito de ler e escrever desde os quatro anos de idade. Trabalha em seu ateliê há 15 anos onde desenvolve oficinas literárias exposições entre outras atividades. Promove intercâmbios literários e conferências. Escreveu seu primeiro ensaio poético em 2011 "Olhos de Encanto"

seguinte para seu segundo livro “Koesia”. Trabalha com projetos sociais sob chancela da Casa do Poeta de São Paulo como embaixadora cultural, que possui 70 anos de fundação, Embaixadora da Associação dos poetas de Portugal no Brasil. Idealizadora do Festival Olhar da Língua Portuguesa no Mundo que por sua vez está em sua 3ª edição. A dedicação tornou o projeto em Instituto Olhar da Língua Portuguesa no Mundo que tem como objetivo estreitar os laços lusos brasileiros bem como enaltecer as suas raízes.

TEMA 2.1. OLHAR DA LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO, Nilzangela L. Souza

O projeto **O Olhar da língua Portuguesa no Mundo** trata-se de uma antologia poética da língua oficial portuguesa que percorre o caminho entre Portugal e Brasil e vice-versa. A amplitude da Antologia reside no fato dela incluir, aspectos transdisciplinares literários entre arte do cotidiano (poemas) ciências humanas, tendo em conta que os poemas trazem intrinsecamente elementos favoráveis à percepção do olhar da Língua Portuguesa e Brasileira no mundo. As poesias para além de serem um conjunto de registros, representam simultaneamente uma combinação do social e cultural: os poemas retrataram o modo de ser e estar incluindo usos, hábitos e costumes das pessoas que habitam nos dois países. Vamos promover a poesia como também crônicas cotidianas que retratam o modo de ser e estar da nossa população, porque letras estimulam todos os sentidos. E podem expressar nossa sociedade.

Através de saraus da poesia e arte, exposições em espaço urbano a céu aberto e locais fechados, poesia musicada, degustada através de vivências promovidas de forma culta ou coloquial, que promovam as raízes de nosso país. E assim manter acesa a chama do patriotismo sentimento de nossa população. A nossa língua é o veículo hereditário de nossas riquezas, por meio da oralidade iniciamos a história da humanidade e para reverberar veio a escrita, com isto faremos intercâmbios literários, partindo do princípio que possuímos povos lusos e brasileiros nesta terra amada de riquezas mil. No Brasil, encontramos em todos os cantos do país a poesia através de nosso povo, da cultura e diversidade cultural. É aproveitando estas culturas que criamos experiências por meio de leituras vivenciadas ou imagéticas. Com tantos signos expostos promoveremos encontros e desdobramentos líberos musicais para abrilhantar ainda mais nossa língua por meio de nossos escritores e poetas lusos e brasileiros.

[Veja aqui a apresentação do trabalho](#)

**PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ
É CONVIDADA DA CMB**

38. NORBERTO ÁVILA, DRAMATURGO AÇORIANO, TERCEIRA, PRESENCIAL



GRACIOSA 2015



SEIA 2013



MAIA 2013

NORBERTO ÁVILA⁷⁰ nasceu em Angra do Heroísmo, Açores, a 9 de setembro de 1936.

⁷⁰ BIBLIOGRAFIA

- 1960, O Homem que Caminhava sobre as Ondas. Peça em 3 atos que marca estreia absoluta do dramaturgo Sociedade Dramática Eborense, Évora. Ed autor, Lisboa.
- 1962 O Labirinto, inédito
- 1962, O Servidor da Humanidade. Peça em 1 ato. Prémio Manuscritos de Teatro, 1962. Estreia do autor por uma companhia profissional: Teatro Popular de Lisboa, Estufa Fria, Lisboa, Ed. Panorama,
- 1965, A Pulga, inédito
- 1965, A Ilha do Rei Sono. Estreada em Paris em 1965; representada também em vários teatros portugueses e alemães,
- 1965 Magnífico I, inédito

- 1966, *As Histórias de Hakim* (1966). 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça
- 1966, *A Descida aos Infernos*. Farsa dramática em dois atos. Peça estreada pela RTP
- 1968, *As Histórias de Hakim*. Peça em 3 atos. 4 edições em Portugal e 4 na Alemanha. Obra representada em muitas dezenas de teatros de Portugal, Alemanha, Áustria, Brasil, Checoslováquia, Coreia do Sul, Croácia, Eslovénia, Espanha, Holanda, Roménia, Sérvia e Suíça.
- 1972, *A ilha do rei Sono*, Lisboa, Plátano Ed
- 1972, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.
- 1975, *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA.
- 1976, *As Cadeiras Celestes*. Farsa popular em dois atos. 1º Prémio dos “50 Anos da Sociedade Portuguesa de Autores” Repertório da SPA. Lisboa, Ed. Prelo Editora
- 1977, *O Rosto Levantado*. 1ª ed., em *Algun Teatro*, Câmara Municipal de Lisboa, 2009.
- 1977, in *Antologia de poesia açoriana, do séc. XVII a 1975*, coord de Pedro da Silveira, Ed Sá da Costa.
- 1977, *O Rosto Levantado* (1977 e 1978). 1ª ed. em *Algun Teatro*, IN-CM, Lisboa, 2009.
- 1977, *A ilha do rei Sono*, 2ª ed., com edição em alemão, Lisboa, Plátano Ed
- 1978, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”.
- 1979, *O Pavilhão dos Sonhos*, inédito
- 1980, *Viagem a Damasco*, Ed SREC, Angra do Heroísmo,
- 1988 *Os Deserdados da Pátria*, 1ª versão, inédito
- 1982, *Do Desencanto à Revolta*.
- 1983, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, que nesse mesmo ano a representou. “Prémio à Publicação”, da Associação Portuguesa de Escritores.
- 1983, *A Paixão Segundo João Mateus*, Angra, Ed SREC
- 1985, *D. João no Jardim das Delícias* (1985).
- 1986, *Magalona, Princesa de Nápoles*
- 1986, *Hakims Geschichten: Kinderstück von Norberto Avila; Kindertheater, Spielzeit 85/86, WLB, 1986 -*
- 1987, *D. João no Jardim das Delícias*. Ed. Rolim, Lisboa,
- 1988, *Viagem a Damasco*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1988.
- 1988, *D. João no Jardim das Delícias*, peça estreada pelo Teatro Experimental de Cascais
- 1988 *Os Deserdados da Pátria Ver Do Desencanto à Revolta*
- 1988, *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,
- 1989, *O Marido Ausente*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. 1989, *As Viagens de Henrique Lusitano* (1989).
- 1990, *Viagem a Damasco*, estreada pelo Grupo de Teatro Alpendre, Angra do Heroísmo.
- 1990, *As Viagens de Henrique Lusitano*. Edição SPA, Lisboa,
- 1990, *A Donzela das Cinzas* (1990).
- 1990, *Magalona, Princesa de Nápoles*. Angra, SREC
- 1990, *Uma Nuvem sobre a Cama* (1990). Escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1990, *Florânia ou A Perfeita Felicidade*. Escrita a convite do Teatro Experimental do Porto, Ed. Signo, Ponta Delgada,
- 1990, *A Donzela das Cinzas*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1990, *Magalona, Princesa de Nápoles*. Ed. SREC, Angra do Heroísmo.
- 1991, *As Viagens de Henrique Lusitano: narrativa dramática em 2 partes (versão para marionetas)*, Sociedade Portuguesa de Autores, 1991 - 91 páginas
- 1991, *Uma Nuvem sobre a Cama*. Escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1991.
- 1991-1993, *O Marido Ausente*. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas “Teatro Europeu Hoje”, em 6 países.
- 1992, *A Donzela das Cinzas* (1990). Ed. SREC, Angra do Heroísmo, 1992
- 1992, *Arlequim nas Ruínas de Lisboa*. Escrita a convite do Inatel. Teatro da Trindade, Ed Escola Superior de Teatro e Cinema, Lisboa,
- 1992, *As Fajãs de São Jorge*, Álbum. Fotografia e texto. ed. Câmara Municipal, da Calheta, São Jorge, Açores,
- 1993, *No Mais Profundo das Águas*, romance.
- 1993, *Os Doze Mandamentos* (1993). Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre
- 1994, *Os Doze Mandamentos*. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a representou em 1994. Ed. SREC, Angra do Heroísmo,
- 1995, *Fortunato e TV Glória*.
- 1996, *A Paixão Segundo João Mateus*. 2º Prémio dos “30 Anos do Teatro Experimental do Porto”. Estreada pelo Teatro “A Oficina”, Guimarães.
- 1996, *O Café Centauro*. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio,

De 1963 a 1965 frequentou, em Paris, a *Universidade do Teatro das Nações*. Criou e dirigiu a Revista *Teatro em Movimento* (Lisboa, 1973-75). Chefiou, durante 4 anos, a Divisão de Teatro da Secretaria de Estado da Cultura; abandonou o cargo em 1978, a fim de dedicar-se mais intensamente ao seu trabalho de dramaturgo. Traduziu obras de Jan Kott, Shakespeare, Tennessee Williams, Arthur Miller, Audiberti, Husson, Schiller, Kinoshita, Valle-Inclán, Fassbinder, Blanco-Amor, Zorrilla e Liliane Wouters. Dirigiu para a RTP (1º Canal), a partir de novembro de 1981, a série de programas quinzenais dedicados à atividade teatral portuguesa, com o título de *Fila 1*.

As obras dramáticas de Norberto Ávila, maioritariamente reunidas na Coletânea *Algum Teatro* (20 peças em 4 volumes, Imprensa Nacional - Casa da Moeda) têm sido representadas em diversos países: Alemanha, Áustria, Bélgica, Brasil, Coreia do Sul, Eslovénia, Espanha, França, Holanda, Itália, Portugal, República Checa, Roménia, Sérvia e Suíça.

www.norberto-avila.eu - oficinadesrita@gmail.com

POEMA "DECLARAÇÃO" https://www.youtube.com/watch?v=G8-FiFrK2Ss&index=148&list=PLwjUyRyOUwOKyMkaiepZif1C_4vtvkeRI

ver caderno de estudos açorianos em <https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html#>

ver vídeo homenagem **Maia2016**

VER VIDEO HOMENAGEM Montalegre2016

ver vídeo homenagem **Graciosa 2015**

É SÓCIO AICL

FOI AUTOR HOMENAGEADO EM 2016 E NO 4º PRÉMIO AICL AÇORIANIDADE.

JÁ TOMOU PARTE NO 19º COLÓQUIO MAIA (AÇORES) 2013, 20º SEIA 2013, 21º NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES) 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º GRACIOSA (AÇORES) 2015, 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA (AÇORES), 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO UM EXTRATO DA PEÇA DESERDADOS DA PÁTRIA SERÁ REPRESENTADO PELO TEATRO DAS BEIRAS NESTE COLÓQUIO

1997, O marido ausente, Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou em 1989. Traduzida em Polaco, Francês e Italiano. Escolhida para representar a dramaturgia portuguesa nas jornadas "Teatro Europeu Hoje", em 6 países (1991 a 1993), Lisboa, ed. Colibri

1997, Uma nuvem sobre a cama, comédia erótica em duas partes, Lisboa, ed. Colibri

1997, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, estreada pelo Grupo de Teatro "A Oficina", Guimarães

1998, Os Deserdados da Pátria (1988). (Ver Do Desencanto à Revolta 2003.)

1998, Fortunato e TV Glória. Peça estreada pelo Teatro Animação de Setúbal,

1998, No Mais Profundo Das Águas, romance, Lisboa, Ed. Salamandra

1999, Percurso de Poeta, poesia. Prémio Natália Correia, 1999. ed. autor, Lisboa,

1999, A Donzela das Cinzas. Estreada pelo Teatro Passagem de Nível, Alfovelos,

2000, Salomé ou A Cabeça do Profeta. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, que a estreou. Ed Novo Imbondeiro, Lisboa

2002, O café centauro: tríptico provinciano, Novo Imbondeiro Editores, 2002 - 86 páginas

2002, As Suaves Luvas de Londres. Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa

2002, O Café Centauro. Tríptico provinciano: Cavalheiro de Nobres Sentimentos – As Invenções do Demónio, *As Suaves Luvas de Londres*, ed. Novo Imbondeiro, Lisboa

2003, Do Desencanto à Revolta, conjuntamente com a peça Os Deserdados da Pátria, com a qual forma um díptico Ed. Novo Imbondeiro, Lisboa,

2003, Frente à Cortina de Enganos, romance, Inédito

2004, Arlequim nas ruínas de Lisboa, Novo Imbondeiro, Lisboa.

2006, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, ed. Instituto Açoriano de Cultura, Angra do Heroísmo,

2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre,

2007, Para Além do Caso Maddie. Peça escrita a convite do Teatro de Portalegre, estreou em 2008.

2008, Memórias de Petrônio Malabar. Peça expressamente escrita para a revista Prelo, que a publicou no seu nº 8 maio - agosto de 2008.

2009, Da espiga ao espírito, Angra, in Atlântida, vol LIV, IAC (Instituto Açoriano de Cultura)

2009, O Rosto Levantado. 1ª ed., em *Algum Teatro*, Câmara Municipal de Lisboa,

2009, O Rosto Levantado, Teatro CENDREV, Évora

2009, *Algum Teatro*, 1966-2007. Vinte peças em 4 volumes, com um longo prefácio: Apresenta-se o Autor com as Suas Peças. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.

2011, A Paixão Segundo João Mateus Romance Quase de Cordel, Angra, Instituto Açoriano de Cultura,

2011, O Bobo. Versão dramática do romance de Alexandre Herculano, Edição da Sociedade Portuguesa de Autores / Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2011

2013, Coletânea de Textos Dramáticos de Helena Chrystello e Lucília Roxo, AICL-Colóquios da Lusofonia ed. Calendário de Letras V. N. de Gaia

2013, Dois irmãos gémeos de Santa Comba e outras histórias, in *Atas do 20º colóquio da lusofonia*, Seia, Portugal

2014, *Algum teatro na internet*, in *Atas do 22º colóquio da lusofonia*, Seia, Portugal

39. PEDRO PAULO CÂMARA, ESCOLA PROF. APRODAZ, ESCRITOR, AÇORES, AICL, PRESENCIAL



Montalegre 2016



LOMBA DA MAIA 2016



SEIA 2014



LOMBA DA MAIA 2016

PEDRO PAULO CÂMARA, É licenciado em Português-Inglês, pela Universidade dos Açores,



BELMONTE 2017



LOMBA DA MAIA 2016



MONTALEGRE 2016



VILA DO PORTO 2017

Tem pós-Graduação em Estudos Interculturais - Dinâmicas Insulares, é professor desde 2003, sendo, na atualidade, coordenador do Centro de Ocupação - Circum-Escolar “Farol dos Sonhos” e formador, em diversas escolas privadas, das disciplinas de Português; Linguagem e Comunicação; Fundamentos de Cultura, Língua e Comunicação e Cultura, Comunicação e Media. É autor da obra *Perfumes* (Poesia, 2011); de *Saliências* (Poesia, 2013), e do romance histórico *Cinzas de Sabrina* (2014), sendo a sua mais recente colaboração em coletâneas *O Lado de Dentro do Lado de Dentro*, projeto que visa a promoção da leitura em ambiente prisional.

Durante o período da sua existência, foi colaborador e representante regional da revista poética A Chama – Folhas Poéticas.

Em 2011, foi galardoado com a menção honrosa no Concurso Aveiro Jovens Criador, na área de Literatura, com o conto “Madrugadas”, pela Câmara Municipal de Aveiro.

Em 2013, foi o vencedor do concurso regional DiscoverAzores, promovido pela Mirateca artes, com o conto (Re)Descobrir Açores, sendo que, desde então, tem colaborado na organização de várias iniciativas no Azores Fringe Festival e participado de diversos eventos do mesmo.

É o coordenador dos saraus poéticos “Vozes de Lava”, que contam já com duas edições, em colaboração com o Coro Polifónico de Ginetes, do qual é, também, consultor artístico.

Desde 2014, é colaborador do magazine local *O Poente*. É, atualmente, também, o mentor da iniciativa socioeducativa e artística Cadernos de Atividades de Extensão e Dinamização Cultural, projeto este que visa promover o espírito de comunidade e educar pela arte e que está em implementação na freguesia de Ginetes, ilha de São Miguel, e que, posteriormente, irá envolver as freguesias circundantes, num processo natural de evolução.

SÓCIO DA AICL.

SECRETÁRIO DO CONSELHO FISCAL DA AICL. COORDENADOR AICL PARA AS ESCOLAS

PARTICIPOU NO 22º COLÓQUIO SEIA 2014, NO 25º EM MONTALEGRE 2016, 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO 2017

40. PIKI PEREIRA (da ROSA), CANTORA TIMORENSE



Lisete Matos Gomes Pereira da Rosa, mais conhecida como Piki Pereira, nasceu no dia 20 de julho de 1965 na cidade de Dili, em Timor-Leste. Iniciou o seu percurso musical com tenra idade, ganhando gosto de cantar e tocar viola aos 10 anos.

Sem nenhuma formação musical, a cantora foi aprendendo e aperfeiçoando a arte por si própria.

No ano seguinte, 1976, teve a sua primeira experiência musical com o grupo *Five Fingers*.

No entanto, ainda teve tempo para se dedicar ao desporto praticando as modalidades de basquetebol, patinagem e vôlei, chegando até representar a seleção de Timor nos anos vindouros, nas modalidades de futebol, basquete e também vôlei.

Quatro anos após ter iniciado a sua caminhada na música, deu-se o fim da banda *Five Fingers* e a cantora tentou seguir a sua carreira a solo, atuando em festas, casamentos e festivais que decorriam no país.



Existindo pouquíssimas mulheres a cantar naquela época, Piki foi convidada para integrar o grupo Arco-Íris, que tinha como vocalista o famoso cantor timorense Tony Pereira, juntando-se a ele e aos restantes, mas com o título de voz feminina da banda, reforçando a ideia de que as mulheres poderiam conquistar o seu espaço no panorama musical e ajudar a expandir a cultura timorense.



A banda Arco-Íris teve imenso sucesso, chegando a gravar sete álbuns (cassetes) e atuando em várias partes do país.

Mais tarde, o grupo estaria completo com as presenças de Chico Gama (vocalista/viola) Dinus Guttenberg (baixo) e Anito Matos (voz), que juntam-se assim a Tony Pereira, Piki Pereira e José Cameirão.

Em 1982, a cantora ganhou o Festival da Canção em Timor, onde teve a oportunidade de cantar no mesmo palco que muitos cantores e grupos famosos da época.

Em 1987, Piki, juntamente com a sua família, abandona Timor-Leste devido à situação política e de guerra em que se encontrava o país, e imigra para Portugal, para a cidade de Lisboa, concretamente para a zona de Carcavelos onde viveu alguns anos com a sua família numa pensão.

Apesar das mínimas condições em que se vivia, nada impediu que continuasse a cantar e que tentasse singrar nesta nova realidade que era representar a identidade cultural do seu país em terras lusas.

Tendo a felicidade de conhecer alguns amantes da música timorense na zona onde residia, apresenta-se logo a ensaiar algumas músicas tradicionais que, mais tarde, cantou em concertos em sítios conhecidos como a Aula Magna, Teatro S. Jorge e em festivais folclóricos em redor do país.

Não deixando o seu amor pelo desporto, Piki Pereira representou a equipa de voleibol feminino da Instituição Sporting Clube de Portugal até 1989, conquistando alguns troféus e alegrias com os simpatizantes do clube, naquela altura.

Alguns anos mais tarde, casou-se e constituiu família abdicando da música devido à falta de tempo e trabalho.

No ano corrente, vive com a família em Belas e encontra-se a realizar um trabalho discográfico com a colaboração de António Soares, mais conhecido por NickFingers.

Apesar da longa paragem devido a motivos de força maior, a cantora está de volta e espera continuar a desenvolver o seu trilho, naquilo que mais gosta de fazer.

Piki Pereira Rosa,

Lisboa, 6 de março 2014,

Piki Pereira Rosa - Vokalista no muzika

[OUÇA-A AQUI](#) OU

[EM https://www.youtube.com/watch?v=QDDOxIRue9w&list=RDQDDOxIRue9w](https://www.youtube.com/watch?v=QDDOxIRue9w&list=RDQDDOxIRue9w)

<https://youtu.be/JhnWhL6lWJ4>

https://youtu.be/ucXSn1WMKbU?list=PLwjUyRyOUwOJXfW91m4BUdRyrE_5Rtf_F

JÁ PARTICIPOU EM SEIA NO 22º COLÓQUIO 2014

41. RAUL LEAL GAIÃO, AICL



SEIA 2014



Montalegre 2016



MAIA 2013



SEIA 2014

RAUL LEAL GAIÃO,

É mestre em Língua e Cultura Portuguesa - Estudos Linguísticos pela Universidade de Macau (UM).

Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e em Ciências Literárias pela Universidade Nova de Lisboa.

Lecionou *Filosofia* e *Psicologia* no Ensino Secundário e *Sintaxe, Semântica e Morfologia, Língua Portuguesa, Técnicas de Expressão do Português* no Ensino Superior.

Colaborou na elaboração de dicionários da língua portuguesa: *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (Verbo, 2001), *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa* (Editorial Objetiva, 2001; Círculo de Leitores, 2002), *Dicionário Global da Língua Portuguesa* (LIDEL, 2014).

Tem efetuado investigação na área do crioulo de Macau - falar macaense, bem como noutros temas ligados a Macau.

Em 2011 no 15º colóquio em MACAU iniciou o projeto dos missionários açorianos no Oriente.



01.11.2017 13:57



01.11.2017 13:57

VILA DO PORTO 2017

TEMA 2.2. FALAR FRONTEIRIÇO DA SERRA DAS MESAS, Raul Leal Gaião

No extremo meridional das terras de Riba-Côa, as povoações raianas do concelho de Sabugal encravadas nas proximidades da Serra das Mesas (e da Serra da Malcata), desenvolveram ao longo do século XX contactos frequentes com as populações vizinhas do outro lado da fronteira política, contactos através do contrabando diário e intenso com Espanha. Estas relações originaram fortes interferências linguísticas, do espanhol nos falantes das aldeias vizinhas da Serra das Mesas. Apesar da diminuição da atividade do contrabando a partir dos anos 60 do século XX, com o início da emigração, principalmente para França, as particularidades fonéticas, morfológicas e principalmente lexicais continuam

em parte presentes, a que se veio sobrepor uma nova camada linguística, de influência francesa, com a presença e o regresso parcial dos emigrantes. Pretendemos apresentar alguns apontamentos sobre o estado do falar de uma destas comunidades fronteiriças.

1. Introdução

“Para viver ou sobreviver era preciso semear o pão (o centeio), lá pela Santa Eufémia, num ciclo de trabalho ao longo do ano, “decruar”, estravessar, semear, ceifar com a jorna dos ceifadores, malhar ao mangual, e depois para fazer o pão, o centeio é claro, as mulheres amassavam, deixando fintar a massa, tendiam, colocando os pães no tabuleiro coberto com um panal. Com os restos da massa faziam uma bica de azeite ou uma bica com ratinhos, levando tudo para o forno do povo para cozer, deixando como paga ao forneiro, a poia.

Era nas escaleiras que no inverno, ao sol, as mulheres murmuravam, enquanto faziam meia ou cosiam uma chambra. Brincava-se na rua, os rapazes à maluta, à raiola, ao pião, ao saltibão as raparigas à corda, à choina, às chinas, à calhandra, enquanto as mães passavam o tempo a aporrear pelos filhos, com receio que os filhos dessem um tramponço e fizessem alguma brecha.

Para os filhos por vezes faziam o bô doce de botelha ou d’abóbra ou o calabacote. Os rapazes faziam as rondas e o banho ao domingo e exigiam o albroque aos que de fora pretendiam uma rapariga da terra. Elas tinham que fazer a bienda para os marranos, partir as coíbes, a botelha e ir colocar tudo no cunco. As mulheres lavam a roupa na rebeira dobradas sobre as banquetas.

Acumulando com os trabalhos do campo, fazia-se o contrabando, os homens durante a noite, com o carregó às costas ou com o odre de azeite, sempre a fugir aos carabineiros iam a caminho de Valverde ou das Elhas. As mulheres, pela manhã, sempre com caraba, levavam o leite pelas picerras até Valverde.

Nas festas, deitavam-se as cacadas no Carnaval e liam-se os ditos às raparigas. Quase no fim do verão as capeias eram a grande festa. Depois do encerro, os bois eram corridos com o forcão, os rapazes à galha e o rabejador a orientar o forcão. As calampeiras e os parames enchiam-se de gente, mas havia sempre mais um campinho para quem chegava tarde ou para um amigo.

A vida comunitária permitia uma mais fácil realização das tarefas, como no caso dos carretos. O carroto destinava-se a acartar as pedras de cantaria das cancheiras da serra. Avisavam-se todos os que da comunidade tinham juntas de vacas, ficando de fora aqueles com quem se estava a mal. Logo de manhã os carros de vacas (não de bois, pois estes apenas entravam de serviço quando as vacas estavam toirandas; era preciso levá-las ao boi, era sempre um prejuízo quando a vaca deitava a barriga). Os carros carregavam a pedra, subiam e desciam a serra, comendo, os homens, pelo caminho, bacalhau dessalado/desfiado e bebendo uns copos de vinho. O dia não dava para mais de duas carradas, rematando o trabalho com um caldo de grabanços e guisado de cabra ou de cheberra, na melhor das hipóteses, por vezes com sobremesa, as milharas. Não se cumprimentavam com bom dia, mas com “Deus nos dê bôs dias”, ou “já almoçou?” ou à tarde “já jantou?”, ou numa saudação, ou antes “dando a salvação” com “*venha com Deus*”, caindo do outro lado a resposta “*vá com Deus*”. As pessoas não andavam à zaragata, mas à bulha. Com os homens, cabriados, caíam bordoadas ou levavam muita cachaporrada. As forquilhas e os estadulhos viam-se no ar quando a coisa era mais feia.”

“Vindos de França, os emigrantes comem a cassacruta pela manhã, veem a telé, despejam a pobela, agora que já têm caixotes do lixo, alguns, após a retraite, vão a França tratar da santé, chegam rapidamente porque vão sempre pela autorruta, sem arretar.”

Neste texto espelha-se a história linguística das terras da Serra das Mesas num falar com influências diversas. Há talvez a ideia de que os falares regionais vão desaparecendo. Apesar de todas mudanças sociais, abertura das vias de comunicação, e a forte presença dos novos meios de comunicação, os falares regionais ainda persistem, sendo cada vez mais estudados, estudos refletidos no aparecimento de inúmeros glossários.

Este texto, mais ou menos opaco, insere a linguagem na cultura das comunidades raianas da Serra das Mesas. Atribuimos a esta comunicação o título “Falar fronteiriço da Serra das Mesas”, porque as aldeias (Foios, Aldeia do Bispo, Quadrazais, Vale de Espinho, Aldeia Velha, Lageosa, Soito e até Alfaiates...), sobranceiras à serra das Mesas, ou pelo menos próximas, têm um passado comum, uma história que originou um falar próprio que ainda se vai mantendo, apesar das fortes mudanças originais que contribuíram para uma forte mudança cultural: pertenceram às terras de Riba-Côa repovoadas por Afonso IX e pelos reis leoneses e onde, na perspectiva de Lindley Cintra, teriam existido falares idênticos, de tipo galego-português. (Cintra, 1959). Sem vias de comunicação, ao longo do século XX até aos anos sessenta intensificou-se o contrabando e o comércio com o outro lado da fronteira, nomeadamente com a região de Xalma (na vertente espanhola, ou nas proximidades da Serra das Mesas); a partir dos anos sessenta a avalanche de emigrantes para França e uma pequena parte (pessoal com formação) para os centros urbanos nacionais, foram-se esvaziando estas comunidades, reduzidas presentemente a uma população envelhecida, mas introduzindo uma nova camada linguística no falar desta zona.

No falar destas aldeias cruzam-se vários tipos lexicais. Qual a situação presente depois destas transformações? Que léxico se mantém e qual vai desaparecendo? Qual o léxico ativo e passivo?

2. As Terras de Riba-Côa

A região de Riba-Côa e a zona onde estão situadas as aldeias sobranceiras à Serra das Mesas foram repovoadas no primeiro terço do século XIII por Afonso IX, favorecendo “a colonização por galegos das zonas semidesertas para além da serra e da Estremadura leonesa, como demonstra claramente a toponímia.” (Cuesta, 1971). Este repovoamento das terras de Riba-Côa, integradas na época no reino leonês, foi feito, não só por galegos, mas também por leoneses. A região de Riba-Côa é definitivamente incorporada em 1297, pelo tratado de Alcanizes, “reconhecendo o soberano de Leão as pretensões de D. Dinis.” (Maia, 1977).

Do ponto de vista eclesiástico, Riba-Côa pertencia ao bispado de Ciudad Rodrigo. Embora o tratado de Alcanizes conceda à Monarquia Portuguesa o poder temporal de Riba Côa, preserva o poder espiritual de Ciudad Rodrigo, “pelo que os habitantes de Riba Côa continuavam a ter direito de circulação, tal como o tinha o Arcipreste do Côa, dignidade da Sé Catedral de Ciudad Rodrigo, com jurisdição em Riba Côa”. (Gomes, 1981). Aquando da crise de 1380-1385, o bispo de Ciudad Rodrigo, que se negou a obedecer ao Papa de Avinhão, refugiou-se em Lamego, entregando-se à Sé lamecense o governo espiritual das Terras de Riba-Côa. Em 5 de julho de 1403, o papa Bonifácio IX incorporou oficialmente Riba Côa na diocese de Lamego.

3. Serra de Xalma – O “português dialetal da região de Xalma”, A Fala

Em Valverde del Fresno, Eljas e S. Martin de Trevejo, aldeias situadas no extremo noroeste da província de Cáceres, ao sul da serra de Xalma, e próximas da Serra das Mesas, do outro lado da fronteira, [...] “fala-se uma curiosa variedade de galaico-português com alguns traços leoneses” (Cuesta, 1971: 72), havendo aspetos fonéticos do falar destas aldeias **caraterísticosearacterísticoseos** do galego e do leonês. “Os artigos, possessivos, demonstrativos, relativos e pronomes pessoais são galaico-portugueses. No sistema verbal, pelo contrário, predominam as formas leonesas.” (Cuesta, 1971: 73).



Como referimos anteriormente, a região do Ribacoa e a zona onde estão situadas estas aldeias foram repovoadas no primeiro terço do século XIII por Afonso IX. A ele se deve o caráter galego, mais do que português, embora com ligeiras sobreposições leonesas, do falar de Valverde del Fresno, Eljas e S. Martin de Trevejo, “cujo sistema linguístico se conservou até aos nossos dias bastante puro graças ao isolamento de uma das zonas de piores comunicações de toda a Península.” (Cuesta, 1971: 73). “Em Riba-Côa, embora sob a direção de um rei leonês, a colonização parece dever-se essencialmente a galegos. O grande número de nomes de lugar formados com Galegos, Galego, Galega, revelados pela toponímia menor de Riba-Côa, e a linguagem essencialmente galega dos foros de Castelo Rodrigo e dos falares da região de Xalma teriam a sua origem e explicação nos repovoadores galegos da região nos séculos XII e XIII.” (Maia, 1977: 24s). Por outro lado, mantém-se um conjunto de termos que apresentam afinidades com o galego, fieito (feto), migrada (romã), gacho (cacho de uvas), escaleira (escada exterior), meliços (gémeos), embaraçada (grávida), galo (gomo de laranja), piara (manada de gado), marrano (porco, sujo). Há textos antigos que espelham a língua falada na região no século XIII.

“Nos “três lugares”, como os seus habitantes os designam, conserva-se ainda um falar que L. de Vasconcellos descreveu como “português dialetal da região de Xalma”, no que foi seguido por outros filólogos, inclusivamente espanhóis; na realidade são dialetos de origem galego-portuguesa medieval, com alguns traços leoneses. Isso mesmo começou por ser revelado por L. Cintra no seu estudo sobre linguagem dos foros de Castelo Rodrigo (1959) e por Maia (1977), que os descrevem como galego-portugueses. “Os dialetos dos “três lugares”, que no seu conjunto, são denominados “A Fala”, têm, de facto, características e designações próprias, diferentes em cada um deles – mañega (San Martin de Trevejo), lagarteiru (Eljas) e valverdeira (Valverde del Fresno) – “e têm despertado renovado interesse e motivado novos estudos, tendentes sobretudo à sua normatização e a estabelecer a sua filiação.” (Segura, 2013: 119). Em Xalma poderá ter ocorrido algo de semelhante ao que aconteceu nas terras de Riba-Côa, em face da propagação do leonês e do castelhano. E só não aconteceu devido ao abandono a que foi condenada a região após a morte de Afonso IX, de tal forma que foi a mais isolada até aos nossos dias, conservando assim as características que possuía no séc. XIII.” (Maia, 1977).

Esta tese da repovoação galega tem sido também defendida por muitos filólogos galegos. Uma tese contrária vincula a história linguística desta região à de outras regiões fronteiriças com soberania espanhola que conservam falares portugueses: Olivença, grande parte da região de Alcântara, a região de Xalma (na Estremadura), Almedilha (Salamanca) e Calabar (Samora). (Maragoto, 2012a). Esta posição considera que a tese galega é uma mera hipótese especulativa sem fundamento, não se encontrando documentada, e contesta o isolamento posterior à repovoação que preservaria a fala até aos nossos tempos, não se verificando que tenha sido um território pobre e subdesenvolvido. (Maragoto, 2012b). Neste sentido torna-se necessário rever a tese de Cintra, pois o Estado vizinho, Portugal, não pode ser desligado de uma explicação do fenómeno de Xalma (Maragoto, 2012b).

4. A emigração

Iniciando-se nos anos cinquenta, a emigração engrossou nos anos sessenta do século XX, principalmente para França, seguindo-se, depois, a saída para os centros urbanos internos de pessoal já com formação. A posição fronteiriça e o contacto com outras gentes contribuíram para uma saída bastante prematura em relação ao resto do país. Regressando a casa de férias, com a segunda e a terceira geração, este regresso vai-se tornando cada vez mais esporádico. Apesar de tudo, alguns vão regressando após a reforma. Vão frequentemente a França, não só pelos filhos e netos que permanecem no país de acolhimento, como também para tratar dos problemas de saúde.

5. Contributos para o falar fronteiriço da Serra das Mesas

Os contactos com a região de Xalma, em Espanha, eram diários, com o contrabando e o comércio. As mulheres iam diariamente vender leite e outros produtos, comprando produtos, como azeite, tecidos. Durante a noite, os homens contrabandeavam café, tabaco, azeite, fazenda. No período da guerra civil espanhola, era feito um mercado na fronteira. Os contactos foram-se alargando, com partilha de espaços e eventos, festas em comum e outras iniciativas de ambas as partes, realizando-se casamentos entre os dois lados.

Há um conjunto de termos das povoações de Xalma e das povoações fronteiriças da Serra das Mesas, comuns que, segundo um inquérito realizado por Clarinda Azevedo Maia nos anos sessenta do séc. XXI (Maia, 1977), ainda se mantêm. “Pude comprovar que, com muita frequência, nas povoações de Xalma vivem os mesmos tipos lexicais da fronteira portuguesa, embora, algumas vezes, os vocábulos apresentem uma configuração distinta, devido a uma diferente evolução fonética (Maia, 1977): abespa (vespa), alboroque / albroqui (pagamento por negócio efetuado), apeias / apêa (instrumento para prender as patas dos animais), barnhão / barranhão / barranha / barranhõ (alguidar de barro), barba (queixo), cacharro (loiça velha e inútil), capeia (tourada), carapetos (pedaços de água gelada), cascarão / cascarõ (casca do ovo), misto / mistro (fósforos), espenilha (esterno), munho (moinho), obo (ovo), pastoria (rebanho).

Como os contactos com Espanha se estenderam a outras povoações e zonas de Espanha onde se fala o castelhano, há um grupo de termos de influência mais recente, existentes no falar fronteiriço da Serra das Mesas: galhetas (bolachas), librilho (livro de papel para fumar ou fazer cigarros), mostrador (balcão de loja comercial), pana (bombazina), quartilho (meio litro), rosquilha (roschas doces), sobre (envelope), combite (prenda, presente), nalgas (nádegas) ... (Maia, 1977). Aliás estes contactos fortes com Espanha, levava a que a maior parte das pessoas desta zona, principalmente das aldeias na linha de fronteira, falassem o espanhol, e assimilassem traços culturais e, tomando como exemplo, presentes nas canções de embalar, na freguesia de Foios: “Drume-te, ninho// Que bem el coco// sobre los ninhos// que dromem poco”.

6. Situação atual do falar fronteiriço da Serra das Mesas

Todos estes contributos, estas diferentes camadas linguísticas permitiram uma riqueza lexical no falar das povoações da Serra das Mesas, visíveis na expressão do tempo, da chuva, dos aguaceiros ou da chuva miudinha, ou dos efeitos da chuva: aguaçada, água rézia, águas de treboada ou de tromenta, bática / bâtega, dilúbio, garranchada, imbernada, chuviscar, borrisar, borrismar, morinhar, chubisnar, lapacheiros, carapetos, ou nas designações para fósforos: cerilhas, mistros, palitos, forfos e às vezes até alumes. O inquérito realizado por Clarinda Azevedo Maia nos anos sessenta do sec. XX, e apresentado em “*Falares fronteiriços do Concelho do Sabugal e da Vizinha Região de Xalma e Alamedilha*” (Maia, 1977) e o inquérito levado a cabo em algumas povoações da Serra das Mesas, e que constam do “Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza” (1996), mostram que o falar destas duas zonas ainda se mantém em grande parte.

Presentemente, com a grande regressão demográfica nos anos cinquenta e sessenta, em média, cerca de 60%, concentram-se “atores com territorialidades mais complexas que oscilam entre a chegada e a partida, entre as permanências e as ausências”. (Alves, 2014). A ligação à terra reflete-se em regressos temporários para cumprir as tradições locais e perpetuar o convívio. A maior parte da população é constituída por ex-emigrantes, que trabalharam algum tempo em França, ou se encontram a gozar da reforma. Quando saíram,

levaram o falar fronteiriço das suas terras, que mantiveram e que agora revivem. A abertura das fronteiras e a perda do contrabando, as alterações na atividade agrícola, a sua diminuição pela saída da maior parte do pessoal que se dedicava à agricultura bem como a sua tratorização e abandono dos instrumentos tradicionais artesanais, são aspetos relevantes na paisagem social desta comunidade. As atividades comunitárias tradicionais, como os carretos e o forno do pão, foram desaparecendo. Apesar das mudanças provocadas pela emigração, pelas vias de comunicação, pela televisão, há uma certa revitalização das tradições com as capeias, as festas, a representação de algumas atividades ancestrais, como a rota do contrabando, o magusto anual (Eljas/Foios), a forte participação dos espanhóis nas capeias, atividades desportivas conjuntas; as janeiras, o madeiro no Natal, a caça ao ovo, o S. João, a caminhada das maias, jogos e torneios de cartas entre as povoações vizinhas. Podemos dizer que são espaços que se foram esvaziando, mas com alguma revitalização cultural. Era uma região de forte interioridade, que os mantinha fechados em relação ao resto do país, mas de grande abertura às gentes espanholas, com uma abertura a outras gentes e culturas, espaços de passagem, de contacto. Apesar de todas as mudanças, persistem traços culturais e linguísticos.

Nada melhor que os traços culturais de uma comunidade para evidenciar o perfil do falar dessa comunidade. O léxico ligado às refeições e à alimentação continuam a ser usados: “como era uma zona pobre com uma agricultura de sobrevivência, o caldo e não a sopa era a comida de todos os dias, o caldo escoado, as batatas rachadas, o caldinho de batatas, o caldo de couves eram os que mais se apresentavam na mesa. O caldo era alinhado ou adubado com azeite espanhol. Ao chegar o Carnaval, com as cacadas, cestos de filhoses, os ditos às raparigas. No domingo gordo comia-se o bucho e o caldo de beginas secas. Na quarta-feira de cinzas, depois de matar o galo, mandavam-no compor nas tabernas, para fazer o comerete. Nas ceifas dava-se aos ceifadores o gaspacho de salada como merenda e o caldudo de castanhas pisadas como ceia. Nas ceifas e nas malhas, levava-se a fátiga (pão, queijo, azeitonas, chouriça e salada de bacalhau). Almoçava-se logo pela manhã, jantava-se ao meio-dia, ceava-se ao princípio da noite. Principalmente nos dias longos de verão, merendava-se (pão e queijo, pão e gachos no tempo próprio que enfeitavam as salas, pendurados no teto, e nas noites longas dos serões de inverno havia o repasto. Havia muitas vezes de manhã o mata-bicho, comer leve e rápido para estar no campo pela fresquinha. No verão comia-se mais vezes, os dias eram mais longos. Tinha de se comer uma bucha ou uma mastiga. Nas bodas matava-se um cheberro ou uma cheberra. Entre amigos fazia-se um comerete. Na Noite Boa comia-se o bacalhau com couves. Quando um rapaz de fora pretendia uma rapariga da terra tinha que pagar o albroque que a rapaziada aproveitava para assar carne e beber vinho. As migradas e os figos chumbos traziam-se de Valverde, juntamente com as latas de melocotón. Nos carretos comia-se bacalhau dessalado com cebola e azeitonas e bastante azeite espanhol. À noite comia-se o caldo de grabanços e o guisado. Os pastores levavam um codorno de pão (côdea de pão). Nos domingos à hora do banho, comiam-se os chochos. Traziam-se para as crianças uns churros ou umas galhetas de Valverde. No outono cozia-se um pucheiro de castanhas. Comia-se frequentemente pão com peguilho, um carcho de pão ou um codorno de pão, e agora à francesa a cassa-cruta.

7. Bibliografia

- Alves, Carolina Davide (2014). A Baixa Densidade Rural num Contexto Geográfico de Fluxos e Permanências. Atores Locais. Tempos e Redes. O Exemplo de Foios - Sabugal. Dissertação de Mestrado.
- Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (1996). “Inquérito”. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, maio de 1996).
- Cintra, Lindley (1959). *A Linguagem dos Foros de Castelo Rodrigo. Seu confronto com a dos foros de Alfaiates, Castelo Bom, Castelo Melhor, Coria, Cáceres e Usagre. Contribuições para o estudo do leonês e do galego-português do séc. XIII*. Lisboa: Publicações do Centro de Estudos Filológicos.
- Cuesta, Pilar Vázquez e Maria Albertina Mendes da Luz. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Edições 70.
- Gomes, Pinharanda (1981). *História da Diocese da Guarda*. Braga.
- Henriques, Bernardino (2007). *Terra Íntima*. Grupo Cultural dos Foios.
- Leite de Vasconcelos, José (1902). “Linguagens Fronteiriças de Portugal e Espanha”. In *Revista Lusitana*, VII, Lisboa.
- Leite de Vasconcelos, José (1927). *Linguagem de San Martin de Trevejo (Cáceres, Espanha)*. Porto.
- Maia, Clarinda Azevedo (1977). *Os Falares fronteiriços do Concelho do Sabugal e da Vizinha Região de Xalma e Alamedilha*. Coimbra.
- Maragoto, Eduardo Sanches (2012a). “As falas das Elhas, Valverde e S. Martinho (Cáceres): origem galega ou portuguesa? (I) (apontamentos críticos à tese histórica da repovoação galega)”. In *MURGUÍA, Revista Galega de História*, nº 25, xaneiro-xuño 2012.
- Maragoto, Eduardo Sanches (2012b). “As falas das Elhas, Valverde e s. Martinho (Cáceres): origem galega ou portuguesa? (ell) (apontamentos críticos à tese histórica da repovoação galega)”. In *MURGUÍA, Revista Galega de História*, nº 26, xullo-decembro 2012.
- Marques, Carlos Alberto (1995). *A Bacia Hidrográfica do Côa*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Segura, Luísa (2013). “Variedades Dialectais do Português Europeu”. In Raposo et al (org.) *Gramática do Português*. Volume I. pp. 85-142. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

É SÓCIO DA AICL.

PARTICIPOU EM MACAU NO 15º EM 2010, NO 16º EM SANTA MARIA 2011, 17º NA LAGOA E 18º GALIZA 2012, 19º NA MAIA 2013, 20º EM SEIA 2013, 22º EM SEIA 2014, E 23º NO FUNDÃO 2015, MONTALEGRE 2016, LOMBA DA MAIA 2016, VILA DO PORTO 2017

42. ROLF KEMMLER, ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA, UTAD VILA REAL, ALEMANHA, AICL



Montalegre 2016



MACAU 2011



BELMONTE 2017



MAIA 2013



GALIZA 2012



VILA DO PORTO 2017

ROLF KEMMLER, tendo nascido em Reutlingen (Alemanha) em 23 setembro de 1967, é professor auxiliar convidado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD, Vila Real).

É membro permanente do Centro de Estudos em Letras (CEL) da UTAD e do Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP, Porto).

Agregado em Ciências da Linguagem pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro em 9 de abril de 2014

É Doutorado na área das Ciências da Linguagem e da Literatura (Dr. phil.) pela Universidade de Bremen desde 2005 (Alemanha), com a tese intitulada «A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e atividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)», publicada em 2007.

Formou-se como Magister Artium (M.A.) em Filologia Românica em 1997, com uma tese intitulada «Esboço para uma História da Ortografia Portuguesa» (publicada em 2001 como artigo na revista Lusorama sob o título «Para uma História da Ortografia Portuguesa: o texto metaortográfico e a sua periodização do século XVI até à reforma ortográfica de 1911»).

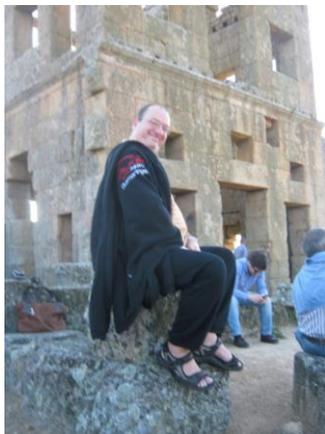
Com vasto número de publicações originais desde 1996, que se debruçam sobretudo a questões pertencentes à historiografia linguística, é especialista nas áreas da história da ortografia da língua portuguesa desde o século XVI até ao século XXI e da história das tradições gramaticográficas portuguesa e latino-portuguesa dos séculos XVI-XIX.

Mais recentemente, tem-se dedicado ainda ao estudo de aspetos da literatura de viagens anglófona novecentista sobre os Açores e à investigação sobre o papel da Galiza dentro da Lusofonia. Pertence a um número considerável de associações e agremiações científicas de relevo nacional e internacional, tendo recentemente sido eleito como Sócio-correspondente Estrangeiro da Academia das Ciências de Lisboa.

Para além disso, é sócio do Instituto Cultural de Ponta Delgada (Ponta Delgada, São Miguel, Açores), do Instituto Açoriano de Cultura (Angra do Heroísmo, Terceira, Açores) e da Associação Cultural Pró-Academia Galega da Língua Portuguesa (Galiza).

É sócio fundador da Associação Alemã de Lusitanistas (Frankfurt, Alemanha) e da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia.

Em 2016 tornou-se SÓCIO-CORRESPONDENTE ESTRANGEIRO DA ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA



Belmonte 2016



Belmonte 2016



Belmonte 2016

TEMA 3.4. LYMAN HORACE WEEKS: AMONG THE AZORES (1882) ROLF KEMMLER (VILA REAL) *

1 Introdução

Em 1882, o jornalista americano Lyman Horace Weeks (1851-1942) publicou o seu livro *Among the Azores* que se baseia nas experiências feitas pelo autor ao longo de duas viagens pelo arquipélago, tendo as suas observações em parte já sido publicadas nos dois jornais bostonianos *Boston Traveller* e *Boston Herald*, bem como na revista (então mensal) *Appleton's Journal*. No seu livro, que vem acompanhado por 25 gravuras sobre vários tópicos, o autor narra as suas experiências e observações em seis das ilhas do arquipélago (Faial, Pico, São Jorge e Graciosa, Terceira e São Miguel). Dado que esta última ocupa a maior parte das observações no livro, iremos concentrar nossa atenção especialmente nos comentários tecidos a São Miguel e os seus habitantes.

2 O autor e a sua obra

Filho do almocreve (*expressman*) Horace Weeks (1823-1901) e da sua mulher Abigail Post Weeks (nascida Kiff; 1827-1899) Lyman Horace Weeks nasceu no dia 21 de agosto de 1851 em Waltham (Middlesex County), Massachusetts, a menos de 20 km de distância de Boston. Aos 25 de dezembro de 1877, Weeks casou com Rebecca 'Reba' Johanna Weeks (em solteira Kaplinger; 1854-1923), com quem teve uma filha, Zaida Leslie Weeks Nightingale (1880-1969). Não se sabe quando Lyman Weeks começou a sua atividade como jornalista, historiador e genealogista em New York. Sabe-se, sim, que, depois de ter sido editor, desde outubro de 1886, da revista *American art illustrated: A Monthly Magazine* (1886-1887), ele foi desde 1912 a 1915 o editor dos primeiros cinco volumes da revista *Genealogy: A journal of American ancestry*, publicada na editora do genealogista William Montgomery Clemens (1860-1931), sobrinho do famoso escritor Samuel Clemens (Mark Twain, 1835-1910).

Weeks faleceu no dia 27 de outubro de 1942, vindo a ser sepultado junto com a sua mulher, a sua filha Zaida e o marido dela, no *Village Hill Cemetery* em Williamsburg, Hampshire County, Massachusetts. Para além da obra de que falaremos adiante, Weeks foi responsável pela edição de obras de cariz historiográfico como *Prominent families of New York* (1897-1898, 2 volumes), *The American Turf* (1898), *Automobile Biographies* (1905) e *An Historical Digest of the Provincial Press* (1911; junto com Edwin Monroe Bacon). Como autor, Weeks publicou ainda as duas obras *The Other Side* (1900) e *A History of Paper-Manufacturing in the United States* (1916) que são dedicadas a aspetos da história industrial americana, bem como, com *Book of Bruce* (1907) uma genealogia do rei escocês Robert the Bruce (1274-1329).

3 Among the Azores (1882)

Como vimos no elenco das suas principais obras, o livro de viagens *Among the Azores* de Lyman Horace Weeks constitui efetivamente a primeira publicação monográfica do nosso autor, que assim se estreou aos 31 anos de idade.

É da seguinte maneira que Weeks explica a génese do seu contributo para a literatura de viagens anglófona sobre o arquipélago açoriano:

PREFACE.

The present volume is based upon series of former personal contributions to the Boston Traveller, Boston Herald, and Appleton's Journal, during two periods of sojourn among the Azores. Its pages make no pretence to thoroughness, but simply aim to depict in a measure the picturesque and novel phases of Azorean scenery and life. Externals alone are noted, and the treatment of the complexities of thought and civilization that might interest the student is left to other pens. With the hope of recalling pleasant memories to those familiar with the scenes he has attempted to describe, and of enabling untravelled readers to gain some conception of this land and people, the author presents these random sketches.

LYMAN H. WEEKS. BOSTON, 1882 (Weeks 1882: [5]).

O autor descreve a sua obra como fruto das suas observações feitas no âmbito de duas estadias no arquipélago (das quais pelo menos uma viagem foi realizada de agosto a setembro de 1878; cf. Weeks 1878: 347; 354) que inicialmente terão sido divulgadas nos diários bostonianos *Boston Evening Traveler* (1845-1967) e *Boston Herald* (desde 1845), bem como na revista mensal nova-iorquina *Appleton's Journal* (1869-1881).⁷¹ Como ainda não conseguimos ter acesso aos textos jornalísticos e mais do que uma resenha contemporânea,⁷² concentrar-nos-emos a seguir às observações de Weeks dentro da sua monografia que compreende 248 páginas em formato 13,5 x 17 cm, com um total de 25 gravuras, tendo sido publicada pelo editor bostoniano James Ripley Osgood (1836-1892).⁷³ Tal como a autora contemporânea Charlotte Alice Baker (1833-1909), cuja obra foi publicada no mesmo ano (cf. Kemmler 2017), Weeks faz questão de justificar a publicação da sua apresentação monográfica do arquipélago com a escassez e a natureza deficitária das publicações anglófonas sobre o mesmo:

Beyond a few antique unsatisfactory English publications, on the most recent of which the dust of more than a quarter century has gathered, there is almost nothing except desultory newspaper letters and an occasional magazine article to which one can turn (Weeks 1882: [11]).

Ao testemunhar conhecimento (embora algo vago) de publicações em jornais e revistas contemporâneos – entre os quais merece destaque o escritor Thomas Wentworth Higginson 1823-1911, cujo artigo de 1860 foi republicado em pelo editor James R. Osgood em 1871 (cf. Higginson 1860; Higginson 1871: 225-268) –, Weeks mostra-se menos preocupado com a promoção do turismo açoriano do que Baker (1882), mas pretende fornecer informações turísticas que julga úteis. A nível geral, observa-se que as observações e informações fornecidas por Weeks são geralmente desprovidos do tom afetivo que encontramos em Baker (1882). Em contrapartida, são muitas as ocasiões em que Weeks deixa transparecer os conhecimentos nas áreas da história e das línguas clássicas, muitas vezes oferecendo um juízo crítico das coisas que observa:

Geographically the Azores are Atlantic islands, two thousand miles from the United States, in the latitude of Philadelphia. As regards civilization they are hundreds of years behind the modern world, in the atmosphere of mediæval Europe. The former gulf is more easily bridged than the latter (Weeks 1882: [11]-12).

Com estas palavras, o nosso autor situa os Açores e os seus habitantes face aos visitantes americanos: do ponto civilizacional, os Açores (ainda em finais dos anos 1870) são descritos como terra irremediavelmente retrógrada, próxima da Europa na Idade Média. Numa das primeiras impressões que partilha sobre o arquipélago, o autor compara as primeiras impressões do mundo natural e humano:

History aside, the traveller visiting the Azores to-day finds a land of volcanic character, with rocky shores, rough, jagged, and precipitous, against which the ocean surges sometimes beat with terrible fury. Its people still cling tenaciously to fossilized customs and are deeply buried in a lifeless past from which they have little power and less inclination to free themselves. Nature's beauty, prodigality, and freedom contrast sharply with the poverty, degradation, and oppressed condition of the masses; yet song and dance, Church processions and festal days, delight the blithe, simple-hearted peasant; life is a round of laziness, of siestas, of interminable gossip (Weeks 1882: 15-16).

⁷¹ Pelo que conseguimos encontrar, Weeks parece somente ter publicado um único artigo semianónimo intitulado «Among the Azores» naquela revista, nomeadamente no quarto caderno de outubro de 1878 (Weeks 1878: 347-354). O nome do autor 'Lyman H. Weeks' só é mencionado no «Index to Vol. V», na página iii daquela revista.

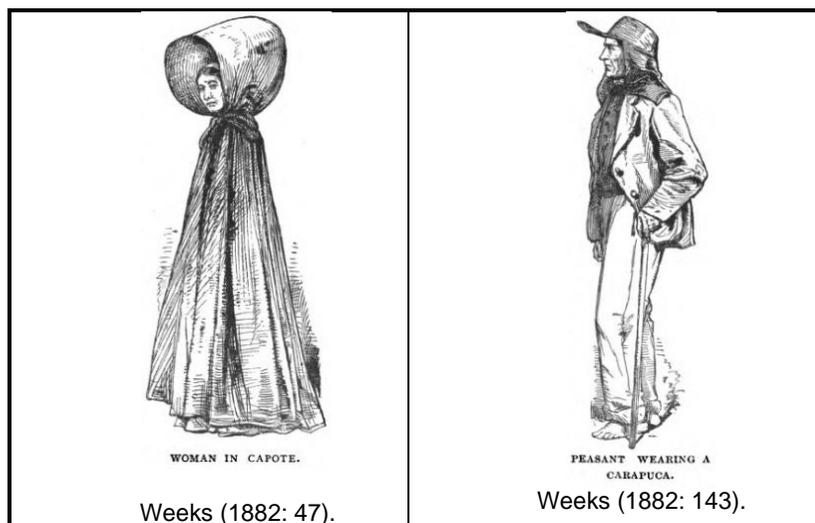
⁷² A obra foi o objeto de uma brevíssima resenha na revista mensal *Harper's New Monthly Magazine* de setembro de 1882 (HNMM 1882: 639).

⁷³ O livro foi impresso pela oficina tipográfica 'University Press, John Wilson and Son, Cambridge' (Weeks 1882: 248; cf. CT 1903: 6).

Ao falar da natureza açoriana, Weeks realça a beleza da terra vulcânica, com o litoral rochoso e recortado a sofrer a tempestividade do mar. Para ele, esta beleza natural choca violentamente com o que identifica como os 'costumes fossilizados' do povo açoriano que, para além do mais, não mostra a mais pequena inclinação de livrar-se do jugo destes costumes, de modo que a pobreza e a degradação convivem com a opressão das massas por um lado e a música, as procissões eclesiásticas e dias festivos, por outro lado.

3.1 Os açorianos no espaço público e na sua privacidade

Na chegada a São Miguel, o vestuário dos açorianos merece especial atenção a Lyman Weeks:



In matters of dress, there is great variety. The wealthy people follow European customs, but among the middle and poorer classes national peculiarities of costume still exist. No woman's wardrobe is regarded as complete until it includes the Capote, a blue cloth cloak made long enough to reach nearly to the ground, and surmounted by an enormous deep stiff hood of the same material, at the further end of which appears the face of the wearer, as at the end of a tunnel. None but a jealous Oriental could have invented this garment, which is as efficacious in concealing the wearer from public gaze as the Turkish yashmak, In a head wind the wearer is obliged to tack in order to make any progress, and can never sail within ten points of the wind.

The carapuça is the eccentricity of the San Miguel male peasants. This is a high-peaked hat of blue cloth, lined with serge. The visor extends six or eight inches in front in a broad crescent, and a voluminous cape, like a soldier's havelock, reaches down upon the shoulders and fastens beneath the chin. A few years ago the visors of the carapuça were made to turn up at the sides in stiff horns, often reaching above the crown. The modified style prevails now. The extravagance of the adult dress seems to render it necessary to abbreviate the wardrobe of the children. Happy is the child who can lay claim to even a single garment. Sometimes it is a jacket, sometimes a pair of pantaloons or a shirt, occasionally a dress; but many a little one lacks even this single article of clothing, and wanders about the streets and fields in the pristine condition of Adam and Eve (Weeks 1882: 142-144).⁷⁴

Ao passo de reconhecer alguma influência europeia no vestuário açoriano em geral, Weeks observa que sobretudo nas classes média e baixa em São Miguel as mulheres ainda usam o capote (que compara neste contexto ao véu turco designado como 'yashmak'), ao passo que os homens usam a carapuça. Para garantir a compreensão por parte dos seus

⁷⁴ Mais adiante, Weeks (1882: 47) aproveita de outra observação para manifestar o seu repúdio do capote quando narra uma cena em que as mulheres param para conversar: «[...] women in long ugly-looking blue capotes, their heads enveloped in hoods of marvellous size, and displaying a proportionate degree of bareness at the other extremity, stop to gossip».

leitores, o autor faz acompanhar a descrição com as gravuras correspondentes (vide *supra*). Como vimos em Baker (1882: 47-48, 75-76; cf. Kemmler 2017: 432, 436), uma das cenas típicas da vida diária açoriana da época é a tarefa de buscar água às fontes e de lavar a roupa:

At every corner, you stumble up on street fountains, with water cool from the mountains falling with a sweet musical cadence into stone troughs. Here black-eyed olive-complexioned women gossip while they fill antique earthen water-jars to bear away on their heads. Others perhaps are scrubbing clothes by the wayside on broad flat stones, upon which the water splashes from a bamboo spout set in the solid rock; and the wicker basket beside them is piled with white linen (Weeks 1882: 27-28).

Se bem que ofereça uma descrição menos detalhada do que a sua contemporânea, Weeks evidencia algo menos compreensão pela função social que constituíam essas tarefas caseiras para as mulheres da época (de cujas atividades não passa de mero observador distante). Na realidade, isto não admira, pois parece evidente que Weeks terá privado sobretudo com pessoas das classes sociais privilegiadas, o que lhe permite fornecer a seguinte descrição sobre a educação dos jovens pertencentes a este estrato social:

The better classes of people are composed of intelligent, refined, and educated persons. They are not very literary in their tastes, and books are scarce, but most of them have secured a good education, are conversant with two or three languages besides their own, and well read in general topics. There is a school system supported by the government, and free public schools exist in each municipal district. The teachers, at a salary of only one hundred and twenty dollars a year, are generally incompetent. Instruction is confined to the most ordinary branches, and even then is apt to be scant and inaccurate. Evening schools are also provided for the poor working-people; but the benefits of public education have not generally succeeded in reaching the latter class, the most of whom, adults and children, cannot even read or write. The larger cities have high-schools and academies where the ambitious young men prepare for the colleges at Terceira or the university at Coimbra (Weeks 1882: 144).

Se Weeks descreve um sistema educativo deficiente em que havia somente um acesso rudimentar ao ensino público com professores cronicamente mal remunerados nas respetivas sedes de concelho, que vinha junto com um grau elevadíssimo de analfabetismo, cremos que não será descabido afirmar que estas afirmações não se aplicam somente aos Açores, mas ao Portugal contemporâneo na sua totalidade.⁷⁵ Pouco admira, perante isso, que a imagem da vida das classes inferiores pintada pelo nosso autor seja francamente negativa:

The condition of the lower classes and peasantry, oppressed by both church and state, is wretched in the extreme. They are poor, ignorant, and priest-ridden, and every year hundreds of them seek to escape their burdens by emigration to Brazil and America. Many more would do so were it not for strict anti-emigration laws. Passports will not be granted men wishing to emigrate unless they give bonds in three hundred dollars to return and serve in the army when conscripted. Most of the would-be emigrants are too poor to do this, but large numbers contrive to escape clandestinely on occasional whalers or traders; and "stealing Portuguese", as the traffic is called, was at one time an extensive and profitable business. Even now huge bonfires are not unfrequently seen lighting the tops of high hills at midnight, signals to the waiting vessel that a boatload of refugees is in readiness to come off under cover of darkness. The bags of meat and barrels and boxes of vegetables loaded on departing vessels, under the very eye of the customs officials, often produce a lively freight as soon as the craft is outside the harbor (Weeks 1882: 145).

Weeks identifica os açorianos como pobres e oprimidos tanto pelo estado como pela igreja, sem possuírem qualquer possibilidade de melhorar a vida. Por lhes ser vedada a possibilidade de uma emigração legal aos homens novos desprovidos de meios financeiros, Weeks testemunha a fuga ilegal de prospetivos emigrantes portugueses que, entre outros meios de fuga, se servem de fogueiras à noite para alertar os capitães de embarcações que se aproximam. No entanto, o nosso autor constata com alguma incredulidade a ignorância e a indiferença dos açorianos perante a pobreza e a falta de liberdade de que sofrem:

Yet, in spite of their deplorable condition, the people are withal thrifty even in their destitution, blissful in their ignorance, too stolid and indifferent to resist oppression, and too superstitious to regard the priest-power as aught but good. They live in almost abject poverty. A rude building of one story, constructed of blocks of lava, and with furze-thatched or tiled roof, is frequently their only apology for a dwelling. The floor is the hard bare earth as often as anything better, and the one or, at most, two rooms open directly upon the street. The ground is strewn with rushes, and covered with tools and sacks of wheat and beans; from rafters overhead hang bunches of Indian corn, long canes, and poles; and platted partitions separate the apartments. Articles of furniture are few and of antiquated construction; but in one corner usually stands a clean comfortable bed, stuffed with corn-husks,

⁷⁵ Parece evidente que a mesma coisa se aplique à educação feminina, como testemunha Weeks (1882: 144): «The education of woman is a myth. In fact, among the upper classes, Azorean, like Oriental custom, demands the seclusion and, to a great extent, the non-education of females».

covered with a snow-white quilt of knotted cotton, and dressed with coarse muslin, or linen valances trimmed with coarse home-made flaxen lace. A collection of saints and saintesses – more or less numerous and more or less adorned with paper flowers, according to the wealth of the owner – is in almost every house (Weeks 1882: 146).

A descrição do interior do que parece ser uma casa rural micaelense coincide largamente com a de Baker (1882: 58-61; cf. Kemmler 2017: 433-434) – acrescenta-se aqui a observação da presença das imagens dos santos e das santas. Semelhantemente, Weeks confirma e especifica as indicações que a autora contemporânea Charlotte Baker fornece sobre os rendimentos dos micaelenses da época:

With a pig in the front yard, and a few hens in the bamboo hut behind the house, they somehow manage to exist. Wages are pitifully small, – ranging for skilled labor from fifteen to forty cents per day. The church of the Conceição at Flores a year or more ago completed a handsomely carved altar. A wood-carver from Lisbon spent more than two years upon the work, which was finely executed, but the people thought themselves justified in protesting because the artist charged them one dollar per day and his travelling expenses. Women, working on lace, embroidery, and other fine work, earn from five to ten cents per day. A man and a donkey at work all day can perhaps make forty or fifty cents. On such meagre sums they support themselves and families, and contrive – to save something. I knew a common laborer who was working for one dollar and fifty cents per week. Out of this amount every Saturday night he left fifty cents with his employer, and supported himself, wife, and three children on the balance, until he had saved sufficient to purchase a house (Weeks 1882: 146-147).

Sendo a pobreza generalizada na sociedade micaelense, Weeks constata que as crianças até roubam os ossos aos cães – ao passo que testemunha que toda a sociedade fuma, mesmo desde a infância:

In hard times the poor are often on the verge of starvation, and I have seen little emaciated children steal the bones thrown to the dogs. In famine they are driven to eating roots. The universal and almost the only luxury indulged in is the use of tobacco; even little toddling children puff their cigarettes (Weeks 1882: 148).

Junto com o vício popular do cigarro, o vinho açoriano merece uma observação ao nosso autor:

The common wine is a thin acidulous potation, resembling the French vin ordinaire: Three cents buys a good-sized tumblerful, and half a dozen of such drinks will get a man beastly drunk. Yet, although the people are entirely consistent with the teachings of their proverb which says that "Wine is not good for beasts, but for man", the temperate use of liquors is the rule, and during two winters spent among them I never saw a native intoxicated. Drunken brawls are rarities and are always safely attributable to foreign sailors from the ships anchored in the harbor (Weeks 1882: 99).

Parece evidente que a referência à temperança açoriana deve ser entendida como comparação com a manifestação mais visível da embriaguez no país de origem do nosso autor...

3.2 A língua portuguesa

No que respeita à língua portuguesa, pouco admira que os apontamentos de Weeks não sejam outra coisa do que ocasionais, como vemos no trecho seguinte:

The common patois is mediæval, and the songs and romances belong to the fifteenth century. The name Aravias, given to the romances, indicates a Mosarabian origin, and many Moorish words are retained entire in the language. In fact the infusion of Moorish blood has tinged the characters and the customs of the people as well as their faces and their architecture. Even the common salutation of every-day life has a traditional significance, little understood. The sturdy brown peasant who greets you with a pleasant Viva Senhor has little philological love, and the usage of generations has quite obscured the origin of his courteous expression. Yet his viva has a history, and a reason for its being. With the people in the Azores it is the universal form of salutation. and literally means "live". In the mainland of Portugal, whence it was transported, its use is more restricted. When a person sneezes, those about him say promptly Viva, which is then equivalent to the "God bless you" of other nationalities, pronounced under similar circumstances. A legend of the Talmud explains this custom. According to the legend, in the beginning of the world men were so loosely put together that when they sneezed they were shaken apart and thus destroyed; but as the years went by they grew more and more substantial, until at last they could sneeze without running the risk of immediate dissolution. When the people discovered that the usual dire results did not follow their sneezing, they exclaimed, in surprise and congratulation, "God bless you", Viva, – or their equivalents (Weeks 1882: 135-136).

Ao basear-se na forma verbal do imperativo 'viva!', o nosso autor vê como justificada a sua opinião de o português ser uma língua 'medieval'. Tal como as frequentes asserções sobre a natureza mourisca de hábitos ou mesmo igrejas açorianas, esta afirmação vem desprovida de qualquer outro elemento abonatório da opinião do nosso autor. Quanto à forma calorosa de os açorianos (e mesmo os portugueses) falarem com trocas rápidas de palavras, em voz alta e com socorro a gestos, Weeks manifesta a apreensão de um visitante de uma cultura em que a comunicação é realizada de outra maneira:

Portuguese conversation consists of a resistless torrent of words, combined with a quantity of violent gesticulation not a little alarming. The merest trifle excites a crowd of Azoreans, and when once their tongues, arms, and heads are thoroughly in motion they seem like a company of Bedlamites. The excitement, however, is always temporary. About the time you begin to think that a riot is inevitable and look around to see if the police have put themselves in a place of safety, the clamor suddenly subsides, and a more peaceful set of people you never saw (Weeks 1882: 138).

3.3 Música açoriana

Tal como outros autores anteriores, também Lyman Weeks tece observações importantes sobre os hábitos musicais dos açorianos:

The peasants are extremely fond of music, and nothing affords them more satisfaction than the thrumming of a guitar, in the use of which they are quite skilful. The music always consists of a few monotonous though sweet strains. Serenading is a popular pastime, and the tinkling of guitars becomes a familiar evening sound. Another favorite recreation is engaging in a sort of improvisation, where two persons alternately sing rhymed couplets. The musical flow of the language and the similarity of word-endings – mostly in a or o – render this a not difficult accomplishment. The songs abound in local allusions, and many a sharp thrust is given and returned. The accompaniment is unvarying and monotonous, and apt to become wearisome. I listened to it one night at a poetic tournament of the peasants, amid the romantic surroundings of a country husking, and thought nothing could be sweeter. I heard it again a few nights later, when four wandering minstrels stood on the park beneath my hotel window for over an hour chanting praises in honor of the birthday of the King and thought nothing could be more execrable. The verses of the island improvisadores are very metrical and regular in formation, and, considering the close analogy of the Portuguese to the Latin tongue, are probably derived from the latter. Horace speaks of the rude Fescennine verses of the Roman peasantry; these have undoubtedly been handed down to the present day and are heard in Azorean harvestings.

All nature seems to inspire the rustic song. The country lads and lassies, even when laboring in the fields, challenge each other to metrical contests, and often two lovers, fields apart, will sing to each other all day long, as cheerily as the canaries and blackbirds in the hedges around them. The shepherd boy will serenade a companion on a distant hill, using a rude sort of instrument made from a cow's horn and a long stem of bamboo. Upon this he pipes, like the god Pan, in mellow tones, until hill and valley echo the sweet music of his yodel. Often a man for lack of a companion will whistle each second verse of his song in a higher key to represent his mistress, or chant one line in a bass voice and the next in a higher key with the same intent. So, too, even the country dances are performed not alone to the melody of guitars, but to the rhythm of song as well, and the Chamarita, the pretty popular national air, will always set both voices and feet and snapping fingers in motion with its merry voluptuous strains, whether played in the public square, at the rural huskings, or at the Sunday fandango in some garden (Weeks 1882: 149-150).

Mais interessado na vertente cantada do que na música instrumental, Weeks comenta as suas impressões ao presenciar um cantar ao desafio. No entanto, ao passo que no início se mostrou encantado pela novidade desta vertente cantada, acaba por mostrar-se saturado pela monotonia quando a ouve uma segunda vez. Para além disso, Weeks observa as danças populares, entre as quais destaca a Chamarrita.

3.4 São Miguel e Terceira

Entre os autores anglófonos por nós estudados, Lyman Weeks parece ser o primeiro a fazer observações não somente sobre as ilhas, mas também sobre o relacionamento entre os habitantes das várias ilhas:

The Portuguese are sadly afflicted with jealousy, dor de cotovelo ("elbow disease"), as it is called. They are individually jealous of each other, and collectively jealous of all foreigners and foreign influence. In outward manifestations of courtesy, they are unexcelled even by the French; but their politeness only goes as far as the elbow. They are continually talking of how they could improve their condition by declaring their independence of Portugal and setting up business on their own account; but they would be fighting among

themselves before twenty-four hours had passed, for each island of the group would insist upon being master. Nothing but subservience to a common higher power keeps them within bounds and prevents them from scratching out each other's eyes (Weeks 1882: 150-151).

Não deixa de ser interessante que Weeks observa já em finais do século XIX um vago surgimento de tendências independentistas. Claro que a inveja do bem-estar dos continentais não pode ser encarado como o início de uma manifestação sistemática de um independentismo açoriano como a história o tem visto na atuação da Frente de Libertação dos Açores desde 1975 – mas parece evidente que as pretensões descritas pelo nosso autor levaram ao mesmo resultado. Como se sabe, a antiga Capitania Geral dos Açores com a sua sede na capital terçeirense de Angra do Heroísmo foi estabelecida em 1766, sendo esta estrutura substituída pela 'Província dos Açores' no dia 4 de junho de 1832 através do Decreto n.º 28, emanado por D. Pedro IV como regente em nome da sua filha, D. Maria II. Enquanto se mantinha esta estrutura administrativa, Angra continuava como capital do arquipélago. Já o § 1.º do Artigo 10.º do Decreto n.º 65, de 28 de junho de 1833 prevê a divisão do arquipélago em 'Província Oriental dos Açores' (com São Miguel e Santa Maria) e com capital em Ponta Delgada, bem como a 'Província Ocidental dos Açores' com as restantes ilhas e com capital em Angra do Heroísmo (Decreto 1833: 332-333).

A nova divisão administrativa de 25 de abril de 1835 que introduziria os então 17 Distritos Administrativos no continente (*Lei* 1835), porém, trouxe consigo nova alteração, consagrada no Decreto de 12 de setembro que previa a criação de um distrito na Madeira e de dois Distritos nos Açores, coincidentes com as duas províncias anteriores (cf. o mapa em Decreto 1855: 318). Como anteriormente a 1833 o arquipélago era governado a partir da Ilha Terceira, pouco surpreende que os habitantes de São Miguel – e mais ainda da cidade mais populosa daquela que já no século XIX era a ilha com maior número de habitantes (cf. Rocha / Rodrigues 1983; João 1991: 27-31) não quisessem continuar a fazer-se governar desde o grupo central. Do ponto de vista histórico, entende-se alguma rivalidade (ou melhor algum 'bairrismo ilhéu' como o identifica pertinentemente João 1991: 241) entre as duas ilhas principais (mesmo que Nogueira 1894: 140-141 não queira acreditar nesta rivalidade).

Creemos que não foi possível observar em qualquer outra das obras pertencentes à literatura de viagens anglófona qualquer manifestação próxima da seguinte manifestação de uma rivalidade entre duas ilhas do arquipélago como se segue:

One soon learns never to accept as accurate the statements of any of the people concerning their sister islands. With a few notable exceptions, they are incapable of looking with unprejudiced minds, at the advantages possessed by their neighbors. Particularly is this the case at Fayal and San Miguel. A contest to secure foreign trade, and other circumstances, have conspired to make these two islands great rivals. When at Fayal, you are constantly told that there is not much of interest at San Miguel; that the Valley of the Furnas is somewhat attractive but very damp and uncomfortable, and that you can easily "do" the island in four or five days, so as to return and make Fayal your winter residence. Arriving at San Miguel you learn that Fayal is a dull sort of place, devoid of life or activity, or attraction of any kind, that its weather is apt to be very stormy and disagreeable, that Pico is not much of a mountain, and the Caldeira nothing to brag of. To see a newspaper or magazine article praising one island and not another puts some of them into an agony of mental suffering and calls down a shower of vituperation and abuse upon the stupidity and ignorance of the unfortunate writer (Weeks 1882: 151-152).

Tendo já sido identificada por João (1991: 241), a rivalidade mencionada pelo nosso autor tem, porém, nada a ver com a rivalidade histórica com as duas maiores ilhas do arquipélago (que podem, ou não, ser fruto de eventos históricos).

Aqui, Weeks manifesta conhecimento daquilo que facilmente poderá ser qualificado como 'bairrismo ilhéu', no sentido de habitantes de São Miguel e do Faial fazerem pouco cada um da ilha do outro.

Parece que hoje em dia a perspetiva específica do nosso autor americano (São Miguel vs. Faial) parece carecer de importância, uma vez que as viagens entre estas duas ilhas já não se fazem obrigatoriamente por barco, mas normalmente por avião.

Assim, um viajante americano que pretende viajar até São Miguel hoje pode (sempre dependendo do bom e efetivo funcionamento da SATA) evitar as escalas e viajar mais ou menos diretamente, ao passo que Weeks não podia deixar de começar o seu percurso pelas ilhas açorianas por uma escala no Faial...

4 Conclusões

No ano de 1882, duas editoras sediadas em Boston, Massachusetts, publicaram obras monográficas sobre viagens aos Açores, nomeadamente *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira* de Charlotte Alice Baker e *Among the Azores* do jornalista Lyman Horace Weeks (1851-1942), que mais tarde viria a ser conhecido como genealogista e historiador. Esta última obra aqui apresentada é um livro de bolso encadernado em formato in-8º pequeno, que apresenta um total de 25 gravuras, cuja autoria não é explicada.

Como Baker, também Weeks parte do pressuposto de não existir no mercado livreiro qualquer publicação recente sobre o arquipélago, pelo que pretende preencher este vazio com observações. Neste contexto parece evidente que a literatura sobre os Açores parece ter vindo ao encontro com alguma procura existente num mercado de livros e de viagens de lazer em que cabia um papel de destaque ao arquipélago açoriano.

Em larga medida, observa-se que Weeks, que apesar das suas origens modestas evidencia uma formação sólida em clássicas e em história, não se limita com Baker a observar, mas na maior parte das vezes chega a formular um juízo sobre as coisas e os comportamentos observados. Nesta medida, a sua avaliação parece algo menos dura do que a de alguns autores anteriores, mas na realidade o nosso autor nunca fica isento da postura de um intelectual protestante oriundo de uma das regiões mais desenvolvidas dos Estados Unidos.

Boa parte das observações de Weeks coincide, de uma forma ou outra, com as de Baker ou de outros autores – o que não surpreende uma vez que a realidade observada em intervalos tão próximos não podia deixar de coincidir de alguma forma.

No entanto, parecem de todo novas e próprias as suas observações sobre os cantares ao desafio, as manifestações de um independentismo açoriano tão precoce como irrealista, como ainda as manifestações de um 'bairrismo ilhéu', para variar não entre São Miguel e a Ilha Terceira, mas sim, entre São Miguel e o Faial, que na época constituíam os principais destinos do turismo açoriano para os Açores em finais do séc. XIX.

5 Referências bibliográficas

Anglin, João Hickling (1966): «Livros estrangeiros sobre as ilhas dos Açores», em: *Colóquio: revista de artes e letras* 41 (dezembro de 1966), págs. 42-44.

Anglin, João Hickling (1958-1959): «Nos Açores», [tradução da obra «In the Azores» de Lyman H. Weeks], em: *Insulana* 14/1 (1958) págs. 83-124; 14/2 (1958) págs. 235-324; 15/1 (1959) págs. 49-91.

Baker, C[harlotte] Alice (1882): *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira*, Boston; New York: Lee and Shepard, Publishers; Charles T. Dillingham.

CT (1903) = «John Wilson dead», em: *The Cambridge Tribune* 26/11 (Saturday, 16 May 1903), pág. 6.

Decreto (1832) = «Decreto n.º 28, de 4 de junho, elevando o archipelago das Ilhas dos Açores á categoria de Provincia do Reino de Portugal», em: *Collecção de Decretos e Regulamentos mandados publicar por sua Magestade Imperial o Regente do Reino desde que assumiu a regencia em 3 de março de 1832 até á sua entrada em Lisboa em 28 de julho de 1833*, Segunda Serie, Segunda Edição augmentada de muitos Diplomas, Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1836, págs. 174-176.

Decreto (1833) = «Decreto n.º 65, de 28 de junho, sobre a divisão do territorio», em: *Collecção de Decretos e Regulamentos mandados publicar por sua Magestade Imperial o Regente do Reino desde que assumiu a regencia em 3 de março de 1832 até á sua entrada em Lisboa em 28 de julho de 1833*, Segunda Serie, Segunda Edição augmentada de muitos Diplomas, Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1836, págs. 332-341.

Decreto (1835) = «Decreto de 12 de setembro, Divisão do Territorio das Ilhas Adjacentes dos Açores e Madeira», em: *Collecção de Leis e Outros Documentos Officiaes Publicados Desde 15 de agosto de 1834 até 31 de dezembro de 1835*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1837, págs. 317-319.

Gravehunter (2015): «Memorial page for Horace Weeks (6 Sep 1823-28 Dec 1901)», em: *Find A Grave Memorial no. 144074139*, em: <https://www.findagrave.com/memorial/144074139/horace-weeks> (última consulta: 9 de março de 2018).

Guide (2013) = «Guide to the Lyman H. Weeks papers, ca. 1919-ca. 1934, MssCol 3261», The New York Public Library Manuscripts and Archives Division, in: <http://archives.nypl.org/mss/3261> (última consulta: 9 de março de 2018).

[Higginson, Thomas Wentworth] (1860): «Fayal and the Portuguese», em: *The Atlantic Monthly: A magazine of literature, science, art, and politics* (November 1860), págs. 526-544.

Higginson, Thomas Wentworth (¹1871): *Atlantic Essays*, Boston: James R. Osgood and Company.

HNMM (1882) = «Editor's Literary Record», in *Harper's New Monthly Magazine* 65/388 (September 1882), págs. 635-641.

João, Maria Isabel (1991): *Os Açores no século XIX: economia, sociedade e movimentos autonomistas*, Lisboa: Edições Cosmos.

Kemmler, Rolf (2017): «Charlotte Alice Baker: *A Summer in the Azores with a glimpse of Madeira* (1882)», em: Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia / Chrystello, Chrys (eds.) (2017): *Atas 28.º Colóquio da Lusofonia, Ano 2017 Vila do Porto, Ilha de Santa Maria, Açores*, CD-ROM (ISBN 978-989-8607-10-2), pasta 'CD', ficheiro 'atas.pdf', págs. 420-451.

Lei (1835) = «Carta de Lei, de 25 de abril, pela qual Vossa Magestade, Tendo Sancionado o Decreto das Côrtes Geraes de dezoito de abril de mil oitocentos trinta e cinco, que, Determinando as Authoridades Administrativas que deve haver no Reino, sua Nomeação e Ordenados, authorisa o Governo a fazer provisoriamente a Divisão Administrativa do Reino, e os necessarios regulamentos, devendo ser tudo apresentado ás Côrtes na proxima seguinte Sessão; o Manda cumprir e executar como nella se contém, e na fórma acima expressada», em: *Collecção de Leis e Outros Documentos Officiaes Publicados Desde 15 de agosto de 1834 até 31 de dezembro de 1835*, Lisboa: Imprensa Nacional, 1837, págs. 132-133.

Nogueira, J[oa]o V[iegas de] Paula (1884): *As ilhas de S. Miguel e Terceira*, Lisboa: Administração do Portugal Agrícola.

Rocha, Gilberta Pavão Nunes / Rodrigues, Vítor Luís Gaspar (1983): «A população dos Açores no ano de 1849», em: *Arquipélago: Série Ciências Humanas* Número Especial (1983), págs. 333-385.

Weber, Eric (2015): «Memorial page for Lyman Horace Weeks (28 Aug 1851-27 Oct 1942)», em: *Find A Grave Memorial no. 147439121*, em: <https://www.findagrave.com/memorial/147439121/lyman-horace-weeks> (última consulta: 9 de março de 2018).

Weeks, Lyman H[orace] (1878): «Among the Azores», em: *Appletons' Journal: A Magazine of General Literature* 5/4 (October 1878), págs. 347-354.

Weeks, Lyman H[orace] (1882): *Among the Azores*, Boston: James R. Osgood and Company.

[Weeks, Lyman Horace] (ed.) (1897, I): *Prominent families of New York, being an account in biographical form of individuals and families distinguished as representatives of the social, professional and civic life of New York City, M-DCCC-XC-VII*, New York: The Historical Company.

[Weeks, Lyman Horace] (ed.) (1898, II): *Prominent families of New York: Index*, New York: The Historical Company.

[Weeks, Lyman Horace] (ed.) (1898): *The American Turf: An historical account of racing in the United States, with biographical sketches of turf celebrities M-DCCC-XC-VIII*, New York: The Historical Company.

[Weeks, Lyman Horace] (ed.) (1905): *Automobile Biographies: An account of the lives and the work of those who have been identified with the invention and development of self-propelled vehicles on the common roads*, New York: The Monograph Press.

Weeks, Lyman Horace (1900): *The Other Side: A brief account of the development of industrial organizations in the United States and a study of the advantages that capital, labor and the consuming public derive from them*, New York: National Publishing Company.

Weeks, Lyman Horace (1907): *Book of Bruce: Ancestors and Descendants of King Robert of Scotland, Being an Historical and Genealogical Survey of the Kingly and Noble Scottish House of Bruce and a Full Account of its Principal Collateral Families, With Special Reference to the Bruces of Clackmannan, Culmalindie, Caithness, and the Shetland Islands, and Their American Descendants*, New York: The Americana Society.

Weeks, Lyman Horace / Bacon, Edwin M[onroe] (comp.) (1911, I): *An Historical Digest of the Provincial Press: Being a Collation of All Items of Personal and Historic Reference Relating to American Affairs Printed in the Newspapers of the Provincial Period Beginning with the Appearance of The Present State of the New-English Affairs, 1689, Publick Occurrences, 1690, and the First Issue of the Boston News-Letter, 1704, and Ending with the Close of the Revolution, 1783, Massachusetts Series, Volume one*, Boston: The Society for Americana.

Weeks, Lyman Horace (1916): *A History of Paper-Manufacturing in the United States, 1690-1916*, New York: The Lockwood Trade Journal Company.

É SÓCIO FUNDADOR DA AICL.

PERTENCE AO COMITÉ CIENTÍFICO DA AICL, TRIÊNIO 2017-2020.

VOGAL DA DIREÇÃO DA AICL.

FAZ PARTE DO SECRETARIADO EXECUTIVO DO COLÓQUIO.

TOMOU PARTE NO 14º COLÓQUIO EM BRAGANÇA 2010, 15º EM MACAU 2011, 16º SANTA MARIA (AÇORES) 2011, 17º LAGOA (AÇORES) 2012, 18º NA GALIZA 2012, 19º MAIA 2013 (AÇORES), 20º SEIA 2013, 21º EM MOINHOS DE PORTO FORMOSO (AÇORES), 22º SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º NA ILHA GRACIOSA (AÇORES) 2015, MONTALEGRE 2016, 26º LOMBA DA MAIA (AÇORES) 2016, 27º BELMONTE 2017, 28º VILA DO PORTO

43. RONALDO PINHEIRO ROCHA, ACADEMIA DE LETRAS DE BRASÍLIA, BRASIL

O Juiz Ronaldo Pinheiro Rocha, do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios, lançou em Curitiba, o seu primeiro romance, com o título "Vale da Lua, Vida Além dos Sonhos". Trata-se de uma história sobre um trem de passageiros que caiu próximo ao Viaduto dos Carvalhos, nas margens da ferrovia Paranaguá-Curitiba, na primeira metade do século XX.

Vale da Lua é uma cidade fictícia situada próximo do Vilarajo de Marumbi, considerado um lugar paradisíaco até a queda do trem de passageiros. A história se desenvolve em meio a investigações policiais, fatos políticos e uma constante busca pelo poder, corrupção, traição e homicídio.

O Juiz Ronaldo Pinheiro Rocha é mestre em Direito Público, professor, foi delegado da Polícia Civil, diretor do Departamento do Sistema Penitenciário (DESIPE) e presidente do Conselho Penitenciário. Já lançou outros livros no campo jurídico e da Psicologia.

É conferencista nas áreas de saúde mental e de Direito de Segurança Pública.



RONALDO PINHEIRO ROCHA.

por ACS — publicado em 25/01/2012 00:00 JUIZ DO TJDFE LANÇA SEU PRIMEIRO LIVRO NO PARANÁ

TEMA 1.1. PORTUGAL VENTUROSO, RONALDO PINHEIRO ROCHA

A transposição dos séculos XV para XVI foi tempo de felicidade perfeita na Lusitânia. Lusitânia dos intrépidos homens, nossos antepassados, a enfrentar, com bravura, os perigos e mistérios do mar Tenebroso, possivelmente na busca do que já lhe pertencia por direito consagrado no Tratado de Tordesilhas: a Ilha mítica chamada de “Hy Brazil”.

E não é por acaso que Portugal foi agraciado com esta Ilha encantada, que povoava o imaginário medieval como plaga abençoada. Abençoada não somente pela etimologia – Brasil tem origem Celta, “bress”, derivada do Inglês: “to bless”, abençoar. Nem abençoada, consoante se verificou mais tarde, por Nossa Senhora da Esperança. É que se dizia, com muita propriedade, à época: “Ultra equinoxialem non peccatur”.

Por óbvio, não se pode conceber pecado onde pureza e inocência são marcas indelévels do espírito de seus habitantes.

Após várias e grandiosas conquistas além-mar, Portugal, do Tejo, presenciou a partida de um dos seus filhos mais ilustres, numa segunda-feira de 9 de março de 1500, em demanda de Calecute.

Para esta única missão, Pedro Álvares Cabral, rebento dileto da singular Belmonte, foi indicado por Vasco da Gama ao Rei Venturoso Dom Manoel. Devoto fervoroso de Nossa Senhora da Esperança, Cabral levou consigo a imagem da sua protetora com o Menino Jesus em seu braço esquerdo como a vaticinar, apontando para a pomba pousada no braço direito de Nossa Senhora, um possível porvir de paz e ventura para a nação de Camões, hoje, a irmanada comunidade lusófona.

Mas... eis que, nessa senda e a meio caminho, Cabral contribuiu significativamente para assinalar o início da Idade Moderna ao ancorar em Porto Seguro de “Hy Brazil”, julgando estar no espaço em que se situa atualmente Brasília, a Capital da Esperança, onde, para veneração, há réplica da imagem de Nossa Senhora da Esperança.

PORTUGAL VENTUROSO

Aqui estou, sentindo-me um lusitano das eras memoráveis e em estado de graça, na tradicional e encantadora Belmonte, berço de Cabral, acompanhado de minha esposa, Dra. Márcia Barreto Pinheiro Rocha, com quem já percorremos meio século de feliz consórcio.

Acompanham-me também, nessa honrosa jornada, os meus amigos e confrades, os Acadêmicos Dr. José Carlos Gentili, Presidente de Honra Perpétuo da Academia de Letras de Brasília, Membro da Academia de Ciências de Lisboa e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, com a sua esposa, a Juíza Federal Dra. Marilene Sampaio Gentili, e ainda com o Acadêmico de Letras de Brasília e Médico, Dr. Francisco de Melo Catunda Martins, Professor de Psicopatologia, autor de obras didáticas pertinentes à sua Cadeira. Sinto-me especialmente enaltecido por estas edificantes e nobres companhias.

Agradeço sensibilizado a Chrys Chrystello, pelo convite para participar de tão auspicioso Colóquio da Lusofonia na pessoa de quem estendo as minhas homenagens aos ilustres membros da Mesa Diretora.

Senhoras, Senhores.

Apesar de variadas versões sobre o passado do nosso Planeta, com os temperos tendenciosos de quem o relata, o eixo central historiográfico é apenas um. Verdade única, que exclui narrativas imaginárias e, ainda que plausíveis à primeira vista, não resistem a conclusões silogísticas mais atentas quando comparadas estas narrativas a dados correlatos já pacificados. Deste eixo central historiográfico não se pode fugir porque da tradição se constrói o futuro.

Quando meritório, o passado de um povo reveste-o de pleno orgulho ufanando a pátria.

Dá-lhe o vigor necessário para combater os percalços, que, por vez, cruzam o caminhar.

Cristaliza a fé o suficiente para antever sua vitória.

Os louros pretéritos forjam a cultura de sereno destemor, de justificada satisfação e de inquebrantável esperança no perene progresso da nação que deixaremos aos nossos descendentes. Somos hoje os felizes e orgulhosos premiados com um gigantesco legado cultural e agimos agora, não só por desvelo, mas por obrigação, para acrescentarmos valores a serem transmitidos à vindoura geração. Nada, em nossa briosa história, aconteceu por acaso, por mera providência aleatória.

O milagre é acontecimento de plano contemplativo, que desabrocha na criação pela vontade superior e, por isso mesmo, indissociável da fé e da esperança. Em verdade, o milagre é efeito inexorável da certeza induvidosa de um prodígio futuro, prodígio este que se manifesta, de início, nas consciências como impossibilidade, mas que se estratifica no espírito fervoroso pela esperança de sua concretude invariavelmente conectada ao esforço material.

Foi precisamente o que aconteceu em 22 de abril de 1500!

Nesta data, Cabral foi protagonista do milagre de Nossa Senhora da Esperança ao ver, de sua gávea, petrificada a miragem, até então mítica, de novas terras, graças à mudança de rumo mais para ocidente, além do Bojador, guiado, por certo, pela inspiração de Nossa Senhora da Esperança, inspiração que nele se projetou como numa fusão eidética em autêntico fenômeno husserliano.

Nunca é demais a lembrança.

Portugal é paradigma de feitos extraordinariamente admiráveis.

Belmonte, a fonte de luz que se espraiou por mares e terras, sob a liderança destemida de Cabral, para civilizar grande parte do Novo Mundo.

O período compreendido entre os Séculos XV e XVI assinalou eventos épicos, nunca dantes imaginados, em terras da Lusitânia. Lusitânia dos intrépidos homens, nossos antepassados, a enfrentarem com bravura os perigos e mistérios do Mar Tenebroso, inegavelmente para tomarem posse das terras que já pertenciam a Portugal por direito decorrente do Tratado de Tordesilhas de 1494: a Ilha Mítica chamada de “Hy Brazil”, situada aquém das 370 léguas a oeste de Cabo Verde.

E não é por acaso que Portugal foi contemplado com esta Ilha encantada, que tanto povoava o imaginário medieval como um Éden abençoado. Abençoado não apenas pelo sentido etimológico – a palavra Brasil tem origem Celta, “bress”, derivada do Inglês: “to bless”,abençoar. Nem abençoado, conforme se verificou mais tarde, por Nossa Senhora da Esperança, única Santa, presente por sua imagem, no altar da Primeira Missa celebrada por Henrique Soares, de Coimbra, já naquela Plaga de encantamento.

“Hy Brazil” é território abençoado porque já se dizia, à época e com inteira propriedade, “Ultra equinoxialem non peccatur”. Ou seja, não existe pecado além do Equador, no espaço meridional.

Por óbvio, não se pode conceber pecado onde simplicidade e inocência são marcas indelévels do espírito de seus habitantes.

Assim, a afirmação de que a palavra Brasil decorre da madeira cor de brasa tem fonte popular menos erudita eis que posterior à ideiação de terra abençoada. Brasileiros eram, inicialmente, os autóctones que extraíam toras da madeira rubra para os piratas que as traficavam para outras localidades internacionais.

Brasileiros ou brasilienses seriam, em sentido estrito, os naturais de “Hy Brazil”. Entretanto, a expressão “brasileiros” consagrou-se, pela aceitação comum, para identificar os nascidos naquele eterno paraíso.

Após várias e grandiosas conquistas além-mar, Portugal, do Tejo, presenciou a partida de um de seus filhos mais ilustres, numa segunda-feira de 9 de março de 1500, em demanda de Calecute – Porto situado no sul da Índia, na costa de Malabar.

Para esta única, auspiciosa e histórica missão, Pedro Álvares Cabral, militar de escol e rebento dileto da singular Belmonte, fora indicado por Vasco da Gama, com quem manteve prévia conversação, ao Rei Dom Manoel – o Venturoso. Devoto de Nossa Senhora da Esperança,

Cabral levou consigo a imagem da sua protetora, a Madona que revela o Menino Jesus em seu braço esquerdo a apontar para a pomba pousada no outro braço maternal como a vaticinar mais um grandioso episódio épico e um porvir de bem-aventurança para a nação de Camões, hoje a irmanada comunidade lusófona.

Mas... eis que, nessa senda e a meio caminho, Cabral contribuiu significativamente para assinalar o início da Idade Moderna ao ancorar num porto seguro de “Hy Brazil”.

Neste porto natural, o Grande Navegador julgou estar na área geográfica onde se situa atualmente Brasília – conhecida como a Capital da Esperança – na linha limítrofe estabelecida pelo Tratado de Tordesilhas, posteriormente flexibilizado pelo de Madri, de 1750, e de Santo Ildefonso, de 1777, que cresceram o espaço geográfico em razão do princípio da captação territorial pelo seu uso prolongado, sob a expressão latina: “Uti possidetis, ita possideatis”.

Assim, tal qual a “Utopia”, conforme expressão cunhada por Thomas More, em sua obra de 1516, abriu-se exceção para transformar um lugar imaginário “Hy Brazil”, num topos, todavia, sem retirar-lhe o encantamento.

Que a fé promove prodígios inimagináveis, não restam dúvidas!

E não é por mero capricho dogmático que o Brasil é regido sob a bênção e proteção de Nossa Senhora e que a tem por padroeira, expondo a réplica de Nossa Senhora da Esperança, permanentemente visível em lugar de destaque, na Catedral de Brasília para veneração de todos nós.

E, por falar em esperança, vale aqui o que disse Aristóteles há quatrocentos anos antes de Cristo:

“A esperança é o sonho do homem acordado”.

Sobre esperança também se pronunciou o Padre Antônio Vieira:

“A esperança é a mais doce companheira da alma!”.

Vivemos atualmente uma também magnífica esperança. A de que podemos realizar, forjada na fé e na graça de Nossa Senhora da Esperança e num trabalho de vigor cabralino, a difusão da Língua Portuguesa pelos rincões mais distantes da Terra como um segundo idioma de cada nação a exemplo da Língua Inglesa.

E temos quantidade e qualidade para tal desiderato. Necessitamos apenas de planejamento, organização e apoio da comunidade lusófona para disseminar pelo mundo as Academias de Cultura Portuguesa. Por certo e para rematar, cito Luís de Camões, onde, do pináculo do seu engenho, canta as proezas dos lusitanos, que, como ele, tendo naufragado no Rio Mekong, conseguiu salvar “OS LUSÍADAS”, tesouro épico que o manteve na esperança de com ele nos presentear.

Nessa relíquia, relata-nos assim:

*“Cessem do sábio grego e do troiano
As navegações grandes que fizeram;
Cale-se de Alexandro e de Trajano
A fama das vitórias que tiveram;
Que eu canto o peito ilustre lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.”*

Cabral, em sua andança marítima mais a oeste, a subjugar Netuno e, com sua ação bélica na Índia, não teria sufocado Marte?
Neste relato de 1572, na Terceira Estrofe do Canto Primeiro, pensamos que sim!

E, inspirado em Camões, dizemos nós

ODE A CABRAL DE BELMONTE, Ronaldo Pinheiro Rocha

I

*Por basta glória conquistada que se conte,
De heroicos feitos dos filhos de Belmonte,
Viceja sempre os de Cabral, com pujança,
Na fé em Nossa Senhora da Esperança.*

II

*E ao encantar Brasil, no poente horizonte,
Ainda que flame a saudade de Belmonte,
O Almirante, sobre o mar trevoso, avança,
E, com as bênçãos da Madona, a Índia alcança.*

III

*Vai, lépido, o luso intrépido, a Calecute.
Vence revolta. Nada há que desaponte!
Finda a missão, preterição é sua herança.*

IV

*Mais não precisa! Portugal repercute
O feito de Cabral, eterno em Belmonte,
No peito terno da Fada-Mãe da Esperança!*

Muito obrigado.

PARTICIPA PELA PRIMEIRA VEZ

44. SUSANA TELES MARGARIDO, ESCRITORA, S MIGUEL, AÇORES AUTORA INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE, CONVIDADA DE HONRA AICL



SEIA 2014



MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014



GRACIOSA 2015



21º colóquio da lusofonia, moinhos de porto formoso 2014]



GRACIOSA 2015

SUSANA MARIA DE ARRUDA TELES MARGARIDO, AUTORA INFANTOJUVENIL HOMENAGEADA NO 3º PRÉMIO LITERÁRIO AICL AÇORIANIDADE

Licenciada em Sociologia pela Universidade dos Açores. Pós-graduada em “Proteção de Menores – Prof. F. M. Pereira Coelho” pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Pós-graduada em Língua e Literatura Portuguesas, pela Universidade dos Açores. Mestre em Língua e Literatura Portuguesas, vertente Literatura Infantojuvenil, pela Universidade dos Açores. É técnica superior do quadro de pessoal da Direção Regional da Solidariedade e Segurança social, em Ponta Delgada.

Já publicou diversos contos infantis, diversos artigos em revistas e jornais e já foi coordenadora editorial de uma revista e de vários livros de Atas.⁷⁶

⁷⁶ **BIBLIOGRAFIA**

- 2002, “A Denúncia é certamente uma atitude apoiada” – Açoriano Oriental – 8 de março de 2002.
- 2003, “Cada pessoa vive a sua sexualidade” – Açoriano Oriental – 9 de maio de 2003;
- 2003, “Discriminação Positiva nos Açores em Diploma do Governo Regional”, *Notícias – CIDM – Presidência do Conselho de Ministros* – abril de 2003;
- 2003, Lutando pelos direitos das mulheres nos Açores” – *in As Mulheres nos Açores e nas Comunidades* – Rosa Simas – 2003;
- 2003, “Intervenção de Abertura” – *in Igualdade de Oportunidades no Trabalho e no Emprego* – CCRDM – SRAS – maio 2003;
- 2003, “8 de março, porquê?” – *Correio dos Açores* – 8 de março de 2003;
- 2004, “Nota de abertura” do Livro *História da Problemática das Mulheres nos Açores*, de Ana Isabel Sousa, Edição da Autora, 2004;
- 2004, “Violência contra a mulher: não podemos ignorar” – *Correio dos Açores* – 25 de novembro de 2004;
- 2004, Abordagem à importância de um debate sobre a família” – *Açoriano Oriental* – 15 de setembro de 2004;

POESIA NO FUNDÃO 23º COLÓQUIO 2015

VER CADERNO DE ESTUDOS AÇORIANOS #26 EM [HTTPS://WWW.LUSOFONIAS.NET/ACORIANIDADE/CADERNOS-ACORIANOS-SUPLEMENTOS.HTML](https://www.lusofonias.net/acorianidade/cadernos-acorianos-suplementos.html)

VER VÍDEO HOMENAGEM MOINHOS DE PORTO FORMOSO2014

VER VÍDEO HOMENAGEM GRACIOSA 2015

APRESENTA, O MUNDO PERDIDO DE TIMOR-LESTE”, livro INFANTOJUVENIL DE RAMOS-HORTA E PAT RICH-VICKERS

CONSIDERO-ME UMA PRIVILEGIADA POR RECEBER O CONVITE DO CHRYS, PARA APRESENTAR ESTE CONTO INFANTIL, ESCRITO A DUAS MÃOS, SENDO QUE APENAS UM DOS NOMES ME É FAMILIAR; É FAMILIAR A TODOS NÓS: JOSÉ RAMOS HORTA. NO ENTANTO, NÃO POSSO DEIXAR DE VOS APRESENTAR A SUA COMPANHEIRA DE ESCRITA PATRÍCIA RICH, UMA PALEONTÓLOGA AUSTRALIANA E ORNITÓLOGA, DE ORIGEM AMERICANA. NASCEU E FOI EDUCADA NOS ESTADOS UNIDOS. TEM UM BACHARELADO EM PALEONTOLOGIA, NA UNIVERSIDADE DE BERKELEY E UM MESTRADO EM GEOLOGIA E DOUTORAMENTO NA UNIVERSIDADE DA COLÚMBIA. MIGROU PARA A AUSTRÁLIA EM 1976, ONDE ENVEREDOU NUMA SUCESSÃO DE CARGOS ACADÉMICOS NA UNIVERSIDADE DE MONASH, EM MELBOURNE. TEM PUBLICADO VÁRIOS LIVROS PREMIADOS SOBRE CIÊNCIA POPULAR. E INÚMEROS ARTIGOS EM REVISTAS CIENTÍFICAS.

O ilustrador, deste livro, é o artista Peter Truslerf, que faz ilustrações desde criança. O seu estilo é muito amplo vai desde o científico ao abstrato, do gráfico de computador ao desenho animado. Algumas das suas obras podem ver-se nos murais da *National Geographic Society* em Washington, no Museu de História Natural em Londres, e no muro de *David Attenborough*. Peter têm doutoramento em Ciências da Terra e do Meio Ambiente num trabalho de reconstrução detalhada de uma megafauna antiga da Austrália e um olhar detalhado de como a arte da paleocultura só pode ser realizada por uma compreensão profunda do mundo moderno e uma profunda compreensão do registo de rocha que preservou o material fóssil em que ele estava respirando a vida.

José Ramos Horta, atual Ministro de Estado e Conselheiro para a Segurança Nacional do governo da RDTL foi:

Presidente da República Democrática de Timor-Leste (2007 - 2012)

2004, “O Serviço de apoio domiciliário”, Revista da Segurança Social – 2004;

2005, O menino perdido, bilingue, ilustrações de Fedra Santos, 1ª ed. Junta de Freguesia de Rabo de Peixe,

2005, Quando for grande quero ser pai, ilustrações Joana Dias, Ponta Delgada, ed. DRIO, Direção Regional da Igualdade de Oportunidades e Almeida, Natália, 2005, Diferentes. iguais em direitos. Demonstra! ed. Secretaria Regional dos Assuntos Sociais

2005, “Por uma maioria esquecida” – Correio dos Açores – 22 de janeiro de 2005;

2006, O discurso de género nos manuais escolares do 1º ciclo, ed. Instituto Ação Social

2006, “A Importância do voluntariado nas sociedades contemporâneas”, in *20 Anos de interajuda* – Liga dos Amigos do Hospital de Ponta Delgada - dezembro de 2006;

2007, Os sonhos de Inês, ilustrações de Luís Roque, Ana do Rego Oliveira e Rui Costa, Edição da Associação de Paralisia Cerebral de São Miguel – (Esgotado);

Margarido, Susana Teles. 2007, Luna E As Ilhas Fantásticas Dos Açores, il. André Laranjinha, - (2.ª Edição); Ponta Delgada, ed. Artes E Letras

2008, O menino perdido, ilustrações de Fedra Santos, bilingue, 2ª Ed. Junta de Freguesia de Rabo de Peixe

2008, Definir Conceitos – Esclarecer Dúvidas”, *Uma Oportunidade para a Igualdade*, Revista IAS n.º 1 – janeiro de 2008;

2008, «Violeta», um Projeto para sempre...”, *Uma Oportunidade para a Igualdade*, Revista IAS n.º 1 – janeiro de 2008;

2008, Literatura Infantil: uma via para o sucesso”, *Crianças e Jovens em Risco*, Revista IAS n.º 2 – novembro de 2008;

2009, coordenação editorial, REVISTA Instituto de Ação Social (até ao dia 30 de setembro de 2009);

2009, Minha querida avó, ilustrações de Sandra Serra, Maia, ed. Livro Direto

2009, De outra cor, com Marília Ascenso e Fedra Santos, ed. SRTSS, Secretaria Regional do Trabalho e Solidariedade Social, DRIO, Direção Regional da Igualdade de Oportunidades

2009, Um natal encantado, Maia, ed. Livro Direto

2009, Sou diferente, sou fantástico, com Marília Ascenso e Fedra Santos, ed. SRTSS, DRIO (Direção Regional da Igualdade de Oportunidades e da Direção Regional da Educação e Formação Profissional)

2009, Diário do meu segredo, ilustrações de Abigail Ascenso, ed. SRTSS, DRIO, Edição da Direção Regional da Igualdade de Oportunidades –

2010, membro do conselho editorial do programa «VIDAS», em transmissão semanal da RTP-Açores, em 2010 (um programa sobre o Direito à Igualdade).

2010, O anjo do lago, com Fedra Santos, Maia, ed. Livro Direto

2010, Afinal, o que é a solidão? Uma tentativa de definição!”, *Atualidade*, Revista IAS n.º 3 – março de 2010;

2011, Minha querida avó. ed. Livro Direto

2015, Mundos maravilhosos nos Contos de Sophia, in *Atas do 23º colóquio da lusofonia*, Fundão

2015, A literatura infantil no desenvolvimento, in *Atas do 23º colóquio da lusofonia*, Fundão

2015, SAHAR, a rapariga do véu, Ponta Delgada, Letras Lavadas

Primeiro-ministro e Ministro da Defesa (2006-2007)

Vice-Primeiro-Ministro, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação (2002-2006)

Membro do Gabinete, Administração Transitória das Nações Unidas para Timor-Leste - UNTAET (2000-2002)

Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Comunicação no 1º Governo proclamado em dezembro 1975 após a Declaração Unilateral de Independência de Timor Leste, Porta-voz da Resistência (1975-1999).

- Presidente do Painel de Alto Nível sobre Operações de Paz da ONU,

- Copresidente da Comissão Independente Multilateral (Reforma da ONU).

- Representante Especial do Secretário-geral da ONU e Chefe da Missão Integrada da ONU de Apoio à Construção da Paz na Guiné-Bissau

- Vice-Presidente do Conselho Asiático de Paz e Reconciliação

Está sobejamente documentada a dedicação e o empenhamento de Ramos-Horta na proteção e promoção dos Direitos Humanos que não se limita nem se limitou ao seu próprio país, Timor-Leste.

Tem uma vasta Vida Académica

Com vários diplomas em diferentes áreas, mas com particular incidência nas relações internacionais

É membro honorário, assistente e professor convidado em conhecidas universidades mundiais

Tem mestrado e doutoramento em estudos da Paz

É Membro de vários importantes organismos internacionais

Para além das línguas-mãe Tétum e Português, fala fluentemente Inglês, Francês e Espanhol.

Recebeu vários Prémios, nomeadamente:

Ordem de Timor-Leste (2012)

Ordem de Dom Boaventura (2006)

Prémio Nobel da Paz (1996)

Ordens Honoríficas de Portugal, Brasil, Cuba e Cabo Verde

Tem vários Prémios Internacionais e tem, também, diversos Livros e outras obras publicadas

Agora, um novo desafio vem preencher a curiosidade dos leitores mais pequenos, das crianças, através de um conto infantil de carácter lúdico-pedagógico sobre o surgimento da ilha de Timor. Tal como o título sugere, «*O mundo perdido de Timor-Leste – Um rapaz e um crocodilo viajam através dos tempos*», trata-se de uma viagem no tempo, através de milhares de anos... até aos primórdios da formação da terra, onde o ser humano ainda não existia.

Logo na apresentação da obra, José Ramos Horta, fala-nos de dois companheiros lendários: um menino e um crocodilo e apela à imaginação do pequeno leitor de forma direta: «*Vamos imaginar que eles continuam as suas viagens fantásticas ao passado, à procura dos primórdios da nossa encantadora ilha*». É neste momento que a criança começa a imaginar outros mundos. Terá de sair da realidade e entrar noutra dimensão; na fantasia. Vai ter de deixar o século XXI, com a televisão, o telemóvel, a internet... e viajar através vários milhões de anos. Não posso deixar de chamar a atenção para algo que noutras ocasiões já fiz referência:

«*A principal e fundamental finalidade da literatura infantil é a de desenvolver, na criança, o gosto pela leitura, o prazer perante a criação de universos de ficção. Tem também a tarefa de introduzir as palavras no mundo mágico da criança, possibilitando-lhe não só percebê-las e usá-las, como também usufruir delas no contexto da imaginação.*

A literatura infantil procura exprimir aspetos da realidade através de um sistema de representações, quase sempre com apelo à fantasia». (STM)

Embora o carácter pedagógico esteja patente ao longo de toda a obra, a ficção vem dar o tempero lúdico ao conto, começando com uma amizade improvável entre um rapaz e um crocodilo, baseada numa lenda timorense. O rapaz salvou o crocodilo, mas não é explicado o “como” e o “porquê” ficando esta parte à responsabilidade da imaginação do leitor. A ação produtiva do leitor consiste em preencher os espaços vazios criados para que possa perceber a pluralidade de sentidos do texto. O texto literário comporta sempre uma parte “não-escrita”, ou seja, campos por descobrir que estimulam a ação do leitor. O texto pode, assim, exercer uma influência considerável na imaginação do leitor.

Umberto Eco, refere na sua obra «*Leitura do Texto Literário*» que um texto está repleto de “espaços em branco” para deixar ao leitor a iniciativa interpretativa, ainda que habitualmente deva ser interpretado com uma margem suficiente de univocidade: «*um texto quer que alguém o ajude a funcionar*» (ECO, 1993: 55); e acrescenta «*um texto é emitido para que alguém o atualize – mesmo quando não se espera (ou não se deseja) que esse alguém exista concreta e empiricamente*» (ECO, 1993: 56).

Este (nosso) crocodilo, que poderia ser uma figura terrífica, revela-se amistosa e sábia, pois é ele que explica ao rapaz a evolução do planeta ao longo da História, em particular a formação de Timor-Leste. Aliás, numa das ilustrações pode observar-se a ternura e a cumplicidade das duas personagens – o menino com o braço por cima do crocodilo, a olharem para o infinito. Esta relação só pode, de facto, ter lugar nos chamados contos maravilhosos, onde tudo é possível, onde todos os sonhos parecem concretizarem-se. É esta a grande vantagem dos contos maravilhosos! O inexplicável, o sobrenatural, a magia e o mistério são componentes imprescindíveis. No mundo do maravilhoso, todos os seres podem ter vida e movimentarem-se por leis de encantamento e de magia. Neste caso, há a metamorfose de um animal, que adquire características humanas: a linguagem e os sentimentos. Este conto

começa como a maioria dos contos maravilhosos «*Num tempo longínquo.*» Passa de seguida para um diálogo entre o narrador e o leitor: «*Imagina poder ir de Timor até Lombok sem precisar de um navio*». Mostra ao leitor as dificuldades dos povos inicialmente nómadas e depois sedentários, as adversidades que tinham de enfrentar quando ainda não havia fogo e os seus medos dos trovões e relâmpagos. Isto permite que a criança se familiarize com os problemas da vida e que perceba que todos têm medos. É mais uma entre muitas a vantagem da literatura: criar mecanismos que preparem a criança para refletir sobre a realidade. Conhecer algumas das adversidades da vida através da leitura de contos não será a solução de todos os problemas. No entanto, como eles atuam também no inconsciente, podem ajudar a criança a perceber ou a resolver melhor determinados conflitos, através da aproximação às personagens. A criança nasce ávida de descobertas e assimila tudo o que possa estimular a sua criatividade. Compete aos adultos oferecerem-lhe recursos para que essas necessidades possam ser satisfeitas, de uma forma semelhante aos alimentos que as tornarão fortes e saudáveis. Os contos maravilhosos tornam-se, deste modo, essenciais para que a criança consiga, através da imaginação, aproximar-se da realidade. A dicotomia, que divide as personagens em boas ou más, belas ou feias, fortes ou fracas, facilita a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. O “maravilhoso” é constituído por situações que ocorrem fora do nosso entendimento, do espaço e



do tempo ou em local vago ou indeterminado. Estes fenómenos não obedecem às leis naturais, mas são aceites no contexto em que se inserem: a ficção. Este rapaz não tem nome: é “o Menino!” A presença de personagens crianças nas histórias infantis como protagonistas é de extrema importância e essa importância revela-se sobretudo no facto da criança se ver representada ou simbolizada na ficção, permitindo-lhe criar um maior interesse pela leitura. As comparações que as crianças fazem entre os seus problemas e os temas dos contos, têm sido facilitadas pela não especificidade do tempo e do lugar e a identificação com as personagens, por vezes, é ajudada, precisamente, pela ausência de nome próprio. Temos nesta obra momentos de magia e um tempo não especificado... cito, «*Envoltos em magia, o menino e o crocodilo viajaram no tempo*».

A conceção espacial, nos contos infantis, assim como a temporal apresentam uma indefinição em virtude do carácter mítico assumido pela narrativa, uma vez que toda a construção mítica não se submete à coerência característica do pensamento lógico. A convivência, porém, entre o mundo mágico e o real é possível, já que no universo do mito não há separação entre os dois mundos. No entanto, a indefinição não representa a ausência, pois o desenvolvimento da história depende das ações praticadas pelas personagens, as quais só podem ser realizadas num enquadramento espaciotemporal. Outro aspeto que destaco neste conto - para além do rapaz não ter nome -, é a ausência de afinidades com outras pessoas, nomeadamente com familiares. O único relacionamento que este rapaz tem é com um animal. Foi, assim, criado um espaço que permite a comunhão com a natureza, ao longo dos tempos, o encontro com a solidão e o isolamento em relação aos adultos comuns. Neste mundo só existe o rapaz e o crocodilo.

A ausência de outras personagens permite que o leitor se concentre nestes dois protagonistas e atinja a mensagem mais facilmente: e a mensagem é.... conhecer a formação de Timor Leste. Ao mergulharem nas «*profundezas daquele imenso mar*» o rapaz adquire uma característica sobrenatural: consegue viajar sem respirar. Temos, de novo aqui, um momento de magia. Como se um ser maravilhoso (tipo uma fada) lhe desse um poder que lhe permite sustentar a respiração por tempo indeterminado. Encontramos, também, momentos poéticos... «*Os lírios do mar têm braços que ondulam ao sabor das correntes*» ..., MAS este momento é interrompido por um momentâneo regresso ao presente em que o rapaz diz: «*Eu vi coisas como estas rochas junto à torre da Telecom*». Nesta obra destaca-se a importância de diversas ciências: a geografia, a geologia, a biologia – no que respeita à fauna e à flora marítimas - a astronomia e a História (da formação do planeta). Tudo isto a par com a magia de se viajar no tempo, de não respirar, de se ser amigo de um animal feroz. Mas o final é um dos momentos mais mágicos, na minha opinião, obviamente, de toda a história: O crocodilo deitou-se, feliz, para descansar, após a grande incursão no tempo, o menino também estava muito feliz pelo que aprendera, pois passara a compreender a sua Ilha Natal e o seu povo, então.... Cumprida a missão... o crocodilo transforma-se em ilha. A amizade permanecerá, já não pelo animal – que desaparece -, mas por aquilo em que ele se transformou... Um PAÍS.

Parabéns, Dr. Ramos Horta e obrigada por nos dar a possibilidade de conhecer melhor a formação de Timor-Leste.

SÓCIA DA AICL –

PARTICIPOU NO 21º COLÓQUIO NOS MOINHOS DE PORTO FORMOSO 2014, 22º EM SEIA 2014, 23º FUNDÃO 2015, 24º NA GRACIOSA 2015, 28º VILA DO PORTO 2017

29º COLÓQUIO DA
LUSOFONIA - 2018
BELMONTE
m 27 - 30 MARÇO

BELMONTE
câmara municipal

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

הר סיני
belmonte sinai

AÇORES

sata

cultura

29º COLÓQUIO DA
LUSOFONIA - 2018
BELMONTE
m 27 - 30 MARÇO

BELMONTE
câmara municipal

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

הר סיני
belmonte sinai

AÇORES

sata

cultura

29º COLÓQUIO DA LUSOFONIA 27-30 março 2018 Belmonte, Portugal

